

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FFC – FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS,
CAMPUS DE MARÍLIA – SP-

LAMIA JORGE SAADI TOSI

O COLUNISMO SOCIAL DE IBRAHIM SUED:
DO CAPITAL SIMBÓLICO À TROCA DE FAVORES

Doutoranda: Lamia Jorge Saadi Tosi

Orientador: Prof. Dr. Laércio Fidélis Dias

MARÍLIA – SP

2018

LAMIA JORGE SAADI TOSI

**O COLUNISMO SOCIAL DE IBRAHIM SUED:
DO CAPITAL SIMBÓLICO À TROCA DE FAVORES**

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito para obtenção do título de Doutor.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Memória

Orientador: Prof. Laércio Fidelis Dias

MARÍLIA – SP

2018

Saadi Tosi, Lamia Jorge.

O colonismo social de Ibrahim Sued: do capital simbólico à troca de favores. / Lamia Jorge Saadi Tosi. - Marília : [s.n.], 2018.

229 f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. 2018.

Orientador: Laércio Fidelis Dias

.....1. Jornais - Seções, colunas, etc. 2. Sued, Ibrahim (1924 – 1995). 3. Jornalismo – Aspectos sociais. I. Título.

.CDD -050.9181

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andreia Beatriz Pereira – CRB8/8773

LAMIA JORGE SAADI TOSI

**O COLUNISMO SOCIAL DE IBRAHIM SUED:
DO CAPITAL SIMBÓLICO À TROCA DE FAVORES**

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito para obtenção do título de Doutor.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Memória

Orientador: Prof. Laércio Fidelis Dias

Data _____

Banca:

1) Prof. Dr. Laércio Fidelis Dias (Orientador)

2) Prof. Dr. José Petrúcio, de Farias Júnior

3) Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros

4) Prof. Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker

5) Prof. Dr. Rafael Salatini de Almeida

Dedico esse trabalho a:
Antuane, meu Pai,
Antuane Júnior e Alexandre, meus Irmãos
Mário César e Mário Márcio, meus Filhos
E, em especial ao Pedro, meu companheiro.

AGRADECIMENTOS

Nosso caminhar tem sempre um ponto de partida e um ponto de chegada!

No caminho de constituição do trabalho ora apresentado tive privilégio de encontrar pessoas sem as quais essa pesquisa não seria possível e com as quais pude contar com seus: apoio, colaboração, suporte material, equilíbrio emocional e postura intelectual.

Dessa forma, agradecer a atenção, a dedicação, a delicadeza, o incentivo e o encorajamento transformam-se em uma dádiva e em um privilégio.

Em primeiro lugar não poderia deixar de agradecer aquele que foi zeloso, generoso, dedicado e responsável na orientação desse transcurso: Professor Dr. Laércio Fidelis Dias. Em nossa caminhada descobri um homem de caráter irreparável, sábio, sério, comprometido, humano e acima de tudo generoso. Faltam-me palavras para agradecê-lo, fica aqui registrado o meu melhor: Muito Obrigada!

Outra pessoa também generosa, atenciosa a quem tenho muito que agradecer em sua delicadeza e sua prontidão quando foi necessário apontar caminhos e muitos aspectos da elaboração do projeto da pesquisa teve a leitura atenta da Professora Dr^a. Maria Arminda do Nascimento Arruda.

Não menos importante nesse sentido foi aquele que sugeriu o tema a ser pesquisado Professor Dr. José Ricardo Barbosa Gonçalves, no final de uma jornada de trabalho, em Sevilha, no ano de 2007.

Os mais sinceros agradecimentos à Professora Dr^a. Bárbara Fadel e ao Professor Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker que, com: suavidade, seriedade e responsabilidade apontaram caminhos e sugestões por ocasião do exame geral de qualificação

Ainda nesse desenrolar de encontros com pessoas interessantes e que são capazes de influenciar positivamente, não poderia deixar de mencionar aqueles que muito ensinaram durante o tempo de aluna regularmente matriculada no programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília. São eles: Professora Dr^a. Marina Gusmão de Mendonça, Professor Dr. Luis Antônio Francisco de Souza, Professor Dr. Antonio Mendes da Costa Braga, Professor Dr. Edemir de Carvalho e Professor Dr. Jayme Gasparotto.

Durante esse tempo muitas pessoas cruzaram os caminhos que foram necessários percorrer entre elas: a Professora Dr^a Sueli A. Felix, a quem agradeço e a certeza que construímos uma amizade de respeito e a minha mais sincera admiração.

Também não menos importante foram as Professoras: Franca Dragone e Professora Kênia Gabiatti Gomes do Instituto LIEN – idiomas e cursos de Franca, Professor Ricardo Castanheira da Escola de Idiomas San Diego de Franca e Professora Lúcia Pini; sem suas respectivas contribuições na preparação para os exames de proficiência em línguas estrangeiras, não teria sido possível chegar ao ponto de chegada.

Não poderia deixar de mencionar a atenção e o tratamento respeitoso que recebi de cada uma das funcionárias e cada um dos funcionários da Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília e, também, do Campus de Franca, em especial as que trabalham na Seção de Pós-Graduação de Marília nas pessoas das Sras. Larissa Fontana Cavalca e Denise Gomes Martins e a sempre solidária Sra. Lucia R. Trindade Garcia, Secretária do Departamento de Sociologia e Antropologia; em Franca, nas pessoas dos Srs.: Carlos Carvalho e Mauro Lúcio Ferreira, da Seção de Comunicações e da Seção de Pós-Graduação respectivamente.

Atenção, respeito e carinho encontrei em muitos dos meus colegas de curso, a quem agradeço na pessoa de Fernando Cordeiro.

Faço aqui uma menção especial e expresso a minha admiração e minha estima ao Professor Dr. José Petrúcio de Farias Junior, ao Renato Juvêncio, ao Professor Dr. Rodrigo Fontanari, ao Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros meus grandes incentivadores que sempre me acolheram com generosas palavras de carinho.

Ao Dr. Guido Heten e ao Édson Luiz Fernandes (*in* Memória) que, apesar de estarem ausentes, se fizeram presentes a cada passo desse caminhar – cada qual ao seu modo.

A ela, que sempre personificou o que é ser cronista social e com quem tive a honra de conviver e aprender sobre o que é ser colunável, a Professora Sonia Meneses Pizzo – Patrícia, bem como a ele, que também muito me ensinou no ofício da crônica social no âmbito do jornalismo e em especial naquilo que concerne ao traquejo social: Well Miguel.

Não poderia deixar de agradecer a Ivone Alves que, com carinho e desvelo, se pôs a cuidar de nosso dia a dia e que sempre teve uma palavra de incentivo para comigo.

Agradeço à minha família pelo apoio incondicional na pessoa de minha prima Isaura Rodrigues Jorge e àquela a quem nomeamos como membro de nossa família: minha amiga irmã Professora Marta Barbosa.

Ao meu Pai Antuane Saide que, com seu jeito peculiar de ser nos incentiva, apoia e nos ensina a caminhar em todas as nossas jornadas, esse mesmo apoio encontro em meus irmãos Antuane Júnior e Alexandre, bem como em minha cunhada Cássia.

Três mulheres fazem parte desse caminhar muito antes dele começar: minha mãe Vantuílda, minhas tias: Walfrida e, em especial, Julietta (todas *in* Memória) que sempre apontaram as formas de nossa melhor convivência no dia a dia, para com a vida acadêmica e para o resto da vida. De onde quer que estejam recebam o meu muito obrigada! E a certeza de que um dia nos encontraremos...

Aos meus filhos Mário César e Mário Márcio que me fazem sonhar e que são a razão de minha vida e julgo serem o melhor de mim. Também à minha nora-filha Letícia e ao meu filho *in law* Felipe Camilo.

Aos meus filhos de patas: Kiff e Maya; com suas mais devotadas presenças e fidelidade canina.

Por fim a ele Pedro, meu companheiro, incentivador, amigo, marido, confidente e mestre; que está sempre ao meu lado pronto a me indicar caminhos. Ao mesmo tempo em que, com severidade, aponta as minhas falhas. Obrigada Pedro! Esse caminhar não teria sido possível sem você. – Você é parte fundamental dessa grande aventura...

A todas e a todos que cruzaram esse caminho e com as quais tive o privilégio de conviver durante a realização dessa pesquisa, tenham a certeza que, de uma forma ou de outra, deixaram suas marcas e também aos demais amigos aqui não mencionados que direta ou indiretamente me dedicaram apoio, ajuda e atenção.

A todos o meu Muito Obrigada!

“Fazer parte da alta sociedade pode ser muito aborrecido, mas não fazer parte dela é simplesmente uma tragédia.”

Carmem Mayrink Veiga

“Há jornalistas que escrevem muito bem — são os vitais articulistas. Há jornalistas que publicaram furos — são os imprescindíveis repórteres. E há jornalistas que entendem muito de como fazer jornais — são aqueles que mais arriscam.”

Euler de França Belém

“[...] entre uma champanhota e outra bebericada - gente fina não bebe, beberica - na pérgula do Copacabana Palace, que em sociedade tudo se sabe, mas nem tudo se conta.”

“Não sou nenhum super-homem, mas creio que nasci predestinado para ter certa sensibilidade em relação à vida.”

Ibrahim Sued

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a trajetória profissional de Ibrahim Sued, descendente de imigrantes libaneses que se notabilizou por ter protagonizado a posição do mais emblemático colunista social, que foi reconhecido como inovador na maneira de fazer crônica social entre as décadas de 1940 a 1990. Sua trajetória profissional e pessoal foram marcadas por contradições e paradoxos que, entretanto, não o impediram de ascender socialmente e tornar-se um porta voz de personagens que transitavam pelo *grand monde*. Publicou ao longo desses anos diversos livros e mais de quinze mil colunas que atestam o fenômeno jornalístico. Não se limitou a assuntos amenos da vida em sociedade, de etiqueta e de moda transitando à conquista de furos de reportagens e informando sobre assuntos políticos, econômicos e de negócios. Os resultados almejados com essa pesquisa são relacionados à interpretação desse percurso não só no aspecto da crônica e do personagem em si, mas de como e por que o colunismo se tornou algo obrigatório nos jornais desde então. As hipóteses a partir das quais o presente trabalho se põe estão relacionadas: ao capital simbólico representado pelo campo da coluna social, ao papel desempenhado no relacionamento entre estabelecidos e *outsiders*, bem como de que maneira esses aspectos são reveladores da dinâmica social e das formas de reprodução de uma cultura social, a cultura social da troca de favores.

Palavras-chave: Ibrahim Sued; Crônica social. Colunismo Social. Interpretação Social das Elites. Fabricação da Notícia/ Jornalismo.

ABSTRACT

This paper aims to understand the professional trajectory of Ibrahim Sued, a descendant of Lebanese immigrants who was notable for having played the position of the most emblematic social columnist (writer of Gossip Columns), who was recognized as an innovator in the way of social chronicling between the 1940s to 1990. His professional and personal trajectory were marked by contradictions and paradoxes that, however, did not prevent him from ascending socially and becoming a spokesperson for characters who traveled through the *grand monde*. He has published over the years several books and more than fifteen thousand columns that attest to the journalistic phenomenon. It was not limited to issues of life in society, etiquette and fashion, moving to the achievement of reporting holes and informing about political, economic and business issues. The results sought by this research are related to the interpretation of this course not only in the aspect of the chronicle and the character itself, but of how and why the columnism has become mandatory in the newspapers ever since. The hypotheses from which the present work is related are: the symbolic capital represented by the field of social column, the role played in the relationship between established and out-siders, as well as how these aspects are revealing of the social dynamics and forms of reproduction of a social culture, the social culture of the exchange of favors.

Keywords: Ibrahim Sued. Gossip Columns. Social Columnism. Social Interpretation of Elites. Manufacturing of News/ Journalism.

RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo comprender la trayectoria profesional de Ibrahim Sued, descendiente de inmigrantes libaneses que se notó por haber protagonizado la posición del más emblemático columnista social, que fue reconocido como innovador en la manera de hacer crónica social entre las décadas de 1940 a 1990. Su trayectoria profesional y personal fueron marcadas por contradicciones y paradojas que, sin embargo, no le impidieron ascender socialmente y convertirse en un portavoz de personajes que transitaban por el *grand monde*. Publicó a lo largo de estos años diversos libros y más de quince mil columnas que atestiguan el fenómeno periodístico. No se limitó a asuntos amenos de la vida en sociedad, de etiqueta y de moda transitando a la conquista de agujeros de reportajes e informando sobre asuntos políticos, económicos y de negocios. Los resultados deseados con esta investigación se relacionan con la interpretación de este recorrido no sólo en el aspecto de la crónica y del personaje en sí, sino de cómo y por qué el *columnismo* se ha vuelto algo obligatorio en los periódicos desde entonces. Las hipótesis a partir de las cuales el presente trabajo se pone están relacionadas: al capital simbólico representado por el campo de la columna social, al papel desempeñado en la relación entre establecidos y *out-siders*, así como de qué manera estos aspectos son reveladores de la dinámica social y de las formas de reproducción de una cultura social, la cultura social del intercambio de favores.

Palabras clave: Ibrahim Sued. Crónica Social. Columnismo Social. Interpretación Social de las Elites. Fabricación de las Noticias/ el periodismo.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à comprendre le cheminement de carrière d'Ibrahim Sued, un descendant d'immigrants libanais qui est devenu célèbre pour avoir joué la position du chroniqueur social le plus emblématique, a été reconnu comme un innovateur de la manière de faire la chronique sociale des années 1940 à 1990. Sa carrière personnelle et ont été marquées par des contradictions et des paradoxes qui, cependant, ne l'empêche pas de monter socialement et devenir un porte-parole des personnages qui transitaient le grand monde. Il a publié au fil des ans plusieurs livres et plus de quinze mille colonnes qui témoignent du phénomène journalistique. Il ne s'est pas limité aux questions de la vie en société, de l'étiquette et de la mode, en passant à la réalisation de trous de signalement et à l'information sur les questions politiques, économiques et commerciales. Les résultats escomptés de cette recherche sont liés à l'interprétation de ce voyage non seulement dans l'aspect chronique et le caractère lui-même, mais comment et pourquoi l'columnism est devenu quelque chose obligatoire dans les journaux depuis. Les hypothèses à partir de laquelle ces ensembles de travail sont liés: le capital symbolique représenté par le champ de la colonne sociale, le rôle dans les relations entre établies et hors-Siders, et comment ces aspects révèlent la dynamique sociale et formes de reproduction d'une culture sociale, la culture sociale de l'échange de faveurs.

Mots-clés: Ibrahim Sued. Chronique Sociale. Columnisme social. Interprétation sociale des élites. Fabrication de nouvelles/ Journalisme.

SUMÁRIO

SEÇÃO 1

INTRODUÇÃO	15
------------------	----

SEÇÃO 2

A COLUNA SOCIAL E O JORNALISMO PRATICADO POR IBRAHIM

SUED	24
2.1 A coluna social	24
2.2 As colunas sociais no Brasil	28
2.3 O aparecimento de Jacintho de Thormes.....	31
2.4 Ibrahim Sued e sua presença na crônica social	34
2.5 Ditadura Militar e Crônica Social.....	37
2.6 A coluna social e Ibrahim Sued na cidade do Rio de Janeiro	38
2.7 Coluna social e o jogo das figurações sociais	44
2.8 O papel do privilégio na capital da República e a dinâmica de ascensão social	57

SEÇÃO 3

ASCENSÃO DE IBRAHIM SUED E AS TRAMAS CONSTITUTIVAS DA

COLUNA SOCIAL	67
3.1 A sociedade carioca que Sued descreveu	67
3.2 O exemplo dos Mayrink Veiga	83
3.3 O percurso de Sued na sociedade dos bem-nascidos: do “clube dos cafajestes” à disciplina do “Café <i>Society</i> ”	85
3.4 Prodigalidade e concorrência na luta por <i>status</i> entre os colunáveis.....	93
3.5 O colunista, os lugares e os valores: a tessitura das interdependências	105

SEÇÃO 4

A COLUNA DO IBRAHIM: NORMA, DISTINÇÃO, PRESTÍGIO E

DOMINAÇÃO SIMBÓLICA.....	114
4.1 As normas e a imposição de limites como forma do colunista “controlar” os abalos na hierarquia.....	114

4.2 O <i>ethos</i> do prestígio do qual Ibrahim tomou partido.....	124
4.3 A etiqueta de Ibrahim Sued: norma, distinção e dominação simbólica	132
4.4 Liderança e carisma em Ibrahim Sued: a ascensão ao grupo social carismático	147
4.5 Ação, maneirismos e convicção: Ibrahim Sued por ele mesmo.....	153
4.6 O jeito suediano de tratar a informação.....	159

SEÇÃO 5

AS LUTAS DE IBRAHIM SUED: TROCA DE FAVORES, CAPITAL SIMBÓLICO E DISTINÇÃO	166
5.1 As lutas de Ibrahim Sued entre busca de prestígio e a dominação com reconhecimento	166
5.2 As lutas de Ibrahim Sued e os segredos de seu sucesso.....	173
5.3 A construção do carisma de Ibrahim Sued e a sua devoção a Roberto Marinho	181
5.4 A grande mudança na trajetória de Ibrahim Sued e os segredos que ele jamais confessou	190

SEÇÃO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	200
REFERÊNCIAS	220
FONTES	225

SEÇÃO 1

INTRODUÇÃO

O colunismo social e o seu conhecimento são reveladores do comportamento social. É por meio da imprensa que o colunismo social se apresenta ao público com dupla importância: a de informar um leque de variedades a respeito do que acontece entre pessoas de destaque em determinados grupos e nichos sociais, tornar fiel um público consumidor dessas notícias como forma de compartilhamento e co-participação do “*ethos*” de um mundo considerado seletivo e que, em função disso, imprime valor à vida e lhe confere atributos de reconhecimento, respeito e atenção

Ao abordar o colunismo social na cidade do Rio de Janeiro entre meados da década de 1950 até meados de 1980 e conferir relevo à trajetória de Ibrahim Sued como o jornalista de maior destaque nessa atividade, o presente trabalho procurou elucidar e compreender o movimento da sociedade, suas estruturas de poder e escalas de valor por meio da ação de um de seus membros, ou seja, daquilo que ele escreveu nas colunas.

Nas hipóteses iniciais do trabalho seria importante: evidenciar os percursos capazes de conferirem êxito e projeção social às pessoas que apareciam impressas no colunismo social de Ibrahim Sued, ao mesmo tempo em que se buscasse analisar como o gênero caiu no gosto de um público leitor mais amplo. Procurava-se compreender como isso compôs um cenário no qual o colunismo social poderia ser entendido como uma atividade reveladora da sociedade que o produzia, assim como das dinâmicas sociais entrelaçadas ao campo de sua produção e sobre quem o consumia. Nesse passo, Ibrahim Sued – foi considerado como um dos artífices desse campo ao mesmo tempo em que a formação do campo configurou o autor que nele se sobressaiu.¹

Segundo Bourdieu:

“Tentar compreender a vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um sujeito cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da

¹ Pierre BOURDIEU. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1982. p. 58-73 *Idem*. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução Sérgio Miceli [et al.]. Introdução Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 183-203.

distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado.”²

Nessa linha de compreensão, as relações de comunicação deveriam ser entendidas como relações de poder e, de modo inseparável, dependiam – na forma e no conteúdo – do poder material ou simbólico acumulado por agentes, por atores sociais, ou pelas instituições nas quais estão envolvidas emissão e recepção de mensagens. Nessas relações é que se poderia acumular poder simbólico. Para tanto, a trajetória da pesquisa indicou ser necessário fazer um estudo biobibliográfico do autor.

Não sendo propriamente uma biografia, foi indispensável posicionar o objeto da pesquisa – o colunismo de Ibrahim Sued – no campo do jornalismo – entendido a partir de suas condições de lidar com instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação – e que o campo evidencia elementos de sistemas simbólicos que cumprem função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação e que, ainda, contribuem para assegurar a dominação de uns sobre os outros forjando o que Pierre Bourdieu chama de violência simbólica.

O poder simbólico nos meios de comunicação se afirma por meio da linguagem – que se impõe como poder de fazer ver e de fazer crer – não pelo que há nas palavras em si mesmas, mas pela legitimidade que elas conferem aos que emitem mensagens àqueles que reconhecem a voz autorizada, legitimada como porta-voz nos canais de transmissão de informação e de mensagem da imprensa em geral, do jornalismo em particular e, especificamente, no colunismo social. Fiabilidade e credibilidade são características indispensáveis nessa forma de legitimação.

Nessa pesquisa o colunismo social foi, ainda, entendido como o lugar da confecção e transmissão de imagens de realidade que configuram o domínio do campo das figurações sociais, das representações e do imaginário; como resultado da articulação de um conjunto de estratégias discursivas que, ao desempenharem o papel de informar, cumprem também o papel de persuadir.

Esse campo particular das figurações, quando colocado a atividades de entretenimento, quando remete ao ócio e às frugalidades de um setor da vida social se transforma em lugar de articulação de estratégias persuasivas, que enunciam com eficácia, porque aparentemente (des) hierarquizam o processo de produção da linguagem,

² Pierre **BOURDIEU**. Pierre Bourdieu. A ilusão biográfica. In: Marieta de M. **FERREIRA** & Janaina **AMADO**. (orgs.) *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. cap. 13 - p. 190. (Grifos nossos).

de tal modo que, acabam por exercer um poder de mobilização que passa a ser assimilado como fortuito e não arbitrário.

A noção de poder simbólico ao ser aplicada aos meios de comunicação remete e se associa à de violência simbólica e isso ocorre: porque quando emissores de mensagens se tornam porta-vozes considerados autorizados, porque quando falam em nome da ordem e porque ao encabeçarem uma onda de aceitação, que se traduz em legitimidade, executam-na, de modo um tanto implícito, aquilo que o poder não simbólico requereria para obter por meio da força mais explícita: obediência, crença e apreciação.

A manutenção da capacidade de influenciar e modificar o ambiente sócio político foi chamada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu de “poder simbólico”, em que os grupos tentam se consolidar e manter seu *status* através de atos simbólicos, ou seja, atos que não possuem, em primeiro momento, qualquer grande pretensão, nada fora de sua abrangência, mas que, através dos agentes sociais que coadjuvam nessas esferas de poder, possuem interesses específicos e promovem disputas para conquistar ou legitimar seu espaço perante outros grupos, ou outras pessoas. Logo, toda sociedade possui um ou mais poderes simbólicos que dialogam (ou tentam se impor), a todo momento, com a legitimidade do pensamento ou dos atos daquele grupo.

Como enfatiza Bourdieu:

“O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração. [...]”³.

As formas de exercer esse poder simbólico são estruturadas basicamente em dois conceitos: *campo* e *habitus*. O primeiro é considerado um espaço de disputas, em que agentes sociais, com certa autonomia, buscam, através de relações sociais, maior espaço de influência no local onde estão inseridos. Já o *habitus* pode ser associado a um conjunto de práticas e percepções dessas práticas, adquiridas pelos agentes sociais conforme sua vivência e seus interesses. Ou seja, há uma relação intrínseca entre essas duas noções: o campo é formado por disputas que têm como origem o *habitus* dos agentes sociais envolvidos; ao mesmo tempo, o *habitus* é influenciado por aqueles que detêm maior

³ Pierre BOURDIEU. *O poder simbólico. Op. Cit.*, p. 12.

capital dentro do campo. Assim, há uma relação dialética e intrincada entre ambos, sendo bastante difícil sua dissociação.⁴

Para uma apreciação do conceito de *habitus* a ser vertido ao campo da coluna social, veja-se o que diz Alicia B. Gutiérrez:

“Producto de la historia, el ‘habitus’ es lo social incorporado – ‘estructura estructurada’ – que se ha encarnado de manera duradera en el cuerpo como una segunda naturaleza, naturaleza socialmente constituida. El ‘habitus’ no es propiamente ‘un estado del alma’ es un ‘estado del cuerpo’, es un estado especial que adoptam las condiciones objetivas incorporadas y convertidas así en ‘disposiciones’ duraderas, maneras duraderas de mantener-se y de moverse, de hablar, de caminar, de pensar y de sentir que se presentan con todas las apariencias de la naturaleza.[...]”

El ‘habitus’ es, por un lado, objetivación o resultado de condiciones objetivas y por otro es capital principio a partir del qual el agente define sua acción en las nuevas situaciones que se le presentan, según las representaciones que tiene de ellas. Em este sentido, pude decirse que el ‘habitus’ es, a la vez, posibilidad de invención y necesidad, recurso y limitación.

Es decir, en tanto, ‘estructura estructurante’ el ‘habitus’ se constituye en un esquema generador y organizador tanto de las prácticas sociales como de las precepciones y apreciaciones de las propias prácticas y de las prácticas de los demás agentes.”⁵

O presente trabalho de pesquisa é um estudo sobre o colunismo social levando-se em conta as relações de poder ali evidenciadas e a interdependência entre pessoas e grupos sociais lá explicitadas. A esse primeiro e mais amplo objetivo geral foram sendo agregados objetivos específicos.

Compreender esse percurso levou a estabelecer uma linha de evolução da trajetória da vida profissional do colunista social Ibrahim Sued, que se evidenciava por meio de seus escritos, notadamente aquilo que ficou retido em suas colunas e nos livros em que, deliberadamente, traçou esse panorama.

Assim, se em um primeiro momento, o objetivo de estudo é o colunismo social, a vida profissional de Ibrahim Sued soma-se como um segundo objetivo mais particular, mas não menos importante. A maneira pela qual ele se inseriu na alta sociedade da cidade do Rio de Janeiro no período observado como parte indissociável da pessoa, de sua trajetória profissional e do colunismo daí resultante. Para tanto, considerou-se que os

⁴ Pierre BOURDIEU. *O poder simbólico. Op. Cit.* p. 60-61. (Grifos nossos).

⁵ Alicia B. GUTIÉRREZ. *A modo de introducción: los conceptos centrales en la sociología de la cultura de Pierre Bourdieu.* In: Pierre BOURDIEU. *El sentido social del gusto. Elementos para una sociología de la cultura.* Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012. p. 15. (9-18)

“fenômenos de aculturação são caracterizados a partir da organização social familiar, da percepção do tempo e do espaço e da visão do mundo.”⁶

Dessa forma, para melhor compreender a vida profissional de Ibrahim Sued, esse processo de inserção e de ascensão na alta sociedade do Rio de Janeiro, demandou que o estudo fosse direcionado à compreensão da sociologia do gosto, do *grand* refinamento:

“revelado nas opiniões emitidas espontaneamente, nas apreciações estéticas ou de forma geral no consumo de objectos culturais ou classificados como tais – permite surpreender os mecanismos de diferenciação ou de afirmação da distância pelos grupos sociais dominantes, nesta [...] a dinâmica da distinção social não se esgota no conflito simbólico pela imposição de uma representação da sociedade, mas prolonga-se na produção incessante de novos gostos socialmente diferenciados e no abandono progressivo das práticas culturais, entretanto apropriadas pelas camadas subalternas.”⁷

Assim, o que se pretendeu nesta pesquisa, em um terceiro movimento de conceitualização, que se sobrepõe como um terceiro objetivo complementar, foi refletir sobre o poder simbólico contido no colunismo social e como o exercício desse poder simbólico refletiu no estilo de vida do colunista social Ibrahim Sued, que se tornou um profissional da coluna social, ao mesmo tempo em que, a coluna social se pôs como profissão.

Recorrendo a Bourdieu que assim se expressa: “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem.”⁸

A pesquisa começou como tantas outras porque, inicialmente, queria entender a influência dos árabes, em especial dos libaneses na sociedade brasileira, e como esses chegaram a ocupar posições de destaque nalguns setores da sociedade.

Ao começar a pesquisa e investigar fatos, ou ainda, buscar explicações e fundamentações, o interesse deslocou-se dos árabes estabelecidos na política paulista para um único deles que se estabeleceu em outro lugar, em outro contexto social, em um ofício distinto do campo profissional da política. O estudo voltou-se, então, para um filho de libaneses que se tornou o ícone do como fazer coluna social no Brasil, bem como para as

⁶ Pierre BOURDIEU. *O poder simbólico. Op. Cit.*, p. 1.

⁷ *Idem.* p.3-4

⁸ *Idem.* p.7.

relações que o personagem estabeleceu com a sociedade carioca, para chegar a ser e poder ser quem ele foi.

No decorrer desse trabalho de “reconstituição da produção do gosto socialmente estabelecido” e na mudança “incessante de práticas sociais”, para além do “conflito simbólico de representação da sociedade”, foi necessário, ainda, acrescentar uma exploração do contexto social, político e econômico pelo qual passava a sociedade do Rio de Janeiro no final dos anos 50 e início dos anos 60, deixando de ser a capital da República do Brasil.

Foi necessário também, uma imersão no jeito peculiar e carioca de ser de Ibrahim Sued, procurar conhecer o seu lugar de pertencimento e desvendar o que estava implícito em seus artigos publicados em revistas, em jornais, em programas de rádio e de televisão, bem como em seus livros de regras e etiquetas, ou seja, como se comportava aquele que professava e proferia por intermédio da imprensa e por meio da coluna social.

Deve-se confessar que o personagem Ibrahim Sued durante o caminhar desse trabalho exerceu certo fascínio sobre as reflexões, na medida em que se percebeu que o colonismo social se reveste de um caráter paradigmático permeado de uma modalidade de brilho, de luz, de mistério e de fascínio para os leitores desse tipo de se consumir notícias e, do ponto de vista do pesquisador, como isso refletiu na sociedade como um todo.

De acordo com o que se pode constatar, o deslocamento da pesquisa, ao passar do árabe na política, para um árabe que se destacou no colonismo social evitou-se o que seria um desperdício, pois trabalhos sobre o árabe na política e sua diferenciação em relação aos árabes imigrados para outros lugares já foram retratados por vários estudiosos, em especial por Oswaldo Truzzi.⁹

Outro tema que inquietava, na delimitação dos passos a serem seguidos nessa pesquisa, foi como um filho de imigrantes libaneses, ou seja, um *outsider*, tenha chegado ao posto de ser um dos colonistas mais importantes do país e como o colonismo social se notabilizou, a partir dele, enquanto representação do modo de agir, bem como de que maneira o público leitor pensava as ações que conferiam destaque social, além de instigar as indagações: para quem Ibrahim Sued escrevia? Sobre o que escrevia? E para que sociedade ele escrevia?

⁹ Oswaldo TRUZZI. *Patrícios. Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

Nesse misto curiosidade e indagação sobre o objeto, o que foi possível realizar configurou um estudo biobibliográfico restrito aos livros publicados por ele e por sua filha Isabel Sued. Nessas obras há uma síntese daquilo que pai e filha julgaram ser as principais colunas produzidas. O conjunto das fontes consultadas não incluiu a totalidade das mais de quinze mil colunas produzidas ao longo da trajetória profissional aqui evidenciada. Portanto, não se trata de um estudo exaustivo do conjunto de sua obra. Mesmo levando em conta que a seleção tenha sido elaborada pelo objeto em estudo e que isso pudesse contaminar a reflexão pretendida, julgou-se e acima de tudo confiou-se, que o apoio teórico-metodológico pudesse corrigir esse perigo.

Todavia, o presente trabalho reuniu volume significativo de referências, comentários, estudos e análises sobre o autor e seu ambiente dispersos em alguns poucos trabalhos acadêmicos, mas firmemente presente em copiosa produção encontrável na Internet, em revistas de moda e em livros sobre o jornalismo brasileiro, que conseqüentemente trazem referências a jornalistas e matérias a partir das quais o colunismo social foi aqui gradativamente sendo compreendido.

Ainda, o presente trabalho lidou com considerável número de obras sobre etiqueta, muitos deles de pessoas e de autores, ou evocados nos textos de Ibrahim Sued, ou mesmo de seguidores/ de colaboradores do seu colunismo.

No dizer de Norbert Elias e John L. Scotson “não faz sentido estudar fenômenos comunitários como se eles ocorressem em um vazio sociológico”¹⁰. Dessa forma, nessa pesquisa tentou-se manter o equilíbrio entre as exposições dos fatos e as considerações teóricas necessárias para elucidá-los e que fizeram convergir para o exercício e o desafio de desvendar um tempo e um espaço: os Anos Dourados do colunismo social de Ibrahim Sued, na cidade do Rio de Janeiro.

Essa pesquisa, desse ponto de vista teórico, colocou-se frente a frente com um tema instigante, que é a construção de saberes sociais nas denominadas histórias dos outros e constatou serem, ainda, reduzidos os trabalhos que focalizam o colunismo social e a trajetória de um colunista na área de Ciências Sociais.

Ao valer-se das colunas sociais escritas por Ibrahim Sued e seu trajeto de vida como documentação, era inevitável estabelecer uma reflexão acerca das tensões entre as Ciências Sociais e o colunismo social. Dessa forma, a preocupação foi desvendar as

¹⁰ Norbert ELIAS & John L. SCOTSON. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000. p. 16.

representações desse universo por meio das colunas sociais escritas ao longo de mais de três décadas nas quais a dinâmica da distinção social esteve em pauta.

Os diversos livros e artigos produzidos por Ibrahim Sued geraram várias interrogações, interpretações e reconstituições, mas eles são documentos reveladores de que Ibrahim Sued: falou, escreveu, ensinou e ditou regras de etiquetas. Tornando-se autoridade reconhecida no assunto.

A intenção subjacente foi entender como, a partir do colonismo social de Ibrahim Sued, o mundo da diferença, ou até mesmo da desigualdade social: entre os colunáveis (estabelecidos) e os “*outsiders*” (aqueles que chegam depois e que permanecem nas margens, ou seja, naquele tipo de fronteira social que delimita estar [em] ou fora [de]) em relação aos objetos e lugares em que a distinção foi praticada, modificada e reestilizada.

Portanto, compreender o percurso que Ibrahim Sued realizou para passar de *outsider* a estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, bem como o fato de suas fotografias, suas reportagens e seus personagens, ao serem destacados em suas crônicas na imprensa falada, escrita e televisionada, puderam ser tomados como testemunhos de práticas sociais reveladoras de como o colunista, a imprensa e o público leitor protagonizavam estratégias de gratificação em função de ocuparem posições em destaque na coluna, ou mesmo assistirem o que era repercutido socialmente, tratando esse movimento ora como um jogo, ora como uma luta por essa modalidade de gratificação.

Dessa forma, a pesquisa buscava desvelar um processo de construção de conceitos, de imagens, de achados documentais e de reconceituação que se expandisse para além daquilo que apenas exercia fascínio entre os envolvidos no jogo cronista-colunáveis-colunismo; e esse movimento poderia revelar aspectos das figurações e das interdependências no âmbito da dominação social que apresentava e que só poderia ser exercida pela exposição de consumidores aos meios de sua divulgação, ou seja, a coluna social no campo do jornalismo.

Assim, foi necessário expandir a interpretação dessa modalidade de publicidade, a publicidade daqueles que, em decorrência de posição ocupada e de papéis exercidos, manejavam os meios de expressão de conteúdos simbólicos como uma modalidade de produção e consumo de bens simbólicos vertidos ao tema da notícias sobre os outros.

O estilo de Ibrahim Sued se apresentava recorrente e parecia indicar que se processava a expansão da audiência e da capacidade de repercutir notícias não apenas por meio de uma espécie de construção de liderança, mas por meio de uma liderança que se efetivava carismaticamente e repercutia por intermédio desse carisma determinados

assuntos a uma audiência fidelizada. Havia fortes indícios de que a expansão de sua visibilidade como colunista não estava apenas em ter alcançado audiência, mas ocorria na medida em que a sociedade passava por mudanças e, ao mesmo tempo em que, esta robustecia e conservava determinados valores.

Dessa forma, Ibrahim Sued e seu colunismo trazia significativa contribuição para a compreensão do contexto político pelo qual passava o país, suas instituições, bem como e principalmente a maneira pela qual o campo do jornalismo contracenou com esse movimento.

Ibrahim Sued, com seu colunismo, parecia saber claramente sobre o poder e fascínio que exercia, dessa forma, não só criara uma identidade pessoal mas, por meio dela, conferia relevância aos fatos que rodeavam sua vida e tais fatos não se restringiam a assuntos amenos.

Na medida em que a pesquisa ia se aprofundando ficava cada vez mais evidente que Sued pensava, escrevia e interpretava fatos significativos da sociedade brasileira, sendo, com isso, não apenas um mero profissional do colunismo, mas revelando-se como um pensador, um intérprete de fato que estavam produzindo representações plausíveis, em especial as da política e as da dinâmica social nela entrelaçada.

Fora da academia, destituído dos requisitos necessários para tanto, de seu gabinete de trabalho, Ibrahim Sued não só estaria pontificando acerca de valores contraditórios e incoerentes suavizados pela sua pena, ele se manifestava e se comportava como um verdadeiro intérprete do Brasil e isso só poderia acontecer na medida em que manjava notícias como quem troca favores. Ele fazia da notícia seu capital simbólico, especialmente entre aqueles que eram os maiores interessados por elas.

SEÇÃO 2

A COLUNA SOCIAL E O JORNALISMO PRATICADO POR IBRAHIM SUED

“Em sociedade tudo se sabe – de leve eu chego lá!”

Ibrahim Sued

2.1 A coluna social

Há diferentes versões para a origem do jornalismo que apresenta o formato de coluna social, ou seja, aquele caracterizado pela divulgação de informações em pequenas de notas.

Mesmo antes do aparecimento da crônica de cunho social havia um jornalismo que se constituía de colunas, ou seja, eram textos que apresentavam comentários críticos acerca de fatos e acontecimentos ocorridos recentemente, no período de uma semana ou quinze dias. Informavam o leitor com o objetivo de traçar um fio condutor dos acontecimentos, era uma narrativa de caráter historicizante e tinham o sentido crítico.

Inicialmente, essa modalidade informativa ocupava os rodapés dos jornais e, progressivamente, passaram a fazer parte do seu corpo principal.

Originária do *Journal de Débats* publicado em Paris no princípio dos oitocentos as colunas de crônicas críticas a respeito dos acontecimentos chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX e se assemelhavam aos textos publicados nos jornais franceses.

Depois de algum tempo a coluna brasileira ganhou outras formas distanciando-se do estilo documentário originário da França.

Outra versão, apresentada na tese de doutorado de Rogério Martins de Souza, afirma que:

“o colunismo de notas pode ser considerado como descendente das colunas sociais. Estas têm origem nos Estados Unidos, em meados do século XIX, com a chamada *penny press*. Essa forma de denominação da imprensa americana se relaciona ao preço do jornal que se tornou acessível para a população que começava a se alfabetizar na época. A

possibilidade de redução do preço do jornal impresso, com sua venda pelo valor de um *penny* (daí *penny press*), surgiu em função da modernização proporcionada pela revolução industrial.”¹¹

O nome coluna social se deve à divisão gráfica do jornal impresso que é distribuído em espaços verticais, denominados colunas, muitas vezes colocados para ocupar espaços vazios nas páginas dos jornais

Souza, assim posiciona a ideia de coluna e o seu surgimento em função da técnica de diagramação:

“quando alguém ganhava um espaço para escrever em jornais, recebia um determinado número de colunas, fato que originou a nomenclatura de todo um gênero.”¹²

Em sua dissertação de Mestrado, David Emerich, escreve que as colunas de notas:

“cresceram e se multiplicaram, por volta de 1870, devido ao enfraquecimento do jornalismo opinativo, de ideias. Tendo como base o trabalho de Fraser Bond, que já na década de 1860 caracteriza as colunas de notas como de variedades.”¹³

Emerich segue uma linha de pensamento que enfatiza um processo de diferenciação e de segmentação ocorrido na própria sociedade de origem, ou seja:

“considera que com a massificação e a diversificação da sociedade, o jornalismo se especializa e dessa forma, procura fazer coberturas e comentários voltados para círculos sociais cada vez mais reduzidos.”¹⁴

As colunas sociais podem, segundo Elcias Lustosa, ser classificadas em vários modelos, pois o termo coluna assume um conceito algo abrangente, já que um artigo regular no mesmo espaço de um jornal passa a receber a denominação de coluna.

“[...] há colunas com informações sobre uma variada gama de temas. [...] As colunas, segundo uma lenda difundida por velhos profissionais do jornalismo foram inventadas para divulgar aquelas notinhas a respeito de parentes e amigos dos donos de jornais, bem como sobre os bons anunciantes. As próprias colunas sociais podem e devem abordar com malícia e inteligência os fatos que divulgam, mesmo tratando de informações sobre recepções, festinhas e mexericos.”¹⁵

¹¹ Rogério Martins de SOUZA. *Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colonismo como gênero jornalístico*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 15.

¹² *Idem*. p. 165.

¹³ David EMERICH. *O beijo de Mangabeira: o jornalismo político das colunas de notas*. 1997. (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 1997. p. 14.

¹⁴ *Idem. Ibidem*.

¹⁵ Elcias LUSTOSA. *O texto da notícia*. Brasília, UnB, 1996, p. 161-163.

Sobre a coluna social, Luiz Sérgio Gadini lembra que entre as principais características do chamado jornalismo cultural no jornalismo brasileiro pode-se destacar nas estruturas editoriais:

“[...] enquanto as reportagens e notícias possuem um eco interpretativo nas críticas e nos textos dos articulistas dos cadernos culturais, ‘ampliando’ o espaço de uma abordagem propriamente jornalística – o que em alguns casos, totaliza entre duas e cinco páginas de uma média de oito a doze dos cadernos – a coluna social parece manter uma tradição herdada das revistas de variedades, com pequenas notas, comentários e frases de efeito, cercando imagens do que, regra geral, é apresentada como ‘*flashes* da vida social’ das cidades pólo, da região geográfica de abrangência e circulação dos diários. Imagens festivas, comemorações, lançamentos, exposições, aniversariantes, homenagens e afins: tudo parece ser (bom!) motivo para ocupar os espaços das colunas sociais diariamente mantidas pelos cadernos culturais dos jornais brasileiros.”¹⁶

Para Iluska Coutinho a origem a coluna social:

“surgiu das colunas de notas na imprensa europeia, no século XVII. Já naquela época, as colunas seriam vistas como propagadoras de um mundo de sonhos presentes na vida burguesa.”¹⁷

Estar em evidência, aparecer na coluna social ou estar na mídia representa ser reconhecido, ter prestígio e ser notado, isto significa ser importante.

Estar na mídia para Coutinho requer cada vez mais:

“uma rede de profissionais de *marketing*, publicidade, relações públicas e um número cada vez maior de jornalistas no papel de assessores de imprensa. O ‘exército da imagem pública’, como poderia ser chamado, tem a função principal de garantir que seu cliente/patrão tenha a mídia como aliada na difusão de ideias, interesses, produtos, serviços, ideologias ou simplesmente do próprio ego.”¹⁸

Recorrendo uma vez mais a Rogério Martins de Souza sobre o surgimento do colunismo no Brasil, ele ressalta alguns aspectos diferenciados:

“O desenvolvimento das colunas sociais no Brasil ocorreu paralelo às mudanças no jornalismo no século XX, e levaria às colunas de notas contemporâneas, em que a política e economia recebem mais destaque; um gênero jornalístico único e ainda cercado de controvérsias [...]”¹⁹

A coluna social é uma narrativa que incorpora a cultura contemporânea do Pós-Guerra, de ordem temporal. O colunismo social possui um texto mais informal, o qual

¹⁶ Luiz Sérgio GADINI. *Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 202-205.

¹⁷ Iluska COUTINHO. *Colunismo e poder: representação nas páginas de jornal*. Rio de Janeiro: Sotese, 2005. p. 20.

¹⁸ *Idem*. p. 13.

¹⁹ Rogério Martins de SOUZA. *Dos canapés à política: ... Op. Cit.* p.18.

relata acontecimentos do dia a dia, onde por diversas vezes o colunista sutilmente denuncia algum problema de ordem social.

A coluna social preenche espaço em jornais e revistas periodicamente trazendo os mais diversos comentários sobre personalidades do mundo social, do mundo acadêmico, do mundo político, notícias políticas, econômicas, sociais, relatos de casamentos, batizados, notícias de moda e até notícias de como bem se comportar em sociedade e regras de etiquetas.

A coluna social segue um propósito pré-estabelecido e possui uma finalidade utilitária que se coaduna com aquilo que é proposital em uma pauta jornalística da imprensa: fidelizar leitores e adeptos segundo uma linha editorial. Ao aparecer em jornais, revistas e em demais mídias constitui-se em um gênero literário ligado à produção de notícias vertidas às interpretações de um cronista que deve: oferecer sua versão dos fatos, dialogar com o público, ocupar um determinado espaço, aparecer com regularidade e familiarizar o leitor vinculando-o, de alguma forma, em seu conteúdo.

O colunismo social muitas vezes tem por objetivo promover pessoas, dedicando-se a exaltar a boa educação, a elegância – em especial das mulheres – que se apresentam bem vestidas de manhã, à tarde e à noite.

O texto da coluna social é um texto de vida efêmera que se justapõe edição após edição em um determinado jornal. Geralmente adquire um sentido de promoção daquilo e daqueles que descreve, antes de ser um gênero analítico e crítico.

Embora se assemelhe ao texto informativo por excelência, a coluna, ainda que baseada em acontecimentos cotidianos, como é o caso do noticiário, assume um aspecto próprio derivado do estilo do colunista que lhe outorga elementos ficcionais, fantasiosos e da crítica derivados das visões de mundo pelas quais o seu autor se identifica.

Narrada em primeira pessoa, a coluna veicula um texto curto em que o autor dialoga com o público leitor. Exibe dessa maneira, visão pessoal do colunista em relação ao que ele próprio descreve e em relação ao que ele pontua sobre os acontecimentos ao seu entorno.

O colunista usualmente vale-se de linguagem coloquial posicionando-se entre a literatura e a oralidade, serve-se de palavras recorrentes e bordões, cuja finalidade é fidelizar um público leitor que, com o passar do tempo, se identifica com o estilo e que faz dele uma espécie de porta-voz.

Um colunista social escolhe em manter no “topo” modelos estereotipados que são mostrados como pessoas de sucesso e que induzem outras a uma pseudo-imagem, ou

a uma pseudo-identidade. Ou seja, o colunista social, na grande maioria das vezes, privilegia os já privilegiados.

Do ponto de vista do veículo no qual o gênero crônica-jornalística aparece, apesar de relatar fatos, não é propriamente uma reportagem. Trata-se de uma modalidade na qual as informações mais ou menos comuns no cotidiano dos leitores são interpretadas e refletidas por quem a escreve. Assinada por seu autor, a crônica revela a sua subjetividade e, em função disso, o tom reflexivo que o autor imprime demonstra o estilo e a visão pessoal podendo ser incluídas certas liberdades linguísticas presentes tanto na ironia, na crítica, como no elogio.

A crônica cumpre a função de aliviar a pauta jornalística, muitas vezes sobrecarregada de fatos. Nesse sentido ela se reveste da sensibilidade, da expressividade e da originalidade que o autor desenvolve no sentido de galvanizar, pelo aligeiramento e pela facilidade de leitura, a atenção de um leitor que busca interpretar com a ajuda do cronista. Essa ajuda aparece muito comumente na forma de lições sobre a vida social e sobre o traquejo com as regras de etiqueta.

Para Beatriz Resende

“Inicialmente, o espaço gráfico dedicado à crônica era o folhetim, parte do jornal dedicada a amenidades e à publicação de romances em capítulos. O fato de ocupar tal espaço foi decisivo para determinação da própria constituição do gênero que deveria ser ameno, agradável, frequentemente ocupando-se de mundaneidades ou eventos culturais.”²⁰

A crônica liga-se ao imediatismo dos fatos, ao efêmero e ao fragmentado dos acontecimentos, apresenta-se como comentário subjetivo e revela as impressões de seus autores. O estilo deve reunir, no conteúdo e na forma, na seleção que efetua, como na linguagem que emprega: a capacidade de comover, a verve de provocar, a intenção de modificar, o anseio de formar opinião e fazer a história cotidiana. Podem-se considerar os anos 1950 e 1960, no Rio de Janeiro, o tempo tematizado pelo gênero por excelência.

2.2 As colunas sociais no Brasil

Raquel Paiva e Muniz Sodré, em seu livro *Cidade dos Artistas*, apresentam todo um pensamento sobre o colunismo social no Brasil.²¹

²⁰ Beatriz RESENDE. (Org.) ... [et.al]. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1995. p. 40-41.

²¹ Raquel PAIVA & Muniz SODRÉ. *Cidade dos artistas. Cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p. 24-33.

Sabe-se que, nos anos 1940, a sociedade brasileira fazia uma clara distinção entre os chamados “caixas-altas e os caixas-baixas”, em analogia à terminologia empregada pelos tipógrafos para diferenciar letras maiúsculas e letras minúsculas, termo esse que se tornou um dos bordões do personagem em estudo. Neste período, os nomes em destaque nas colunas sociais eram de: empresários, diplomatas, membros de detaque do meio rural e urbano.

Nos anos 1950 passam a frequentar a coluna social membros da burguesia industrial e mercantil. Nesta época a ostentação é clara e é percebida por dois elementos: o luxo e o poder. Nesse período as colunas sociais fazem menções a situações do cotidiano e de seus personagens.

Não se pode precisar com certeza, quando apareceu a primeira coluna de notas nos jornais do Brasil. Mesmo assim, no olhar de David Emerich, estas surgiram em 1866, no jornal *Cabrião* como:

“uma espécie de ancestral do colunismo de notas. Fortemente anticlerical e crítico do poder e das ações administrativas do Império, falava do dia a dia, da conjuntura e dos personagens políticos.”²²

Ao final da Segunda Guerra Mundial, o cenário jornalístico brasileiro atravessava um período sombrio. Os jornais brasileiros que circulavam no eixo São Paulo – Rio de Janeiro eram vespertinos e a imprensa ficava à mercê dos favores do estado do qual dependiam de financiamentos, isenções fiscais, publicidade, enfim, de toda espécie de benefícios, dependiam ainda dos pequenos anúncios e da publicidade das lojas comerciais.

Nos anos 1950, o jornal de maior circulação era *O Jornal do Brasil*. Nesta época passando por reformulações buscava imprimir um novo conceito de jornal em suas páginas diminuindo o excessivo número de anúncios que trazia, inclusive em primeira página.

“Se no começo do século a frase eternizada por Figueiredo Pimentel – ‘O Rio civiliza-se’ – tornou-se palavra de ordem entre literatos e formadores de opinião, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra o termo poderia ser mudado para ‘O Rio internacionaliza-se’. Dois fatores levaram o Brasil a ostentar anseios de tornar-se uma nação efetivamente cosmopolita e com algum peso na política internacional: primeiro, a criação da “política da boa vizinhança” com os Estados Unidos, que trouxe ao Brasil estrelas do cinema como Orson Welles e

²² David EMERICH. *Op. Cit.* p. 18.

Walt Disney, enquanto abria espaços para estrelas de nossa música, como Carmen Miranda, brilharem no cinema americano.

Segundo, com a guerra em curso, o Rio passou a abrigar os ‘exilados do *jet-set* internacional’, como definiu o cronista Luís Nassif. Banqueiros falidos, judeus ricos em fuga do nazismo, nobres endividados e outros componentes da alta burguesia europeia começaram a aportar em terras brasileiras, de 1940 em diante. Um deles, o Barão Von Stucker, em pouco tempo revolucionou a vida noturna carioca criando a boate Vogue.”²³

Em seu texto *O Cronista do Rio*, Luis Nassif descreve como o Barão Von Stucker transformou a Boate Vogue em referência internacional e o *point* mais badalado para quem quisesse transitar pelo *jet-set* no Rio de Janeiro.

O termo *jet-set* foi cunhado pelo colunista social estadunidense Igor Cassini, que escrevia a coluna *Cholly Knickerbocker*, com o objetivo de descrever um tipo específico e internacional de ricos e famosos que viajavam freqüentemente de um país “exótico” a outro, via aeroplanos, (*jet*).

Quanto ao termo *Café Society* é Charles Wright Mills que esclarece o seu emprego:

“Maury Paul (o primeiro *Cholly Knickerbocker*) inventou a frase em 1919 para indicar um pequeno grupo de pessoas que se reunia em público mas provavelmente (*sic*) não se visitava em casa. Em 1937, quando a revista *Fortune* publicou um incisiva reportagem sobre o *Café Society* as celebridades profissionais de beleza erótica e talento discutível já estavam bem instaladas nas primeiras mesas, como membros bem conhecidos das classes superiores tradicionais.”²⁴

A boate Vogue se localizava no bairro boêmio de Copacabana, que com a construção do hotel Copacabana Palace, tornara-se o centro das badalações e da vida noturna da cidade.

“Para abrilhantá-la, o Barão foi buscar na Europa duas figuras que se tornaram lendárias: o pianista Sacha Rubin, libanês metido a francês que tocava piano com um copo de uísque do lado e um cigarro invariavelmente estacionado no canto da boca; e o chefe de cozinha Gregoire Belinzanski, russo branco que introduziu três pratos clássicos

²³ Rogério Martins de SOUZA. O cavalheiro e o canalha: Maneco Müller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial. Trabalho apresentado no **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007 . p. 2-3. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1268-1.pdf> Acesso em: 04 abr. 2015.

²⁴ Charles Wright MILLS. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962. p. 89.

na cozinha brasileira: o *stroganoff*, o frango à Kiev e o picadinho a brasileira.”²⁵

Com seu hotel, suas boates e restaurantes, o bairro carioca de Copacabana passou a ser “sonho de consumo” de qualquer brasileiro, ou estrangeiro, que quisesse ser visto, comentado e estar entre os colunáveis da cidade.

Se a coluna social toma impulso nesse período, e se lugares da cidade se tornaram emblemáticos como referência, bem como novos termos passaram a incorporar a linguagem coloquial de leitores, isso se deveu em grande medida às colunas sociais e elas próprias devem ser vista como o resultado da seleção temática em cada jornal tenha obedecido a:

“[...] critérios específicos de cada instituição, as relações internas e com outros agentes sociais, têm, obviamente, preferência editorial. A representação do jornal como ‘espelho’ da realidade perde sua validade, revelando-se um ‘espelho mágico’ que reflete a realidade de acordo com as distorções, fragmentações e representações utilizadas.

“Assim, para que o agente social possa compreender o que o circunda é preciso que se opere uma seleção e organização dos símbolos do mundo real e uma redução da complexidade social.”²⁶

2.3 O aparecimento de Jacintho de Thormes

Talvez quem tenha melhor retratado essa mudança verificada na cidade do Rio de Janeiro do Pós-Guerra nas colunas sociais tenha sido Maneco Müller, ou Jacintho de Thormes, que era o pseudônimo daquele que nascera em 1923, no bairro boêmio de Copacabana. Nasceu Manuel Antonio Bernardez Müller, chamado carinhosamente pelos mais íntimos de Maneco e, mais tarde, com o pseudônimo de Jacinto de Thormes, passaria a assinar sua coluna social.

Maneco toma o nome Jacinto de Thormes emprestado, de um personagem do livro *As Cidades e as Serras*, do escritor português, Eça de Queiroz.²⁷

Maneco Müller, ou seja, Jacinto de Thormes nasceu em uma família abastada, filho de diplomatas, era neto do ex-governador de Santa Catarina, Lauro Müller, recebeu educação esmerada e bons modos, um “granfino” um *gentleman* para a época, um

²⁵ Luís NASSIF. *O cronista do Rio. La Insignia*. Brasil, 7 de setembro de 2006. p. 3-4. Disponível em http://www.lainsignia.org/2006/septiembre/cul_012.htm Acesso em: 04 abr. 2015.

²⁶ Clóvis de BARROS FILHO & Luís Mauro Sá MARTINO. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 180-181.

²⁷ Eça de QUEIROZ. *A cidade e as serras*. Lisboa: Lello Editores. 1946.

privilegiado. Homem culto e elegante, ele era presença indispensável nas festas e lugares badalados da época, possuía um expressivo rol de amigos, entre eles, de várias personalidades.

Quando jovem trabalhou como empregado na Casa Quincas, loja esta especializada em artigos de luxo para o vestuário masculino. No convívio com a seleta clientela da loja pode aperfeiçoar seu aprendizado em quatro línguas, além de conviver com os homens de influência na sociedade carioca, muitos amigos de sua família.

Certo dia, conversando com o jornalista Gustavo Dória e este sabendo que Jacinto além de culto era bem relacionado, o convidou a escrever o “registro social”, ou seja, notícias sociais sobre batizados, casamentos, viagens, jantares, noivados, etc. do *Jornal Folha Carioca*.

Maneco aceitou o convite de imediato, porém em seu primeiro “registro” quase foi despedido. Por quê?

“Primeiro: Maneco se recusou a registrar passivamente o dia a dia da burguesia carioca. Escreveu notas com um estilo de crônica literária, adicionando comentários irônicos sobre seus ‘personagens’, sem um pingão de deslumbramento, como era comum. Mas o que mais desagradou a alguns membros ali retratados é que o jovem colunista havia quebrado a tradicional ‘hierarquia’ daquela época [...]. Explicasse: Maneco ousara retratar lado a lado figuras da burguesia carioca com artistas, políticos, e até pessoas ‘comuns’, sem vínculo com as altas rodas, mas que lhe pareceram interessantes. A grita foi grande, o que lhe valeu advertências da chefia de redação, mas a repercussão calou a todos. Maneco foi autorizado a prosseguir.”²⁸

Com Maneco Muller as colunas sociais passaram a ser redigidas como crônicas e mesclavam notícias do colunismo social com notas políticas, econômicas e esportivas, deixando de apresentar pequenas notas amenas e dirigidas para notícias de casamentos, batizados, noivados e jantares.

As colunas escritas por Maneco se assemelhavam com as norte-americanas do Pós-Guerra que divulgavam tendências de moda, de elegância, além de trazer algum detalhe sobre os “caixas-altas” estadunidenses; entre eles: os bem-nascidos, políticos e artistas.

²⁸ Luís NASSIF. *O cronista do Rio. La Insignia. Op. Cit.* (Nassif, no trecho acima, nas palavras entre aspas, faz referência a Alberto Dines - comentário feito em 1955. Todavia, não oferece a indicação bibliográfica completa).

Dessa forma, surgiu a coluna social que privilegiou o “*grand Monde*”, ou como se pode dizer: o *Café Society*”. E, posteriormente, Ibrahim Sued, tornou-se aquilo que se poderia denominar “de o colunista por excelência”.

Esse período foi denominado por Paiva e Sodré como:

“Nos anos 50, a função histórica desse gênero jornalístico era a de assinalar a chegada à coalizão dominante no Brasil de setores ponderáveis da burguesia industrial e mercantil, que depois da Segunda Grande Guerra foi aos poucos tomando lugar da classe agrário-exportadora. A temperatura ideológica da coluna, ou seja, aquilo que constituía o ‘tom’ jornalístico da visibilidade social da nova fração de classe no poder, consistia na celebração de sinais exteriores de consumo de luxo. [...] O texto das colunas, embora reverencial, permitia-se eventualmente a chistes ou comentários leves sobre situações e personagens [...].

Melhor que qualquer alfarrábio acadêmico, ‘Café-Soçaite’, uma canção composta por Miguel Gustavo e popularizada por Jorge Veiga nos anos 50 resumia o fenômeno: ‘Doutor em anedotas e em champanhota/ estou acontecendo no café-soçaite/ só digo enchanté, muito merci e all-right/ troquei a luz do dia pela luz da Light./ [...] Enquanto a plebe rude da cidade dorme/ eu ando com Jacintho que é também de Thormes/ Tereza e Dolores falam bem de mim/ eu sou até citado na coluna do Ibrahim/ [...]’.

A canção alinha os elementos expressivos – pessoas, comportamentos e objetos – para configuração do pertencimento ao ‘soçaite’, abasileiramento de ‘high-society’, depois traduzido para ‘alta sociedade’ e, ainda, ‘a sociedade’ ou ‘gente bem’. É a semiose de um microuniverso de privilegiados. Nem sempre o dinheiro era o principal vetor do pertencimento como insua a canção: um ‘pronto’, isto é, alguém financeiramente ‘duro’ poderia penetrar no círculo dos ‘happy few’, desde que manejasse com maestria um obscuro ‘capital’ de relações sociais, alguma aparência culturalista ‘conhecimentos de inglês ou francês, informações sobre novidades da moda, bom gosto gastronômico, etc.’ e táticas de esperteza ascensional. O ‘soçaite’ sempre foi o mundo do ‘depois eu conto’.

O colunista era alguém que efetivamente, contava depois alguma coisa. De seu acesso aos círculos mais fechados e, claro, de uma discricção bem dosada, provinha o seu prestígio junto às elites dirigentes e, daí, junto ao dono do jornal e seu público.”²⁹

Gilberto Freyre descreveu o colunismo social brasileiro como algo que revela a frivolidade e a vaidade da sociedade brasileira, dizia ele que:

“Quem não sofre da vaidade, ainda burguesa, de ter noticiado no Brasil de hoje, em jornal, o batizado de um filho ou o noivado de uma filha ou o jantar oferecido a um amigo? São fatos que constituem um burguesismo ramerrame, é certo que esse ramerrame parte da história,

²⁹ Raquel PAIVA. *Op. Cit.* p. 25-26.

da vida, do convívio de uma comunidade do feitio da brasileira de nossos dias, tanto dos dias de nossos pais e de nossos avós.”³⁰

A coluna social, em decorrência de ser um gênero literário importado à época, fez com que muitos não acreditassem que tivesse sucesso duradouro no Brasil. Mas, os anos 1960, foram decisivos para o colunismo social brasileiro; Emerich traz em sua obra uma reflexão de Alberto Dines a respeito da cronologia e do contexto da coluna social no Brasil:

“a sua ascensão e popularização coincidiriam com a era do desenvolvimento do quinquênio JK, carregando consigo os indefectíveis fenômenos de afluência e inflação que forneceram o campo de cultura e os ingredientes econômicos propícios para a cristalização do gênero.”³¹

Em meados dos anos de 1960 e na década de 1970, períodos marcantes na História do Brasil, quando os meios de comunicação sofreram a mais dura censura não deixando que o país pudesse participar da situação política, econômica, social e do propalado desenvolvimento que o país vivia nas mãos dos militares.

2.4 Ibrahim Sued e sua presença na crônica social

Sem dúvida alguma o maior nome do colunismo social no Brasil é Ibrahim Sued.

Se no Rio de Janeiro, Jacintho de Thormes tenha marcado sua época, foi Ibrahim Sued, o “Turco”, sem dúvida, tornou-se o mais prestigiado de todos os colunistas. Para Raquel Paiva e Muniz Sodré:

“[...] estreou em *O Globo* em 1954, [...] inclusive por seu estilo particularíssimo de se expressar, com bordões que ficaram famosos. Ele parecia não se incomodar com os epítetos de iletrado, com que era frequentemente brindado (na realidade, dizia considerar-se ‘o Guimarães Rosa do colunismo social’, pelas expressões que fez entrar em voga) e detinha um enorme capital de relações sociais.

Um dos repórteres da coluna de Ibrahim, mais tarde também colunista, revelaria depois: ‘o Turco descobriu que os salões da elite podiam render muito mais do que registros mundanos, fofocas voláteis ou crônicas de comportamento. Ali havia manchetes também. Depois de algumas taças, à mesa do jantar ou no bulício das recepções, o ministro mostrava a minuta do decreto ainda inédito, o industrial abria o jogo sobre uma grande fusão de empresas. E o banqueiro dava o insite que agitaria o mercado nos dias seguintes. O Turco descobriu esse filão’. O filão era, na verdade, um novo modelo de coluna social que, embora

³⁰ Gilberto FREYRE. A crônica social. *Folha de São Paulo*. 02/09/1978. . *Apud*. Raquel PAIVA & Muniz SODRÉ. *Op. Cit.* p. 24-25.

³¹ David EMERICH. *Op. Cit.* p. 21.

mantendo a temática tradicional, incluía agora notícias econômicas e políticas.”³²

Isabel Travancas afirma que ele possuía um estilo próprio de escrever, ou seja, “pessoal, franco e agressivo.”³³

Mas é o próprio Ibrahim Sued que assim se define:

“A partir daquele momento nascia no país um novo tipo de jornalismo: o da informação curta, direta, informativa por excelência, muitas vezes agressiva, mas quase sempre anti-romântica.”³⁴

Para o Regime Militar, Sued escrevia uma coluna social que foi considerada como:

“ ‘alienada’ pelos outros jornalistas. Esse fator de frivolidade fez com que o colunista fosse bem recebido pelos militares que consideravam aquele tipo de jornalismo aparentemente acrítico, no qual o *glamour* dos grandes salões parecia mais importante do que os caminhos da política e da economia.”³⁵

Devido à “alienação” de sua coluna, Sued passou a ter trânsito facilitado no governo dos militares. De forma controversa, isso permitiu que o colunista tomasse conhecimento e relatasse, muitas vezes em primeira mão, assuntos políticos de bastidores.

Ao abordar o jornalismo político nas colunas de notas, David Emerich retoma o trabalho de Murilo César Ramos e afirma a importância que Sued teve no jornalismo brasileiro.

A linguagem da coluna social era uma linguagem formal, e o que se privilegiava eram os furos de reportagens.

Segundo Alberto Dines:

“O Maneco Müller que escrevia com o pseudônimo de Jacinto de Thormes, e o Ibrahim Sued criaram um gênero ameno, fútil e inofensivo porque se circunscrevia apenas ao mundo da *grã-finagem*, o *jet-set*, diplomacia, rapapés, recepções. Raramente opinavam, a não ser em matéria de roupas, jóias, etc. Quando o Ibrahim criou a *Dama de Negro* foi uma *cause célèbre* no país. Não ousavam falar em políticos, não mencionavam produto, marca, agentes de publicidade, não tentavam consagrar nomes, a não ser no circuito dos clubes fechados, das boates, pouco influíam na vida do país. Hoje as colunas são mercados abertos, pequenos jornais nos quais se trata de tudo e de todos, sem os mesmos

³² Ricardo BOECHAT. *Jornal do Brasil*. 3/11/2001. *Apud*. Raquel PAIVA & Muniz SODRÉ. *Op. Cit.* p. 26-27. (Grifos nossos).

³³ Isabel TRAVANCAS. A coluna de Ibrahim Sued – um gênero jornalístico. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2000. p. 2. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.pdf> Acesso em 06/06/2010.

³⁴ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972. p. 15.

³⁵ Isabel TRAVANCAS. *Idem*. p. 49.

procedimentos de apuração que devem nortear uma redação. [...] – é a degeneração do jornalismo leve e ameno.”³⁶

Ainda assim, as colunas sociais sempre exerceram e exercem fascínio em seus leitores e seus assuntos foram e são divulgados por uns e comentados por tantos outros.

“[...] Ibrahim Sued e Gilberto Amaral podem ainda ser considerados exemplos do colunismo social dos tempos mais antigos: suas colunas, que acolhem notas sobre a política e os políticos mantém ainda, como sua característica básica, o formato original do colunismo da velha guarda, com ênfase no *jet-set*, em personalidades mundanas, suas viagens, suas festas de aniversário e casamento, divórcios e infidelidades veladas.”³⁷

A coluna social tem o fetiche de influenciar as pessoas, seja por meio dos colunáveis, seja por meio de que assuntos eles devem pensar ou formar uma opinião a respeito. O poder que a imprensa exerce nesse sentido foi denominado de agendamento midiático e deu origem a uma série de estudos, inclusive aqueles voltados para entender as colunas de notas, e seu poder ³⁸.

Muitas vezes dizendo aos seus leitores como e o que pensar, por exemplo: Ibrahim Sued os influenciava para investirem no mercado financeiro, outras vezes os aconselhava a adquirirem obras de artes ou, ainda, a manterem cavalos no Jockey Clube.

Contudo, é de se concordar com Rogério Martins de Souza, quando este sugere que o colunismo social brasileiro possui suas especificidades e que, apesar de influenciado por outros países, adquiriu características tais que, por meio dele, se poderia chegar ao entendimento da sociedade em uma determinada época.

Nas palavras do autor:

“Ressalto o fato de estas colunas terem se tornado um gênero único no jornalismo brasileiro – apesar de existirem no exterior, em nenhum outro lugar elas se apresentam com o caráter específico das colunas nacionais, em que o fato mais ínfimo desvendado por uma nota de duas frases pode vir ao lado de uma informação que irá repercutir por toda a imprensa e pautar os jornais dos dias seguintes.”³⁹

Ao referir-se às singularidades da coluna social brasileira, Gomes assim se posicionou:

“Alguns dos aspectos que tornam o colunismo brasileiro tão peculiar são: a utilização de uma linguagem leve e concisa para apresentar as mais diversas notícias em formato descontraído, algumas vezes com

³⁶ Alberto DINES. *Revista Imprensa*, ano VII, nº 74. Novembro 1993, p. 37. *Apud.* Murilo Cesar RAMOS. *Intrigas da corte: o jornalismo político das colunas sociais*. Rio de Janeiro: Corpo da Letra, 1994. p.12.

³⁷ Murilo Cesar RAMOS. *Intrigas da corte: ... Op. Cit.* p.14.

³⁸ Mauro WOLF. *Teorias da comunicação*. 8. ed. Portugal: Presença, 1995.p.37.

³⁹ Rogério Martins de SOUZA. *Dos canapés à política: ... Op. Cit.* p. 11.

comentários irônicos feitos em primeira pessoa. Dessa forma, palavras conhecidas como jargões, gírias e regionalismos, até então condenadas pelas regras do jornalismo tido como tradicional, ganham espaço nas colunas e fazem, muitas vezes, com que o leitor se identifique com o que é dito. Dependendo da intenção do colunista, a informação ainda ganha ares de ironia, umas vezes mais explícitas outras menos.”⁴⁰

2.5 Ditadura Militar e Crônica Social

A Ditadura Militar, como já foi dito inúmeras vezes, foi um período tenso e marcante na política brasileira, mas que trouxe mudanças na estrutura econômico-social do país.

O principal objetivo do alto comando das Forças Armadas era mostrar à população que o Regime Militar era capaz de manter o país em ordem, para isso os jornais precisavam ser calados. Constrangidos que foram nessa época, ao invés de publicarem notícias sobre o que estava acontecendo, publicava-se desde poesias até receitas. Já a crônica social neste período coadjuvou com alguns aspectos da Ditadura e, na medida em que não tencionava e nem polarizava, ganhava certa autonomia para publicar opiniões a favor ou contra o Regime.

O uso dos meios de comunicação como instrumentos de propaganda de governos e o controle das notícias políticas e econômicas veiculadas em jornais, revistas, rádios e telejornais é um tema recorrente quando se estuda os canais de comunicação entre os governos e a sociedade civil, mas nunca como no período em estudo.

Os mandatários da Nação, segundo Souza:

“tinham conhecimento da importância dos meios de comunicação, sobretudo com caráter jornalístico, na formação da opinião pública da nação e usavam o poder e até mesmo a força para transformar jornais impressos e outros produtos jornalísticos em instrumentos ideológicos do Estado. Contudo, esse não foi o único período em que o Brasil sofreu interferência do governo nos meios de comunicação.”⁴¹

Já no olhar de Pierre Ansart:

“A censura à imprensa seria um dos pilares da repressão, no sentido de que buscava impedir que qualquer crítica ao governo fosse publicada, contribuindo assim para uma melhor imagem do governo. Juntamente com a censura, a propaganda realizada por agências governamentais, visava mostrar um país bom, que se mantinha no caminho do crescimento, um país ao qual ninguém seguraria, um país que deveria

⁴⁰ Elizangela GOMES, *Jornalismo das colunas de notas: origem e desenvolvimento. 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP* – Ouro Preto – Minas Gerais 30 de maio a 1º de junho. 2013, p s/n.

⁴¹ José Inácio de Melo SOUZA. *O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/FAPESP. 2003. p. 219.

ser amado pelos brasileiros e um país que estava distante de torturas, de censura, de atos arbitrários. Neste sentido, buscou-se formar uma imagem da nação, uma imagem positiva que se conseguiria suprimindo o discurso inimigo.”⁴²

Dessa forma, a censura foi um instrumento que legitimava o governo para se construir um país que “ninguém o segurava”.

Segundo Rogério Martins de Souza,

“as colunas sociais nos anos da Ditadura Militar reduziram a intensidade de algumas de suas características iniciais como a frivolidade e o mundanismo. No ápice do Regime Militar, na década de 1970, os colunistas sociais se reinventam para ‘manter seus espaços jornalísticos’. Esse processo seria concomitante à modernização da imprensa e ao aumento da tiragem dos jornais para além de seus estados de origem.”⁴³

Outro destaque de expressão no colunismo de notas dos jornais brasileiros foi o jornalista Sérgio Porto, que assinava suas colunas com o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta. Usava uma linguagem sintética, leve, bem-humorada.

Não se pode minimizar a importância de Stanislaw Ponte Preta e de seus memoráveis “febeapás” (festival[is] de besteiras que assolam o país) como textos que não tiveram o seu impacto sobre parcela de um público leitor mais exigente do ponto de vista crítico e analítico.

Talvez nem Jacintho de Thormes e nem Stanislaw Ponte Preta tenham vingado no jornalismo como colunistas sociais e nem tenham desempenhado o papel que Ibrahim Sued desempenhou porque seus respectivos estilos não se submetiam às exigências de um jornalismo leve, pleno de frugalidades e aliado daquilo que tanto os proprietários de jornais, quanto os colunáveis e ainda os poderes econômicos e políticos envolvidos queriam a respeito de suas respectivas imagens.

2.6 Coluna Social e Ibrahim Sued na cidade do Rio de Janeiro

As colunas sociais podem sinalizar a maneira pela qual as estruturas e relações de poder representam comentários privados como se fossem de interesse público. Essas representações de fragmentos da vida dos colunáveis em páginas diárias, por meio de imagens e registros de festas públicas, recepções privadas, datas comemorativas,

⁴² Pierre ANSART. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 22.

⁴³ Rogério Martins de SOUZA. *Dos canapés à política: ... Op. Cit.* p. 44.

casamentos e outras situações têm a função de legitimar os hábitos de setores da elite em espaços frequentados pelos detentores de figuras sociais dignas de destaque.

Interesses econômicos, políticos, culturais e até mesmo religiosos se apresentam nas colunas sociais e são marcados por uma modalidade de personalismo que se reveste de interesse coletivo e que é consumido por um público leitor muitas vezes distante dos meios em que se movem esses atores sociais. Assim a coluna social cumpre o papel de conferir uma lógica aceitável na medida em que “personas” são criadas e recriadas como legítimos ocupantes de seus postos.

Foi por meio da coluna social que Ibrahim Sued se destacou e ganhou poder em um grupo social que podemos denominar de *establishment* termo que em língua inglesa é usado para designar grupos e indivíduos que ocupavam/ocupam posição de prestígio e poder.

Segundo Frederico Neiburg:

“Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade” mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência.”⁴⁴

Ainda em língua inglesa, outro termo traz a perfeita relação oposta com a palavra *establishment* é a palavra *outsider*, por meio da qual se pode referir àqueles que estão fora da chamada boa sociedade, àqueles que estão de fora dos grupos de pessoas com acesso a determinados privilégios, ou seja, são aqueles que não fazem parte da “minoridade dos melhores do mundo social”, que se consideram os guardiões das tradições, dos bons costumes, do refinamento à mesa, da maneira de bem vestir, dos modos de bem se colocar, até mesmo de fazer parte de um clube minoritário, ou de obter informações políticas e econômicas privilegiadas, como também comandar festas e celebrações em clubes ou hotéis de luxo.

Ao buscar entender, por meio do colunismo social, o mundo da diferença ou até mesmo do reforço da desigualdade social entre os colunáveis (estabelecidos) e os “*outsiders*” (aqueles que chegaram depois), trata-se subsidiariamente do percurso no qual Ibrahim Sued se firmou e realizou para chegar de *outsider* a estabelecido na cidade do Rio de Janeiro. Ele o fez por intermédio de suas reportagens e da forma pela qual destacava as pessoas em suas colunas na imprensa escrita, falada e televisionada criando verdadeiros personagens.

⁴⁴ Frederico NEIBURG, Prefácio. In: Norbert ELIAS & John L. SCOTSON. *Os estabelecidos e os outsiders*: Op. Cit. p. 7.

Ibrahim Sued escreveu, falou, ensinou e ditou regras de bem-vestir, de comportamentos adequados e de etiquetas apropriadas em determinadas situações.

A cidade do Rio de Janeiro de Ibrahim Sued era considerada por muitos um lugar de bem-viver e de *glamour*, num tempo-espaço denominado bairro de Copacabana, onde “tudo” da chamada boa sociedade acontecia e onde ele foi testemunha privilegiada desse tempo-espaço deixando seus registros nas mais de trezentas mil notas, em suas colunas sociais.

Para Beatriz Resende:

“A crônica pode ser [...] a ocasião de aprender na evidência da seleção operada pelo cronista sobre a matéria do cotidiano que interpreta para si mesmo e para seus leitores, algo essencial em seu próprio ofício: a construção que faz sobre qualquer dimensão ou duração da temporalidade [...] é sempre igualmente uma leitura do real e não o real revivido [...]. É sempre seleção e sempre, essencialmente, interpretação.”⁴⁵

A crônica de Ibrahim Sued é assumidamente um rol de comentários subjetivos sobre o real que ele viveu e ele sempre enfocou, em sua narrativa, a ótica do seu tempo.

A cidade dessa época ficou conhecida como o Rio de Janeiro dos *anos dourados*, esse período relaciona-se a um momento ímpar de nossa história que corresponderia aos anos 1950, fase em que a cidade, ainda capital da República, afirmava sua identidade como polo da cultura nacional.

Os anos 1950 e 1960 – exatamente no final de uma década e começo da outra – foram o tempo que correspondeu politicamente ao mandato de Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK), homem que firmou a sua imagem de político de espírito otimista e empreendedor, um democrata que se identificou com o dístico de “presidente bossa-nova”, como passou a ser chamado.

Nessa época, o Brasil vivia as expectativas de um desenvolvimentismo formulado e, de certa forma, protagonizado por diversos setores da sociedade, que acreditavam em um crescimento econômico acelerado, na educação como atividade redentora do atraso e na escola pública de qualidade como meio de democratização e ascensão social. Sobretudo, foi o tempo em que se apostava na construção de Brasília como forma de antecipação de um futuro próspero típico de uma nação que se constituiria numa potência mundial.

⁴⁵ Beatriz RESENDE, (Org.). ... [et.al]. *Op. Cit.* p. 22-23.

A cidade do Rio de Janeiro foi seduzida por essa mística, cuja construção fez parte das manobras políticas do fim dos anos 1950 para ressaltar as qualidades e os aspectos culturais de uma cidade que, em breve, perderia o *status* de capital da Nação e se transformaria no Estado da Guanabara. Várias eram as dimensões desse debate que se alargou para assuntos de competências entre esferas de governo, mas que principiou na imprensa.

A esse respeito, Marly Silva da Motta analisou a tematização pela imprensa feita em a *Tribuna da Imprensa*, no artigo de 1º de novembro de 1956, denominado: Sobre a mudança da capital, que galvanizou politicamente o debate em torno do assunto.⁴⁶

“[...] o ano de 1958 colocou a cidade do Rio de Janeiro diante do desafio de deixar não só de ser a capital do país, mas principalmente a sua ‘vitrine’, a caixa de ressonância dos problemas nacionais. Como disse o editorial da *Tribuna da Imprensa*, ‘por força de secular trabalho de unificação, todos os caminhos vão ao Rio. E agora? [...]’

Dadas como irreversíveis a construção de Brasília e a transferência da capital, a questão do futuro do Distrito Federal passou a ganhar espaço na imprensa carioca. Entre julho e agosto de 1958, o *Correio da Manhã* publicou um conjunto de 32 reportagens, que, sob o sugestivo título de ‘Que será do Rio?’, [...] *O Jornal do Brasil* e a *Tribuna da Imprensa*, nesse mesmo período, também dedicaram várias matérias ao tema, numa clara indicação de que esse era um assunto que então mobilizava o povo e a imprensa cariocas.”⁴⁷

Segundo Sonia Maria de Castro Nogueira Lopes:

“A memória coletiva da cidade registrou a década de 1950 como um verdadeiro oásis diante dos arbítrios vividos no *antes* e no *depois*, interregno entre dois momentos extremamente autoritários: o Estado Novo de Vargas e a ditadura militar implantada em 1964.”⁴⁸

Em boa parte do mundo, a década de 1950, que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial, foi caracterizada por um clima político democrático e progressista, correspondente às forças que suplantaram o totalitarismo; bem como isso correspondeu ainda, a um razoável desenvolvimento econômico e a transformações culturais significativas sob o domínio do padrão dólar-ouro da moeda norte-americana.

⁴⁶ A Lei 2874/56, sancionada por Juscelino Kubitschek em 19 de setembro, constituiu a Cia. Urbanizadora da Nova Capital com o objetivo de transferir a capital do Rio de Janeiro (VelhaCap) para o interior do país. A inauguração de Brasília (Nova Cap) ocorreu em 21 de abril de 1960.

⁴⁷ Marly Silva da MOTT. *Saudades da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-75)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 31.

⁴⁸ Sonia Maria de Castro Nogueira LOPES. Políticas de formação de professores nos anos 1950: problematizando os “anos doutorados” do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. *Caderno de História da Educação*. – v.12, n°.1 - jan./jun. 2013. p. 334.

Por isso, os anos 1950, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, têm sido sintetizados retrospectivamente sob o rótulo de “Anos Dourados”.

Começando com o segundo governo de Getúlio Vargas, democraticamente eleito, a década constituiu um interregno de legitimidade institucional, bem como de confiança e otimismo quanto ao futuro do país por parte dos seus cidadãos.

“De fato, os Anos Dourados brasileiros presenciaram a realização de projetos ousados nos campos político e econômico, como o desenvolvimento da indústria automobilística e a construção da nova capital, Brasília, no governo de Juscelino Kubitschek. Em termos culturais, foi também nesse período que a Bossa Nova emergiu no cenário da música popular brasileira. No plano esportivo, recuperando o orgulho nacional ferido em 1950, o Brasil se tornou, pela primeira vez, campeão mundial de futebol. A década presenciou ainda um forte culto à beleza feminina, dentre cujas manifestações se encontravam os concursos de Miss Brasil e de Miss Universo, e os destaques do colunismo social.”⁴⁹

O Rio de Janeiro da época aqui focalizada era, como hoje, bastante ambíguo, onde Copacabana esbanjava charme, *glamour* e uma vida social agitada.

Nesta época:

“a então capital federal era uma cidade idealizada pelo Brasil e pelo mundo, onde se concentrava a boemia, a vida nas praias e tudo que havia de mais moderno nos costumes. Copacabana era o bairro mais quente da noite carioca.”⁵⁰

É neste ambiente que Ibrahim Sued começou a construir sua trajetória seguindo pelos anos 1960, 1970 até meados dos anos 1980.

Maria Izilda Silva de Matos assinala que:

“[...] os anos 50 são um período marcado pela ambiguidade. Ainda há uma naturalização de papéis sexuais: à mulher caberia a maternidade e a casa; ao homem, o sustento da família. Mas começam aparecer modificações como a crescente presença da mulher no mercado de trabalho e uma maior liberdade na expressão de seus desejos e expectativas. Apesar das transformações entre gêneros que começam a se operar e o fato de haver mulheres com estilos de vida modernos, a divisão entre papéis masculinos e femininos permanece muito tradicional.”⁵¹

⁴⁹ Celso Pereira de SÁ, Denise Cristina de OLIVEIRA, Rafael M. C. PECLY WOLTER. & Renata VETERE. A memória histórica dos Anos Dourados no Rio de Janeiro: Juscelino Kubitschek e a construção de Brasília. *Memorandum*, 21, out/ 2011. [Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP] p. 179-194.

⁵⁰ Maria Izilda Santos de MATOS. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005. p. 10.

⁵¹ *Idem*. p. 11.

Sonia Maria de Castro Nogueira Lopes analisou os “anos dourados” e a educação na cidade do Rio de Janeiro e apoiou-se em Ángel Rama⁵² afirmando que:

“a cidade e a escola obedecem a um projeto racionalizador e cresce unida no esforço de ordenar, selecionar, excluir, no afã de disciplinar indivíduos e espaços, a fim de moldá-los de acordo com a expectativa de alcançar o futuro ideologicamente sonhado, expresso pelos ideais de *progresso, civilização e desenvolvimento*. A ‘cidade maravilhosa’ sofria com o descaso dos políticos por seu destino. Indefinição e a ambiguidade foram as principais marcas da posição do governo Kubitschek quanto à situação do Rio de Janeiro após a transferência da capital para Brasília. Diante da irreversibilidade dos fatos, batizaram-na *Belacap*, em oposição à Brasília, a *Novacap*, um título que soava como prêmio de consolação para compensá-la do *status* que perdera. Mesmo deixando a condição legal de capital do país, o Rio deveria manter a aura de *capitalidade*, continuando a exercer a função simbólica de cidade-capital, ou seja, encarnar a síntese da nação, para além de uma dimensão político-administrativa.”⁵³

Como já foi dito, a Rio de Janeiro da época de Ibrahim Sued era bastante ambígua, mas parece que esta não é a percepção dos estabelecidos, dos que “estão no topo da sociedade”. Para esses personagens a sociedade está sempre dividida entre o grupo que se percebe, que é reconhecido como o dos estabelecidos locais e os restantes dos indivíduos – os “*outsiders*”.

Para o colonista e seus colonáveis, as relações que estabelecem reciprocamente se fundamentam nos chamados valores de uma boa sociedade – que são entre outros: poder figurar no rol de convidados de festas promovidas e nas quais estarão presentes os estabelecidos, manter posições de destaque que justifiquem a manutenção dessa modalidade de *status*, manter um padrão de elegância e atuar com modos e maneiras que justifiquem a distinção dos outros e demais que vivem no ostracismo por não participarem dessa espécie de bolha.

Norbert Elias desvenda esse mistério da análise sociológica, ou seja:

“revelando as propriedades gerais de toda a relação de poder [...] Os colonáveis são pessoas de uma camada social que muitas vezes, sentem-se superiores social e moralmente e reconhecem-se como pertencentes dessa dimensão social e que se relacionam numa relação de poder que muitas vezes se manifesta de modo abstrato. Portanto, para Elias ‘a força da Sociologia consiste em mostrar de modo empiricamente

⁵² Ángel RAMA. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 2015. (Ver cap. 4. A cidade Modernizada. p. 69-93).

⁵³ Sonia Maria de Castro Nogueira LOPES. Entre a história e a memória: os *anos dourados* dos cursos de formação de professores no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo02/Sonia%20Maria%20de%20Castro%20Nogueira%20Lopes%20-%20Texto.pdf> Acesso em 15.10.2016.

consistente o conteúdo universal dessa forma singular de relações de poder’.”⁵⁴

A análise sociológica assim posta buscou compreender o conjunto de pontos de vista, de posições sociais e contexto de época que deram forma a uma figuração social e, a partir disso compreender “os laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais”⁵⁵ e acabaram criando um modo de vida que se colocou como modelo.

A sociedade para a qual Ibrahim Sued escreveu foi marcada pelas diferenças sociais e é preciso entender a construção da realidade social da época, ou seja, tornou-se necessário uma “refletividade” usando os parâmetros das Ciências Sociais para que expressões como colunáveis e não colunáveis ficassem bem claras no universo social que dominava a cidade do Rio de Janeiro no período delimitado nesta pesquisa.

Para refletir sobre a trajetória de Ibrahim Sued incluindo os vínculos entre a sua trajetória pessoal, o que escrevia e para quem escrevia, tratou-se, pois de um percurso dentro dos parâmetros da Sociologia e, de certa forma, essa trajetória evidenciou as relações existentes entre a experiência social do colunista e a dimensão que o colunismo social alcançou no jornalismo brasileiro.

2.7 Coluna social e o jogo da figuração social

Buscou-se entender os processos sociais, ou maneira pela qual um grupo de pessoas pode monopolizar as oportunidades de poder, de informação utilizando-a para se autopromover, ou para marginalizar/estigmatizar membros de outro grupo social semelhante/concorrente, valendo-se da fofoca como “um poderoso instrumento” de figuração/refiguração das “imagens de nós”, das imagens dos outros grupos, “em suas autoimagens coletivas”⁵⁶.

Os artigos escritos por Ibrahim Seud foram contemporâneos de seu tempo, no sentido em que demonstraram de forma clara e contemplava duas dimensões: primeiro, respondiam aos desafios da sociedade; e, em segundo lugar, reinterpretava os fatos.

⁵⁴ Frederico NEIBURG. Prefácio. In: *Op. Cit.* p.8.

⁵⁵ *Idem.* p. 9

⁵⁶ Stefan MENNEL. Nota Introdutória. In: Norbert ELIAS & John L. SCOTSON. *Os estabelecidos e os outsiders: Op. Cit.* p. 13.

O presente estudo debruça-se sobre esses artigos de reinterpretação dos fatos de maneira a abrir espaço para seus personagens, ou seja, seus colunáveis, e de modo a compreender os desafios dessa sociedade.

Seu jeito de ser transpareceu no seu estilo de escrever e, com isso, inaugurou, ou melhor, Sued criou termos, maneiras de se expressar, de interpretar, de usos da linguagem e de empregar tropos de estilo, dando oportunidade de compreender seu imaginário, de interrogar a realidade social, cultural, econômica e política, a partir de outra ótica, de outra dimensão.

No caso das Ciências Sociais e, em especial o da Sociologia, o estilo de escrever, de se posicionar em suas colunas deixou inegavelmente claro que Ibrahim Sued inaugurou um estilo de fazer coluna social e se colocou como um pensador social interpretando a sociedade do Rio de Janeiro, fora da academia, nas páginas dos jornais e revistas para os quais escreveu.

A descrição dos aspectos sociais, políticos e econômicos de personagens da vida cotidiana do Rio de Janeiro mostrava a divisão entre uma sociedade formada por estabelecidos, que se colocavam como uma espécie de herdeiros/ relacionados/ merecedores dos – ou aqueles com os – benefícios resultantes do processo de formação da sociedade brasileira, e outra parte composta de imigrantes e de migrantes/ recém-chegados, que se posicionavam como *outsiders*.

É usual verificar que os estabelecidos se apoderam e fazem uso de expedientes que estigmatizam as pessoas vindas de outras partes, de outros segmentos e de outros lugares, como se fossem pessoas de menor valor, considerando-as como estranhas ao grupo: sem valor de pertencimento, sem carisma grupal, sem virtudes, sem elegância, faltando-lhes o “bom tom” que os bem-nascidos atribuem a si mesmos, ou seja, aos que se consideram estabelecidos.

Dessa maneira, a sociedade carioca dos anos aqui em estudo se colocava como uma pequena comunidade de um problema humano universal, que é o relacionamento e a maneira pela qual se desenhava a boa convivência.

Como nos diria Elias:

“vez por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que os outros grupos interdependentes se pensam a si a mesmos (se auto representam) como humanamente superiores.”⁵⁷

⁵⁷ Norbert ELIAS & John L. SCOTSON. *Os estabelecidos e os outsiders*. ... *Op. Cit.* p. 19.

O que se analisa, a partir dessas constatações, são vieses conservadores que acompanham e se fixaram como verdadeiras formas de sobrevivência de valores da “aristocracia” na sociedade dos bem-nascidos.

Voltando a Elias:

“até hoje, o termo ‘nobre’ preserva o ‘duplo’ sentido de categoria social elevada e de atitude humana altamente valorizada, como na expressão ‘gesto nobre’; do mesmo modo, ‘vilão’, derivado de um termo que era aplicado a um grupo social de condição inferior e, portanto, de baixo valor humano. Ainda conserva sua significação neste último sentido – como expressão designativa de uma pessoa de moral baixa.”⁵⁸

Os grupos sociais criam suas autoimagens e seus referenciais de poder, os grupos mais poderosos, os notáveis, os colunáveis se veem como grupos seletos, “melhores”, mais glamorosos, dotados de carisma, de charme, de beleza, de um “carisma grupal”, que os tornem repletos de virtudes diferenciadas, fato que é comum ao grupo, mas que os outros grupos não possuem e que, muitas vezes, fazem com que esses grupos não possuidores de certos atributos se sintam carentes de virtudes.

A indagação que subjaz é: de que maneira um grupo social sente-se superior a outro grupo?

Refletir sobre essa pergunta é ter um olhar e uma apreciação crítica sobre o que se quer dizer quando aparecem afirmações do tipo: que são descendentes de “famílias antigas”, portadores de valores tradicionais consolidados pelo tempo, que são dotados dos modos e maneiras de se portar adequadamente em sociedade e que no limite, supostamente, pertencem a extrações humanamente superiores às demais pessoas que compõem grupos de formação mais recente.

Quem nunca se deparou com a famosa pergunta: “de que família você é?” Fazendo subentender que ser conhecido pelo nome de família confere um diferencial na qualidade das pessoas, ou seja, o diferencial entre os estabelecidos e os que chegam depois, entre uns e os “recém-chegados” que não puderam reunir papéis e posições consideradas relevantes. Melhor argumentando, que não se inseriram nos grupos de poder, ou estão em vias de se inserirem, pois são ainda considerados “os de fora”.

Para Elias:

“Esses próprios recém-chegados depois de algum tempo, pareciam aceitar, como uma espécie de resignação e perplexidade, a ideia de pertencerem a um grupo de menor virtude e respeitabilidade.”[...]

⁵⁸ Norbert ELIAS & John L. SCOTSON. *Ibidem*.

“O grupo de estabelecidos sempre confere a seus membros características superiores e exclui de seu contato social aqueles que não são aceitos como superiores, que supostamente não deveriam ser aceitos.”⁵⁹

As Ciências Sociais, entendidas como produtoras de um saber seguro, rigoroso e acumulável e que se sustenta na liberdade do indivíduo, nas suas escolhas, decisões e ações que têm força e poder, passaram a ser mobilizadas para dar conta do objeto dessa investigação. Nessa perspectiva, foram entendidas como centrais nessa tarefa, as ações de um indivíduo ao qual, para além de ser imitado, submetido a críticas ácidas e muitas vezes tratado pejorativamente, trilhou um caminho de ascensão social escrevendo sobre a boa sociedade e sobre os trejeitos que a qualificava.

Ao estudar o colonismo social e pensar na sua função tornou-se um exercício, acima de tudo, de entendimento da rede de pessoas em que uma determinada ação esteve inscrita.

Como perceber a dinâmica social dos bem-nascidos tratada na coluna social como lugar ostentatório de uma vida coletiva, como lugar de ritualização da etiqueta, como reportagem das festas dignas de serem comentadas, como áura de *glamour* e pelo que se diz do bem vestir?

A sociedade dos bem-nascidos, o *high society*, pode ser comparado à sociedade de corte.

“uma formação social na qual são definidas de maneira específica as relações existentes entre os sujeitos sociais e em que as dependências recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros engendram códigos e componentes originais.”⁶⁰

O topo da sociedade, ou a sociedade dos grã-finos, dos bem-nascidos, pode ser entendido como uma parcela da sociedade que é dotada de regras e é inteiramente organizada a partir delas. Desse modo, se constitui em uma forma particular de sociedade que desempenha um papel central e se organiza de acordo com o conjunto de relações sociais de poder e de *status*.

Compreender a sociedade em que viveu Ibrahim Sued, ou seja, a sociedade da cidade do Rio de Janeiro, a partir dessa formação social, que pode ser qualificada como

⁵⁹ Norbert ELIAS & John L. SCOTSON. *Idem*. p.20.

⁶⁰ Roger CHARTIER. Prefácio. Formação social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador. In: Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 8.

a “sociedade dos bem-nascidos, ou dos estabelecidos”, resulta em um estudo de caso que pode cumprir aquilo que ficou registrado por Chartier:

“o estudo de caso permite atingir o essencial, ou seja, o esclarecimento das condições que tornam possível a emergência e perpetuam a existência de tal forma social.”⁶¹

O que se pretende é entender os efeitos de uma parte da sociedade no interior da sociedade, constatando formas e os funcionamentos sociais.

“Uma das questões centrais da Sociologia, talvez a questão central seja saber de que modo e por que os indivíduos estão ligados entre si constituindo, assim figurações dinâmicas específicas.”⁶²

Pensar o próprio objeto da Sociologia nos remete mais uma vez a Elias em *Qu'est-ce que la Sociologie?* Assim ao definir o objeto de estudo da Sociologia como as “redes de inter-relações, as interdependências, as figurações e os processos formados pelos homens interdependentes.”⁶³

Tal conceito nos leva ao significado de *Figuration*; assim é necessário se faz entender o que significa figuração.

“Figuração é uma formação social, cujas dimensões podem ser muito variáveis (os jogadores de um carteadado, a sociedade de um café, uma classe escolar, uma aldeia, uma cidade, uma nação), em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões.”⁶⁴

Ainda, para Chartier, na obra de Elias:

“podemos perceber que as noções de *figuração, interdependência e equilíbrio das tensões* estão estritamente ligadas umas as outras, permitindo deslocar diversas oposições clássicas herdadas da tradição filosófica ou sociológica e, em primeiro lugar a estabelecida entre liberdade e determinismo.”⁶⁵

A liberdade do sujeito se apoia na interdependência que o ligam na convivência com outro sujeito e que lhe dá a medida do que fazer ou não fazer e isso determina o jogo social, que pode ser representado por um tabuleiro de xadrez.

“ [...] como um jogo de xadrez cada ação decidida de maneira relativamente independente por um indivíduo representa um movimento no tabuleiro social, jogada que por sua vez acarreta um

⁶¹ Roger CHARTIER. Prefácio ... *Idem*. p.9.

⁶² *Idem*. p. 13.

⁶³ *Idem. Ibidem*. (Roger Chartier nesse ponto se refere à obra de Norbert Elias denominada *Was ist Soziologie?* Munich: Juventa Verlag - Grundfragen der Soziologie, vol. I. 1970.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ *Ibidem*.

movimento de outro indivíduo – ou, na realidade, de muitos outros indivíduos.”⁶⁶

Dessa maneira pode-se entender que a cadeia de interdependência é variável, complexa sendo ela que define a especificidade de cada formação ou figuração social, por exemplo: a sociedade dos bem-nascidos, dos estabelecidos, ou a sociedade dos outros dos *outsiders*.

“Daí a possibilidade de transcender a oposição entre o homem considerado como indivíduo livre e sujeito singular e o homem considerado como ser em sociedade integrado nas solidariedades e comunidades múltiplas.”⁶⁷

A figuração social é que liga um sujeito ao outro, como por exemplo, em um jogo de cartas; o jogo não tem existência própria a não ser para os homens que jogam, porém, o comportamento de cada um é regulado, pela interdependência das relações dos jogadores com a figuração que é o jogo das cartas.

Elias assim escreve:

“Nem ‘jogo’ nem os ‘jogadores’ são abstrações. Ocorre o mesmo com a figuração que os jogadores formam ao redor da mesa. Se o termo ‘concreto’ tem um sentido, pode-se dizer que a figuração formada por esses jogadores, e os próprios jogadores, são igualmente concretos. O que é preciso entender por figuração é a imagem global sempre mutante que formam os jogadores; ela inclui não apenas o intelecto deles, mas toda sua pessoa, as ações e as relações são recíprocas.”⁶⁸

As relações dos indivíduos devem ser reais, porém muitas vezes invisíveis, mas que estão associadas à natureza da formação social em que estas se inscrevem. Segundo Elias, existe uma propriedade que é universal, estrutural em todas as formações sociais, mesmo que o equilíbrio das tensões tenha desenhos específicos.

“No centro das figurações móveis, ou seja, no centro do processo de figuração, se estabelece um equilíbrio flutuante das tensões, um momento pendular de equilíbrio das forças que oscilam ora para um lado, ora para o outro. Esses equilíbrios de forças flutuantes incluem-se entre as particularidades estruturais de qualquer figuração”⁶⁹.

A tarefa do sociólogo é identificar e compreender as diferentes formações sociais que Elias chama de *Figuratransanalyse*. Para ele, essa figuração se dá em modos e ritmos da evolução das sociedades humanas: a evolução biológica (*biologische Evolution*), a

⁶⁶ Norbert ELIAS. *Qu'est-ce que la Sociologie?* Paris: Pandora, 1981. p. 158. *Apud.* Roger CHARTIER. Prefácio. ... *Idem. Ibidem.* (p.13).

⁶⁷ *Idem.* p. 14.

⁶⁸ Norbert ELIAS. *Qu'est-ce que la Sociologie?* *Op. Cit.* p. 157. *Apud.* Roger CHARTIER. *Ibidem.* (p.14).

⁶⁹ *Ibidem.*

evolução social (*geselles-chaftliche Evolution*) e a evolução vivida na escala da história individual (*Geschichte*).

Dessa forma, pode-se pensar na cronologia da análise sociológica como aquela da evolução social, que se forma pelo encadeamento sucessivo das existências individuais e ela pretende marcar duas propriedades estruturais das formações sociais que são: as posições e as relações, que lhe conferem especificidade independente dos indivíduos que ocupam posições e se acham inseridos em uma relação de relações.

Entender o desenvolvimento das figurações implica entender as interdependências conflituais e as tensões em equilíbrio que devem caracterizar cada formação social.

As figurações sociais constituem uma rede de posições ocupadas pelos indivíduos que se relacionam e criam as evoluções sociais, que são ações voluntárias de um ou de vários indivíduos. Essas evoluções resultam do equilíbrio instaurado, perpetuando ou rompendo entre os grupos de uma sociedade e isto acontece em virtude das interdependências que unem os sujeitos de uma sociedade.

Nessa pesquisa, essa figuração formada pela sociedade da cidade do Rio de Janeiro, está em consonância com a cidade que se constituiu como centro de influência política do país, uma vez que, até os anos 1960, era a capital federal que centralizava grande número de funcionários da burocracia civil, dos aparatos militares, da imprensa, empresários dependentes de obras estatais, onde as relações estão fundamentadas no poder.

“Quando em uma unidade social de certa extensão, um grande número de unidades sociais menores, que por sua interdependência formam a grande unidade, dispõem de uma força social quase igual e podem por esse motivo, livremente – sem ser incomodadas por monopólios lá existentes – rivalizar pela conquista das oportunidades de poder social, em primeiro lugar dos meios de subsistência e de produção, a probabilidade é grande de que uns saiam vencedores, os outros vencidos nesse combate (*konkurrenzkampf*) e que as oportunidades acabem por cair nas mãos de um pequeno número, enquanto os outros são eliminados ou caem sob dependência de alguns.”⁷⁰

À medida que os indivíduos se subjugam às colunas sociais, a unidade de dominação se torna hegemônica e tomam corpo a partir do seu interior: o senhor central neste caso apodera do poder de dominação. Sua atuação, ou seja, sua dominação depende do equilíbrio entre os grupos sociais mais poderosos.

⁷⁰ . Norbert ELIAS. *La dynamique de l'Occident*. Paris: Calmann Levy, 1975. p. 31. *Apud*. Roger CHARTIER. Prefácio ... *Idem*. p.16.

“A hora de um poder central forte em uma sociedade de alto nível de diferenciação se aproxima quando a ambivalência dos interesses dos grupos funcionais mais importantes é tão marcada, quando os centros de gravidade se distribuem de maneira tão equivalente entre si que não pode existir, seja de que lado for, nem compromisso, nem combates, nem vitória decisiva.”⁷¹

Na sociedade carioca entre os estabelecidos e os “*outsiders*”, o equilíbrio das tensões é condição para a construção do poder.

A formação social assegura muitas vezes a sua dominação, o colonista e os estabelecidos são ao mesmo tempo rivais e unidos em uma aliança que determina interesses sociais. O colonista, opina e retrata o que vê como um cronista e, em função dos meios de que dispõe – uma coluna de jornal que fala para muitos e de todos.

Disso decorre que ele deve se apresentar como mais forte que o grupo isolado, mesmo porque sua opinião comumente cai em uma arena de tensões.

“Um equilíbrio tão marcado por tensões, que concedia as duas ordens direitos quase iguais e não permitia a nenhum dos dois grupos antagonistas prevalecer sobre o outro.”⁷²

O antagonismo existente entre os grupos sociais dominantes pode ser resultante da diferenciação que os indivíduos ocupam na sociedade. O colonista social é peça fundamental na sociedade e na reprodução das tensões. Portanto, são os grupos sociais e seus jogos de projeção que permitem ao colonista legitimar seu poder pessoal.

O poder exercido pela mídia, o poder da veiculação de notícias e a etiqueta social são instrumentos de poder que definem a forma social, que, neste caso, é a sociedade dos “bem-nascidos”.

Dessa forma, podem-se avaliar dois estados sociais. O primeiro é aquele que as relações entre grupos sociais não precisam ser compreendidas como a luta de classes. O outro estado social é o da ambivalência de cada relação social, ou seja, da rivalidade entre os bem-nascidos, o restante da sociedade e o poder que o colonista adquire. Isso leva a supor que existe um interesse comum em manter uma figuração social que assegure, a cada um, posições privilegiadas. O apoio entre os bem-nascidos, a distinção dos colonáveis sobre o restante da sociedade, através da qual se percebe a superioridade de ambos. Porém, é na aproximação dos colonáveis com o colonista social que se nota o inverso, qual seja: a submissão dos colonáveis ao colonista.

⁷¹ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p. 115.

⁷² *Idem.* p. 181-182.

Assim, o grupo social dos bem-nascidos e colunáveis assume uma posição dependente cabendo ao colunista social que se “encontra em posição de manipular o equilíbrio das tensões - que esta na própria origem de seu poder.”⁷³

A manipulação de antagonismos é o espaço próprio de atuação do colunista, o exercício e a legitimação de sua função dependem de como ele equaciona os antagonismos com os quais se depara. Existe uma influência recíproca entre os bem-nascidos e o colunista.

Mesmo que o colunista possa ser considerado por muitos como “mediocre”, seu ofício é indispensável para manter as regras coercitivas entre os colunáveis e o restante da sociedade. O colunista e o produto de seu trabalho, a coluna social, são instrumentos de dominação do *high society* e serve para manter e significar superioridade social.

A instauração desse processo é a um só tempo resultado e o começo de um novo equilíbrio social, são acompanhados de evoluções mais significativas designadas por Elias como constitutivas do processo civilizador.

Chartier, ao tratar o processo civilizador, recorre uma vez mais a Elias e ensina que:

“À medida que se diferencia o tecido social, o mecanismo sociogenético do autocontrole psíquico (*Selbstkontrollapparatur*) evolui igualmente rumo a uma diferenciação, uma universalidade e uma estabilidade maiores. [...] A estabilidade particular dos mecanismos de autocoerção psíquica (*Selbszwangapparatur*) que constitui o traço típico do *habitus* [*Habitus*] do homem ‘civilizado’ está estreitamente ligado à monopolização da coerção física e à solidez crescente dos órgãos sociais centrais. É precisamente a formação de monopólios que permite a instalação de um mecanismo de ‘condicionamento social’ graças ao qual cada indivíduo é educado no sentido de um rigoroso autocontrole. Aí está a origem do mecanismo de autocontrole individual permanente cujo funcionamento é em parte automático.”⁷⁴

No tempo da longa duração, os indivíduos aqui entendidos em seu sentido de figuração social constituem um “dispositivo central, ao mesmo tempo laboratório de comportamentos inéditos e lugar de elaboração de novas normas.”⁷⁵

Os fundamentos da formação social para Elias podem ser enunciados como tendo princípios paradoxais.

⁷³ Roger CHARTIER. Prefácio... *Op. Cit.* p.19.

⁷⁴ Norbert ELIAS. *La dynamique de l'Occident*. p. 193-4. *Apud.* Roger CHARTIER. *Op. Cit.* p.16.

⁷⁵ Roger CHARTIER. *Idem.* p.20.

O primeiro seria a sociedade dos bem-nascidos a qual representa uma figuração em que a maior distância social se manifesta na maior proximidade espacial. Acontece assim com os bem-nascidos onde o seu dia a dia se cruza com a vida de sua criadagem e do restante da sociedade. Chega-se, dessa forma, a um dos traços mais importantes e originais da sociedade dos bem-nascidos: a interface existente entre a vida privada e a vida social (pública).

Para o colunista social e seus colunáveis, todos os gestos e todas as condutas que são considerados de foro íntimo, sigiloso, privado são vivenciados como normas que permitem ler a ordem social e modelo a ser copiado.

O segundo princípio é o ser social do indivíduo que é identificado com a representação que ele atribui a si mesmo ou é atribuído a ele por outra pessoa.

“A ‘realidade’ de uma posição social aí é apenas o que a opinião julga que ela é: ‘Era o reconhecimento pelos outros da qualidade de membro desta sociedade que, em última análise, determinada essa própria qualidade (p.113)’. Essa ‘representação da posição pela forma’ tem diversas implicações importantes: funda uma economia aristocrática da ostentação que regula as despesas segundo as exigências da posição que se pretende manter; constitui as hierarquias da etiqueta como o modelo das diferenças sociais, faz dos diferentes papéis e lugares no cerimonial de corte a condição essencial da competição social. Em tal formação, a construção da identidade de cada indivíduo está sempre no cruzamento da representação que faz de si mesmo e da credibilidade concedida ou recusada pelos outros a essa representação.”⁷⁶

Nesse jogo, o colunista tem um peso, o maior, uma vez que, por meio de sua coluna, determina posições que podem gerar equilíbrio temporário em direção a outros equilíbrios possíveis; já que ele determina a posição social de cada indivíduo. A disputa pelo destaque e pelo prestígio entre os colunáveis se transforma em luta pelas vantagens do poder social que é reafirmada pela imprensa.

Em moldes que guardam semelhanças com o que Elias verificou na sociedade de corte em relação à burguesia, o fundamento da superioridade social, que se constitui com a coluna social, se afirma também por intermédio de posições simbólicas, pois é aceitando as formalidades, a etiqueta e o bem vestir que os bem-vestidos e bem-nascidos se mantêm no topo da hierarquia social e se afastam do restante dos indivíduos sociais.

⁷⁶ Roger CHARTIER. Prefácio. ... *Idem*. p.21. (Referências de Roger Chartier ao capítulo V: Etiqueta e cerimonial: comportamento e mentalidade dos homens como funções da estrutura de poder de sua sociedade. p. 97-131. In: Norbert ELIAS. *A sociedade de corte*: ... *Op. Cit.* p.113).

Assim os bem-nascidos procedem a sua autorepresentação, cada uma das outras e todas elas se distinguindo conjuntamente em relação àquilo e àqueles que são estranhos ao grupo, ou seja, um modo de distinção dotado de um valor autossuficiente.

O colunista social está nesta lógica da autorepresentação e ele também se submete à etiqueta que sugere/impõe a seus leitores e colunáveis e que, muitas vezes, lança mão deste valor auto suficiente como poder de dominação.

Aí permanece à frente de um impasse: a distinção entre a realidade da maneira de se apresentar e no modo de exibir uma aparência pessoal que se destaca entre os demais, a exibição de uma superioridade que implica na dependência dos demais; o cotidiano dos colunáveis requer de seus indivíduos propriedades específicas, que não são comuns à vida geral em sociedade.

A maneira de observar a si mesmo e ao outro, a contínua necessidade de sancionar positiva e negativamente comportamentos dos que pretendem se mater inseridos, a obrigação de manejar com sentimentos implícitos na convivência social dos estabelecidos, a importância de evidenciar as paixões predominantes no ambiente e a incorporação das normas sociais que regem, ou passam a reger as relações sociais do grupo são aspectos do ofício do colunista social.

Os bem-nascidos, sob o foco dos colunáveis, modificam as maneiras de pensar, a estrutura das suas personalidades e perfazem uma constante remodelagem afetiva, pois, estão condicionados a uma “rede cercada de autocontroles automáticos que refreiam todos os impulsos espontâneos, todos os movimentos imediatos.”⁷⁷

A camada social dominante cria, recria e difunde modelos e comportamentos elaborados e utilizados na sociedade. “[...] o processo civilizador consiste justamente na generalização, para toda a sociedade, das proibições, censuras e controles por um tempo peculiares à maneira de ser dos homens de corte.”⁷⁸ Quanto a esse aspecto estudado por Elias na qualificação da crescente racionalização empreendida na sociedade de corte:

“Com a etiqueta, a sociedade de corte procede à sua autorepresentação cada pessoa em particular distinguindo-se umas das outras e todas elas se distinguindo conjuntamente em relação aos estranhos ao grupo, de modo que cada uma em particular e todas juntas preservam sua existência como um valor autossuficiente.”⁷⁹

⁷⁷ Roger CHARTIER. *Idem. Ibidem.*

⁷⁸ *Ibidem.*

⁷⁹ Norbert ELIAS. *La dynamique de l'Occident*, p. 120. *Apud.* Roger CHARTIER. *Ibidem.* (p.21).

Na sociedade dos caixas-altas a generalização dos comportamentos é o resultado de uma luta de concorrência, competição e apropriação que faz com que as camadas dos “caixas-baixas” imitem a maneira de ser, a etiqueta, os modos de vestir dos primeiros e é o colunista social que faz expandir essa generalização.

“Essa competição pela apropriação ou, ao contrário, o confisco perpétuo da distinção é o motor social, uma vez que leva a aumentar as sofisticações do *savoir-vivre*. A circulação dos modelos de comportamento reprodutora das diferenças culturais no próprio seio de um processo de imitação e de difusão social deve ser pensada no mesmo horizonte conceitual que a ‘circulação das coerções’ evocada por Elias no final da *Sociedade de Corte* (p.265).”⁸⁰

Assim, Elias deixa claro que a ‘coerção social’ só existe do topo para a base da sociedade. A atração exercida pelos colunáveis nas camadas inferiores da sociedade não ocorre sem “produzir reações, que reforçam nos poderosos os dispositivos de autocoerção.”⁸¹

As relações entre: os colunáveis, o colunista e as camadas inferiores leitoras das colunas sociais caracterizam-se na medida em que “cada formação ou figuração social”, a partir da rede específica das interdependências. Essas redes perfazem as ligações dos indivíduos uns aos outros e compreendem diretamente em suas dinâmicas padrões de reciprocidade das relações mantidas pelos diferentes grupos.

Nesse sentido, a coluna social evita as representações simplistas unívocas e petrificadas da dominação social, ou da difusão da cultura das elites de bem-nascidos, ou ainda, como denomina Pierre Bourdieu, constroem uma espécie de “arbitrário cultural dominante” próprio das interdependências que qualificam o campo da coluna social e que, em decorrência disso, provoca um *habitus* e, simultaneamente um modo de agir e se portar típico do campo da coluna social que é encarnado pelo colunista social.

O ponto de partida da contribuição bourdiana às ciências sociais é que os objetos do conhecimento não são dados, são construções. Tais construtos decorrem de princípios de vontade, todavia não estão ancorados unicamente na subjetividade, já que coadjuvam estruturas de ação preexistentes que são fundamentais para a compreensão do mundo pelo sujeito.

Se se pensa que o princípio da construção dos objetos reside em um sistema de disposições “estruturadas e estruturantes”, que são constituídas no fazer prático e são

⁸⁰ Roger CHARTIER. *Idem*. p.23.

⁸¹ *Ibidem*.

sempre orientadas no seu sentido prático, essas disposições são introjetadas pelo sujeito durante sua trajetória na vida social. Desse modo, a “estrutura estruturada” predis põe os agentes a atuarem como “estrutura estruturante” e essas disposições dão ensejo a um conjunto de práticas e representações do qual redundam o *habitus*.

O *habitus* coadjuva instituições estruturadas e agentes estruturantes de um modo “extraordinário e notável”. Trata-se de um:

“Princípio gerador duravelmente acrescido de improvisações reguladas, o *habitus* como sentido prático opera a *reativação* do sentido objetivado nas instituições: produto do trabalho de inculcação e de apropriação que é necessário para que esses produtos da história coletiva que são as estruturas objetivas consigam se reproduzir sob a forma das disposições duráveis e ajustadas que são a condição do seu funcionamento, o *habitus* se constitui ao longo de uma história particular, impondo sua lógica particular à incorporação, e por quem os agentes participam da história objetivada nas instituições, é o que permite habitar as instituições, se apropriar delas na prática, e assim, mantê-las em atividade, em vida, em vigor, arrancá-las comumente do estado de letra morta, de língua morta, de fazer reviver o sentido que ali se encontra depositada, mas impondo-lhe as revisões e as transformações que são a contrapartida e a condição da reativação.”⁸²

Assim, se é a coluna que transforma o colunista em senhor do colunismo, o que torna o colunista um agente estruturante tem em sua origem o próprio colunismo preexistente e estruturado em todas as suas injunções que, para reativá-las ou para reproduzi-las o colunista exerceu algo de extraordinário e notável imprimindo-lhe estilo e um tom de muito pessoal. Para Bourdieu, entretanto, deve-se afastar da concepção de que o princípio do *habitus* tenda à função de um prestidigitador ou uma instância de vontade superior em relação às suas marionetes:

“Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de *disposições* duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.”⁸³

⁸² Pierre BOURDIEU. *O senso prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 94-95..

⁸³ *Idem*. p. 87.

2.8 O papel do privilégio na capital da República e a dinâmica de ascensão social

A cidade do Rio de Janeiro dos anos aqui em estudo, quando apreciados pelo viés das transformações experimentadas pela imprensa revela a consolidação das camadas burguesas que se encontravam excluídas do poder que era dominado pelas elites tradicionais e a coluna social é parte de um processo que instaurou novo equilíbrio social mediado pela formação de uma nova figuração. Isso se traduziu em uma nova distribuição das posições sociais, que pode ser entendida como a instalação de uma nova formação social inédita. “[...] onde o que mudou não foi apenas a identidade dos dominantes, mas a própria imagem do equilíbrio das tensões entre os grupos e as cadeias de interdependência entre os indivíduos.”⁸⁴

É preciso pensar a sociedade carioca marcada pelo *status* de capital federal e que apresentava uma modalidade de separação entre a vida pública e a vida privada, bem como uma hierarquia de valores que conferia êxito social.

Numa cidade do Rio de Janeiro que exibia uma sociedade com figurações sociais e com uma população diferenciada nas suas funções, em decorrência do serviço público e das carreiras da administração pública, tendo forte tendência em concentrar o poder nos escalões da República e nos negócios de estado, não é difícil de imaginar condições excepcionais para a constituição de um público que se identificava com os “caixas-altas” e a meticulosa autoconstrução da figura de Ibrahim Sued na posição de colunista social que sobrepujava muitas vezes as outras posições.

Dessa forma, o colunista e as figurações que ele passou a evidenciar nas colunas diárias (ele próprio e a sociedade de “gente” a que ele muitas vezes se referiu) constituíram a formação de uma elite poderosa que se mostrava cheia de prestígio e se autoproclamava como detentora do “topo” da sociedade. A coluna social, em grande medida, cumpria esse papel.

Portanto, colunista e sociedade de elite - os “caixas-altas” são figurações específicas formadas de pessoas que buscavam afirmação em seu meio social.

A ascensão de Ibrahim Sued está ligada a uma elite poderosa que necessitava ser prestigiada e de se autoproclamar como detentora desse prestígio.

⁸⁴ Roger CHARTIER. Prefácio. ... *Op. Cit.* p. 24.

Qual seria então a dinâmica dessa sociedade, como ela se forma, e qual é o papel do colunista social? O colunista social faz parte de uma rede específica de interdependências, pois para manter sua posição e seu espaço de atuação é necessário estabelecer estratégias muito bem articuladas entre figuração particular e figuração social.

É possível também compreender o papel do colunista e da elite a que ele se refere como algo que se apresenta inalterado ao longo do tempo, já que “fazem” parte de uma “sequência de gerações que [querem que] sejam encaradas por quem toma parte nelas como inalterável, como formas de sociedade que permanecem sempre iguais.”⁸⁵

Na formação social da cidade do Rio de Janeiro, os indivíduos que se colocavam no topo da sociedade, do ponto de vista da coluna social e de Ibrahim Sued, compunham uma figuração formada por um tripé: colunista-poder-prestígio.

Dessa forma é possível compreender:

“a interdependência funcional dessas posições, assim como todas as outras dentro de uma sociedade que traz consigo uma certa exclusividade. [...] cada um dos indivíduos que formam tais figurações é singular e único.”⁸⁶

Norbert Elias afirma ainda, que:

“a própria figuração pode se manter ao longo de muitas gerações, com um ritmo de modificação relativamente limitado. Figurações quase idênticas, ou que em todo caso se encontram num processo de modificação bem lento, podem no entanto ser formadas por diversos indivíduos que se sucedem rapidamente.”⁸⁷

Se cada ser humano empreende a sua própria luta, o conceito de figuração aproxima-se dos escritos de Max Weber quando ele define modelos de consagração “imperialistas” determinantes, que se encontram em movimento, mas num fluxo lento, como “tipos ideais”. Weber trabalhou com modelos da burocracia da cidade, do estado ou da sociedade capitalista, dizem muito pouco com respeito a nexos humanos de pessoas concretas, na medida em que ele não escreveu a respeito das figurações de indivíduos interdependentes.

“Huelga decir que todos los grupos que dentro de una comunidad se encuentran en situación de poder dirigir la acción colectiva están poseídos por el apasionamiento ideal inherente al prestigio del poder, y son siempre los más leales mantenedores de la idea del ‘Estado’ en cuanto idea de una forma de poder imperialista que exige una consagración incondicionada. Además de los intereses imperialistas materiales a que hemos hecho ya referencia, colaboran en ello los

⁸⁵ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p. 38.

⁸⁶ *Ibidem.*

⁸⁷ *Ibidem.*

interesses en parte indirectamente materiales y en parte ideales de las capas idealmente privilegiadas por la existencia de tal organización política. Se trata ante todo de los que se consideran 'participes' específicos de una específica 'cultura' que abarca el círculo de los que están interesados en una forma política.”⁸⁸

As figurações formadas pelos indivíduos apresentam um ritmo de transformação lento, ou seja, de longa duração e estão relacionadas a formas de distribuição do poder na sociedade.

Graças à posição social que ocupa o colonista, devido a manobras e articulações que faz, ele se destaca em comparação aos outros indivíduos, e as particularidades de sua individualidade se sobrepõem às dos outros, sendo por isso, considerado único, badalado e excepcional. O desenrolar de seu prestígio e de sua posição social caminham lado a lado. Pela estrutura da própria sociedade, sua posição ganha elasticidade e seu poder exerce influência dentro de limites determinados.

Ao lado dos indivíduos detentores do poder, ou seja, da elite, Ibrahim Sued conseguiu prestígio e graças a isso galgou posições justificadas a partir de seu próprio empreendedorismo, pois atuou como *marchand* de obras de arte, fez aconselhamentos de cunho financeiro – onde investir, onde comprar, o que comprar – e se destacou como símbolo “representativo da singularidade e excepcionalidade da cadeia do sistema social, por meio da inclusão dos outros aspectos do desenvolvimento de uma sociedade.”⁸⁹

Ibrahim Sued foi uma exceção “uma individualidade em si”, então não é fácil:

“evitar a interpretação automática do prestígio social de uma pessoa, de suas realizações, características e manifestações, como valor de um indivíduo singular, como grandeza pessoal.”⁹⁰

Ibrahim Sued era um indivíduo que não fazia parte da elite, precisou encontrar uma via de acesso para ela, pois tinha relativamente pouca oportunidade de demonstrar suas potencialidades individuais por meio de ações, ou por meio de suas competências intelectuais, que lhe conferisse *status* ou prestígio social no sentido da escala social de valores tradicionais: não era médico, nem engenheiro, não era político, não era intelectual, não era ao menos funcionário do escalão da República.

Investigando a elite carioca é possível entender que sua estrutura fornecia ou obstruía para homens de outras camadas sociais alçarem posições nessa sociedade, ou

⁸⁸ Max WEBER. *Economía y sociedad: esbozo de una sociología comprensiva*. 2ª Ed. México: Fondo de Cultura Económico. 1997. p. 679.

⁸⁹ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p.41.

⁹⁰ *Ibidem*.

seja, Ibrahim Sued pela sua posição social não pertencia à elite, com isso não podia almejar posição de poder.

Mas foi por essa posição social que ele lutou durante toda sua trajetória de vida, como colunista social.

Ao ocupar tal posição, evidenciou que almejava ser reconhecido socialmente e, por consequência, ser respeitado e ter poder e influência.

Quanto à posição que passou a ocupar na estrutura da sociedade carioca, ele queria ganhar projeção social e essa posição estava fora de seu alcance. Então, logrou êxito por exercer uma atividade jornalística – a de colunista social, que correspondia ao gosto das elites, quer fossem pelos jogos de intrigas e fofocas ou pelo simples fato de aparecer como jornalista de sucesso. E foi a coluna que lhe conferiu destaque na medida em que as pessoas e os registros de suas posições sociais eram exigências daquela sociedade.

A ascensão e o desenvolvimento da individualidade de Ibrahim Sued, quanto a seu comportamento como colunista são incompreensíveis sem referência a um modelo sociológico. Escrevia mal, cometia erros de escrita, criava termos, frases, e talvez ele próprio não conseguisse enxergar a dimensão de sua posição social no interior da estrutura de poder dessa sociedade.

A sociedade carioca e Ibrahim Sued em seu tempo foram algo único, pois o próprio Ibrahim constituiu-se em um fenômeno singular e exclusivo de seu tempo, ele era uma pessoa singular, diferente, pois acabou criando um raio de ação significativo que lhe proporcionou noticiar assuntos únicos e exclusivos, mas é preciso entender, também, a margem de manobras de suas ações.

O papel representado por Ibrahim Sued no colunismo social o distinguiu por sua individualidade. A posição alcançada pelo colunista pode ser compreendida como uma posição constituída a partir de como ele interpretou as figurações nas elites de sua época e como esteve presente na dinâmica social da vida carioca.

Para executar esse passo, é importante e necessário levar em conta a relação existente entre a pessoa individual e a posição social do colunista.

“Os conceitos de ‘indivíduo’ e ‘sociedade’ geralmente são usados como se dissessem respeito a duas substâncias distintas e estáveis. Por esse uso das palavras, é fácil ter a impressão de que elas designam objetos não só distintos, mas absolutamente independentes em sua existência.

Mas na realidade designam processos. Trata-se de processos que de fato se diferenciam, mas são indissociáveis.”⁹¹

O desenvolvimento da pessoa do colonista e sua posição caminharam de mãos dadas.

“Mas a ‘pessoa pura’, o ‘indivíduo em si’, não passa de um produto artificial da capacidade de imaginação filosófica, assim como a ‘coisa em si’. O desenvolvimento das posições sociais que um indivíduo ocupa, desde a infância, não é único e excepcional no mesmo sentido da singularidade do indivíduo que as ocupa.”⁹²

A determinação da singularidade no caso de um colonista social é fragmentada e deve ser abordada a partir da posição que ele ocupou na sociedade e a possibilidade de um indivíduo conservar, por anos a fio, uma posição social e estender seu o raio de influência para além de seu círculo de prestígio. Isso se deve, certamente, a relações sociais e de poder estabelecidas ora em âmbito societário fechado, ora em âmbito aberto.

Para que incontável número de pessoas atribuisse estatuto de verdade às afirmações de um único indivíduo, no decorrer da vida social comum, notadamente quando esse estatuto de verdade se referia a fatos privados que se tornavam públicos ou a fatos públicos noticiados como ações isoladas de pessoas seria necessário algum mecanismo de dominação-aceitação.

Nos escritos de Max Weber sobre a Sociologia do poder encontra-se fundamentação que permite novos olhares sociológicos para o assunto em tela, pois suas considerações, embora de cunho mais abrangente do que o aqui tratado, elencam grande número de fenômenos com objetivo de estabelecer tipologias e essas múltiplas correlações de tempos e de manifestações ensejam modalidades de dominação.

É por meio desse olhar sobre modalidades de dominação em relações sociais abertas e fechadas e dentre os motivos conducentes ao fechamento de relações sociais que Weber destacou:

*“a) el mantenimiento de una alta calidad y por tanto (eventualmente) del prestigio y de las probabilidades inherentes, de honor y (eventualmente) de ganancia [...]. b) Escasez de las posibilidades com respecto a la satisfacción (consumo) [...]. c) Escasez em las probabilidades lucrativas (ámbito del lucro) [...]. Las más de las veces se combinan el motivo a con el b o b con el c.”*⁹³

⁹¹ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p.45.

⁹² *Ibidem.*

⁹³ Max WEBER. *Economia y sociedad: ... Op. Cit.* p. 37. (*Relaciones abiertas y cerradas; Solidaridad y representación*).

O poder que o personagem individual exerceu, ao longo de sua vida profissional, foi alcançado a partir de quando conquistou a posição de colunista, com este ofício se afirmou e tornou-se afamado. Isso ocorreu na medida em que se referia a pessoas de destaque e na medida em que, ao destacar, imprimia peculiaridades de estilo.

Da rotina de vida do personagem é possível extrair elementos para compreensão sociológica de dominação, de ascensão social e de exercício do poder.

“Na imagem que se faz de uma dominação autocrática, justamente porque nesse caso um único homem é dotado por sua posição social de um poder extraordinário, toda a atenção se dirige à pessoa ocupante de tal posição.”⁹⁴

Ibrahim Sued, como sabido, manteve uma posição social e deteve o poder de “dar furos de reportagens, de notícias” e, por isso, assumiu grande poder social. Nesta condição, muitas vezes, foi amado por uns e odiado por tantos outros, mas acima de tudo, foi espelho da sociedade, ditou normas e reformulou costumes.

Assim, como em outras posições sociais, a do colunista social também necessitava de uma estratégia de conduta, de uma postura muito bem cuidada, planejada para manter o poder, o privilégio de ser reconhecido e legitimado por um longo período.

“Nessa posição, com todas as tentações que ela oferece a seu ocupante, é necessário ter a segurança e a destreza de um equilibrista para sistematicamente tomar medidas a fim de que a concentração do poder à disposição não se reduza.”⁹⁵

Nessa perspectiva, as peculiaridades do colunista e seu desempenho na posição que ocupou foi marcada por elogios e por críticas que recebeu de seu público, bem como de seus concorrentes. Para compreender a dominação autocrática exercida por ele o cotejamento entre elogios, autoelogios, críticas e apoios foi indispensável.

Na medida em que se percorre a vida profissional de Ibrahim Sued fica claro que ele manteve, por meio de “suas notas” e de “suas dicas” relativas ao traquejo social, uma posição de destaque e, sem dúvida, exerceu grande poder sobre a sociedade carioca.

Em outras palavras: quando se refletiu sobre a origem da ascensão e do “brilho” de Sued foram considerados ações e traços de caráter único e excepcional do seu jeito de ser, da imagem social que construiu. Imagem autocentrada de indivíduo isolado, um homem cujo nome “cresceu” nas e pelas relações com pessoas: homens e mulheres de seu tempo.

⁹⁴ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p.48.

⁹⁵ *Ibidem.*

Não se deve, entretanto, perder o foco da escala de valores sociais da época vigente, que se podem constituir como importantes instrumentos de dominação e poder.

“Ao fazermos isso logo nos encontramos diante da questão de saber por que os homens dessa outra formação social atribuíram um significado elevado às tradições cerimoniais e as etiquetas, e qual significado esses fenômenos tinham na estrutura da sociedade.”⁹⁶

Sendo assim, a etiqueta, as normas de boa conduta social, as festas, as cerimônias se mostram como importantes instrumentos de dominação e de distribuição do poder de um colunista frente à sociedade. Isso ocorre na medida em que o colunista cria relações de dependência ou de interdependência entre os indivíduos.

As formas elaboradas de distinção não revelam apenas como as pessoas polidas tornam-se as mais reconhecidas nas sociedades. São fortes atestados para se poder entender os comportamentos e os costumes valorizados no bojo dessas sociedades, revelam, sobretudo, as relações de dependência ou de interdependência, a singularidade ou a individualidade dessas relações vertidas ao agir usualmente aceito para essas pessoas.

Ibrahim Sued manteve certa independência ao escolher o que publicava, mas dependia de outros indivíduos que lhe forneciam as notícias, bem como de outros mais que lhe garantiam espaço para continuar fazendo o que fazia.

Sued publicava suas notas de moda, de etiqueta e de política, mas tinha “seus amigos” que lhe enviavam notícias privilegiadas, suas fontes de notícias políticas partiam em expressivas vezes dos próprios Presidentes da República, ou ainda, de seus funcionários do primeiro escalão entre eles: Juscelino Kubitschek, o General Artur da Costa e Silva e Ministros de Estado são identificáveis, como também e menos secretamente, altos empresários, entre eles: Baby Pignatari, Jorge Guinle, Assis Châteaubriant, e outros tantos.

A ascensão na vida social de Ibrahim Sued descreveu condição fundadora de suas características pessoais, que se inseriram em uma sociedade marcada pela tensão da mudança e que foi em seus escritos refinada pelo estilo e pela forma de sua própria criação.

O colunismo social no qual exerceu a liberdade de compor as “peças do tabuleiro de xadrez” foi uma espécie de jogo com regras que já eram estabelecidas antes dele e com outras tantas que foram agregadas pelo próprio colunista na medida em que os acontecimentos sociais tencionavam nesse sentido.

⁹⁶ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte*: ... *Idem*. p.54.

A função dessas regras era exatamente recolocar aqueles que se julgavam como bem-nascidos em um lugar social equidistante do jogo do poder econômico, social e cultural possibilitando que o conflito resultante da mudança da Capital não lhes minimizasse a importância.

O colunismo social cumpriu papel de manutenção do lugar social dos colunáveis, enquanto ocorria o deslocamento físico do centro do poder. O colunismo social colocou em cena os personagens que poderiam ter perdido posição pela nova configuração do poder, mas que alcançou um patamar de expressão diferenciado que passou a figurar socialmente como lugar de destaque social.

Essa figuração social enquanto novidade pode ter alcançado desdobramentos não previstos pelos atores que as protagonizaram, mas que certamente rivalizou e até minimizou a importância política dos personagens e banalizou as relações entre poder econômico e poder político.

O que se pode compreender nessa pesquisa é que Ibrahim Sued – enquanto colunista social – buscou, por meio de sua atuação pessoal, espaço que lhe conferiu uma figuração distinta, mas que socialmente dependeu de outros indivíduos formando uma cadeia de interdependência de relações sociais.

Teorias da ação social e dos sistemas sociais não seriam capazes de dar a compreender o problema da atuação social de um indivíduo. Nesse sentido, foi necessário reconfigurar a percepção das coisas e reorientar a problemática voltando-se para uma teoria do imaginário em que se pudesse contrapor indivíduo e sociedade que se superam na ideia de figuração. Segundo Elias:

“a teoria de Talcott Parsons implica um abismo imaginário entre o indivíduo e a sociedade e ao mesmo tempo não cria nenhum modo de atravessá-lo - para uma teoria sociológica da figuração que supera a ideia de abismo.”⁹⁷

No período aqui considerado, a cidade do Rio de Janeiro e sua sociedade se inseriam nas formas sociais de figuração formadas por indivíduos que podiam ser eleitos objetos de investigação. Nessa sociedade, as pessoas se reuniam em alguns lugares de acordo com sua posição na escala de valores sociais, bem como nos movimentos de ascensão e de decadência. As pessoas que dependiam diretamente do *status* que detinham e de uma regra de etiqueta que o regia. Essas regras eram especialmente rigorosas.

⁹⁷ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Idem.* p. 57.

Ao longo dos anos Sued foi ganhando importância social bem definida, formada por indivíduos interdependentes,

“e que não é planejada, desejada ou almejada por nenhum indivíduo em particular, assim como a igreja, a cidade, a fábrica ou a burocracia – para designar alguns outros tipos de figurações – não são frutos de um planejamento individual.”⁹⁸

O luxo é uma característica marcante nos bem-nascidos, Max Weber nos ensina que:

*“El ‘lujo’, en el sentido de la eliminación de todo consumo orientado em fines racionales, no es para las capas de señores feudales algo ‘superfluo’; es uno de los medios utilizados para la elevación de su prestigio social ... ‘Su lema específico es el valor de su ‘existencia’.”*⁹⁹

Para compreender melhor a integração e a interdependência dos indivíduos é preciso entender o que significa a própria sociedade que esses indivíduos se inserem.

Então o que significa o colunista social na formação social de um grupo que se diferencia e se torna específico?

Dentro de uma sociedade dita “profissional burguesa urbana industrial” a figura central é preservada, em parte, como herança da estrutura da sociedade e pelo próprio modelo desta mesma sociedade.

É possível dizer que a sociedade dos bem-nascidos é originária de aspectos de uma dominação patriarcal resistente cuja gênese deve ser procurada na autoridade tradicional de um senhor da casa que prepondera sobre uma coletividade na qual as ações no mundo são perpassadas pela lógica da vida doméstica.

Diferentemente do que ocorreu na emergência do direito moderno, com o surgimento dos chamados laços corporativos orientados progressivamente para atenderem a uma racionalidade de fins últimos, a recorrência de distinções e privilégios se reveste de uma orientação valorativa característica da própria existência de estamentos positivamente privilegiados. *“La prueba estricta del privilegio sólo podía suplirse cuando habia una costumbre inmemorial.”*¹⁰⁰

Sued teve suas origens em uma família de imigrantes libaneses cuja estrutura patriarcal é predominante. A expressão patriarcal aqui pode ser entendida como aquela em que a figura paterna central dita normas que comumente são cumpridas pelos demais membros do grupo e se encarrega de exercer a representação social da unidade familiar

⁹⁸ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte*: ... *Idem*. p.62.

⁹⁹ Max WEBER. *Economia y sociedad*: ... *Op. Cit*. p. 844. (*Sociología da la dominación*).

¹⁰⁰ *Idem*. p. 580. (*Economía y Derecho*).

fazendo valer o estatuto de chefe de família. Talvez por isso conhecesse bem esse aspecto da sociedade dos bem-nascidos na qual se destacaria anos mais tarde, já que sua condição econômica indicava o contrário. Talvez até tenha explorado isso para se colocar não só como representante de suas notícias, mas como afiançador incontestado delas.

O processo de se encaixar na sociedade dos bem-nascidos passando a se relacionar com essa parcela em seu espaço de pertencimento, atuação e trabalho; pode sugerir que numa sociologia dos bem-nascidos os atores apresentavam fortes indícios de já terem experimentado a dinâmica de algo que ficou no passado, mas renasceu como tradição reestilizada e adaptada ao modo de vida e aos propósitos da vida corrente.¹⁰¹

A sociedade dos bem-nascidos se caracteriza por ser um tipo de configuração espacial, pois os indivíduos que dela fazem parte formam um círculo de relacionamentos recíprocos. “De fato, sempre são unidades de indivíduos relacionados entre si.”¹⁰² Dessa forma, pode-se dizer que todo agrupamento humano corresponde a uma categoria.

“de configuração do espaço onde aqueles indivíduos de fato estão ou podem estar reunidos [...] Assim, a expressão de uma unidade social no espaço, o tipo de sua configuração espacial é uma representação tangível e – literalmente – visível de suas particularidades.”¹⁰³

Essa configuração espacial não foi originalmente desenhada por Sued, foi por ele reestilizada e fez dele um expoente respeitado. Embora esse reconhecimento fosse sempre lacunar e reticente por parte de muitos, o papel que desempenhava nos meios de comunicação e a interferência daquilo que por ele era veiculado nesses meios como notícia acabou tendo expressão e ressonância na vida da sociedade. Em especial na sociedade dos bem-nascidos, o que lhe conferiu o estatuto de porta voz qualificado.

¹⁰¹ Eric HOBBSBAWM e Terence RANGER (Orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução Celina Cardim Cavalcante. 10ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

¹⁰² Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p. 67.

¹⁰³ *Ibidem*.

SEÇÃO 3

ASCENSÃO DE IBRAHIM SUED E AS TRAMAS CONSTITUTIVAS DA COLUNA SOCIAL

“Este veio diretamente de Paris – gente fina é outra coisa! ”

Ibrahim Sued

3.1 A Sociedade Carioca que Sued descreveu

Um traço marcante da sociedade carioca no período aqui tratado era os lugares que os bem-nascidos frequentavam e que passaram a ser aqueles por onde Ibrahim Sued circulava. Entre eles se pode citar: o Hotel Copacabana Palace, a Confeitaria Colombo; os restaurantes: Bife de Ouro, Maxim’s, Cloche d’Or e Bistrô; as boates: Vogue, Copa, Beguin Little Club, Baccarat, Casablanca, Acapulco, Montecarlo, Bambu, Siroco e Mocambo.

Os bairros escolhidos pelos “caixas-altas” tratados nas colunas de Ibrahim Sued para habitarem eram: Flamengo, Urca, Ipanema, Leblon, São Conrado e, é claro, a charmosa Copacabana. A grande maioria desses bem-nascidos possuía casas de campo na região conhecida como Serra Carioca e era para lugares como Nova Friburgo e Petrópolis que se dirigia quando chegava o inverno – em virtude das temperaturas amenas aproximadas do clima europeu. No verão, além das praias cariocas, o lugar escolhido era a Região dos Lagos, entre elas Cabo Frio e o paradisíaco mar de Búzios.

Além desses lugares domésticos, era comum circular pelas cidades de Paris, Londres, Buenos Aires, Nova York, Miami, Palma de Maiorca, Principado de Mônaco, entre outras. Se o “caixa-alta” fosse mesmo um bem-nascido e, conseqüentemente um endinheirado; além de circular por lugares de destaque mantinha residência no exterior.

O Copacabana Palace era considerado o “Castelo do Rio”, a verdadeira sede da corte dos bem-nascidos, ponto de encontro do *jet-set* carioca brasileiro com o *jet-set* internacional onde, não raro, celebridades que se destacavam em Hollywood também ali podiam estar presentes.

Hospedar-se no Copacabana, frequentar seu restaurante, estar em suas dependências era o lugar ideal para quem queria ser visto ou reconhecido, bem como daqueles que, a qualquer custo, buscavam ascender socialmente e, sem dúvida, era o lugar escolhido e preferido de Sued: a sua grande vitrine.

Ibrahim Sued fez do Copacabana Palace o seu *point* e até ganhou na Pergula da piscina do Copacabana Palace uma mesa exclusiva reservada e com o seu nome. A vida de Ibrahim Sued e do Copacabana se entrelaçaram e, após a sua morte, ganhou uma estátua bem em frente do mais famoso hotel do Rio de Janeiro e quiçá do Brasil.

A praia de Copacabana, também intitulada Princesinha do Mar, era o ponto de encontro máximo da sociedade nos Anos Dourados. Copacabana era o centro nevrálgico da capital federal; lá a noite carioca borbulhava.

“Na calçada preta e branca da praia, um vaivém de príncipes, ladrões, banqueiros, pederastas, estrangeiros que puxavam cachorros, mulheres de vida fácil ou difícil, vendedores de pipocas, milionários, cocainômanos, diplomatas, lésbicas, bancários, poetas, assassinos e *book-makers*. Passam estômagos vazios e outros empanturrados em lenta digestão.”¹⁰⁴

Naqueles efervescentes anos conviviam no bairro toda espécie de gente que formava uma trama de relações multifacetadas.

A Avenida Atlântica, a avenida da praia era o palco dos desfiles de carros luxuosos e dos afamados conversíveis. A praia, por assim dizer, era o lugar da sociabilidade, onde se definiam as relações entre os diferentes extratos da sociedade, a grande curiosidade era saber quem entrava e quem saía do “Copa”.

“Esse espaço-tempo, com suas imagens e sons, traz representações fragmentadas como suporte de memórias diferentes, contrastadas, múltiplas que delineiam cenários em constante movimento, permitindo perceber que o espaço não é uma categoria abstrata e universal, nem algo ‘congelado’, bloqueado, tal como na imagem de uma carta cartográfica ou como simples palco da história, mas sim um elemento constitutivo da trama histórica, de seus fluxos e de sua dinâmica em permanente ação, interação, transformação e reconstrução emergente na memória coletiva e presente nas pedras e luzes da cidade.”¹⁰⁵

É preciso conhecer um pouco das imagens do Copacabana, visualizar suas festas e o luxo do Hotel, para entender como um grupo social se mostrava em seu todo. O emblemático Copacabana Palace foi o monumento que manteve viva a memória dos anos

¹⁰⁴ Antonio Maria Araujo de **MORAIS**. Roteiro de Copacabana. In: *Idem. Com vocês Antonio Maria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 44-45.

¹⁰⁵ Maria Izilda Santos de **MATOS**. *Dolores Duran: ... Op. Cit.* p. 36.

de ouro de como a sociedade carioca buscava ser lembrada. Edificado de modo que a praia lhe imprimisse um cenário que simbolizasse beleza e suntuosidade, caracterizou deliberadamente a cidade no âmbito do país e no exterior.

Para além de outras imagens possíveis, as moradias precárias dos morros, as doenças e endemias, o perigo e o medo, os botequins e o carnaval, a pobreza e a criminalidade, o hotel de projeção valeu-se daquilo que de melhor se pudesse apropriar no Rio de Janeiro.

“Talvez nenhum outro lugar, nessa anatomia sócio-histórica, responda tanto pela imagem (nacional e internacional) de nossa cidade como lugar de beleza e prazer, de sensualidade mesmo, como as praias cariocas.”¹⁰⁶

Como já foi dito anteriormente, a Boate Vogue¹⁰⁷ e o Copacabana Palace eram frequentados pelos bem-nascidos, ou seja:

“pela nata da sociedade e intelectualidade, o *high-society*, os colunistas da imprensa, a turma da música popular, paulistas ricos em férias. Era um espaço de solidariedade e refúgio para solitários. Teresa e Didu, Lourdes e Álvaro Catão, Lili e Horácio de Carvalho, Lucio Rangel, Jacinto de Thormes, Beijo Vargas, Ibrahim Sued, Sergio Porto, Aluísio Sales, Antonio Maria, Fernando Lobo, Valter Quadros, lá se encontravam religiosamente.”¹⁰⁸

Ainda em Copacabana, seguindo o passeio da Avenida Atlântica, localizava-se o Lido, o OK, o Bife de Ouro, o Maxim's, além de outros restaurantes que eram *points* dos descolados, bem como de boates de todos os gêneros e que, segundo Antonio Maria, abriam e fechavam num piscar de olhos.¹⁰⁹

Essa Copacabana boemia e a trajetória do colunista social Ibrahim Sued que interpretava a vida de luxúria vivida no Rio de Janeiro nos Anos Dourados, mostram como se pode “recuperar um cotidiano pleno de transformações na cidade e nas múltiplas relações aí estabelecidas.”¹¹⁰

¹⁰⁶ Madel Terezinha LUZ. O corpo da Cidade. In: Robert Moses PECHMAN (Org.). *Olhares sobre a Cidade*. Rio de Janeiro, UERJ, 1994. p. 186.

¹⁰⁷ Espaço noturno da *belle époque* de Copacabana, a boate Vogue estava localizada na Avenida Princesa Isabel. Em 14 de agosto de 1955, numa tarde de domingo, um memorável incêndio consumiu o hotel e a boate Vogue que eram contíguos. A boate Vogue era de propriedade do barão Von Stuckart e comumente freqüentada por colunáveis da época. Lá se apresentaram vários artistas famosos como: Dolores Duran, Aracy de Almeida, Inezita Barroso, Dick Farney, Elizeth Cardoso, Maísa, etc. Entre outros nomes que eram habituais naquele espaço destacava-se Antonio Maria, que era compositor, roteirista e, ali, atuava como colunista. Posteriormente, o prédio foi demolido.

¹⁰⁸ Maria Izilda Santos de MATOS. *Op. Cit.* p. 41.

¹⁰⁹ *Ibidem*. (Maria Izilda Santos de Matos traz extensas transcrições de escritos de Antonio Maria sobre locais e pessoas do Bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro.)

¹¹⁰ *Idem*. p. 20.

Na trajetória de Ibrahim Sued emergiram representações que apontam para recuperar o mundo dos bem-nascidos daquele período, como circulavam num tempo-espaço em intenso processo de transformações, como teciam as relações de poder e apontavam as mudanças e permanências, descrevendo novas experiências e formas de vivenciá-las.

O Copacabana Palace passou a englobar um novo estilo de vida, um novo modo de viver na cidade e de se relacionar com as pessoas. Dessa forma, Ibrahim Sued, o Hotel e as representações que apareceram em suas colunas explicitaram experiências sociais e essas permitiram refletir, expressar e/ou ocultar contradições.

O fato dos indivíduos frequentarem lugares de destaque e aqui em especial o “Copa”, mas também as boates e os restaurantes de luxo, além do Jockey Clube e da Hípica, é compreensível para se entender que esses lugares não representam expressão de riqueza, mas sim de posição social.

Para a *grand society* a aparência é um símbolo de posição social. A posição obriga os indivíduos a frequentarem lugares de moda, de luxo, caros e onde são vistos como se estivessem em uma ‘vitrine’. Esse “ethos” cresce a partir do momento em que se é visto e fotografado pelo colunista social. Não importa se a sua situação econômica não esteja boa, pode ser até um “arruinado”, mas ele quer ser visto e badalado pelo colunista. Partindo dessa percepção é possível ter uma visão de como se articula a sociedade.

A sensibilidade para a diferença entre a vida privada e a vida em sociedade se expressa pela maneira como o indivíduo vai ascendendo socialmente. As pessoas privilegiadas da sociedade, sobretudo as que estão no topo dela, geralmente têm consciência de como devem conduzir sua vida privada e pública, ou seja, uma vida na “*society*” ou “*monde*”, e é isso que dá forma à “esfera pública” e a *La vie particulière* dos indivíduos.

Assim, as pessoas que não fazem parte dessa lista de indivíduos estão do lado de fora, num patamar mais baixo. Elas vivem à margem do *grand monde*, são os “caixas-baixas”, mas que ainda assim, expostos aos meios de comunicação que exercem reforço de representação de imagens; procuram imitar, ou no mínimo, saber o que se passa no *grand monde*.

As diversas funções sociais correspondem a diversas posturas que os indivíduos desenvolvem como o refinamento na fala e no comportamento que convém, ou não a alguém, de acordo com sua posição e seu valor na sociedade. Essa sociedade atribui

grande atenção à manifestação de vida de uma pessoa, à sua casa, ao seu carro, às roupas que usa, pois isso representa sua figuração dentro dos limites impostos pela hierarquia social, bem como seu valor social e seu prestígio. “Essa atenção, assim como a consciência com que se observa tudo aquilo que o homem possui como referência ao seu valor social e ao seu prestígio.”¹¹¹, corresponde ao aparato da sociedade dos bem-nascidos e a estrutura de uma sociedade hierarquizada.

“Essa atenção e essa consciência são produzidos na camada dominante, como instrumento de autoafirmação e defesa contra a pressão feita por quem ocupa um nível mais baixo. Por conseguinte, esses indivíduos vivenciam muitas coisas que à primeira vista talvez tendessemos a considerar ninharias e formalidade, mas num sentido que está perdido para nós hoje em dia. O que exige de nós é um ato de reflexão sociológica a fim de tornar visível novamente o pano de fundo das tensões e coersões sociais por trás das ‘ninharias’ e ‘formalidades’, e das lutas que muitas vezes se desenrolam em torno delas.”¹¹²

Um aspecto a ser notado no Rio de Janeiro de Ibrahim Sued é o que diz respeito às moradias e suas decorações. Casas suntuosas, verdadeiros palacetes, com mobiliário de estilo e as paredes ostentando obras de arte como quadros de: Portinari, Di Cavalcanti, Anita Malfati, entre outros. Exemplos notáveis e recorrentes dessa situação são as residências: dos Mayrink Veiga, de Lili Marinho, de Lourdes Catão e do próprio Ibrahim Sued; que após ter se tornado “emergente” passou a colecionar obras de arte e até a atuar como *marchand*, oferecendo, em sua coluna, dicas sobre obras de arte, onde comprar e seus valores, tendo deixado a seus herdeiros considerável acervo.

No mundo dos “caixas-baixas” a tendência de reproduzir os modos de vida dos bem-nascidos pode ser traduzida na busca de conforto e destaque, mesmo quando a economia indica o contrário e mesmo quando muitos moram de aluguel e, não sendo proprietários, ainda assim têm como lugar preferido ruas importantes do bairro de Copacabana. Entre elas a Siqueira Campos e a Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

As camadas sociais mais altas se mostravam por meio da coluna social exibindo um estilo de vida que englobava: o estilo arquitetônico de suas casas, as suas porcelanas inglesas, os seus *biscuits* alemães, os seus cristais *Baccarat*, bem como as suas toalhas de linho crivadas e bordadas à mão – ou do mais puro adamascado – além de exotismos orientais; o que lhes conferia evidência de prestígio, garantia de posição e motivo justo para representação social.

¹¹¹ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p. 77.

¹¹² *Ibidem.*

Já as camadas sociais mais baixas, mesmo não tendo como sustentar uma posição que exigia ornatos caros e raros – capazes de serem dignos de nota – acabavam adotando trejeitos, simulacros, imitações e versões barateadas as quais recorriam tendo por base aquilo que a coluna social valorizava e que o olhar sociológico menos atento pode classificar como “formalidades” ou “ninharias”.

Certos traços das habitações demonstram funções de representação, de prestígio e de poder social e por isso ostentação, sofisticação, luxúria tornaram-se essenciais na construção de residências, muitas vezes em completo detrimento da funcionalidade em favor de aspectos puramente estéticos.

Dessa maneira, pode-se dizer que: quanto mais elevada a posição social, maior a obrigação do “dono da casa” possuir objetos condizentes com sua posição. Por exemplo, ter em sua garagem um *Rolls Royce* emplacado com dia, mês e ano de referência ao aniversário de sua esposa são caprichos a que se dedicam os sonhos de muitos que buscam fazer de seus bens o meio de aparecer em sociedade.

O valor dos bens utilitários dessas residências encobre o valor do imóvel, mas denuncia o nível social de seus proprietários e seu prestígio social e lhes confere autoafirmação. Uma espécie de *ethos* quase estamental se coloca como instrumento de autoafirmação entre seus pares.

A dimensão e a ornamentação das casas é fator determinante para demonstrar a riqueza de seu proprietário, seu nível e posição social, além de seu dever de ostentação frente aos outros *socialities*.

A configuração das residenciais destinadas às camadas sociais inferiores em parte não desprezível dos quesitos de estilo de vida tentam imitar às dos bem-nascidos, porém com proporções reduzidas - com cópias no mais das vezes baratas, de gosto duvidoso e geralmente mal-feitas.

Os espaços são reduzidos, confrontado com os espaços amplos das residências dos bem-nascidos. Por exemplo, as salas de recepção são modestas e misturadas, são usadas também com a função de sala de jantar. Nas residências dos bem-nascidos, os espaços são bem delimitados tendo sala de recepção ampla, sala de jantar, sala de almoço, tendo sempre um *hall* de entrada onde todos são recebidos por um criado.

Para Maria Izilda Santos de Matos:

“As ciências sociais contemporâneas vêm favorecendo abordagens, que têm procurado recuperar diferentes relações e sensações, promovendo a descentralização dos sujeitos sociais e permitindo a descoberta de

experiências e aspirações de homens e mulheres, foi tão frequentemente ignorada ou mencionada apenas de passagem.”¹¹³

Assim, podemos afirmar que a sociedade dos bem-nascidos ou daqueles que ascedem socialmente implica convivência social em um tempo/espço diferente dos outros segmentos sociais. O número de pessoas que os bem-nascidos podem ou devem conviver e, em certas situações, receber em suas residências é maior e, ao mesmo tempo – na perspectiva social – reduzido; mas o certo é que eles gastam um tempo dilatado com a convivência social. E é neste meio da convivência social que Ibrahim Sued colhia suas informações para depois relatá-las em forma de notícias em suas colunas.

As redes de relações das camadas sociais mais altas apresentam-se mais rígidas, os contatos sociais são maiores, as ligações sociais mais amplas, porém muito superficiais. Existe sempre a disputa pelo poder social e Ibrahim Sued soube explorar isso muito bem, por exemplo: em sua lista de os (as) “Mais Bem Vestidos (as)” e de os (as) “Mais Mal Vestidos (as)”, sucitava entre as pessoas uma espécie de disputa travada ao longo de um período no sentido de permanecer incluído numa lista e abominar a possibilidade de vir a figurar na outra.

Em muitos dos casos os colunistas sociais, com esses mecanismos, estabelecem parâmetros a serem seguidos e também despertam algum tipo de interesse, seja por trabalho, por dinheiro, por negócios, ou mesmo por poder político.

“Procurando enfocar o mundo da experiência comum como ponto de partida, juntamente com uma tentativa de encarar a vida cotidiana como problemática, tem-se demonstrado que o comportamento, valores e sentimentos que são aceitos em uma sociedade num certo momento histórico podem ser rejeitados em outras formas de organização social e/ou em outros períodos.”¹¹⁴

É importante resaltar que:

“Tem-se buscado aprimorar a categoria analítica experiência e superar sua visão a partir das simples coordenadas políticas e econômicas, incorporando também a cultural, englobando uma série de elementos – relações pessoais, redes familiares, étnicas e de amizades, ritos e sistemas simbólicos – que são focalizados na construção de laços de solidariedade, modos e formas de comunicação e de perpetuação e transmissão das tradições. Contudo a categoria experiência necessita ser mais discutida criticamente pelos historiadores, sendo impossível uma definição única de experiência. A questão da diferença dentro da

¹¹³ Maria Izilda Santos de MATOS. *Op. Cit.* p.25.

¹¹⁴ *Idem.* p. 26.

diferença faz emergir as possibilidades de análise, que trazem à luz a articulação entre gênero, classe, etnia e geração.”¹¹⁵

O colunista e seus colunáveis podem ser retratados como sujeitos que constroem laços e, portanto, sujeitos “constitutivos de experiência”. Então, os parâmetros que devem ser levados em conta para reconhecer uma residência de um bem-nascido ou daquele que ascende socialmente passam a ser parâmetros socialmente conhecidos por meio de relatos.

Um dos quesitos para se reconhecer a posição de um bem-nascido ou daquele que ascende socialmente, além de sólidas evidências de possuir obras de arte, de manter cavalos no Jockey e participar de leilões de animais como já foi dito, é a decoração dos espaços internos e externos das moradias que, muitas vezes, refletem beleza, suntuosidade e, ao mesmo tempo, parecem revestidos de uma modalidade de reunião de elementos específicos que sejam capazes de traduzir autoimagem e impor reforço de posição na sociedade.

Veja-se, por exemplo, a descrição que se pode fazer da casa de Carmen Mayrink Veiga: Carmen Mayrink Veiga e Antônio (Tony) Alfredo Mayrink Veiga, viviam em um apartamento de aproximadamente mil metros quadrados de área útil na Praia do Flamengo, de frente para o Pão de Açúcar, na cidade Rio de Janeiro, repleto de obras de arte.

Um acervo cuidadosamente concebido, colecionado, garimpado, montado e construído pela *socialite*, ao longo de muitas décadas. Seu apartamento foi lugar de inúmeras recepções para a alta sociedade. Ocasões em que exibia grande quantidade de serviçais; todos preparados por ela, em cujos hábitos e rituais exigia-se alta especialização.

O apartamento constituído de quatro salões e dez ambientes era repleto de móveis e objetos de valor que o adornavam, de maneira que a distinção sobressaísse e que evidenciasse o fato da personagem possuir um senso raríssimo de qualidade, harmonia e beleza.

Além de ser aplicada e muito bem informada sobre tudo que significasse luxo, sofisticação e elegância; Carmen Mayrinck Veiga representou, ela própria, por meio do

¹¹⁵ Agnes HELLER. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. *Apud*. Maria Izilda Santos de MATOS. *Ibidem*. (p.26). Maria Izilda Santos de Matos não faz referência completa desse trechos atribuído a Agnes Heller. Ele não existe na obra daquela autora, talvez trate-se de um texto composto por Matos com base no que se evidencia no capítulo “Sobre os papéis sociais, os pressupostos do papell social na estrutura da vida cotidiana”, p. 87-110 da obra de Agnes Heller.

seu estilo de residir, um mundo ao qual poucos tiveram acesso e muitos daquele grupo frequentaram.

Adornava seu apartamento o emblemático biombo Coromandel de doze folhas do século XVIII, com imagens lacustres e barra florida; a cômoda D. Maria em jacarandá, com frisos florais em *marcheterie*; a cadeira de canto portuguesa D. João V em jacarandá, também do século XVIII, que pertenceu ao convento de São Francisco de Paraguaçu, em Pernambuco, com uma cabeça de leão entalhada no espaldar. Lá se encontrava, também, uma delicada coleção de bichos de prata maciça portuguesa, todos assinados pelo prateiro Luís Ferreira, com contrastes datados de 1938.¹¹⁶

A escultura de um cavalo de Tróia, com olhos de contas. O cisne-floreira riscado com detalhada penugem e com corpo articulado. O hipopótamo, que quando tocado, a cabeça mexia, exibindo olhos de gemas preciosas, dentes e unhas em marfim. A enorme tartaruga imitando aquelas das ilhas Galápagos, com seu casco real envernizado sobre corpo de prata maciça, com: cabeça, patas e cauda balançantes, bem como os olhos, parecendo vivos, eram em contas de vidro – ou de pedras.¹¹⁷

Do mundo animal, lá estava também uma cabeça de touro esculpida em granito e bronze, da autoria de Mario Agostinelli; vários Cães de Fó; um, era incensário, outro deles com a pelagem em cachos e cabeça móvel, do século XIX, em esteatita; outros, de porcelana chinesa, inclusive um em *rouge de fer*, do século XIX. O par de galos, também em *rouge de fer*, esmaltados no mesmo tom; além de patos chineses realçados a ouro. Como dizia Carmen M. Veiga, a respeito desses galos: - “não dava para desgrudar os olhos”. Obviamente se referindo a momentos em que sua residência estava repleta de convidados. Ela possuía, ainda, esculturas de fênix chinesas exibindo coloração de um vermelho mais fechado: *sang de boeuf*. Do século XIX.¹¹⁸

Em um canto discreto da sala daquele apartamento via-se um quadro de Di Cavalcanti denominado *Menina com Gato*. Óleo sobre tela, medindo cem por oitenta centímetros, no qual o gatinho é simples coadjuvante da tela estrelada pela menina

¹¹⁶ Hildegard ANGEL. Carmen Mayrink Veiga dá a grande virada de desapego zen em sua vida e leiloa tudo (ou quase tudo). Disponível em: <http://www.hildegardangel.com.br/carmen-mayrink-veiga-da-a-grande-virada-zen-de-desapego-em-sua-vida-e-leiloa-tudo-ou-quase/> Publicado em 17 nov. 2013. Acesso em 10.09.2016.

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ *Ibidem*.

exibida. Outros Di Cavalcanti da coleção de Carmen se encontravam espalhados pelo ambiente.¹¹⁹

Quadros de brasileiros e de estrangeiros, como os do francês Bernard Buffet. Um *Orfeu* esculpido em bronze por Bruno Giorgi. O famoso par de *Candangos* do mesmo artista, além de outras esculturas de Ceschiatti.¹²⁰

As tapeçarias francesas de Aubusson, século XIX, representando paisagem no campo, com floresta, castelo e pássaros; além da de Jean Lurçat e também uma tapeçaria espanhola antiga. Todas com selo de autenticidade no verso. Tocheiros austríacos, chocolateiras de prata. Tapetes Meshed complementavam a decoração.¹²¹

A ventarola vitoriana posta na mesinha de centro ao fundo do salão, com que Carmen, ocasionalmente se abanava, era decorada com arabescos a ouro e com cabo torneado com detalhes de marfim.¹²²

Uma imagem brasileira, datada do século XIX, representando o *Cordeiro de Deus*, era vista logo à entrada do apartamento no quinto andar da Rua Rui Barbosa.¹²³

No quesito mobiliário destacavam-se: um par de antigas cadeiras javanesas dotadas de braços, em madeira ricamente entalhada e realçada a ouro; com espaldar em vazados sinuosos, pés em arco e estofamento em tecido; além do par de antigas banquetas orientais onduladas, de madeira, com ponteiras e cantoneiras de metal dourado, tendo cada qual almofadas persas, tão antigas quanto as peças, cuidadosamente colocadas.¹²⁴

Uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, século XVIII, mantida em um oratório de jacarandá estilo D. João V, permanecia sempre adornada com flores naturais para evidenciar fé religiosa. Nessa linha, a imagem de São Miguel Arcanjo, de quase um metro, realçada em ouro e policromia, era cuidadosamente colocada sobre o piano Steinway de Carmen M. Veiga.¹²⁵

Eram esses uns entre outros tantos detalhes da cultura religiosa barroca, que tipificavam o estilo de vida que deveria ser ostentado e, recorrentes vezes, acabaram por figurar como comentário nas colunas de Ibrahim Sued.

¹¹⁹ Hidelgard ANGEL. Carmen Mayrink Veiga ... *Ibidem*.

¹²⁰ *Ibidem*.

¹²¹ *Ibidem*.

¹²² *Ibidem*.

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ *Ibidem*.

¹²⁵ *Ibidem*.

Assim era noticiado o uso de aparelho de jantar da Companhia das Índias Orientais, família rosa, com as refeições sobre mesas de apresentação estilo palaciano do século XIX, destacando-se-lhe detalhes em patina e tampo em mármore verde rajado, usualmente nessas mesas de apresentação apareciam enormes arranjos florais adrede preparados para as cerimônias das quais participavam um diminuto grupo de habitués.¹²⁶

Nas ocasiões em que recebia seus convivas e comensais, Carmen M. Veiga vestia-se com alta-costura exibindo peças de renomados estilistas nacionais e internacionais.

“Destacar as diferenças, a partir do reconhecimento de que a realidade social é histórica e culturalmente constituída, tornou-se um pressuposto do pesquisador que procura pôr a nu a poesia do dia-a-dia, permitindo perceber a existência de processos diferentes e simultâneos que compõem a trama social, bem como abrir um leque de possibilidades de focos de reflexão, incorporando à análise um universo de tensões e movimento, com toda uma potencialidade de confrontos, deixando entrever um mundo onde se multiplicam formas peculiares de resistência-luta, integração-diferenciação, permanência-transformação, recusa-incorporação onde a mudança não está excluída, mas sim vivenciada de diferentes formas.”¹²⁷

Uma vez mais Elias ensina que:

“não é possível entender a estrutura de uma sociedade se não conseguimos enxergá-la ao mesmo tempo na ‘perspectiva eles’ e ‘da perspectiva nós’ [...]. Elas são especialmente necessárias quando consideramos a determinação de figurações que não são acessíveis de um modo exclusivamente científico, por meio de sua decomposição teórica em átomos, ações e opiniões singulares, variáveis, ou qualquer que seja o caráter de tais figurações.”¹²⁸

Deter o olhar sobre a estrutura das residências dos bem-nascidos mostra como eles constroem suas respectivas autoimagens, como isso leva a entender o que é figuração social e como elas se entrelaçam na estrutura social.

A compreensão da “perspectiva eles”, pode partir “da perspectiva-nós”, que nada mais é que uma figuração de outras pessoas, as quais são referidas como “eles”, ao mesmo tempo é preciso entender como esses indivíduos se viam, ou se veem e quando se diz dos outros ou se diz de “nós”.

É possível que Carmen Mayrink Veiga e Ibrahim Sued vissem as sociedades carioca e brasileira de um modo muito diferente do que aquela sociedade que o homem

¹²⁶ Hidelgard ANGEL. Carmen Mayrink Veiga ... *Ibidem*.

¹²⁷ Maria Izilda dos Santos de MATOS. *Op. Cit.* p. 26. Aqui novamente, **Matos** se refere a Agnes HELLER. *O cotidiano ... Op. Cit.* p. 98 – Indivíduo e o papel social

¹²⁸ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p. 80.

ou a mulher de outro segmento poderiam enxergar; ou até mesmo determinadas pessoas que ascenderam socialmente puderam fazê-lo.

Pode-se dizer que se tratava de uma sociedade na qual se verificam permanências de hierarquização, onde o poder social e o econômico estavam veiculados como elementos distintivos que valiam mais que o poder intelectual, ou mesmo do que outros valores que não fossem filtrados pelo destaque, pela evidência e pela notoriedade jornalística, cujo objetivo era solapar algumas pessoas do anonimato.

O foco mais usual das investigações sociais esteve ancorado em outras abordagens que priorizaram o mundo do trabalho e, no limite, outros temas e problemas como as diferenças de gênero e de cultura religiosa, entre outros. As poucas pesquisas que enfocaram a colunismo social e seus personagens acabaram por relegá-las a um segundo plano como se o assunto ou estivesse adstrito aos gêneros jornalísticos, ou não tivesse qualquer impacto sobre o mundo do trabalho e sobre as atividades econômicas e políticas, ao conferir-lhe conotações de lazer, ócio e de não trabalho tiveram efeito reducionista sobre o tema.

A construção idealizada da figuração do colunista social e seus colunáveis é múltipla e, nessa investigação, significa viver em uma esfera diferente da vivenciada pelos demais, obedecendo a regras sociais distintas, que fazem repercutir de suas vidas e de suas respectivas experiências cotidianas as dimensões de “uma vida glamorosa”. E, se pelo menos, deve ser assim que querem ser vistos, na diferenciação dos pertencentes ao mundo dos “comuns”, talvez possam ser interpretados como dotados de uma vida que não apresente monotonia, porém isso decorre do respeito estrito a regras e códigos pré-estabelecidos determinados neste universo social.

Não se quer dizer, contudo, que o colunista e seus colunáveis apresentem-se como algo fechado, singular, homogêneo. A vida em sociedade – dos bem-nascidos e dos ascendidos socialmente – deve ser analisada de forma interdependente ao cotidiano e às relações de trabalho e não em contraposição a elas. Sendo assim, colunista e seus colunáveis devem ser compreendidos em sua heterogeneidade e nas vivências que englobam o universo dos “caixas-altas”.

Dessa forma, a preocupação dessa pesquisa é, ao restaurar modos de vida, procurar entender o colunista e seus personagens para além das notícias veiculadas em suas colunas de modo a desvendar figurações, representações desse mundo como construtos, bem como a teia de relações que esses objetos construídos produzem em um

universo de outras representações que não ganharam notoriedade, ou se a obtiveram, isso decorreu de motivações distintas das que impulsionavam o colunismo.

Pode-se dizer que existe neste universo uma teia de representações, nas quais os proprietários de grandes empreendimentos em infraestrutura, ou em empresas do setor de comunicações e, ainda qualquer outro que esteja em evidências, se organizam para divulgar ações que se tornaram prioridades de Estado e até mesmo em função disso, festas, supostamente beneficentes, são realizadas por primeiras damas e nas quais se arrematam, em um leilão, um termo usado por um ex-presidente em sua cerimônia de posse pela “bagatela” de um milhão de dinheiros.

Essas notícias seriam do tipo de um: Bomba... Bomba... Bomba! para o colunismo social de Ibrahim Sued, assim como foi assunto em inúmeras colunas sociais da atualidade evidenciando que o poder político e a maneira de se veicular as formas de dominação exercidas ao abrigo desse poder não estão totalmente dissociadas e se animam mutuamente de modo que o destaque gera poder e o poder necessita do destaque para se consagrar socialmente.

São notícias assim que fazem o deleite das classes sociais menos abastadas que se quedam encantadas por compartilhar trajetórias daqueles que devem estar no topo da hierarquia social e isso parece ser algo que fascina uma grande parcela da população.

A produção de trabalhos na área das Ciências Sociais vem procurando interpretar uma grande diversidade de documentos e de comportamentos, que têm – em função disso – formado um verdadeiro mosaico de referências, mediante a busca de entender o cotidiano social em seus aspectos explícitos e implícitos para descortinar o mundo social.

O colunismo social, nessa linha, descortina um amalhado documental curioso e instigante, e mesmo sendo ainda visto com muita restrição nos meios acadêmicos, sendo assunto tratado em segundo plano, silencioso e pouco discutido, pode, contudo, tratar-se de uma temática rica para análise sociológica, pouco explorada e debatida, porém apresentando rico conteúdo para se entender o cotidiano, a sociedade, já que o colunismo social desperta ambições e paixões e suas notícias andam na boca de todos, sejam eles caixas-altas ou caixas-baixas.

O colunismo social ao mesmo tempo em que destaca pessoas e fatos, também informa. É, portanto, manifestação jornalística que representa aspectos do cotidiano de seus colunáveis e de seu colunista em ambiente no qual estão presentes as relações sociais, assuntos de cunho econômico e, não menos importante, os de caráter político.

Assim, se o colunista procurava dar “furos de reportagens”, “posar ao lado de famosos”, enfim, buscar representações, ou figurações, que podiam fazer o deleite de seus leitores; “se ele ‘fiscava’ essencialmente elementos de uma experiência social vivida, representações que circulavam no cotidiano, por outro lado, o seu público podia ou assumir o papel, ou as ideias e/ou os sentimentos expressos” pelo colunista em sua coluna.¹²⁹

Dessa forma estabelecia uma empatia, uma aproximação, uma relação de cumplicidade e até mesmo de intimidade entre o colunista e seus fiéis leitores.

“Essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como ele a recebe, ou uma relação de expressão e criação. Na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo de singularização.”¹³⁰

Destacar pessoas oferecendo notícias a respeito de suas vidas é um ofício que forma uma teia de representações. Representa-se, pela notícia, pessoas pertencentes a grupos sociais que tentam ser reconhecidas como partícipes da “elite”.

Mesmo que nunca sejam reconhecidos como bem-nascidos, podem até ser chamados de boa sociedade porque são incluídos nas reportagens como os donos de empreiteiras, de redes de magazines, de bancos, de *facturings*, do agro-negócio que, em determinados momentos, aparecem como membros dos círculos sociais como os “donos do dinheiro”, ou mesmo como poderosos capazes de mudar o rumo das coisas. Todos com capacidade de comprar *status* e forjar uma tradição.

Outros indivíduos que pertencem aos círculos sociais da boa sociedade, mas nunca ao dos bem-nascidos são alguns intelectuais ou demais prestadores de serviços como jornalistas, advogados, médicos, estilistas, que contracenam, coadjuvam e frequentam os mesmo lugares como convidados, como hóspedes e que muitas vezes conferem ao ambiente um ar de confiabilidade para a estrutura do *high society*.

“Cabe ressaltar que não se trata da imposição de valores e perfis, mas da generalização de padrões estéticos e culturais, de vida, de sensibilidade e de valores dentro do próprio processo de circulação social, de produção e veiculação de subjetividade num contexto histórico e cultural específico.”¹³¹

¹²⁹ Maria Izilda Santos de MATOS. *Op. Cit.* p. 30.

¹³⁰ Félix GUATTARI & Suely ROLNIK. *Micropolítica - cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 33. *Apud*. Maria Izilda Santos de MATOS. *Op. Cit.* p. 30.

¹³¹ Maria Izilda Santos de MATOS. *Idem.* p. 31.

Nesse contexto, o do Rio de Janeiro das décadas de 1950, 60, 70 e princípio dos anos 1980, o colunismo social abriu um leque e passou a destacar lugares, residências luxuosas, hotéis e restaurantes. Popularizou pessoas, colocou outras em evidência, na medida em que a notícia circulava, era consumida e abria portas.

Em grandes festas e recepções o Hotel Copacabana Palace, como já dito, era o espaço preferido para as reuniões do *high society* e não as residências luxuosas, onde se reuniam os bem-nascidos, os ascendentes, os alpinistas sociais, os empresários, os banqueiros e os intelectuais, pois o Copacabana Palace foi o lugar, por excelência, para satisfazer tudo aquilo que se procurava evidenciar e onde o requinte, o luxo, a etiqueta e as vestimentas encontraram as condições necessárias para atender as exigências da boa sociedade.

Dessa forma, o Copacabana Palace é o lugar que cria representações e onde as figurações são bem caracterizadas. Esse ambiente se compunha de modo a formar um mosaico que diferenciava os colunáveis dos que os observam “debaixo”, ou seja dos que conhecem esses lugares apenas pelas notas das colunas, ou pelas imagens da televisão. É por meio da imprensa que: o *savoir-vivre*, o refinamento das maneiras, o uso da etiqueta e a formação do bom gosto podem ser socialmente compartilhados. “Por meio de tais qualidades, imediatamente visíveis e tangíveis, os participantes do ‘monde’ elevam-se da massa dos homens ordinários.”¹³²

Pode-se aqui, à guiza de esclarecimento, comparar as festas do Copacabana Palace com as descritas por Elias quando ele cita o salão da “Marechala de Luxemburgo”:

“Em conexão com eles, produz se ali a consciência específica do prestígio e da representação, que se mostra como fator marcante da estruturação das casas. Segundo os Goncourt, a propósito do maior e mais influente salão do século XVII, o da marechala de Luxemburgo [...] era um tipo de reunião de ambos os sexos, cujo, objetivo era diferenciar-se da má sociedade, nas reuniões vulgares da sociedade provinciana, pela realização perfeita das formas agradáveis, pelo refinamento, pela amabilidade, pelas boas maneiras, pela arte da reserva e do bem viver [...]. A aparência e o comportamento, os modos e a etiqueta eram fixados com exatidão pela ‘boa sociedade’.”¹³³

Ibrahim Sued soube como niguém circular por esse meio e dele tirar proveito para manter-se como colunista e receber informações privilegiadas, além de ditar normas para essa sociedade, impondo padrões e perfis num processo de “modelização” abrindo possibilidades de múltiplas articulações e interpretações.

¹³² Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p. 82.

¹³³ *Ibidem.*

“Os padrões e perfis não são pura e simplesmente impostos e nem o processo de ‘modelização’ se apresenta absoluto, existindo sempre a possibilidade de múltiplas articulações e interpretações. Assim, a subjetividade não existe anteriormente às representações: ela se constitui em latência constante por meio de imagens, palavras, afetos e perfis, que circulam incessantemente no social.”¹³⁴

No olhar de Guattari e Rolnik, comentado por Maria Izilda Santos de Matos:

“Cabe destacar que esse processo é complexo, pois não se deve pensar na existência de uma subjetividade como ‘receptante’, onde se depositam elementos essencialmente exteriores; a subjetividade possui diferentes níveis – social, individual e inconsciente – que se interpenetram. Ela não pode ser entendida como essência, modelo de identidade, mas como toda uma complexa multiplicidade de signos e representações agenciados por elementos que percorrem todo o campo social. (meios de comunicação, família, religião, escola, entre outros).”¹³⁵

Para as reuniões do “Copa”, bem como para as festas e nas recepções oferecidas pelos bem-nascidos, ou ainda daquelas ocasiões nas quais estes participavam como convidados: pode-se dizer que eram enormes os esforços e as energias dispendidas na preparação desses eventos. O esmero para se evidenciar: capricho, acolhimento, refinamento, amabilidade e onde a boa etiqueta deveria ser a mais perfeita, era o lugar a ser exibido como marca; como o lugar em que se praticava a arte do bem viver.

Os elementos da aparência dos convidados, o requinte nos modos e maneiras, as vestimentas perfeitas, geralmente de grandes grifes como: D’ior, Valentino, etc... Jóias em profusão. Por meio desse mosaico de condicionantes o objetivo era demonstrar, pela ostentação, prestígio e poder entre homens e mulheres, entre o colunista e seus colunáveis.

“Todavia, cabe lembrar que a construção das relações e perfis de comportamento de gênero na dinâmica de transformação porque passava o Rio de Janeiro da época, particularizando em Copacabana, se fez mediante a tecedura de uma trama em que estiveram presentes relações multifacetadas, constituindo-se um processo dinâmico em que os perfis de comportamento de gênero se faziam e refaziam por diferenciação e também por *integração*.”¹³⁶

Ibrahim Sued, quando relata, para além das grandes festas do Copacabana, como também suas longas e corriqueiras jornadas naquele ambiente, descreve - com detalhe - relações multifacetadas que se faziam e se desfaziam por diferenciação, bem como integração de interesses. Sentar-se às mesas localizadas na pérgula do Hotel, usufruir de sua piscina, circular pelo restaurante e salão de festas e, não menos importante, hospedar-

¹³⁴ Maria Izilda Santos de MATOS. *Op. Cit.* p. 31.

¹³⁵ Félix GUATTARI & Suely ROLNIK. *Op. Cit.* p. 33. *Apud.* Maria Izilda Santos de MATOS. *Idem.* p. 31-32 .

¹³⁶ Maria Izilda Santos de MATOS. *Idem.* p. 32. (Itálicos da autora).

se em ocasiões de destaque era a possibilidade de se ver em destaque, daquele ambiente para a coluna, em um processo de integração de interesses, por diferenciação, no qual o observador colunista acabava sendo o ângulo de encontro desses aspectos.

“A composição diferenciada do aspecto exterior se constitui como instrumento da diferenciação social, a representação do nível hierárquico pela forma, tudo isso caracteriza não só as casas, mas também a organização da vida da corte como um todo.”¹³⁷

A organização de vida social das elites usualmente envolve articulação entre polimento do comportamento, uso adequado de vestimentas, tipo de jóias e perfumes usados, objetos e atitudes que compõem os hábitos ou adornam as moradias, bem como o estilo de vida que tudo isso representa.

Há, então, o despertar desses indivíduos para atitudes de conexão entre o social e a figuração de todo o espectro de sua esfera de atuação, incluindo a sua própria. Essa situação revela a posição que ocupam.

É frequentando a boa sociedade que se constrói a distinção, o gosto e a sensibilidade para se apropriar das boas maneiras, aprendendo o refinamento, desenvolvendo o gosto e o conhecimento da estética, da beleza e do luxo. Tudo isso temperado com elevada dose de futilidade e de uma quase que ingênua visão de que as condições e situações que acontecem no mundo nunca devem conspirar contra quem já alcançou tais posições.

“A atitude expressa em tais noções aponta uma determinada antinomia nessa sociedade. O que hoje em dia aparece como luxo, numa consideração retrospectiva, não é nada supérfluo numa sociedade assim estruturada, como Max Weber reconhece. Veblen apresenta o ‘luxo’ como ‘*conspicuous consumption*’ como ‘consumo ostentatório’. Numa sociedade em que cada manifestação pessoal tem um valor socialmente representativo, os esforços em busca de prestígio e ostentação por parte das camadas sociais mais altas constituem uma necessidade de que não se pode fugir. Trata-se, pois, de um instrumento indispensável à autoafirmação social, especialmente quando – como é o caso da sociedade de corte – todos os participantes estão envolvidos numa batalha ou competição por *status* e prestígio.”¹³⁸

3.2 O exemplo dos Mayrink Veiga

O exemplo dos Mayrink Veiga é emblemático sinônimo de riqueza e *glamour*. Eles viviam entre a cidade do Rio de Janeiro e Paris, onde recebiam multimilionários de

¹³⁷ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p. 82

¹³⁸ *Idem.* p. 82-83.

diversos países para almoços e jantares. Residiam em um apartamento de mil metros quadrados repleto de mobiliário de estilo e obras de arte, localizado no Flamengo, com vista da Enseada de Botafogo, com quatro salões, dez ambientes em cujas paredes sobressaíam Portinaris, Volps, Guignards, Di Cavalcatis, tapeçarias antigas e tudo o que o bom gosto pode oferecer em termos de raridade.

Os Mayrink Veiga recepcionavam pessoas com sobrenomes de grande destaque no *Jet Set* Internacional como: os Rothschild, os Agnelli, os Cicogna entre outros famosos. Sua casa expressava seu *status*.

Ibrahim Sued procurou também alcançar esse *status* e prestígio que esteve presente em todo estilo de vida que as pessoas deviam construir e representar, pois não se pode tolerar que outra pessoa se destacasse mais e empanasse o seu “brilho”.

“Assim, o modo essencial de marcar uma posição social é documentá-la por um estilo de vida apropriado, segundo os parâmetros desse nível. A coerção de representar o nível social é inexorável. Se falta dinheiro necessário para isso, o nível social passa a ter uma realidade muito restrita, o mesmo ocorrendo com a existência de seu ocupante na sociedade.”¹³⁹

Uma Carmen Mayrink Veiga que não mais reside e não pode mais viver no luxo, não pode ser (a) Carmen Mayrink Veiga, pois não pode mais cumprir as obrigações sociais que seu *status* lhe impõe a assim deixar de ser um membro reverenciado no *high society*.

Fica evidente que para manter seu *status* social, um bem-nascido precisa sempre equilibrar suas despesas com suas receitas, bem como com sua posição social.

Uma vez mais, recorre-se a Elias que ensina:

“a expressão ‘*noblesse oblige*’ representa em seu sentido original, um *ethos* que é diferente daquele orientado economicamente pelas camadas de profissionais burgueses. A antinomia da existência social é mais forte dependendo do potencial econômico dos homens que a ela se inserem [...]. Essa antinomia consiste no fato de que as despesas são reguladas de acordo com o nível social, enquanto a receita não é regulada da mesma maneira, ou seja, de acordo com as obrigações de representação ditadas pela sociedade.”¹⁴⁰

O personagem Ibrahim Sued era um ascendente social que procurava se manter nesse nível, uma vez que sua posição social exigia uma representação social, já os Mayrink Veiga eram os representantes de uma elite composta em grande parte, por pessoas provenientes de famílias abastadas, cuja ascensão já havia se efetivado,

¹³⁹ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Idem*. p. 83.

¹⁴⁰ *Ibidem*.

construído uma espécie de tradição e que – ao longo do tempo – mantiveram suas posições, como bem demonstra o relato a seguir:

Carmen Mayrink Veiga e seu marido Tony formavam um dos casais mais elegantes da alta sociedade carioca. Foram considerados por diversos órgãos de imprensa internacionais e, principalmente pela Revista Vogue americana, o casal mais chique da América do Sul. Eles frequentavam o *Jet Set* Internacional. Participavam de caçadas e expedições na companhia de pessoas como o Duque e a Duquesa de Windsor e Malborough, o Barão e a Baronesa Sílvia Amélia de Waldner, o Barão David de Rotschild, o Rei Constatino da Grécia, a Princesa Soraya do Irã e até Clark Gable.

Os Mayrink Veiga participavam do círculo de influência de Elizabeth Arden – empresária e cosmetóloga canadense – e Carmen Mayrink Veiga foi por ela indicada como uma das mulheres mais elegantes do planeta. Além de vestir-se com os mais celebrados estilistas, Carmen era apontada como uma das maiores conhecedoras de jóias e das histórias das gemas e dos mais belos diamantes que compunham as principais jóias das coroas europeias, sendo ela possuidora de inúmeras peças de vultosos quilates.

Ibrahim Sued não possuía essa ascendência, portanto tinha a necessidade de se destacar e de diferenciar-se dos que faziam parte do grupo social dos Mayrink Veiga e, para tanto, sua conduta e sua postura social exigiam basear-se em comportamentos que poderiam revelar: valores, consideração, distinção, honradez, “além de muitos outros, cujo uso corrente é uma senha de que faz parte do grupo e uma prova de comprometimento com ideais sociais.”¹⁴¹

3.3 O percurso de Sued na sociedade dos bem-nascidos: do “clube dos cafajustes” à disciplina do *Café Society*

A sociedade dos bem-nascidos é regida por um:

“sistema social de normas e valores, cujos mandamentos são obrigatórios para os indivíduos, a não ser quando eles renunciam à convivência em seu círculo de sociedade, à participação em seu grupo social. Tais normas não podem ser esclarecidas a partir de um mistério encerrado no peito de grande número de homens singulares, elas só podem ser esclarecidas em conexão com a figuração específica que os muitos indivíduos conjuntamente, e com as interdependências específicas que os ligam uns aos outros.”¹⁴²

¹⁴¹ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Idem.* p. 84.

¹⁴² *Idem.* p. 85.

O *ethos* social obriga os indivíduos a submeterem suas despesas às receitas e garantir o seu êxito social na obtenção de mais *status* e prestígio e criar estratégias de ganho e despesas em longo prazo, onde os indivíduos subordinam seus anseios consumistas, sem muitas vezes divergir do *ethos* de poupar.

Ibrahim Sued viveu essa dualidade e entendeu que para ele se manter no topo da sociedade precisava ter prestígio, receita para ser consumista e manter seu *status*.

Elias nos revela que:

“o consumo de prestígio se diferencia desse cânone burguês de comportamento. Em sociedades nas quais predominam o outro *ethos*, o do consumo em função do *status* (*status- consumption –ethos*), o mero asseguramento da posição social de uma família – assim como uma melhora da aparência e do êxito na sociedade – dependem da capacidade de tornar os custos domésticos, o consumo, as despesas em geral, dependentes em primeira instância do nível social, do *status* ou prestígio possuído ou almejado. Alguém que não pode mostrar-se de acordo com seu nível perde o respeito da sociedade.”¹⁴³

Ibrahim Sued insere-se neste contexto, pois busca *status*, prestígio, posição social e econômica e consegue isso em virtude de seus escritos e de sua própria união matrimonial com Maria da Glória Drumond Sued que era bem-nascida

O próprio colunista descreveu suas bodas:

“Casamento de Ibrahim! Está sendo considerado como o maior acontecimento social da temporada o casamento de Ibrahim Sued, o colunista número um do país, com a Srta. Glorinha Drumond. Este casamento marcará o início da *season* e as elegantes da sociedade carioca já comparecerão de “robes-saco” e “trapézio”. Os principais semanários da cidade – *O Cruzeiro*, *Manchete e Revista da Semana* – farão cobertura. Dona Nena Fiala, da Canadá, está mantendo em grande segredo os detalhes do vestido, prometendo uma das maiores criações em matéria de *toilette* de noiva já feitas naquela casa. O casamento civil será quarta-feira próxima, em cerimônia íntima na residência do escritor e Sra. Otávio Alvarenga, cunhado e irmã da noiva. Serão paraninfos os casais: Antônio Sanches Galdeano e Fernando Aguinaga, de parte do noivo, e o casal Carlos Goulart, Srta. Maria da Conceição Drumond e Sr. Alberto Sued, de parte da noiva. A cerimônia religiosa será realizada quarta-feira, às 17:30, na Capela da Reitoria da Universidade do Brasil, na Praia Vermelha, e será oficiada por Dom Helder Câmara. Serão padrinhos de Glorinha o Sr. e Sra Joaquim Guilherme da Silveira e senador e Sra. Gilberto Marinho; e de Ibrahim, a viúva Cantídio Drumond, Sr. Eduardo Bahouth e Sr. Sra Roberto Marinho. A capela está sendo decorada pela Lafon. A *demoiselle d'honneur* é a Srta Tanit Galdeano. Os noivos, após a cerimônia, seguirão para Petrópolis, onde permanecerão até sábado, quando descerão para embarcar em um possante DC-TC da Panair do Brasil rumo à Europa.”¹⁴⁴

Ainda lembrando Elias:

“Permanece atrás de seus concorrentes numa disputa incessante por status e prestígio, correndo o risco de ficar arruinada e ter de abandonar

¹⁴³ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Idem*. p. 86.

¹⁴⁴ Isabel SUED. *Ibrahim Sued: em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. p. 30.

a esfera de convivência do grupo de pessoas de seu nível e status. Essa obrigação de gastar de acordo com o nível social requer uma disciplina no uso do dinheiro que é diferente da burguesia”¹⁴⁵.

Ibrahim Sued entendeu muito bem esse *ethos* do consumo e quando quis galgar *status* se associou e criou com alguns *playboys* o famoso Clube dos Cafajestes.

“O ‘Clube dos Cafajestes’ era uma turma da fuzarca que alegrou a vida carioca nas décadas de 1940 e 1950 e que era composta por rapazes folgazões e irreverentes, uns nascidos em famílias da alta burguesia e outros bem instalados na vida, sempre rodeados de belas mulheres.

Nenhum desses rapazes levava desaforo para casa e a ‘seriedade’ não era muito apreciada entre eles, já que gostavam de uma boa briga e de fazer coisas absolutamente inusitadas e provocatórias. Criativos, corajosos e mulherengos, estes rapazes andavam juntos durante o ano inteiro, abafavam no carnaval e nas suas disputadas festas não faltavam boas bebidas, excelentes orquestras e belíssimas mulheres.

O grupo foi fundado e liderado pelo Edu (Eduardo Henrique Martins de Oliveira), comandante da Panair do Brasil, que foi jogador juvenil do Botafogo no início da década de 1930, com Althemar Dutra de Castilho (futuro presidente do Botafogo), e padrinho de casamento do futebolista Heleno de Freitas, que era outro ‘fanático’ botafoguense membro do ‘Clube dos Cafajestes’.

Além de Edu e de Heleno, os membros do ‘cafajestes’ eram, entre outros, Alberto Sued, Baby Pignatari, Bubi Alves (botafoguense), Carlos Niemeyer (piloto da aviação comercial), Carlos Peixoto, Carlos Roberto de Aguiar Moreira (secretário-geral particular do presidente da República), Cassio França, Celmar Padilha, Darcy Froes da Cruz, Ermelindo Matarazzo (milionário que era goleiro reserva e torcedor botafoguense), Ernesto Garcez Filho, Fernando Aguinaga (botafoguense), Francisco Albano Guize, Ibrahim Sued, Ivan Cardoso Senior, Jorginho Guinle, Léo Peteca, Mário Saladini, Mariozinho de Oliveira, Oldair Froes da Cruz, Paulo Andrade Lima, Paulo Soledade (piloto da aviação comercial), Príncipe Dom João de Orleans e Bragança (oficial-reformado da Força Aérea Brasileira), Raimundo Magalhães, Raul Macedo (botafoguense), Sérgio Pettezzoni, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), Vadinho Dolabella e Waldemar Bombonatti (botafoguense e namorado de Linda Batista).

As ‘cafajestadas’ eram tramadas na Confeitaria Alvear, em Copacabana, na Avenida Atlântica, esquina com a República do Peru, que não raras vezes terminavam com a intervenção da Polícia Especial, na qual se contavam, entre outros, Mário Vianna e Paulo Amaral, que se apresentavam de quepes vermelhos, acelerando as suas Harley Davidson e ilimitadamente dispostos em transformar uma pequena briga em conflito generalizado com os ‘cafajestes’. Eis uma curiosa “descrição do ‘Clube dos Cafajestes’.”¹⁴⁶

“Mas aqueles moços nunca rejeitavam uma boa confusão, então onde o Grupo dos Cafajestes estivesse metido, haveria possibilidade de tudo, menos de monotonia. Com eles na jogada podia baixar porrada, baixar o santo, baixar a maré, baixar as calças, baixar o nível, baixar o preço, baixar a voz, baixar uma

¹⁴⁵ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Ibidem.*

¹⁴⁶ Renato SÉRGIO. *A alma de uma cidade – lugares, fatos e personagens cariocas – reminiscências & lorotas.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. p. 82.

ordem, baixar o calão, até baixar à sepultura, baixar qualquer coisa, menos o tédio.”¹⁴⁷

Uma das matérias das mais esclarecedoras sobre o “Clube dos Cafajestes” foi Publicada em 2004, 26 de abril. Na forma de entrevista a Mário Saladini, nascido em 1915, em São Paulo e que se tornara um ‘cafajeste’ dos mais memoráveis, com trejeitos e temperamento típico de um carioca. Saladini descreve situações em que os “cafajestes” eram protagonistas em um misto de fantasia e realidade.

A entrevista sobre aspectos da vida de Saladini (falecido a 9 de setembro de 2009, com 94 anos de idade) foi concedida a Rui Moura e é recheada de casos engraçados do “Clube dos Cafajestes”, entre outras histórias ali registradas.¹⁴⁸

Segundo Saladini, que se considerava um dos criadores do grupo, afirmava que o “Clube dos Cafajestes” era “o instituto da boemia carioca. Foi criado no meu apartamento na Avenida Atlântica, esquina da República do Peru”.

Reunia a juventude da época, homens entre 25 e 30 anos, mulhereiros, cercados de mulheres deslumbrantes. “Nosso esporte era rir, beber e, entre outras coisas, fazer as maiores estrepolias por toda a cidade. Eramos unidos em uma amizade que perdura até hoje, despojada de preconceitos.”¹⁴⁹

Um espírito bem carioca de “gozação” permeava o clima dos relacionamentos entre aqueles jovens. Quase todos possuíam curso superior, eram de camadas médias e alguns eram endinheirados, todos tinham uma profissão e eram versados em idiomas estrangeiros.

O “modo irreverente de debochar do cinismo de uma sociedade que se importava mais com as aparências do que com a nossa verdadeira integridade moral” não fazia dos “Cafajestes” seres humanos abomináveis, para além da gozação e da crítica ao cinismo vigente, suas posturas e atitudes – embora tresloucadas e dignas de menção – não fizeram deles senão pais de família e amigos que nutriram essa espécie de amizade calçada nos laços juvenis.¹⁵⁰

¹⁴⁷ Roberto **PORTO**. *Botafogo – 101 anos de histórias, mitos e superstições*. Rio de Janeiro: Revan. 2005. p. 96.

¹⁴⁸ Rui **MOURA**. Entrevista com Mário Saladini. Disponível em: <http://www.velhosamigos.com.br/Foco/marciosaladini.html> Acesso em 15. Set.2016.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

Talvez o evento que mais tenha marcado o ingresso de Sued no “Clube dos Cafajestes” tenha sido a frase – “Quem te convidou?”¹⁵¹, proferida pelo *playboy* Baby Pignatari com o intuito de barrar Ibrahim na entrada de uma festa. O problema foi providencialmente contornado com as presenças de Mariozinho de Oliveira e Carlos Peixoto.

“Muito ‘sapo’ engoli, desde a época em que era obrigado a ouvir: ‘Você é filho de quem?’ Hoje, meus filhos usam a preposição ‘de’ em seus nomes. De Sued! Começa comigo mesmo. Já vai longe a noite em que um milionário me fez a famosa pergunta, numa festa no Vogue, que foi a primeira boate elegante do Rio: ‘Quem foi que te convidou? Eu não fui...’ A promessa feita em pensamento aos milionários do mundo, no meu acanhado quarto da pensão (disse a mim mesmo: ‘Ainda terei uma mesa disputada por todo mundo’), concretizou-se mais do que eu próprio imaginara. De lá pra cá, o filho do imigrante árabe, o único do ‘Clube dos Cafajestes’ sem nome nem casa, e sem pai e mãe, tranformou-se em locomotiva social e ‘papa’ do columnismo.”¹⁵²

Assim Ibrahim Sued entrou na festa: humilhação, raiva e orgulho ferido talvez tenha sido o sentimento que ele tenha experimentado com essa situação e, muito provavelmente, tenha jurado que daquele dia em diante jamais seria barrado em qualquer ambiente. Ao contrário, as pessoas deveriam se sentir honradas com a sua presença.

A presença de Alberto Sued, irmão de Ibrahim que trabalhava na Caixa Econômica Federal e que era um dos fundadores do “Clube dos Cafajestes” certamente facilitou o estreitamento das relações de Ibrahim com membros do grupo. A intenção proclamada era a de buscar um emprego público para Ibrahim Sued.

“O fato de que o grupo dos Cafajestes foi o caminho por onde ingressei no convívio com a sociedade carioca teve para mim um significado muito especial. É que, por serem eles rapazes de ótima formação, mas que riam das convenções, eu sempre encarei com espírito leve, com bom humor e descontração os ritos mais rigorosos do ‘*café society*’, não dando bola para os preconceitos e, sobretudo, avesso à idéia de imitar quaisquer pessoas, pois na verdade sou muito zeloso da minha autenticidade em qualquer plano, seja na vida profissional, seja na particular.”¹⁵³

Para o próprio Ibrahim Sued, o “Clube dos Cafajestes” era formado por jovens bem-nascidos. Os cafajestes eram aqueles que adoravam beber, faziam de tudo para estar

¹⁵¹ Roberto DA MATTA. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1978. Mais especificamente no capítulo “Você sabe com quem está falando?”, forneceria instrumentos analíticos importantes para revelar o quanto esta pergunta é reveladora do tipo de relação social que permeia os bem-nascidos, no Brasil, e no Rio de Janeiro, mais especificamente. Neste capítulo, Da Mata trata de como no Brasil há uma forte tendência de sobrepor as relações pessoais (pessoa) sobre as relações individuais (indivíduo), ou, como a esfera do privado tende a se sobrepor à esfera do público.

¹⁵² Ibrahim SUED. *Aprenda a receber: etiqueta*. Rio de Janeiro: Top Promoção e Publicidade, 1977. s/p. (tópico Mestre de Cerimônia).

¹⁵³ G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz. *Galeria do samba – Ibrahim, de leve eu chego lá*. <http://www.galeriadosamba.com.br/passarela/academicosdesantacruz/ficha-1985.htm> Acesso em 16.Set.2016.

rodeados de belas mulheres, assumiam o gênero ocioso e frugal típico daqueles que não se preocupavam com o problema da falta de dinheiro, além de frequentarem as festas da Zona Sul, ocasiões em que quase sempre se metiam em confusões.

No imediato Pós-Segunda Guerra, foi um grupo que criou um estilo próprio que sucedeu o estilo *blasé Belle Époque* predominante nas décadas de 1920 e 1930, ou seja, aquele que vigorou até o Entre-Guerras. À medida em que o tempo passava esses fanfarões ganhavam fama pelos feitos que protagonizavam na noite carioca. Os cafajestes não sobreviveram à Ditadura Militar, pois os tempos sisudos não combinavam com o tom de galhofa neles predominante. Sued dedicou-lhes a crônica abaixo:

“O Clube dos Cafajestes Ataca na Madrugada.

Numa época em que ser aviador era grande demonstração de espírito aventureiro, o ‘Clube’ tinha o Comandante Edu de Oliveira; numa época em que brigar não era muito bacana, o ‘Clube’ tinha os mais aguerridos valentões da cidade, numa época em que a palavra sexo era pronunciada entre sussurros, o pessoal do ‘Clube’ dava as ‘festinhas’ mais incríveis. Não é de estranhar, portanto, que o ‘Clube dos Cafajestes’ seja, hoje, uma das marcas registradas da década de 50 no Rio de Janeiro.

Embora cafajeste signifique tradicionalmente ‘homem de ínfima condição; homem sem maneiras; biltre’ – como está no dicionário do Professor Aurélio Buarque de Holanda que, de leve, acabo de consultar – o pessoal do ‘Clube’ nada tinha a ver com esta tradicional definição.

Carlinhos Niemeyer, Paulinho Soledade, Fernando Lobo, Mariozinho de Oliveira, Carlinhos Peixoto, Celmar Padilha, Ernesto Garcez Filho (Tetito), meu irmão Alberto, Francisco Guize, Carlos Roberto Moreira Aguiar, Fábio de Andrada, o craque Heleno, do Botafogo, Mário Saladini e o Príncipe Dom João, que era capitão da FAB, entre outros, formavam, na realidade, apenas um grupo de rapazes que se reunia no Bar Alvear, na Avenida Atlântica, perto do Copa.

Como os rapazes de qualquer época, gostavam de se divertir. Diversão que, algumas vezes, fugia aos padrões tradicionais da época (como Fábio que tirava a dentadura e colocava no copo), surgindo daí o mito em torno do ‘Clube’. E este mito foi aumentado com a denominação de ‘Cafajestes’ dada, segundo consta, por Mariozinho de Oliveira, na base da gozação. Uma gozação que pegou. Mas situando no tempo, estes rapazes eram uma espécie de *hippies* (de *boutique*) dos anos 50. Ou, como diziam as moças que saíam com os rapazes do ‘Clube’: ‘Eles são cafajestes, mas na hora de pagar a despesa todo mundo puxa o dinheiro e tem’.

No pós-1946 eles apareceram. Com o fechamento dos jogos, as famílias tradicionais dos anos 20 e 30 (os Matarazzo, Prado, Cunha Bueno, Penteado, em São Paulo; os Guinle, Fontes, Saavedra, Proença de Faria, Silveira, no Rio) se afastaram muito do cenário artístico e social, deixando o campo aberto para uma nova turma.

E a turma jovem chegou, muitos pertencendo à nova geração das famílias tradicionais; surgia, então, o ‘*café-society*’ de que sou fundador. As locomotivas começaram a esquentar, o Rio encontraria maior movimentação, a que o Vogue daria um colorido todo especial; Vogue que acabou se

transformando – principalmente a partir das 23h – no quartel-general do ‘Clube dos Cafajestes’, cujo raio de ação atingia toda Copacabana, além de Petrópolis, Teresópolis ou qualquer outro centro elegante. Que *hippie* de luxo nunca faz por menos.[...]

Naquela atmosfera de rigidez moral, de costumes mais tradicionais, o “Clube” era realmente de arrepiar os cabelos. [...]

Para os anos 50, tudo isso era assustador. Hoje ao que parece, quando tanto se fala de sociedade permissiva, *make love, not war, women’s lib, gay power*, e tantos *slogans* quantos se deseja sacar, o ‘Clube dos Cafajestes’ fica como uma imagem romântica de um filme romântico. Hoje, existe o ‘amor livre’, a radiopatrulha – via de regra – acaba com qualquer confusão rapidamente, acontece tanto encontrão dentro das *boites* que nem adianta mais pedir desculpa, e caratê é um esporte ensinado às crianças. A atmosfera de aventura, o sentimento de viver livremente, tudo tomou um rumo muito diferente. Quando o homem chega à Lua, quem vai olhar para o comandante de um Constellation como herói?”¹⁵⁴

Foi a partir do “Clube dos Cafajestes” que Ibrahim Sued cercou-se de amigos como Jorginho Guinle. Jorge Guinle foi um *socialite*, *playboy* e milionário herdeiro da concessão do Porto de Santos e de uma série de outros empreendimentos.

Os empreendimentos de vulto, contudo, não impediram que Jorge Guinle experimentasse uma “boa vida” – como se referiu no título de um dos seus livros – e nem que ele escrevesse outro sobre o jazz – *Jazz Panorama*. Nem mesmo todo esse envolvimento com a boa vida e com as artes foram capazes de impedir que os Guinle experimentassem, anos mais tarde, a derrocada econômica.

O *grand monde* dessas pessoas era marcado por gastar, viajar, estar em Paris, possuir um apartamento na *Champs Elysée* e/ou suas adjacências, ou ainda na 5ª Avenida em Nova York. Comer caviar regado à champagnota era um dos hábitos mais decantados.

Aos poucos, Ibrahim Sued foi incorporando esse *ethos* ao seu dia a dia. Um exemplo disso é perceptível quando o personagem participava de celebrações de casamento de gente do *Jet Set* Internacional, bem como de recepções em nosso país.

“Ibrahim dizia que as festas que mais tendem a permanecer em nossas mentes são as de casamento. Talvez porque o casamento seja, entre todas as comemorações, aquela que mais celebra esperança. Não é apenas o casamento em si, mas tudo o que se pode acontecer a partir daí.”¹⁵⁵

Dentre os casamentos em que ele esteve presente, certamente, o de Grace Kelly com Príncipe Rainier, de Mônaco, foi o mais destacado. Conto de fadas em forma de realidade nos meados do século XX. Mônaco estava decorada para as bodas e atraiu a atenção das demais cidades turísticas da *Côte d’Azur*.

¹⁵⁴ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar*. Op. Cit.p.116-120

¹⁵⁵ G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz. ... *Ibidem*.

Dentre os cerca de mil e quinhentos jornalistas de todas as partes houve muito acotovelamento e empurra-empurra no afã de cobrir aquele acontecimento. Ibrahim Sued, todavia, por saber insinuar-se e valer de amizades esteve presente a todas as cerimônias. Enquanto muitos não conseguiram executar o seu trabalho e outros tantos membros do *Jet Set* tenham ficado sem convites, Sued já se destacava por estar presente aos mais significativos eventos.

Na Noite de Gala, evento comum em bodas da realeza, ocasião em que os presentes são os mais refinados detentores de títulos de nobreza ou personalidades do mundo inteiro que lá estiveram, Ibrahim Sued era o plebeu e, talvez, tenha sido o único jornalista sul-americano presente a documentar os movimentos e situações daquele raro evento.

Nos muitos anos de colunismo, Ibrahim Sued participou de festas absolutamente fora do comum, quer pelo alto nível do serviço, quer pela beleza do ambiente, ou ainda pelo luxo dos convidados como, sobretudo, pela importância do acontecimento.

“Quando pela primeira vez, uma descendente da dinastia dos Windsor rompia a tradição e casava com um plebeu, Ibrahim estava presente como repórter convidado pelo Governo da Inglaterra para a solenidade e credenciado pelo Press Repórter Pass n° 777.

Era o casamento da Princesa Margareth Rose com o fotógrafo Anthony Armstrong-Jones, na Abadia de Westmister. Participou também de uma festa fantástica – pelo alto requinte – que Antonio Patiño, rei do estanho boliviano, realizou no Estoril com a presença de quase todas as famílias reais da Europa.

No Brasil, esteve presente na recepção à Rainha Elizabeth, no Palácio São Clemente; nas recepções oferecidas por Roberto Marinho ao Presidente Craveiro Lopes de Portugal e ao Presidente da Itália, Giovanni Gronchi. Participou também da recepção oferecida pelo Presidente Castello Branco ao Xá do Irã.

Todos esses acontecimentos foram marcantes na vida de Ibrahim Sued, não só pela beleza e importância dos mesmos, mas, e principalmente por isso, pelo fato dele estar ali – ser um deles. Como diria “o próprio Ibrahim: ‘É mais nobre ser nobre, do que nascer nobre’.”¹⁵⁶

Essa argumentação “nos remete a socialização ditada por uma tradição social que marca o indivíduo com a ideia de que seu nível social lhe impõe uma obrigação de prodigalidade.”¹⁵⁷

¹⁵⁶ G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz. ... *Ibidem*.

¹⁵⁷ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte*. ... *Op. Cit.* p. 86.

Mas, entre os “caixas-altas” “submeter os gastos aos rendimentos e à restrição planejada do consumo a fim de economizar, tem um sabor de desprezo [...], pois é um símbolo da virtude de gente pequena.”¹⁵⁸

Possuir fortuna pecuniária está subentendido entre os colunáveis, mas tratá-lo abertamente não se configura como atitude de bom tom no mundo daqueles que aparecem na coluna social.

Os assuntos de natureza monetária ficam subentendidos e essa situação remete à retomada que Maurice Godelier fez a respeito do *Enigma do dom*; cotejando-o a novas funções sociais na vida contemporânea em que as relações de mercado, ao absorverem – pelo contrato – todas as demais relações, submetem e reduzem as relações sociais a lugares de trocas de coisas banais e coisas preciosas.

“E como tudo aquilo que se compra e se vende se compra e se vende por dinheiro, ter dinheiro tornou-se a condição necessária para existir física e socialmente.

O dinheiro está presente no coração de tudo aquilo que é ‘alienável’. Ele entra e sai permanentemente do mercado e, quando ele circula, faz circular com ele milhares de realidades materiais e imateriais pelas quais ele é trocado e nas quais ele se troca – por um tempo.”¹⁵⁹

Para Godelier há, incontornavelmente, a permanência e a recorrência de relações não mediadas pelo contrato e pelo dinheiro que se mantêm para além do mercado em uma sociedade de mercado. Trata-se de uma espécie de reestilização da distribuição em uma economia de redistribuição gerada pelo Estado, ou de uma economia do dom gerada por particulares.

“Nós estamos em uma sociedade cujo funcionamento mesmo separa os indivíduos uns dos outros, isola-os em suas famílias e só os promove opondo-os uns aos outros. Estamos em uma sociedade que libera, como nenhuma outra o fez, todas as forças, todas as potencialidades adormecidas no indivíduo, mas que também leva cada indivíduo a dessolidarizar-se dos outros, servindo-se ao mesmo tempo deles. Nossa sociedade só vive e prospera, portanto, ao preço de um déficit permanente de solidariedade. E ela só imagina nova solidariedade se negociada sob a forma de contrato. Mas nem tudo é negociável naquilo que estabelece laços entre os indivíduos, que compõe suas relações públicas e privadas, sociais e íntimas, naquilo que faz com que vivam em sociedade, mas tenham também que produzir sociedade para viver.”¹⁶⁰

¹⁵⁸ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte. ... Ibidem.*

¹⁵⁹ Maurice GODELIER. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 309.

¹⁶⁰ *Idem.* p. 317-318.

Alcançar prestígio através do consumo é uma referência no segmento social dos colunáveis, pois, existe – é bem verdade que disfarçado – a concorrência pelo *status*.

3.4 Prodigalidade e concorrência na luta por *status* entre colunáveis

O *status* e o prestígio de uma pessoa podem ser medidos pelas festas que proporciona ou pelos presentes que são oferecidos. Por exemplo: os presentes que Ibrahim Sued recebia de seus colunáveis, como, também, e sobretudo, as jóias que os maridos ofereciam às suas esposas ou às “outras”.

Ibrahim descreve uma dessas passagens em sua coluna:

“Madame manifestou o desejo de ganhar uma jóia de seu ‘contrabando’. Mas o preço da jóia era altíssimo e ela não podia chegar em casa com uma joia tão cara porque o marido podia desconfiar... O preço era de 60 mil cruzeiros. Combinou com o seu ‘contrabando’ que ela passaria na joalheria com o marido, e o joalheiro venderia a dita joia por 10 mil cruzeiros, deixando o restante para o ‘contrabando’ pagar. Dito e feito, passou pela joalheria em companhia do marido, e escolheu a referida joia, que tinha sido executada especialmente para a madame. Mas o maridinho resolveu nesta tarde não comprar nada.

Três dias depois, o maridinho passou pela joalheria e adquiriu a joia pela insignificante quantia. Mas acontece que madame esperou vários dias, e ‘neca’ do presente, foi reclamar toda chorosa com o ‘contrabando’ e ele respondeu: ‘O que é que você quer mais, eu já passei pela joalheria e já paguei a diferença, porque o seu marido passou por lá três dias depois e levou a jóia’... É que o maridinho também tem um lindo ‘contrabando’. E até hoje madame não se conforma, mas também não tem coragem de repreender o seu maridinho, que é muito sem-vergonha.”¹⁶¹

O manter-se no topo da sociedade requer muitas vezes relações imprecisas e permeáveis, pois as pessoas do *Café Society* visam “o prestígio e participam do consumo em busca de *status*, sob pressão de uma rivalidade interminável.”¹⁶²

Ibrahim Sued deixou: a procura de prestígio e a luta pela de busca de *status* claras nesta nota de sua coluna:

“Os *Steps do Society* - Existe no nosso *Café Society* um grupo de ‘meninas’ que servem sempre para tapar buracos. São os ‘encalhes da nossa sociedade’... Essas figurinhas que não conseguiram casamento estão sempre marcando passo. Em todos os grupos, em todas as rodas, elas estão sempre presentes. Reparem: em quase todos os grupos de casados, existe uma solteirona, que está sempre cobrindo uma cadeira e se fazendo de par para um visitante. São figuras que continuaram solteiras, enquanto as suas contemporâneas compareceram perante o altar de uma igreja. As casadas, sempre que formam um grupo para irem a uma boate, e quando tem um homem sobrando,

¹⁶¹ Isabel SUED. *Op. Cit.* p. 27.

¹⁶² Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p. 87.

principalmente quando se trata de um visitante, pensam sempre na amiguinha, que geralmente é uma solteirona elegante, bem-apresentada, bem-falante, principalmente quando o assunto é ‘passada para trás’ [...]

Aí surgem os *steps*, fagueiras, petulantes. Com uma atitude muito digna, e no subconsciente duas alianças para fisgar o primeiro que aparecer. Se o novo conhecido é rico, elas tratam de conquistá-lo, caso contrário, sendo de família de tradição, procuram ser amiguinhas, embora haja necessidade de uma aventurazinha. Porque casamento para elas só com muita ‘bomba’. As casas de moda estão aguardando as visitas dessas futuras ‘madames’, e essas visitas só com um casamento muito rico [...]

Há também os que não são nada disso. São os modestos senhores que vegetam por aí. A esses elas nem dão bola e no dia seguinte telefonam à amiga e reclamam: ‘Mas que sujeito cacete o que você me apresentou! Não me traga mais disso, por favor’. E há também o velho ‘picareta’, que conhece todos esses dramas do nosso *Society*. Quando elas são apresentadas a esses, fingem logo uma dor de cabeça, uma indisposição, e vão dançar com os maridos das amigas, fugindo dessa figura que não é ‘bem’ [...]

E assim são os encalhes do nosso *Café Society*. Não confundir, é claro, com as solteironas da sociedade. Em todos os grupos elas estão presentes. Em todas as rodas elas existem sempre querendo saber se fulano é rico ou não, se fulano é ‘bem’ ou não, se fulano vai herdar alguma coisa ou não. Sempre impetuosas, e com atitudes de grandes senhoras, elas chegam ‘esnobando’ os presentes, e com duas alianças escondidas no subconsciente. Nos próximos números publicaremos os nomes dessas figurinhas difíceis que circulam por aí, e às vezes fazem a praça do Rio e de São Paulo. Aguardem os nomes dos ‘encalhes’ do nosso *Café Society*.¹⁶³

A busca desse *status* por pessoas ou famílias arruinadas economicamente se faz ainda mais aguda e permite depreender que a “ruína pode parecer, nesses casos simplesmente o fracasso pessoal de determinadas famílias em particular.”¹⁶⁴ Isso se pode sentir em algumas notas veiculadas nas colunas de Sued, bem como na década de 1980, na vida do próprio Ibrahim Sued e, também, de famílias tradicionais da sociedade carioca como: a família Guinle – que por enfrentar problemas econômicos viu-se forçada a entregar o Copacabana Palace ao capital estrangeiro, ou mesmo a *socialite* Carmen Mayrink Veiga – que apesar de se ver arruinada economicamente:

“[...] nunca perdeu a pompa – mesmo que parte do dinheiro da família tenha evaporado (alguns bens, como o Rolls-Royce, foram leiloados por causa de controversas dívidas da empresa do marido). Até hoje, ela admira a *haute couture* – Elie Saab é o seu preferido atualmente – e faz roupas com Guilherme Guimarães, o último dos moicanos no Brasil no quesito moda sob medida. ‘Ele faz roupa para mim por fax. Mando uma cartinha detalhando o que quero e ele envia dois ou três desenhos para eu escolher. Não faço nem prova!’, conta

¹⁶³ Isabel SUED. *Idem*. p. 25-26.

¹⁶⁴ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte ... Ibidem*.

do alto de seu 1,78 m e manequim 40. Prova viva de que a elegância e o estilo são eternos.”¹⁶⁵

Para Norbert Elias situações como a acima descrita revelam que:

“E em certo sentido é justamente o que ocorre. Quando alguém perde a disputa de uma corrida, com certeza isso significa que aquele competidor pessoalmente não foi capaz de correr tão bem quanto seus rivais. Mas as disputas são constituídas de tal modo que necessariamente há perdedores, a não ser quando eles terminam sem uma decisão. As camadas superiores com um ‘ethos’ do consumo em função do status e uma forte concorrência em busca dele são constituídas de tal modo que sempre há uma série de famílias destinadas a se arruinar naquelas sociedades.”¹⁶⁶

Percebe-se, assim, que no interior das rígidas estruturas da ordem das “caixas-altas” existe uma troca constante de famílias em ascensão e outras arruinadas. Nesta sociedade o importante é fama e riqueza. Valores tais como: respeito desinteressado e consideração amistosa não contribuem para o bem-estar desta camada social.

A partir dessas reflexões pode-se perceber qual era o *locus* em que se encontrava o colunista Ibrahim Sued e qual era a posição das famílias como a de Jorginho Guinle e de Carmen Mayrink Veiga que, durante anos, simbolizaram fama e riqueza.

É possível que quando uma família chega a se arruinar, o seu lugar social de destaque acabe sendo ocupado por outra que começa a dispendar seu capital, encenar aparições nas colunas sociais, fazendo a mobilidade social dos recém-chegados.

Privados de sua posição original, os arruinados decaem socialmente, a presença decresce, embora algumas lembranças possam ser recorrentes, adquirem um tom de memória de algo que só figura em um passado, cujo presente se desapegou da fama de então.

“o modelo simplifica a situação, mas também ilumina essa combinação de barreiras rígidas entre as ordens, ordenadas hierarquicamente, e de suas elites, com um determinado grau de mobilidade social que torna possível a queda e ascensão individualizada das famílias de uma ordem e de uma elite.”¹⁶⁷

Prestígio, *status*, fama, riqueza são máximas de dominação social e fortalecimento das rivalidades entre pessoas, grupos poderosos, políticos, etc. Graças ao enraizamento de valores, de competição, de tensões e ciúmes surgidos no interior da sociedade e, em especial, entre as elites, dá lugar a um jogo de tensões e conflitos que

¹⁶⁵ <http://www.modaspot.abril.com.br/spot-doc/personalidades-spot-doc/carmen-mayrink-veiga> Acesso em em 15.Jan.2013.

¹⁶⁶ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte ... Ibidem.*

¹⁶⁷ *Idem.* p. 88.

muitas vezes se transforma em rotina. Pode-se constatar essa afirmação em nota escrita por Sued:

“Sua Alteza continua se divertindo - Ali Khan esteve ontem em companhia de um grupo de ‘gente-bem’ no Monte Carlo. Mais tarde seguiram para o Vogue, onde se instalaram em uma comprida mesa. O grupo chegou minutos antes, e a seguir chegou o cobiçado ‘baú’. É que Sua Alteza estava fazendo o que todos nós fazemos... Imediatamente Ali Khan convidou sua favorita para dançar – senhorita Dóris Junqueira; na mesa o casal Ermelino Matarazzo preocupava-se com um *filet*, à sua frente a senhora Nicole Hime de Castro, enquanto aguardava o picadinho, conversava com o não menos cobiçado ‘baú’ brasileiro Chico Catão. Ao seu lado, meio enfasiado, Charles de Castro... que tinha à sua frente o ‘Embaixador Menino’, que aguardava a chegada da baronesa Von Der Lippe, por quem está tremendamente apaixonado (ah se eu fosse príncipe), pensava Manuel Henrique Cavalcanti de Lacerda [...]

Em uma das pontas da mesa, o simpático Jorginho Guinle conversava com os seus vizinhos de mesa: Fernando Ferreira, Lucio e Waldemar Schiler e o Piton, que tinha autorizado o *maître* para que Tommy Dorsey e alguns componentes de sua orquestra, que também ali se encontravam, não pagassem *couvert*, isto foi autorizado, em virtude de Tommy ter reclamado a nota, na hora do ‘paganini’ (e os 80 mil dólares que o CEIM autorizou onde estão, Tommy?) [...] Cinco horas da manhã. A orquestra parou. Mas, Sua Alteza, que estava dançando paradinho, com Doris Junqueira, queria se divertir. Era necessário que a música não parasse. A ordem veio imediatamente... A orquestra tocou até às seis da manhã ... Para o príncipe esquecer sua Ritinha [...]

Já que estamos falando no Vogue Acadêmico (como classificou Carlos de Laet), vamos registrar também a presença de Jorge Jabour, em companhia de duas lindas francesas, na sua mesa cativa.”¹⁶⁸

Dessa maneira “na investigação das diferenças e dos conflitos entre as elites, vale igualmente para a mobilidade social que, apesar de todas as rivalidades e diferenças conduziam.”¹⁶⁹ a uma ascensão social para alguns e ao declínio para outros.

Essa mobilidade é determinada por fatores sociais e nenhuma outra pessoa constrói esse mecanismo que cria um equilíbrio e este dá origem à figuração dos indivíduos. Então o colunista social tem acesso à mobilidade social criando figurações dos indivíduos que aparecem nas colunas sociais levando em conta seus próprios interesses.

Ibrahim Sued soube usar isso com grande competência e ensinou a outros colunistas que tal exploração pode ser feita, o que leva os colunáveis a uma busca silenciosa por poder, prestígio e *status* social. Isto se torna evidente em nota do próprio colunista:

“Esta coluna foi condecorada com a Legião *d’Honneur* – Devo dizer que fiquei honradíssimo ao receber das mãos do grande chanceler da Ordem da

¹⁶⁸ Isabel SUED. *Idem*. p.48-49.

¹⁶⁹ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte ... Idem*. p. 89.

Legião de Honra da França, general André Biard, em plenário da Assembléia, esta comenda que é a mais antiga do mundo. Repito que fiquei honradíssimo e sensibilizado, e agradeço ao presidente François Mitterrand, chefe de governo socialista da França, que assinou o decreto concedendo-me esta alta honraria, a qual quero dividir um pouco com os meus colaboradores (interinos) Fernando Carlos de Andrade e Ricardo Boechat, que há 22 e 12 anos, respectivamente, cobrem a minha ausência quando estou na França. E também a todos os meus colegas, porque essa honraria foi ao jornalismo brasileiro, sobretudo ao colunismo sadio, um gênero muito lido na imprensa (em todas as classes há bons e maus).

Foi o coroamento do trabalho jornalístico desta coluna, que há três décadas venho fazendo no estreitamento das relações comerciais, culturais, artísticas e turísticas Brasil-França. Foi uma ponte que criei Rio – Paris (com passagem para Côte d’Azur e MegÉve). Posso dizer que descobri a Côte d’Azur e MegÉve, para os brasileiros, na década de 1950, e mostrei um pouco mais de Paris.”¹⁷⁰

O colunista social muitas vezes manobra a posição dos indivíduos, pois tem nas mãos controle sobre ascensão social e do qual sempre “tira proveitos”. No *ethos* do consumo por prestígio e *status* é preciso mostrar poder de dispêndio com esse tipo de serviço prestado e, muitas vezes, por meio de pequenas notas o colunista pode avaliar o quanto um recém-chegado e um estabelecido está disposto a investir ou garantir a ascensão social.

A ascensão social pode ser controlada no âmbito da figuração social aqui representada pela figura do colunista e de algumas pessoas/famílias que “chegam” a ocupar o topo da sociedade, mas a decadência social também pode ocorrer de maneira inversa, como já ficou claro no caso da decadência social dos Mayrink Veiga e de Jorge Guinle.

Após figurarem por longo tempo, no máximo que uma pessoa ou família poderiam chegar ocupando lugar de destaque nas sociais, ao perderem os seus bens ou partes deles, comprometeram suas imagens tornando-se visivelmente “decadentes” e, assim, ou deixaram, ou reduziram suas presenças como promotores e como convidados de recepções. Com isso, seus nomes deixam de constar das colunas sociais.

O empobrecimento envergonha as pessoas e faz com que elas próprias não queiram ser vistas em sociedade. Muitas vezes os colunistas mascaram essas situações criando uma rede de dependência entre o colunista e seus “colunáveis” que, não raro, passam a agir conforme o colunista os posiciona.

¹⁷⁰ Isabel SUED. *Idem*. p. 202.

Nota-se então, que existe uma rede de relações construídas entre as pessoas que só pode ser entendida a partir do momento em que se compreende a rede de interdependência na qual essas pessoas encontram-se envolvidas. Nesse caso, se o colunista não pode evitar a ruína econômica de uma família, pode garantir, por algum tempo, a representação da posição social elevada.

Para elucidar o assunto recorre-se a Elias:

“A compreensão desse envolvimento é dificultada, hoje em dia, pelo fato de que se tornou possível, nas sociedades industriais desenvolvidas, dispor de um elevado *status* social e de um grande prestígio na sociedade sem pôr à prova publicamente esse *status* por meio de uma ostentação rica e dispendiosa de vestuário, habitação e todo um estilo de vida.”¹⁷¹

O que se depreende é que a manutenção do estilo de vida eleva o consumo para que as pessoas possam manter seu *status* e prestígio, o que demanda despesas financeiras em face de uma pressão social para:

“elevar-se socialmente, por meio de diversos modos de consumo em função do prestígio, e uma concorrência em torno das oportunidades de *status* condicionada, em parte, pela rivalidade na exibição de símbolos de *status* e prestígio relativamente caros. A diferença mais decisiva é que o consumo em função do prestígio e a coerção para representar são nitidamente mais privatizados nas camadas superiores de sociedades industriais.”¹⁷²

Em notícia da coluna de Sued pode-se visualizar a pressão social exercida pela busca de *status* e prestígio:

“Como perder na Bolsa sem estrebuchar – Em primeiro lugar, quero lembrar a vocês que, em certa época, o caixa-alta americano Richard Whitney, presidente da Bolsa de Nova York (a famosa Wall Street), pousou para uma foto atrás das grades de Sing-Sing (famosa prisão americana), onde durante muito tempo ele residiu...

Eu posso falar de cadeira sobre a Bolsa do Rio^(*), porque já ganhei alguns cobs e também já perdi. Mas, no cômputo, ganhei. Fui também o primeiro jornalista de grande público a aconselhar os leitores a comprarem tais ações, prevendo suas altas, em conseqüência dos balanços das empresas, que eu conhecia antecipadamente. Foi aqui mesmo, nas páginas de *O Globo*. Mas depois apareceram vários *experts*, e achei melhor me aquietar.

Eu, por exemplo, tenho uma técnica quando jogo na Bolsa. A técnica do velho Rothschild. Quando faço um lucro de vinte por cento, passo adiante. Mas jogar na Bolsa é muito perigoso. Só quem ganha com os jogos dos especuladores são os corretores. Evidentemente que muita gente ganha nas especulações.

¹⁷¹ Norbert ELIAS. *Idem*. p. 90.

¹⁷² *Idem*. p. 90-91.

* A Bolsa de Valores do Rio de Janeiro era uma das mais antigas, funcionou de 14/07/1820 até o ano de 2000, com a transferência das ações para a Bolsa de Valores de São Paulo. Em 2002 foi definitivamente incorporada à Bolsa de Mercadorias e Futuros da Bovespa.

Mas o pequeno investidor, que no fundo é quem mantém a Bolsa, este nunca deve esquecer que ‘a multidão sempre perde’. A multidão é uma personalidade complexa. Na realidade, ‘uma multidão de homens atua como uma só mulher’. ‘O espírito de uma multidão é igual ao espírito de uma mulher’. Se você reparar detalhadamente a mulher perceberá suas jogadas, seus truques, seus tiques nervosos – quase imperceptíveis – quando ela está mentindo... ‘A multidão sempre perde para a maioria’.¹⁷³

Outra evidência é quando Ibrahim Sued escreve:

“Hoje o plá é sobre a alta sociedade – Como agora todo jacaré com cobra d’água figura nas colunas que inflacionam a nossa imprensa, minha dica hoje é sobre algumas reuniões das figuras tradicionais da nossa alta-sociedade: o almoço foi servido em porcelana da China. Foi na casa da sra Zaira de Almeida e Silva, que festejou a presença das sras. Mimi Lafer, Ernestina Alves, Ester Cardoso de Almeida, que também são da alta-roda paulista e estão circulando no Rio, capital da moda e da elegância.”¹⁷⁴

Sabe-se que determinadas pessoas, para figurarem na colúnia social, gastam parte do que receberam ou herdaram em “consumo representativo”, ou mesmo repetem festas e recepções para estarem em evidência. Essa evidência fica clara quando Ibrahim Sued escreveu:

“De bonecas e deslumbradas – ‘Minha querida, por que ela está dando vários jantares para inaugurar o apartamento dela?’ ‘Você não sabe, boneca? É claro que se ela inaugurar com apenas um grande jantar, os colunistas só registrarão nas colunas uma vez, e com vários jantares ela fomenta a badalação várias vezes, nos registros sociais... percebeu, amorzinho?’”¹⁷⁵

Algumas pessoas ou famílias vendem/venderam terras, jóias, imóveis ou qualquer outro objeto de valor herdado para saldar suas dívidas, mas o seu *status* não lhes permite/permitiam limitar suas despesas, pois isto soa como vergonhoso.

O milionário e playboy Jorge Guinle é um exemplo: “HOJE VIVO DE FAVOR” – “nenhum *playboy* de hoje pode ser meu sucessor. Esses meninos o Ricardo Mansur e o Alexandre Accioly têm um grave defeito: eles trabalham” – em entrevista concedida a Cristiano Dias para a Revista Aol, Jorge Guinle se descreve como um *playboy* sem sucessor.

“Era difícil disfarçar a alegria quando a notícia chegou. O exército alemão havia sido escorraçado de Paris, que estava finalmente livre. Bons vivants e playboys do mundo inteiro tinham todas as razões do mundo para se afogar em champanhe. A capital da boa vida estava novamente nas mãos da boemia. A guerra estava no fim. Enquanto Hitler socava a mesa da Chancelaria, em Berlim, uma turma resolveu dar uma festa do outro lado do Atlântico. Naquela noite de agosto de 1944, a *socialite* Elsa Maxwell, uma das mais badaladas dos Estados Unidos, reuniu os amigos em sua casa, em Los Angeles. A lista

¹⁷³ Isabel SUED. *Idem.* p. 149. (Grifos nossos).

¹⁷⁴ Isabel SUED. *Idem.* p. 151.

¹⁷⁵ *Idem.* p. 154.

de convidados era digna da importância da comemoração. Os pianistas Cole Porter e Arthur Rubinstein incendiavam o salão com a Marselhesa. Ao lado do piano, Bing Crosby e Frank Sinatra esperavam a chance de dar uma canja. Maurice Chevalier papeava com Judy Garland e Humphrey Bogart distribuía olhares para a mulherada.

No meio de todos eles, bem pertinho de Marlene Dietrich, estava um brasileiro: Jorginho Guinle. Baixinho, disfarçava 1,63m sobre uma sola de sapato de dez centímetros que o deixava no mesmo nível de Greta Garbo. Já àquela altura, com 28 anos, Guinle podia se orgulhar de ser *playboy*, hoje um ofício em extinção.

Boa parte de seu charme vem dos olhos cor do mar, mas não fosse sua lábia irresistível não teria chegado ali. Era rico, mas não tinha tanto dinheiro como os Rockfeller ou os Vanderbilt. E daí? ‘O importante era parecer que tinha’, conta. Além do mais, era só alguém apresentá-lo como dono do Copacabana Palace e das Docas de Santos e pronto. Portas abertas.

Antes de ser endinheirado, Jorginho Guinle era esperto. Um milionário com jogo de cintura de malandro da Lapa, genuinamente brasileiro. Não usava chapéu de lado nem camisa listrada, mas seguia rigorosamente a constituição da malandragem quando o assunto era mulher. A coleção de namoradas era de dar inveja a Burt Lancaster. Pelos lençóis de Jorginho Guinle passaram Lana Turner, Hedy Lamarr, Verônica Lake, Jayne Mansfield, Rita Hayworth, Ava Gardner, Kim Novak e Romy Schneider. Com Marilyn Monroe foi caso de uma noite só. Com Ginger Rogers, só amizade. Dizem até que Janet Leigh deixou Tony Curtis na rua da amargura por causa dele. ‘Isso é um exagero’, garante Jorginho Guinle. Queridinho dos amigos Nelson Rockefeller e Alfred Bloomingdale, e íntimo das *socialites*. Elsa Maxwell e Grace Vanderbilt, Jorginho ganhou tratamento *vip* dispensado pelos mais importantes donos de estúdios de cinema da época. Adorado por Jack Warner, chefe da Warner Brothers, freqüentava a casa de Louis Mayer, da MGM, e almoçava com Darryl Zanuck, dono da 20th Century Fox. Difícil dizer o que Guinle quis e não teve. Fanático por jazz, virou amigo pessoal de Louis Armstrong e de Dizzy Gillespie.

Pouca gente viveu a história do século passado tão de perto quanto ele.

Personalidades e acontecimentos se confundem tanto com sua vida que Guinle arrumou um jeito especial de referir-se ao século XX. ‘É o meu século’, diz. Se fosse americano, sua vida certamente teria virado um *blockbuster*, desses em que Leonardo di Caprio empresta seus olhos verdes para o papel de mocinho, milionário e malandro. Só que o dinheiro acabou. Hoje (2004), Jorginho vive com aposentadoria de 1.588 reais por mês e ainda tenta manter algum *glamour* graças à ajuda de amigos. Mora de favor no modesto apartamento de uma das ex-mulheres, Maria Helena, e se recupera de um aneurisma na aorta, que o deixou entre a vida e a morte em abril deste ano. Nesta entrevista, concedida no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, o maior *playboy* brasileiro de todos os tempos conta como um garoto nascido em Petrópolis se transformou num especialista na arte do *far niente*, uma espécie que tinha um único objetivo na vida, o de torrar dinheiro. Eu nunca gostei de falar de dinheiro. Meu negócio sempre foi gastar. Já vi gente dizendo que foram 20 milhões de dólares, mas eu nunca fiz essa conta. Frequentemente as pessoas acham que fui eu quem acabou com a fortuna da família.

De jeito nenhum! A fortuna do meu avô, em valores corrigidos, era de mais ou menos uns dois bilhões de dólares. Esse dinheiro foi todo para o ralo, mas

quem começou a torrar tudo foi a geração do meu pai, que construía palácios e mandava a família passar oito meses na Europa.

Nunca me passou pela cabeça que viveria tanto. Achei que fosse morrer com uns 75 anos e estou com 87. Calculei mal e gastei tudo antes da hora. Hoje vivo com uma aposentadoria de 1.588 reais e almoço de favor aqui no Copacabana Palace. Nunca tive jeito para negócios. Uma vez o (Alfred) Bloomingdale me contou que estava pensando em criar o Diners Club (que veio a se tornar o primeiro cartão de crédito do mundo). Na mesma hora eu disse a ele: ‘você é louco, isso nunca vai funcionar!’ Tá vendo? Eu não levo jeito para a coisa! Trabalhei na companhia de seguros da família. Mas só batia ponto. Fiquei uns 30 anos na folha de pagamento da empresa, mas mal aparecia lá. Para dizer a verdade, é uma tremenda injustiça porque muita gente que trabalhou muito mais do que eu e ganha uma miséria. Mas, naquela época, se sua família tinha uma fortuna, você ia trabalhar para quê? Hoje, vivo com muito pouco dinheiro e graças à ajuda de amigos.

Olha só o pessoal aqui do Copacabana Palace, por exemplo. Eles gostam muito de mim e me convidam para comer no restaurante daqui. Como estou pobre, apareço para almoçar. Quem não gostaria de comer de graça no Cipriani?”¹⁷⁶

A herança, o casamento rico, o empréstimo ou o favor são os modos mais usuais para pessoas ou famílias, à beira da ruína, manterem seu *status* sem terem que fazer grandes modificações no estilo de vida. Isto lhes permite limitar despesas, mesmo que se lhes incomodem ou envergonhem. É possível dizer que a competição por aparecer entre os colunáveis, a manutenção do *status* e a garantia do prestígio ocupem energias tão expressivamente quanto se ocupa na acumulação de riqueza.

O essencial não é saber quantas pessoas ou famílias vivem essa situação. A percentagem não tem relevância neste trabalho, mas o que se quer é entender a estrutura de dependência ou interdependência para com os colunáveis, ou seja, os “deveres de representação” e de figuração social.

Dessa forma, acredita-se que é possível entender o “eu pessoal” e o “eu colunável” que formam um elo na corrente de interdependências. Assim, muitas vezes, o juízo de valores das pessoas é determinado pela articulação entre seu *status* e o prestígio alcançado, frequentemente por intermédio do colunista social, a que se submete na medida em que a imagem construída esteve balizada naquilo que foi imposto pelo que ele escreveu, na forma que foi escrita e no meio de divulgação no qual se exerceu o papel de colunista social.

Ibrahim Sued, em sua coluna respondia correspondência e ensinava sobre adequação de modos e maneiras de ser portar em sociedade.

¹⁷⁶ CLUBE DO PAI RICO. Você conhece Jorge Guinle? Disponível em: <http://www.clubedopairico.com.br/voce-conhece-jorge-guinle/7735> Acesso em 09. Fev.2013.

“Boas maneiras e elegância – Respondendo hoje a centenas de cartas acumuladas, com consultas a respeito de etiqueta e elegância, dedicaremos a metade de nosso espaço a essas perguntas.

1-Moça solteira faz uso de cartão-de-visita apenas no meio feminino, abrindo exceção para os seus professores, o padre e o médico da família.

2-Ao presidente da República, chefe da Igreja e embaixadores não se envia nem se deixa cartão. Assina-se o registro existente nas portarias.

3-No casamento, o noivo nunca poderá usar *smoking*, gravata de cor, sapato ‘marrom’, etc. De preferência, quando não for fraque, um costume mescla, com calça clara, paletó escuro ou mesmo azul-marinho, gravata prateada.

4-As noivas não devem nunca usar joias. A simplicidade é o mais *chic* adorno de uma jovem noiva.

5-A roupa clara nunca deve ser usada em reuniões à noite.

6-Nas festas dos quinze anos, os pais da jovem devem presentear a debutante, que pela primeira se apresenta vestida de baile, com uma jóia. É o que manda a tradição.

7-Os saleiros modernos, pequeninos, devem ser sempre usados à mesa, mesmo nos jantares de cerimônia.

8-A meia branca para homem nunca deve ser usada à noite. Durante o dia somente com traje esporte, quando os sapatos forem brancos.

9-Os sapatos de duas cores caíram totalmente de moda, mesmo para o traje esporte.

10-Quando se chega a um restaurante acompanhado de uma dama, aguarda-se à entrada a aproximação do *maitre* que indicará a mesa a ser ocupada. A senhora ou senhorita deve seguir na frente.

11-É imperdoável censurar os garçons ou a empregada em presença de convidados.

12-Uma senhora acompanhada de um cavalheiro jamais se dirige ao garçom.

13-Para casaca ou fraque, os sapatos podem ser de verniz ou de couro bem engraxado. Hoje em dia não se exige mais o verniz...

14-A faixa dos *smokings* foi completamente abolida.

15-Em festa oficial em que se exige casaca, o vestido deve ser longo sempre.

16-As tiaras de brilhantes somente são usadas em ocasiões especiais, isto é, festas de gala, e sempre com vestido longo. Nunca com o *demi-long*.

17-Para jantares a rigor, a mulher pode por vestido decotado *demi-long*, que atualmente se usa muito ou longo como queira. Os dois estão certos.

18-O *tailleur* e chapéu só podem ser usados de dia, nunca a noite, como tive a oportunidade de ver na Noite de Longchamp, no Prado.

19-Os palitos foram totalmente abolidos nos jantares. Evite palitar os dentes em público, mas, se de todo não puder dirija-se ao *toilette*.

20-Um rapaz solteiro retribui convites, convidando casais para jantar em lugares públicos, restaurantes ou boates.

21-As mulheres que têm quadris largos devem sempre evitar saias justas mesmo que estejam em moda, colocando os quadris em plano secundário.

22-Nunca se deve pedir lenço emprestado

23- Falar em voz alta e dar estridentes gargalhadas nunca é elegante para uma mulher

24-Uma mulher nunca deve, na rua, dirigir cumprimento a um homem. Aguarde que a iniciativa seja deste, mesmo que haja toda a intimidade.

25-O horário para jantares deve ser sempre obedecido com todo o rigor. É falta grave chegar atrasado para o jantar.

26-O homem deve evitar ao máximo o uso de jóias. Um homem sóbrio e elegante usa apenas cigareira e abotoaduras.

27-O alfinete de pérola na gravata está inteiramente ‘*shangai*’.

28-É de mau gosto perfumar excessivamente o papel das cartas.

Há certas exigências que não vêm sendo ultimamente, observadas em nossa sociedade. A pontualidade por exemplo. Hoje em dia já não se dá importância à pontualidade nos jantares, festas e coquetéis. Mas é preciso não esquecer que a pontualidade é, simples e puramente uma questão de boa educação...”¹⁷⁷.

Ibrahim Sued escrevia para “caixas-altas e baixas”, ousava registrar e dizer quem era bem-vestido e quem era mal-vestido, e isso acabava sendo incorporado pelos colunáveis e não colunáveis como algo fora de dúvida.

Era comum aparecer nas capas de revistas como: *Manchete* e *O Cruzeiro* – revistas estas de circulação nacional à época, e lá encontrar, em letras garrafais, quem estava bem vestido, como se isso fosse um comando incontestável.

O que se pode depreender até aqui é que quando se analisa o papel do colunista social e de seu colunismo entende-se a relação entre “estruturas dominantes, estruturas sociais e juízos de valores”.

O que chama atenção nestas regras de etiqueta é o ordenamento desejável nas relações sociais a partir das atitudes que se espera das pessoas em consonância com o seu *status* social.

São variados elementos da cultura que ganham destaque enquanto modo de alimentar, de se vestir, de morar, de acreditar e de se apresentar socialmente em consonância com maneiras não só aceitas de agir, mas agir com refinamento.

O ato de reunir e catalogar, na forma de codificação da conduta adequada desejável, só pode ser protagonizado, no sentido de que proclamar tais regramentos, se essa pessoa o faz na medida em que reúne posição, aceitação e meios. Com capacidade de reverberar socialmente.

¹⁷⁷ Isabel SUED. *Op. Cit.* p. 65-66.

Uma conduta adequada, nos quadros do que é socialmente desejável, só poderá ser considerada como tal se esta se entrelaçar e se concatenar aos valores dominantes nessa sociedade.

3.5 O colunista, os lugares e os valores: a tessitura das interdependências

Figurar nas notas sociais tem certo valor e importância, dando *feedback* para se manter em evidência social, o que pode ser considerado.

“O que se considera um objetivo digno do esforço, do empenho perseverante, nunca é determinado, aos nossos próprios olhos, apenas pelo acréscimo de satisfação e de valor proporcionado por cada passo rumo a essa meta, mas também pela expectativa de uma confirmação dos próprios valores ou do acréscimo de atenção e importância aos olhos dos outros. Não pode haver, para um homem saudável, nenhum ponto de discrepância absoluta entre a imagem que ele faz de seus valores, ou dos valores a que seus esforços de dirigem, e o fato de essa imagem ser ou não ser confirmada pela atitude de outros homens.”¹⁷⁸

Os juízos de valores, por serem interdependentes e emitidos por muitos, deixam apenas uma faixa muito estreita de clareza para uma pessoa singular a respeito de como se firmar perante um quadro de referências que é idealizado e a forma como se dá o sancionamento e o reforço desses juízos aos olhos dos outros.

Há um elevado grau de dificuldades em avaliar e corrigir rotas em uma luta particular para que sejam validadas socialmente as maneiras de conquistar atenção, reconhecimento, respeito e admiração. “Em outras palavras, essa interdependência dos valores restringe a possibilidade de que um homem singular cresça sem que os juízos de valor da sociedade venham a fazer parte de seu próprio ser.”¹⁷⁹

É pouco provável, entretanto, que um indivíduo permaneça, em sociedade, isolado de competição com seus pares em busca de legitimação de seus valores, de “brilho” e de *glamour*.

A guisa de exemplificação veja-se como o próprio Ibrahim Sued escreveu em sua coluna sobre o concurso de escolha de Miss Elegante Bangu (1952) e sobre o dilema de articular valores com aceitação:

“Miss Elegante Bangu de 1952 – Quando cheguei ao Copacabana Palace, entrei com o pé direito. Era uma responsabilidade tremenda: eu fazia parte do júri que deveria escolher a ‘mais elegante’. Além do colunista, faziam parte do júri as sras. João Saavedra, Álvaro Catão, Carlos Guinle Filho, Francisco Rosenburgo, Marilu Montenegro, Georges Hime, Carlos Eduardo Souza

¹⁷⁸ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte. Op. Cit.* p. 94.

¹⁷⁹ *Ibidem.*

Campos e os Srs. Herbert Moses (presidente do júri), Jacinto de Thormes, Gilberto Trompowsky, Alceu Pena, Santa Rosa e o príncipe Dom João de Orleans e Bragança.”¹⁸⁰

Uma indagação possível, diante dessa responsabilidade, é como o colunista e seus colunáveis orientam suas próprias vidas segundo o seu eu colunável construído nessa trajetória.

Apesar do brilho e *glamour* de muitos desses colunáveis ter se apagado ou ter pelo menos reduzido, juntamente com o do próprio colunista, a estrutura de poder que os sustentava pode ressurgir de modo claro na investigação sociológica em outra temporalidade, assim outros colunistas aparecem no estilo Ibrahim Sued por todo o país.

Existe uma interdependência de valores que gera competição pelas oportunidades consideradas socialmente valiosas, como, por exemplo, proporcionar um “furo” de notícia político, estar presente em um acontecimento digno de nota, ou proclamar o anúncio de uma grande festa.

Segundo o próprio Ibrahim Sued, nas muitas vezes que comentava sobre a maneira pela qual seu ofício se constituía, ele dizia que primava pelo furo de notícias, como por exemplo, nos idos anos 1980 a bombástica notícia, denominada por ele como história secreta:

“Uma história secreta – Um episódio histórico até hoje mantido em segredo nos cofres de Brasília. Dele aliás, talvez não tenha conhecimento nem sequer seu principal personagem, o senador Tancredo Neves, a cujos arquivos ofereço esta revelação: em fins dos anos 60, seu nome foi incluído pelo antigo Ministro da Justiça Gama e Silva, que cometeu muitos desastres em sua gestão, numa lista de políticos que seriam cassados pelo presidente Costa e Silva. O futuro governador de Minas teve seu mandato salvo pelo então general Orlando Geisel, que se opôs à ideia de Gama e Silva e fez prevalecer seu ponto de vista. Vale dizer que esta lista original ainda existe, num dos mais cobiçados arquivos do país... Em sociedade tudo se sabe.”¹⁸¹

Circular, em sociedade, significa saber o que acontece e saber se manter no rol dos convidados, sendo que o sentido de vida de um colunista é colocar-se em evidência, ou seja, fazer valer o privilégio de ser aceito entre os “caixas-altas”. Aquele que tem acesso a essas pessoas, às suas festas, a informações privilegiadas, em muitas ocasiões fornecidas por pessoas de relevo da própria República, ao mesmo tempo em que se vale dessa posição, teme perder esse *status*.

¹⁸⁰ Isabel SUED. *Idem*. p. 67.

¹⁸¹ Isabel SUED. *Idem*. p. 188-189.

A luta para “brilhar” sozinho se constitui em algo que gera um faz de tudo para afastar a concorrência. Nessa faina, como já dito anteriormente, o protagonista pode se ver na situação de ser amado por muitos, mas odiado por outros tantos. Tal proposta de ação gera uma tensão permanente.

Um colunista não quer ser ameaçado em seu posto, em suas “benesses”, em seus “presentinhos”, em seus privilégios, pois a perda de privilégios significa um esvaziamento em receber notícias em primeira mão, em saber o que está acontecendo nos diversos segmentos sociais. Em função disso, um colunista e seus colunáveis devem cumprir papéis, representar e manter-se em suas posições.

A sociedade do ponto de vista da coluna social apresenta-se estratificada, e esta se hierarquiza segundo valores e *status* diferenciados, mas tudo isso gera tensões. Tensões essas que revelam rivalidades, pois as pessoas procuram proteger seu *status* e suas posições ora se distanciando umas das outras, ora se aproximando conforme os interesses em voga.

Na grande maioria das vezes, desse jogo de aproximação e distanciamento, saem “faíscas para todos os lados”, ou, como diria Ibrahim Sued: “os cães ladram e a caravana passa”; “olho vivo que cavalo não desce escada”.

Quando Ibrahim Sued publicava suas listas de “as mais bem-vestidas”, de “as mal-vestidas”, ou das “dez mais elegantes”, as “faíscas” se espalhavam por todos os cantos e lados. As tensões e conflitos pipocavam por toda parte, pois a referida lista “significava, para a maioria dos privilegiados, uma ameaça genérica àquilo que dava sentido e valor à vida.”¹⁸² de muitas colunáveis.

Os homens também não ficavam fora deste círculo, do “tititi”, pois muitos buscavam e buscavam no colunismo social e no colunista campos centrais de valores, de variadas formas de competições e até oportunidades para se projetarem, fazerem negócios. O caso de iniciativas encabeçadas por Ibrahim Sued é um exemplo expressivo disso.

Analisando suas colunas e em seu livro *O segredo do meu Su... SUCESSO* fica claro que Ibrahim influenciava as pessoas de diversas formas, até mesmo para fazerem investimentos financeiros:

“Receita para aumentar seu capital (Cici de luxo eu chego lá) – Sempre que alguém me pergunta se é bom negócio investir em quadros, eu respondo afirmativamente, inclusive citando exemplos.[...]”

¹⁸² Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Idem*. p. 95.

Além de quadros, outro bom negócio é comprar prata inglesa e portuguesa. Olho vivo: a prata portuguesa, somente a que vai até 1800. A inglesa vem se valorizando a cem anos. Tapetes também são um bom investimento.

A respeito de receitas para se ganhar dinheiro ou aumentar seu capital, é bom lembrar que tudo que tenho dito até aqui é fruto da minha bem sucedida (sic) experiência pessoal e de informações seguras de pessoas amigas, ligadas às diversas áreas de investimento.[...]

Em resumo: comprar quadros, aplicar (bem) na Bolsa e fazer outros tipos de investimentos seguros são formas de você aumentar o seu capital. Não sou rico, mas tenho um bom capital. Não sou rico, mas tenho um bom patrimônio acumulado nestes anos todos de muitas lutas.

Outra coisa que acho importante é saber entrar e sair dos negócios. Fundei, por exemplo, uma boutique, mas um ano depois vendia minha parte, com boa compensação financeira; fundei também uma fábrica de uísque, com meu amigo Fernando de Almeida Boscoli e depois vendemos. No momento, tenho uma pequena participação em um empreendimento no Trevo de Araruama, o Gigi, um pequeno centro comercial.

Não queira fazer de um abacate uma bacalhoda!”¹⁸³

Aqueles eram outros tempos, mas o colunismo social não perdeu seu brilho e tampouco o seu valor. A coluna social se transformou e os meios de expressão da chamada boa sociedade se sofisticaram, hoje se tem revistas especializadas em grande parte das cidades médias de todo o Brasil, e estão ligadas a fenômenos sociais que não perderam sua importância. Os colunistas sociais que escrevem para jornais, revistas, promovem festas, realizam cerimônias e participam de eventos dedicados à coluna social e aos colunistas podem ser conferidos em qualquer consulta às redes sociais e aos sítios de busca.

Assim, pode-se dizer que Ibrahim Sued fez “escola”. “Então como se evidencia nessa análise figuracional, a luta dos indivíduos com as coerções de sua interdependência também nunca pode perder o seu significado.”¹⁸⁴

Refletir sobre valores humanos no dizer de Elias é

“Concepções sobre valores humanos costumam ser classificadas, com base em uma antiga tradição filosófica, em dois grupos conceituais, que normalmente são compreendidos como diametralmente opostos. Parece, então, que todos os juízos de valor pertencem a um ou outro dos grupos: assim resta-nos somente a escolha entre a noção de que todos os valores são ‘relativos’ e a noção de que todos eles são ‘absolutos’. Todavia, essa antítese simplista dificilmente faz justiça aos fatos observados. Seguir a correlação entre estrutura de poder e escala social de valores não significa nada mais do que acompanhar fatos que podem ser demonstrados de modo confiável. Não significa que estamos

¹⁸³ Ibrahim SUED. *O segredo do meu SU... SUCESSO*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Top Promoções e Publicidade, 1976. p. 59-63.

¹⁸⁴ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Ibidem*.

fazendo o discurso de um relativismo absoluto dos valores. Por outro lado, tal constatação também não significa, por si mesma, que estamos defendendo um absolutismo dos valores. Quando nos empenhamos em trabalhar com categorias teóricas que podem ser comprovadas e mantidas ao longo da própria pesquisa científica, essas classificações filosóficas tradicionais acabam por mostrar-se simplificações bastante grosseiras. Os problemas que encontramos no decorrer da pesquisa sociológica são muito mais complexos e sutis do que essas antíteses simplistas sugerem. O desperdício da vida humana a serviço de valores efêmeros, mas que na época eram considerados eternos, pode ser observado em toda parte no desenvolvimento das sociedades humanas. Entretanto, às vezes as vítimas sacrificadas em nome de valores efêmeros contribuem para a criação de obras humanas ou de figurações humanas com valor duradouro. Só com o auxílio de investigações comparativas empenhadas também na compreensão de estruturas de poder e escalas de valores que acabaram perdendo o sentido, podemos ter esperança de chegar a uma imagem clara das estruturas de poder e escalas de valor com possibilidade de maior duração e constância.”¹⁸⁵

Para se compreender o comportamento da sociedade carioca, na qual Ibrahim Sued estava inserido, criava e ‘dava’ notícias, além de fazer parte dela é necessário verificar suas particularidades e o *ethos* da chamada boa sociedade carioca, bem como analisar as relações que esse comportamento tiveram na construção de sua imagem.

Como já foi dito, o *grand monde* carioca era, em comparação ao Rio de Janeiro da atualidade, uma sociedade mais rígida, mais hierarquizada, mais glamorosa.

É preciso lembrar que até o final da década de 1950, a cidade do Rio de Janeiro era o centro do poder político, o centro das rodas sociais e dos acontecimentos de grande influência sobre todo o país. Com a mudança da capital para Brasília, na década seguinte, em grande medida, a cidade perde esta condição. Então, foi preciso destacar os atrativos sócio-culturais, assim como o convívio social que a cidade proporcionava.

Com a mudança da capital o papel agregador exercido pela então capital federal foi bastante fragmentado e a constituição de outros círculos sociais fora do Rio de Janeiro foi inevitável. Dessa forma, os locais para o convívio social foram se restringindo aos hotéis, restaurantes, festas particulares, confeitarias. Segundo Norbert Elias, esses lugares de convivência são os círculos sociais, ou seja, o lugar de convivência para a sociedade, para ser visto e notado.

A cidade do Rio de Janeiro de Ibrahim Sued se constituía de um círculo social específico em que o centro do convívio social era a cultura da alta roda, que incluía homens de negócios, políticos, mulheres bem-vestidas e homens e mulheres bem-nascidos. Mas esse *grand monde* vai lentamente se descentalizando e seu

¹⁸⁵ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Idem*. p. 96.

desenvolvimento produz o fenômeno que o sociólogo Georg Simmel designou de “itinerância nas interações sociais”, que nas relações entre proximidade e distâncias sensoriais, em face de mudanças de lugar, geram necessidade de novas visões que reunifiquem a compreensão das coisas.¹⁸⁶

Essa sociedade, com a mudança da capital para Brasília, tendeu a perder sua importância como centro social. A chamada boa sociedade dispersou-se nas suas fronteiras como decorrência do aparecimento de um novo local de poder e mesclou-se com segmentos médios da sociedade. Contudo, não desapareceu, e sua existência experimentou um processo de reordenamento.

Para poder entender esse reordenamento é preciso dirigir o olhar uma vez mais para um ponto do movimento social: o Copacabana Palace, o Palácio do Mar, como foi intitulado por Sérgio Pagano. Na descrição de Ricardo Boechat:

“Logo nos primeiros anos, a fama do Copacabana Palace como centro nervoso da cidade se consolidaria graças a sucessivas visitas de chefes de governo, reis e rainhas, líderes políticos, estrelas e astros de cinema, músicos famosos, desportistas consagrados. Embora desaparecido entre 1946 e 1965, o Livro de Ouro do Copacabana Palace é uma verdadeira relíquia que, desde a década de 20, registra incontáveis manifestações de júbilo.”¹⁸⁷

O hotel sempre foi escolhido como espaço para homenagear, hospedar homens e mulheres ilustres, presidentes de repúblicas, chefes de estado, personalidades do *jet-set* internacional. Para grandes eventos, casamentos de famosos, encontros de “caixas-altas”, ou mesmo para grandes jantares, festas ou bailes de gala.

Ainda a partir da perspectiva de Boechat, “desde seus primeiros dias, o Copacabana Palace foi uma ante-sala do Brasil, recebendo os mais ilustres visitantes e servindo de cenário para quase todos os acontecimentos importantes do país durante mais de quatro décadas.¹⁸⁸ O Copacabana Palace representava uma unidade social, demarcava limites e o luxo não só marcou presença, mas o erigiu símbolo da posição de poder e expressão máxima de prestígio.

É preciso enxergar o Copacabana Palace não como mera curiosidade, mas torná-lo compreensível na figuração da sociedade do Rio de Janeiro, e mais: elucidar o caráter e as atitudes das pessoas que dão forma a essa figuração e por ela são marcados.

¹⁸⁶ Georg SIMMEL. O espaço na vida social. *Estudos Avançados*. Vol. 27, Nº 79. São Paulo. 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300007> Acesso em 03 out. 2017.

¹⁸⁷ Ricardo BOECHAT. *80 Anos. Copacabana Palace: um hotel e sua história*. Rio de Janeiro: DBA, 1998. p. 43.

¹⁸⁸ *Idem*. p. 68.

Como exemplo da estrutura e elaboração da vida social, bem como da importância do Copacabana, pode-se entender:

“Durante muito tempo (sobretudo entre os anos 40 e a fundação de Brasília) o Copa dividiu com o Palácio do Catete, sede do governo na antiga capital, a condição de grande ninho das tramas políticas nacionais. [...]

E, na busca de notícias que muitas vezes circulavam ali antes de chegarem ao Congresso, os jornalistas eram presenças constantes.”¹⁸⁹

Entre os jornalistas que estavam de plantão Ibrahim Sued era *habitué* nas dependências do Copacabana Palace, onde possuía mesa cativa e de onde esboçava suas notícias, de modo que, mesmo quando se enfoca a perspectiva do colunista social, com seu olhar voltado para eventos, festas e outras mundanidades, não se pode negar a veia jornalística voltada para os acontecimentos de natureza política.

“Era um lugar para onde convergia todo o mundo, mas em especial os maledicentes. Nas mesas do Bife de Ouro [...], banqueiros, empresários e políticos compartilhavam noitadas, muitas vezes desenhando na fumaça de charuto as cifras das negociatas e os destinos do país ”¹⁹⁰.

Ibrahim Sued esteve presente, daí talvez o “furo” de muitas de suas notas sociais superarem as reportagens dos jornalistas.

“Domingo fui à missa, depois fui almoçar no Bife de Ouro em companhia de meu prezado amigo Altair de Oliveira Lima. Ali também estavam almoçando o simpático banqueiro e a sra Spitzman Jordan. [...]

Terminado o almoço, fui ao Prado. Como sempre, perdi. Em compensação, tive o prazer de cumprimentar lindas e jovens figuras do nosso *society*. Do Prado fui à Pérgula do Copacabana tomar um *drink* com João Fonseca e o Criso Fontes. Na Pérgula, vi Pedro Paulo Bocaiúva de namoro com um lindo brotinho.”¹⁹¹

Em 1955 e em 1961, o Copacabana Palace foi alvo de articulações políticas de vulto envolvendo o governo brasileiro descritos por Ricardo Boechat, ele foi um dos mais prestigiosos auxiliares de Ibrahim Sued e não é descabido imaginar que os relatos abaixo contenham a verve do colunista, assim como os fatos devem ter sido compartilhados entre ambos.

“[...] uma dessas muitas articulações ajudou a depor o Presidente Carlos Luz e anular o golpe de estado que impediria a posse de Juscelino Kubitschek, o sucessor eleito. O deputado Vitor Issler, residia então na suíte 53 do Anexo. Na noite de 10 de novembro, dois coronéis e um grupo de congressistas ligados a Kubitschek redigiram ali a moção de *impeachment* que, na manhã seguinte destituiria Luz da Presidência da República por encontrar-se em ‘lugar incerto e não sabido’. Seu

¹⁸⁹ Ricardo BOECHAT. *Idem*. p. 99.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

¹⁹¹ Isabel SUED. *Op. Cit.* p. 34-5.

paradeiro, era de conhecimento geral. Com apoio da Marinha, ele e vários aliados haviam embarcado no cruzador Tamandaré e estavam a caminho de Santos para rearticular forças e iniciar uma reação. O plano foi frustrado quando o navio recebeu ‘tiros de advertência e intimidação’ do Forte de Copacabana, fiel às ordens do Ministro da Guerra, Marechal Teixeira Lott, que Luz tentara demitir na véspera. Da varanda do Copacabana Palace, repleta de hóspedes curiosos os garçons que haviam servido café e bebida aos participantes do encontro no apartamento de Isler, puderam acompanhar, tapando os ouvidos, os disparos dos projéteis de 305 milímetros da fortaleza. Nem sempre os dramas políticos sensibilizavam de maneira uniforme a comunidade do Bife de Ouro.

Em agosto de 1961, Jorginho Guinle chegava de Los Angeles quando se deu a inesperada renúncia de Jânio Quadros. Jorginho, exibindo orgulhoso a lista de estrelas americanas que convidara para o carnaval carioca do ano seguinte, circulou pelo restaurante tentando achar entre muitos jornalistas e deputados presentes quem quisesse conversar sobre o assunto. Alertado para a gravidade do movimento, o *playboy* protestou contra o desinteresse geral pelas novidades que trazia dos Estados Unidos. ‘Tudo bem que o Presidente da República tenha renunciado [...] Mas o que o carnaval tem a ver com isso?’. Jorginho estava coberto de razão. O carnaval de 1962 foi tão animado quanto aos anteriores. João Goulart, o vice-presidente assumira o governo e ficou no poder até o golpe militar de 1964, quando o exílio forçado no Uruguai o impediria, como a muitos outros políticos, de continuar frequentando o Bife de Ouro.”¹⁹²

O Copacabana Palace e o seu entorno devem ser observados pela sua constituição e funcionalidade na figuração da sociedade carioca, da qual as pessoas são partes integrantes e que com suas atitudes dão forma à figuração e marcam esses espaços.

É possível perceber a estrutura e a elaboração da sociedade carioca e do meio social em que Ibrahim Sued transitava como lugares que marcaram sua dominação que poderia ser um acontecimento social no Copacabana Palace, no Cassino da Urca, na Boite Vogue, na Confeitaria Colombo, no Joquey Club, ou mesmo em recepções privadas. Com suas colunas Ibrahim Sued demarcava seus lugares de dominação e de figuração.

Frequentar lugares, nomear os demais frequentadores, extrair informações privilegiadas, empregar informações privilegiadas em benefício próprio, são atributos da atividade humana de viver cotidianamente em sociedade. Fazê-lo no sentido de compartilhar ideais e valores é algo que transcende a esfera da vida privada e torna-se ação política com vistas ao exercício do poder.

Compatilhar espaços e fazer conviver ações de poder com a vida social de pessoas que protagonizavam determinados papéis sociais em lugares tais como O Bife de

¹⁹² Ricardo **BOECHAT**. *Idem*. p. 99-100. (Grifos nossos)

Ouro e a Pérgula do Copacabana Palace era algo que estava disponível a poucos. Esses partícipes de uma vida entre poderosos e glamorosos tornavam o prestígio algo evidente por si mesmo.

Compartilhar prestígio das pessoas, viver o prestígio do lugar, valer-se com exclusividade da convivência social com aqueles que estavam adstritos aos limites de um determinado círculo de pessoas compunha a tessitura de uma rede de relações e tornava essas pessoas interdependentes.

O colunista, de sua sala de trabalho – localizada em um escritório da Rua Siqueira Campos, no bairro de Copacabana – empregava a competição por destaque entre seus colunáveis de modo que eles pudessem exibir “prestígio e [...] favorecimentos para alterar a posição e o prestígio de um indivíduo dentro da sociedade, por meio do grau exato do favor concedido”¹⁹³.

Apresentar os colunáveis como se isso fosse uma espécie de favorecimento foi o que lhe conferiu destaque, ou posição dentro do grupo, e é isto que acarretava o equilíbrio dentro de uma instabilidade permanente. Esse viés se constituiu em instrumento, uma modalidade pessoal de dominação.

¹⁹³ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte*. ... *Op. Cit.* p. 107.

SEÇÃO 4

A COLUNA DO IBRAHIM: NORMA, DISTINÇÃO, PRESTÍGIO E DOMINAÇÃO SIMBÓLICA

“Bomba, bomba, bomba... Até já Rio!”

Ibrahim Sued

4.1 As normas e a imposição de limites como forma do colunista “controlar” os abalos na hierarquia

A sociedade que Ibrahim Sued se inseriu e para a qual escreveu era hierarquizada e o *status* era determinado pelo poder político, pelo poder econômico, pelo poder da tradição familiar.

Muitas vezes, em decorrência desses aspectos, a posição social se tornava instável. Em virtude desses abalados, geravam-se recuos de posição. O recuo social de uns era seguido de promoção de outros, o que proporcionava atritos e conflitos que, na perspectiva de Elias, poderiam ser chamados de “batalha hierárquica”. Batalha esta, segundo Pierre Bourdieu, designada de “poder simbólico” ou “trocas simbólicas”, ou ainda como queria Charles Wright Mills quando comentou a lista de Igor Loeiowski Cassini, que se tornou *Cholly Knickerboker* durante a década de 1940 nos Estados Unidos:

“é uma seleção arbitrária feita entre os três tipos de pessoas que existem permanentemente ou ocasionalmente no mundo da celebridade:

- I. Há as celebridades profissionais – constituindo cerca de 30% da lista – nomes das indústrias de diversões, campeões do esporte, da arte, jornalistas e colunistas. [...].
- II. Há também os 400 metropolitanos – mas apenas cerca de 12 % deles – pessoas de linhagem familiar e de recursos. Alguns parecem ter nascido nessas famílias, mas a maioria combina tradição familiar e participação ativa nos negócios.
- III. Um pouco mais da metade dos ‘Novos 400’ – 58% são simplesmente pessoas que ocupam posições-chaves nas principais hierarquias institucionais: a maioria é de homens do

governo e dos negócios, embora alguns participem de ambos.”¹⁹⁴

A batalha hierárquica ou o poder simbólico estão claros neste artigo de Ibrahim Sued na medida em que elege a figura do *playboy* como aquela a partir da qual se estende o rol das celebridades:

“De playboys a bons vivants internacionais – (Saber levar a vida e viver bem, é a nossa melhor vingança) O playboy está acabando. Acho mesmo que está tendo enterro de segunda classe. Na realidade, quando se olha a história dos playboys aqui em nossa terra, não é difícil chegar à conclusão de que ela se alimentou – e tem se alimentado – de nomes meteóricos que logo desaparecerem de cena. Um desses exemplos é Baby Pignatari, que numa época saiu pelo mundo com esse objetivo e chegou até a ser capa de revista Life (em seu tempo uma revista na moda), mesmo que para isso tivesse que desembolsar um tutu firme para um relações-públicas dos States. Mas o reinado de Baby durou muito pouco.

A favor de Jorginho Guinle, o meu fraternal amigo, pode-se dizer que até hoje continua brilhando nas colunas sociais e fazendo aquilo que sempre fez na vida, desde o momento em que descobriu que não precisava trabalhar e não ter aborrecimentos bancários: viajar, viajar sempre pelo mundo e, de preferência, acompanhado de belas mulheres. Pra mim, Jorginho foi o que mais se aproximou das qualidades que deve ter um playboy completo. Mas [...] não podem ser considerados playboys na dimensão exata da palavra, simplesmente porque o verdadeiro playboy precisa também saber jogar polo – e o que é mais importante: gostar desse esporte.”

Assim como Wallinho Simonsen, que foi, seguramente, a melhor vocação de **métier** que surgiu neste país. Ou então, como esse trio de ouro que fazia sucesso nos corredores internacionais do mundanismo: Porfírio Rubirosa, o Príncipe Ali Khan e o francês Claude Terrail, meu amigo. Todos os três gostavam de jogar polo, viajavam muito e estavam sempre cercados de belas mulheres. Esta é a receita ideal do **espécime** perfeito.”¹⁹⁵

Aparecer em capa de revistas de circulação internacional, estar cercado de belas e afamadas mulheres, conviver com as altas rodas de outros países, notadamente acompanhados de seus animais destinados à prática de um esporte nada convencional, são os rigores a que devem atender aqueles que buscam prestígio na hierarquia dos que pertencem ao mundo das celebridades. Note-se ao longo dos trechos selecionados abaixo, que Sued faz do jogo de pólo uma espécie de recorrência e uma alegoria do que é caro, raro e que tanto demanda serviços como público.

“Além de Wallinho, outro brasileiro que pintou como playboy foi Paulo Fernando Marcondes Ferraz (ex-marido de Silvia Amélia de Waldner, a primeira pantera da minha coluna, isto é, a mulher que inspirou-me a terminologia ‘Pantera’), que também gostava de jogar pólo. Mas na realidade,

¹⁹⁴ Charles Wright MILLS. *Op. Cit.* p. 94-95.

¹⁹⁵ Ibrahim SUED. *O segredo do meu Su. ... Op. Cit.* p. 29-31.

eram ligeiras incursões, assim como curtas foram as suas andanças mundanas, como o seu *affaire d'amour* com Cristina Onassis.”¹⁹⁶

Sued aponta que as motivações para entrada no mundo dos seletos podem ser muitas, inclusive as relacionadas aos sentimentos. Aqui a linha de seus argumentos indica que não só é preciso ter dinheiro, mas é indispensável manter a condição de ter dinheiro para reproduzir as ocasiões de aparecer entre as celebridades.

“A respeito de Mariozinho de Oliveira. Além de não jogar polo, tinha outro defeito, inaceitável para um playboy: numa mesa de boate não pagava tudo. Mariozinho sempre rachava as contas, e quando chegava um duro na mesa, segundo Carlos Niemeyer, ele gritava: ‘Alerta, alerta. Esse não racha!’. Mas apesar de não ter sido um playboy completo, Mariozinho de Oliveira, foi um personagem curioso. Passou sua juventude na praia, liderando o grupo dos cafajestes. [...].

Outro que pode ser considerado ‘receita’ é Leopoldo Modesto Leal, que nas décadas de 50/60 tinha os carros esportes mais bonitos da cidade. E na guerra, ele e Alberto Modcasi, eram dos poucos que tinham carros a gasogênio. Leopoldo também dava muita sorte com as mulheres. Trabalhou muito pouco na vida – até hoje, diga-se de passagem. E Modcasi um dos homens mais bem vestidos da época que perdeu sua fortuna na roleta e no jockey!”¹⁹⁷

Do ponto de vista da maneira pela qual as celebridades ganham muito dinheiro na vida, muito pouco importa. Poderia ser até no jogo, o que revela antes de tudo uma aura de ociosidade, ou capacidade de viver uma vida boa sem fazer muito esforço, mas o principal erro em que um colunável pode incorrer é o de dilapidar a sua fortuna e nesse sentido segue apontando as celebridades da indústria paulista.

“Por outro lado, Ermelindo Matarazzo é um exemplo diferente de **bon vivant**. Apesar de bater ponto às 8 da manhã (o conde obriga todos os seus filhos a bater ponto, e Chico III confirma), Ermelindo, casado com a bonita e elegante Héléne, há mais de vinte anos, tem apartamento na Belacap, onde passa os fins de semana. Quando tem sol, seu iate ‘Marina’ está sempre **al mare**.

Na lista de playboys e **bons vivants** temos também Dirceu Fontoura, uma das locomotivas da indústria paulista. Dirceu fez seus **week-ends** aqui no Rio, a bordo do ‘Atrevida’, o maior veleiro do Brasil, [...]. Na realidade, Dirceu é o tipo do **bon vivant** que trabalha mas se diverte também; na década de 50 o seu avião particular vinha e ia para São Paulo, Montevideú, Punta Del Este, levando amigos inclusive eu. Seu barco ‘Atrevida’ está sempre ancorado no Iate Club do Rio. Agora ele é um playboy, mas continua sendo um **bon vivant**. Trabalhando muito mas vivendo bem a vida, de preferência a bordo de seu belo veleiro nos fins de semana.”¹⁹⁸

Na hierarquia das celebridades há os que são *bons vivants* e *playboys*, ser *bon vivant* é condição necessária para ser celebridade, mas a condição suficiente é ser *playboy*

¹⁹⁶ Ibrahim SUED. *O segredo do meu Su ... Idem.* p. 31-32.

¹⁹⁷ *Idem.* p. 32.

¹⁹⁸ *Idem.* p. 33.

e o *playboy* é aquele que se celebra pela prodigalidade de promover festas, receber convidados, tornar disponíveis os seus bens como: carros, iates, apartamentos, residências de veraneio e, acima de tudo, pagar as despesas dos outros, inclusive e principalmente as do colunista social.

“Entretanto, nem tudo está perdido no reino quase inacabado dos playboys. Atualmente, em São Paulo, está pintando como tal o Toninho Abdala, líder do chamado ‘grupo dos turcos’. Chiquinho Scarpa é outro que é tido como novo playboy, mas ainda não tem currículo suficiente para ser chamado assim. E não se esquecer nunca que para ser um playboy completo tem que jogar polo. Enquanto não fazem isso, o máximo que se pode dizer de todos eles é que se trata de **bons vivants**. Porque **bons-vivants** mesmo é o que não falta nos chamados grupos ‘society’.

Joaquim Monteiro de Carvalho, meu amigo, e chefe do clã dos Monteiro de Carvalho, é seguramente o mais perfeito **bom vivant** que se tem notícia. E não se diga que a sua vida é uma sucessão interminável de festas e recepções. Joaquim Monteiro de Carvalho sabe também, como poucos, dosar a vida social com o mundo difícil e complicado dos negócios. [...] Gosta de receber e recebe sempre bem, em seu apartamento da Urca, aqui no Rio, em Paris, Cap Ferrat e em Santa Tereza. Frequenta os centros noturnos elegantes sempre em grandes grupos, aliás, na sua mesa ninguém paga (olha aí, Mariozinho), tem prazer de ser anfitrião, pois a conta é sempre dele. Frequentemente sua mesa é formada de grupos estrangeiros que chegam para fazer investimentos no Brasil, e por isso, suas festas têm sempre, no fundo, um motivo comercial. Eis aí uma receita de como aliar o trabalho à vida de **bom vivant**. Saber levar a vida e viver bem, que afinal, é a nossa melhor vingança. [...], pois o **bon-vivant** precisa saber usar todos os ingredientes – inclusive os relacionados com as despesas – para transformar sua vida num espetáculo enriquecedor e fascinante assim como o próprio ato de existir. Faça isso e você termina chegando lá. De leve.”¹⁹⁹

Quanto ao que se pode dizer sobre os colunáveis, ou seja daqueles que fazem parte do *Café Society*, aqueles a que Ibrahim Sued denomina de *playboys* é interessante acompanhar o que Wright Mills diz a respeito:

“O café-society baseia-se, acima de tudo na publicidade. Seus membros frequentemente parecem viver para a menção exibicionista de seus atos e relações pelos cronistas sociais e pelos colunistas de mexericos. Começando como patrocinadores profissionais de recepções ou como jornalistas, juntamente com os ‘maîtres-d’hôtel’, tornaram-se os julgadores profissionais desse mundo de celebridade, cuja forma conhecida do público eles modelaram.”²⁰⁰

Em outra coluna Ibrahim Sued deixa claro que a batalha hierárquica quando atinge o campo da publicidade é capaz de fazer. De sua coluna, ele enviava mensagens

¹⁹⁹ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 33 -37. (Grifos nossos).

²⁰⁰ Charles Wright MILLS. *Op. Cit.* p. 89-90.

subliminares capazes de amedrontar alguns protagonistas apenas referidos, mas não mencionados:

“Os donos do futebol – Desde que o futebol se profissionalizou, os ‘cartolas’ surgem como os seus ‘donos’... Existe sempre uma pessoa física que atua como o ‘mandachuva’ desse nosso popular esporte. Sem falarmos no sr. Castelo Branco (o da CBD), que está em todas as viagens, e é sempre o ‘dono da bola’, temos visto figuras de projeção interessadas na política do *association*, alguns militando como desportistas que querem cartaz, outros atuando com objetivo financeiro e outros porque gostam do esporte. Mas a surpresa do momento é um ‘dono’ que surgiu recentemente, uma pessoa jurídica... Ela, os de ‘lá’, se julgam ‘donos’ de tudo: do Campeonato Pan-Americano, do Ademir, da manifestação que o povo tributou aos campeões das Américas, enfim, até do Maracanã... Chama-se: *Última Hora*. Para consolo dos aficionados, tudo isso passa, como passaram o, com exceção do Castelo Branco...”²⁰¹

A ordem hierárquica na sociedade está sempre oscilando, sendo seu equilíbrio instável. Muitas vezes, ocorrem pequenas flutuações, outras vezes essas flutuações são grandes e muito claras abalando a posição que o indivíduo ocupa em seu grupo e em sua relação com os outros. “Acompanhar esses abalos, estar a par de suas causas e consequências” é “algo vital”²⁰² para o colunista social.

O colunista tem que estar sempre atento àqueles que estão em ascensão, seja na economia, na política, ou no *high-society*. O colunista deve estar “de olho” naquele personagem que está em queda dentro da hierarquia, não devendo demonstrar muita intimidade com esse personagem, a não ser que, de uma forma ou de outra, exista algum interesse na promoção do mesmo. Nesse caso é importante concatenar, e com muita precisão, seu comportamento nesse meio social.

O comportamento que os membros de uma sociedade consideram adequado a respeito de outros membros indica o *status* que a pessoa ocupa e a opinião que os outros fazem dela, identificando a sua existência social e até mesmo sua perspectiva no que diz respeito a projeção social.

Da perspectiva de Elias:

“Essa engrenagem apresentava certa semelhança com a bolsa de valores. Nela também se formam opiniões variáveis acerca de determinados valores. Mas na bolsa estão em jogo valores de empresas segundo a opinião de investidores financeiros, ao passo que na corte trata-se de opiniões sobre o valor dos indivíduos que dela fazem parte; na bolsa cada oscilação dos números, por menor que seja, pode ser

²⁰¹ Isabel SUED. *Op. Cit.* p. 57.

²⁰² Norbert ELIAS. *A sociedade de corte*. ... *Op. Cit.* p.108.

registrada; na corte, o valor de um indivíduo se expressa primordialmente nas nuances do convívio social e mundano.”²⁰³

Nas colunas de Ibrahim Sued fica claro que existe um jogo de valores, pois a coluna confere às pessoas não só destaque ao que é do convívio social e mundano, como também se refere ao convívio na esfera do político.

Ibrahim Sued evidenciava essas esferas em notas como esta publicada na década de 1970:

“Não esqueça, Boneca: 15 é dia de escolher - Minha querida boneca e deslumbrada. É importantíssimo o seu voto. Portanto, não vote em branco, porque o voto em branco não ajudará a recuperar o que todos nós desejamos, que é a plena democracia. É um dever cívico de todos nós comparecermos às urnas no dia 15 de novembro. Mas não vote em branco. Também é preciso não esquecer que, se você votar num candidato do MDB [*Movimento Democrático Brasileiro*] para deputado, pode também votar para senador num candidato da ARENA [*Aliança Renovadora Nacional*].”²⁰⁴

Nas eleições majoritárias de 1974 aconteceu o grande salto eleitoral do MDB, das 364 cadeiras da Câmara dos Deputados o MDB conquistou 161 e a ARENA 203, o que representou um avanço em relação às eleições de 1970. No Senado ocorreu a maior vitória da oposição ao Regime Militar, das 22 cadeiras em disputa, a ARENA elegeu apenas 6, sendo que uma delas foi ocupada por Teotônio Vilela do Estado de Alagoas.

Percebe-se que Ibrahim Sued tinha clareza a respeito das preferências do eleitorado, mas sua nota ao mesmo tempo em que alega o avanço da democracia, tempera a informação com a necessidade de votar na ARENA.

As nuances das notícias de Ibrahim Sued refletiam, em grande parte, a racionalidade produzida no círculo de uma espécie de sociedade de corte. Contudo, racionalidade aqui pode ser entendida como autocontrole das emoções e dos comportamentos voltados a atingir um fim.

“Esse mundo é ao mesmo tempo o pináculo do sistema de prestígio e um negócio em grande escala. Como negócio, as redes de comunicação em massa, publicidade e diversões não são apenas os meios pelos quais as celebridades são exaltadas – também escolhem e criam celebridades com fins lucrativos. Portanto, há um tipo de gente famosa que é profissional disso, ganhando alto salário não só por trabalhar nos meios de comunicação e diversão em massa, mas praticamente por viver sob os holofotes desses meios.”²⁰⁵

²⁰³ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte. ... Ibidem.*

²⁰⁴ Isabel SUED. *Op. Cit.* p. 146. [*Movimento Democrático Brasileiro*] e [*Aliança Renovadora Nacional*] (Comentários nossos).

²⁰⁵ Charles Wright MILLS. *Op. Cit.* p. 92.

A figuração social pode se constituir em forma de comportamento individual que passa a fazer parte da racionalidade do comportamento humano que pode diferir da realidade social, onde competições por prestígio e *status* podem ser observadas.

A partir dessa perspectiva não é difícil entender o comportamento, a perfeita conveniência das atitudes, o cálculo preciso dos gestos, a nuance das palavras, em suma, a forma específica de racionalidade que se tornou uma espécie de segunda natureza dos membros da sociedade.

“No café-society, os principais habitantes do mundo da celebridade – a elite institucional, a sociedade metropolitana e os profissionais da diversão – misturam-se publicamente, buscando uns nos outros apoio às suas pretensões de prestígio. É sobre o café-society que os holofotes de publicidade coincidem todos, divulgando as atrações que ali encontram a um público maior. Pois no café-society a facinação nacional tornou-se um fato de rotina comercial.”²⁰⁶

A sociedade carioca, em especial, o colonista, era inflexível aos “chamados comportamentos incorretos” manifestos em outras pessoas. A formalidade nas décadas 1950 até 1970 aqui estudadas era clara e mais rígida do que na atualidade. A vida em sociedade exigia um comportamento mais formal das pessoas, deixando claras as diferenças sociais entre os seus membros.

Ibrahim neste sentido ditava normas à sociedade e, em decorrência disso, publicou livros de boas maneiras como *A nova etiqueta*.

Transcreve-se aqui um trecho do que Ibrahim Sued escreveu sobre o assunto:

“Devo frisar para vocês que este livro é dirigido não apenas àqueles que não sabem receber, que não conhecem etiqueta, mas também aos que conhecem porque aqui vão aprender as novas regras da etiqueta modernizada, neste mundo onde tudo mudou em vinte anos. Aliás, falando em etiqueta, quem a conhece pode às vezes se dar ao luxo de não cumpri-la exatamente na regra; os que sabem podem escorregar nas regras porque não serão considerados cafonas... Por exemplo, o Príncipe de Gales, Charles, futuro Rei da Inglaterra, nunca poderia ter saído da sacada do Palácio da Cidade, ao lado do Prefeito Tamoyo, e descer ao jardim para sambar com a Escola de Samba Beija-Flor. Não é correto. Mas exatamente porque o futuro Rei da Inglaterra conhece todas essas regras é que ele pode se dar ao luxo de sair da etiqueta, quebrar o protocolo e não cumpri-lo à risca... entenderam? Hoje tudo está mudado.”²⁰⁷

Segundo Elias, é possível “deixar encobertas ou mesmo indefinidas, as diferenças sociais”, uma vez que elas são inequívocas mesmo não se fazendo expressar com a devida clareza no comportamento público.²⁰⁸

²⁰⁶ Charles Wright MILLS. *Idem*. p. 89.

²⁰⁷ Ibrahim SUED. *A nova etiqueta*. Rio de Janeiro: Top Promoções e Publicidade, 1978. p.4.

²⁰⁸ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte*. *Op. Cit.* p. 110-111.

Para ambos: à sociedade e ao colunista, a realidade social assentava-se em uma determinada visão de mundo para a qual a posição do colunista e a reputação que ele atribuía a seus colunáveis, invariavelmente com o tom do destaque e do prestígio, construía a imagem que as pessoas passavam a consumir a respeito daqueles que apareciam nas colunas.

Então, ficam quase que impossíveis: a criação de novas etiquetas, a liberdade de inventar novas maneiras de sentar-se à mesa, a flexibilização na disciplina, a abolição do luxo em favor do destaque ao essencial, a supressão da delicadeza no receber e, assim por diante. Devido à posição da pessoa na hierarquia social e ao comportamento que dela se espera; o colunista segue sendo aquele que pode ditar normas. Tudo ocorre no quadro do prestígio social e é isso o que importa tanto para o colunista, como para os colunáveis.

Quando as relações entre os indivíduos se baseiam no prestígio, no capital de poder, e naquilo que é meramente simbólico, essas relações desempenham papéis significativos, enquanto o dinheiro e a profissão são movediços e apenas supostos, mas onde o sucesso é o imperativo que condiciona os momentos de grandeza e de notoriedade.

É frente ao público exposto aos meios massivos de comunicação que se busca a consagração e, segundo Mills:

“Os membros da elite do poder são exaltados devido às posições que ocupam e às decisões que podem tomar. São célebres porque têm prestígio, e têm prestígio que se supõe tenham poder ou riqueza. É certo também, que eles têm de ingressar no mundo da publicidade, tornar-se matéria para os veículos de comunicação em massa, mas são considerados material quase que sem relação com o que fazem nesses veículos e para eles.”²⁰⁹

Para Elias essas ausências de relações entre as pessoas e seus papéis frente ao funcionamento dos veículos assumem formas distintas de diferenciação e graus variados de percepção dos mecanismos que as colocam em funcionamento:

“Em toda ‘boa sociedade’, ou seja, em toda sociedade com tendência a segregar e destacar dos campos sociais circundantes, esse isolamento, esse pertencimento à ‘boa sociedade’ estão entre os fundamentos constitutivos tanto da identidade pessoal como da existência social [...]. Mas, as regras que presidem a constituição da ‘boa sociedade’ e o surgimento de um ‘ethos de classe’ são perceptíveis em cada uma delas, sob diversas formas e graus.”²¹⁰

Dessa forma entende-se que, em sociedade, alguns ditam normas e regras para a formação do *ethos* de classe que podem variar segundo suas formas e graus.

²⁰⁹ Charles Wright MILLS. *Op. Cit.* p.104

²¹⁰ Norbert ELIAS. *Idem.* p. 112.

Uma pessoa que tem destaque em sociedade quando perde esse *status* sente-se rejeitada, sente-se mesmo como que perdendo a sua própria honra, perdendo dessa forma, sua identidade.

Pior, sente-se que deixou de pertencer a um nicho da sociedade que, em última instância, significa deixar de fazer parte daquela “elite”, daquela “massa circundante”. O que importa é manter poder entre aqueles de seu nível social, ou seja, o poder de alguns privilegiados.

As opiniões quanto ao posicionamento no grupo são muitas vezes orquestradas pelo colunista social e isso ocorre na medida em que se refere a normas, emite conceitos e opiniões sobre “uns” e “outros”, lembra papéis sociais e se lhes destaca o *status* e, muitas vezes, faz comprometer esse *status*.

A opinião passa a ser real com respeito a uma pessoa ou assunto criando, então um capital simbólico, um capital de poder social é forjado e passa a repercutir no domínio social enquanto publicidade e enquanto meio de conferir reputação. Exerce dessa maneira, pelo controle social e duradouramente um poder que é indispensável para alcançar determinados fins.

As opiniões emitidas pelo colunista social para o grupo social sobre o qual escreve parecem trazer engajadas uma realidade social que destaca o comportamento e as situações de vida de um autêntico membro da sociedade. A opinião do outro coloca em jogo a identidade e a qualidade da inserção na elite. Orgulho e honra pessoais dinamizam pertencimento e exclusão de um membro da boa sociedade.

Os membros da chamada boa sociedade buscam ser identificados como diferentes dos demais, abominam ser confundidos com membros de classes inferiores, assim, criam hábitos, festas, comemorações que os tornam capazes de se distinguirem.

Trata-se, portanto, de um movimento mais geral de construção de identidade. Afins aproximam-se e se valem do *status* e da moralidade a eles associados para reforçarem os laços que os unem. Ao passo que as diferenças, sobretudo as que são geradoras de tensões e conflitos, apartam as pessoas.

Mesmo diante da perda de poder resta, na perspectiva da mobilidade descendente, a manutenção da reputação como algo de que possa fazer sobressair as virtudes.

Nestas ocasiões de relacionamentos é que se dá a formação do *ethos*, que se constitui em um capital de poder, um capital simbólico de relações, um jogo onde os

inúmeros contatos pessoais formam a boa sociedade, a *Society*, o mercado de opiniões, a troca de favores.

Em suma, são nas “rodas sociais” de divertimentos mundanos, onde as rivalidades: financeiras e políticas, bem como as disputas entre pessoas elevam ou perdem importância. Nesses círculos, formam-se e destroem-se nomes, ganha-se ou perde-se prestígio, constroem-se as possibilidades pessoais de poder social, segundo o código vigente nesta boa sociedade.

Os membros do chamado *high-society* não formam o núcleo central da sociedade, mas apenas fazem parte desse núcleo, são parte da estrutura de dominação de uma classe social sobre outra, que muitas vezes exerce um controle no comportamento e no pertencimento a partir de um nicho da sociedade, ou seja, a partir da elite.

“Aí estão os nomes, as faces e as vozes que vemos sempre à nossa frente, nos jornais, no rádio, nos noticiários cinematográficos e na televisão. E também os nomes e rostos que não conhecemos, nem mesmo à distância, mas que realmente dão as ordens, ou pelo menos é o que dizem as fontes bem informadas, sem que jamais o possamos provar. Aí estão as pessoas consideradas como notórias: hoje são notícia, amanhã serão história.”²¹¹

A elite a que Ibrahim Sued se inseria, e sobre a qual escrevia, não se diversificava muito. Essa elite tinha o hábito de fazer julgamentos de seus membros em termos de *status* e prestígio, mas Ibrahim Sued emitia sua opinião sobre o valor dos indivíduos e, muitas vezes, essa opinião se revestia de um estatuto de dogma. Inúmeros membros da elite carioca se faziam notar para “figurar entre eles” e, para isso, o colunista muitas vezes recebia mimos para promover esta ou aquela pessoa.

Assim, na sociedade dos bem-nascidos havia uma lacuna de uma ordem hierarquizada pelo *status*. O que preponderava era o modelo de prestígio pessoal em relação aos demais. Ibrahim Sued era um recém-chegado à elite carioca e, em um primeiro momento ele não tinha *status* nesta sociedade, o que ele conseguiu foi prestígio na medida em que soube destacar o papel e as virtudes de cada um daqueles a que se referia. Sobretudo, que pudesse exibir esses argumentos em um quadro de valores que pudesse causar admiração e respeito.

“Os que conhecem humanidades, devemos lembrar frequentemente se sentem constrangidos com a palavra ‘prestígio’. Sabem que, em suas origens, ela significa iludir os olhos com truques de escamoteação. O prestígio é frequentemente considerado como uma força misteriosa. ‘Qualquer que tenha sido o poder dominante no mundo’ observou Gustave Le Bon, ‘sejam homens ou ideias, impor sua autoridade

²¹¹ Charles Wright MILLS. *Op. Cit.* p. 115.

principalmente por meio dessa força irresistível denominada ‘prestígio’... Prestígio é na realidade uma espécie de domínio exercido em nosso espírito por um indivíduo, um trabalho, ou uma ideia...’ Esse domínio ‘paraliza nossa faculdade crítica’ e nos enche de ‘pasma e respeito’.”²¹²

Um quesito importante na boa sociedade é a antiguidade das famílias, ou a posição de destaque das famílias, no sentido da duração de seu reconhecimento como membros respeitados e de boa reputação.

Ibrahim Sued não contava com esse suporte familiar, conforme já mencionado. Ele quase nunca se referia a seus familiares, e para manter-se no *grand monde* se sustentava apenas com seu prestígio de colunista social e foi nessa condição que assumiu compromissos e responsabilidades que o levaram a ter posição de destaque e reputação a partir do que ele fazia: *A Coluna do Ibrahim*.

4.2 O *ethos* do prestígio do qual Sued tomou partido

O que mais temiam os membros dessa elite da qual Sued fazia parte era a possibilidade de perder prestígio entre seus pares, ou, de decair na escada da sociedade e ter sua auto-estima abalada. Esta possibilidade, mesmo que inconsciente, ou apenas sugerida, já era motivo para causar temor e ensejar entabulações para renovação do prestígio.

O que dava sentido à convivência nesse *high society* era o relacionamento social, o prestígio, a imagem que se constrói de sua identidade pessoal. O que foge ao controle de um colunável é o fato de depender diretamente do colunista para a existência do seu ser colunável, dele depende a aproximação e o distanciamento em relação ao comum dos mortais: o prestígio e a imagem que lhe são atribuídos, uma identidade que lhe é conferida depende da publicidade feita pelo colunista.

O que foge ao controle do colunável e do colunista é a opinião que as pessoas formam deles, justamente porque estão distantes, ou sequer viram essas pessoas uma só vez; para evitar isso é necessário abrir mão da “aparição social”, coisa que muitos não querem a qualquer custo.

Mais uma vez se recorre a Elias:

“O prestígio, em maior ou menor grau, desfrutado por um indivíduo em uma figuração social, seu valor corrente em relação aos outros, é uma figuração social, seu valor corrente em relação aos outros, é uma expressão de seu peso no equilíbrio multipolar das tensões da figuração

²¹² Charles Wright MILLS. *Idem.*.p. 108.

a que pertence, de sua chance maior ou menor de exercer influência sobre os outros ou de ter de submeter-se às influências deles.”²¹³

Na sociedade dos bem-nascidos tudo que oferece oportunidade de aparecer social pode-se converter em prestígio, como: o cargo herdado, o mobiliário e a casa repleta de antiguidades, de objetos de arte, o dinheiro que se possui, a liderança, a participação em uma “panelinha”, o refinamento, as boas maneiras, a beleza do rosto, entre outros.

O prestígio social é conquistado e é conferido às e pelas pessoas em um quadro no qual certos juízos de valores são construídos, muitas vezes, nas rodas sociais que recepcionam esses constructos, o assunto não gira ao redor de algo absolutamente verificável, mas sim em torno do que isso significa para determinadas pessoas.

“Atrás de todos os nomes estão as imagens exibidas num tablôide ou numa tela, no rádio e na televisão – e por vezes não exibidas, apenas imaginadas. Pois a essa altura, todos os tipos superiores são considerados pelos que estão mais abaixo como celebridades. No mundo das celebridades, visto através das lentes de aumento dos veículos de comunicação em massa, os homens e mulheres formam hoje um caleidoscópio de imagens altamente alucinantes.”²¹⁴

Desde Saint-Simon (1856), que a noção de juízo de valores adquiriu o sentido daquilo que nunca julgamos pelo que as coisas são, mas pelo que as pessoas dizem a respeito²¹⁵. Nesta sociedade dos bem-nascidos as pessoas tendem a personificar as coisas, pois o que importa são as pessoas e suas inter-relações: o ser visto. E o ser visto onde e com quais pessoas. Neste caso a etiqueta e suas regras permeiam essas relações e os distinguem dos demais.

Segundo Elias:

“A prática da etiqueta, consiste em outras palavras, numa auto-apresentação [...]. Através dela, cada indivíduo [...] tem o seu prestígio e a sua posição de poder relativa confirmados pelos outros. A opinião social que forja o prestígio dos indivíduos se expressa através do comportamento de cada um em relação ao outro, dentro de um desempenho conjunto que segue determinadas regras. [...] Sem a confirmação de seu prestígio por meio do comportamento, esse prestígio não é nada. A importância conferida à demonstração de prestígio, à observância da etiqueta, não diz respeito a meras ‘formalidades’, mas sim ao que é mais necessário e vital para a identidade individual.”²¹⁶

²¹³ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: Op. Cit.* p. 116-117.

²¹⁴ Charles Wright MILLS. *Op. Cit.* p. 113.

²¹⁵ Émile DURKHEIM. *O socialismo: Definição e origens – a doutrina Saint-Simoniana*. São Paulo: Edipro, 2016. p. 99.

²¹⁶ Norbert ELIAS. *Idem*. p. 117-118.

O valor conferido à ostentação de prestígio não se relacionam às meras formalidades, mas como as pessoas constroem a sua identidade social que, muitas vezes, é o diferencial entre pessoas de outros extratos sociais.

O valor da etiqueta e do zelo com o prestígio neste círculo social são pesados e levados em conta de acordo com o *status* social.

Ibrahim Sued zelava pela etiqueta de seus colunáveis, mas também a impunha a si mesmo, dessa forma prendia a si seus colunáveis numa mesma teia. Segundo Elias, essa relação denomina-se “coerção primordial”²¹⁷, que significa afirmação da condição pela submissão e pelo distanciamento empregando a manutenção da etiqueta. A “coerção primordial” aqui é entendida como necessária para que os colunáveis se afirmassem como pessoas que ocupavam o topo da sociedade e procuravam se distinguir das demais.

Ibrahim Sued foi um ferrenho defensor dos bons modos, da etiqueta, das coerções, do respeito às regras da boa convivência social, que para ele é o grande diferencial das pessoas. Dessa forma, é possível entender as camadas da trama pessoal e social que distinguem as pessoas.

A relação entre as pessoas da chamada boa sociedade não se sustenta de um modo que seja apenas existir como membro por ter nascido, convivido ou passado por ela, o grande objetivo é fazer parte dela.

Fica claro dessa forma que a análise sociológica se reveste de um significado que:

“[...]vai além do objeto imediato de investigação. De fato – e insistimos no caráter de regra que reveste a estrutura de tais unidades -, para todo grupo, casta ou camada social de elite de certo modo estabilizado e demarcado em relação a outros, mesmo sujeito a uma pressão de baixo e, às vezes, também de cima, podemos dizer que sua mera existência como membros de uma sociedade social de elite é para eles um valor absolutamente autônomo, seja parcial ou absoluto; em suma, um fim em si. A conservação da distância torna-se, com isso, o motor ou a marca decisiva de seu comportamento. O valor dessa existência não necessita de nenhuma fundamentação para os membros dessa elite, muito menos de qualquer esclarecimento em função de um motivo prático. Não se questionam um sentido mais abrangente e mais profundo para além dessa existência. E onde quer que existam tendências de elitização em uma sociedade, mesmo que sejam poucas, evidencia-se o mesmo fenômeno.”²¹⁸

²¹⁷ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: Idem.* p. 118.

²¹⁸ *Idem.* p. 119.

A maneira pela qual se pode pensar aqueles que se imaginam como membros da “elite” é compreender, na sua estrutura, o valor que conferem à existência social e, em sua forma de existir, os símbolos que valorizam e as ideias que manifestam, de tal modo que isto se revista de um símbolo de prestígio que esta sociedade coloca como válido para existir enquanto elite.

Um dos símbolos que agrega maior prestígio é a “honra”, que traz embutida a coerção. Coerção esta que tem por objetivo conferir ao seu detentor, um prestígio social que o distingue e o faz respeitado e reverenciado. “A honra é um valor em si, ela glorifica a existência de seu detentor e não precisa nem é passível de nenhuma fundamentação externa.”²¹⁹

É através desse *ethos* de prestígio, de honra e de suas conexões que se pode entender a etiqueta, pois é através da etiqueta que a “elite”, a sociedade dos bem-nascidos se apresenta e se diferencia dos demais grupos sociais e cada pessoa singular se diferencia de cada uma das outras de seu grupo.

A convivência na sociedade dos bem-nascidos se reveste de um jogo sério, que exige ousadia e capricho, pois as pessoas restritas a um círculo muitas vezes se pressionam mutuamente. Lutam para obterem mais prestígio que as outras, e até nos lugares que frequentam, nas roupas que usam, querem se fazer notadas e se passarem por melhores. Para isso muitas vezes valem os “mexericos”, as intrigas, as críticas, os conflitos por quererem ter um lugar de destaque. E, neste jogo, todos dependem do colunista social que lhes confere destaque.

Na sociedade dos bem-nascidos, na elite, os gestos, as expressões, as vestimentas, os adornos usados expressam o modo de vida das pessoas: o seu *status*.

O colunista, em seu dia-a-dia, desenvolve como habilidade a “arte de observar” as pessoas em seu contexto social, como essas pessoas se relacionam com as outras, qual é o seu grau de desembaraço, qual é o seu objetivo. Nessa arte de observar, o colunista observa as pessoas, mas, também, se auto-observa para preservar a sua convivência social. Ele policia seus próprios gestos, posturas e lugares que frequentam, as companhias que elege.

Uma das obras significativas com as quais Elias lida ao estudar *A sociedade de corte* foi, “*De la cour*”, *Les caractères ou Le Moeurs de ce siècle*, de Jean de Bruyère, que, em 1688, escreveu:

²¹⁹ Norbert ELIAS. *Ibidem*.

“Um homem conhecedor da corte é senhor de seu gesto, de seus olhos, de seu semblante; ele é profundo, impenetrável; dissimula os maus serviços, sorri a seus inimigos, domina o seu humor, disfarça suas paixões, desmente seu coração, fala, age contra seus sentimentos.”²²⁰

Ibrahim Sued tinha o comportamento descrito acima e ele era mestre em dissimular suas paixões e intenções, além de conhecer muito bem o jogo de interesses das pessoas e da sociedade sobre a qual escrevia e circulava.

Ele possuía uma sensibilidade muito aguçada quando observava e descrevia as pessoas, e isso era o instrumento de suas colunas. Passagens de conversas, acontecimentos sociais, fossem evento político, jantar, casamento, batizado, ou um simples e frugal almoço; sempre acompanhado de pessoas com as quais se relacionava.

O colunista, em seu ofício, desenvolveu a arte de descrever as pessoas, os lugares e as situações com um alto grau de perfeição. E o personagem revelou-se *expert* neste quesito.

Observar a si mesmo e as pessoas é um dos atributos do colunismo social, isto se impõem como uma condição necessária para que o colunismo social exista e sobreviva, mas é preciso desenvolver outro quesito: a arte de conviver com as pessoas.

O problema dos comportamentos em ambientes que requerem certas medidas, ou seja, um modo de agir adequado aos ambientes e não menos adequado aos propósitos daquilo a que esses ambientes se referem. O modo de agir circunscreve assuntos que foram tratados por aqueles que viveram a construção do mundo moderno. Alguns deles não só testemunharam esse processo como deixaram seus escritos.

Tal é o caso do jesuíta Baltasar Gracián que escreveu, entre outros textos, *A arte da sabedoria e A arte da prudência* – entendendo prudência como sabedoria mundana, sabedoria de vida como queria o autor. No século XVII, dentre os “oráculos” deixados por ele pode-se recolher:

“14. Realidade e também modos.

Não basta a substância, é necessária também a circunstância. O mau jeito estraga tudo, inclusive o que é justo e razoável. Já a maneira correta repara tudo: abranda uma negação, adoça a verdade e até faz a velhice parecer bonita. O como das coisas é muito importante, e um comportamento correto conquista a afeição dos outros. O bel portarse é algo precioso na vida. Fale e comporte-se bem, e promoverá seu sucesso.”²²¹

²²⁰ Norbert ELIAS. *Idem*. p.121.

²²¹ Baltasar GRACIÁN. *A arte da prudência*. Disponível em http://lelivros.bid/book/baixar-livro-a-arte-da-prudencia-baltasar-gracian-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/#tab-additional_information Acesso em 06 Out. 2017. Publicado em 1647, originalmente na Espanha, foi escrito com o intuito de oferecer aos homens do seu tempo um guia para ajudá-

A convivência em sociedade é sempre regida pela precisão, segundo o olhar de quem a enxerga, que necessita executar uma triagem para saber até onde pode chegar no contato interpessoal. Essa triagem exige cuidado para lidar com as pessoas da boa sociedade.

Discrição deve ser sempre a palavra de ordem para se iniciar uma conversa e até para saber dos “tititis”! Assim, o colunista deve agir com cautela, de forma a não quebrar regras e protocolos e de modo a não perder o furo da notícia que é seu principal objetivo. Isso só pode acontecer se o seu interlocutor aceitar o diálogo e se suas intenções não forem imediatamente percebidas para além da notícia.

Uma das regras da arte de lidar com pessoas é nunca deixar que o outro “leia” suas expressões faciais, usar de delicadeza na condução da conversa, não falar de si, deixar claro que o colunista sabe quem ele é, ou seja, o colunista deve atuar com diplomacia para o bem conviver na boa sociedade.

O *high society* vive de um grande apego às aparências, de um formalismo e de uma *status* que o colunismo social reforça em determinadas pessoas, atribuindo-lhes poder em relação aos outros, de maneira que “o quê” ganhe mais ênfase e destaque do que “o como”. De modo tal que aquilo que se lhe atribui prevaleça sobre o que se é.

O colunista social garante a sua posição e, ao mesmo tempo, confere *status* aos seus colunáveis, por isso “o quê” deve se sobressair. Nesse caso, o colunista cria uma tática, uma maneira de lidar com as pessoas a partir dessa chave-de-entrada.

Na relação colunista social-colunável um depende do outro, isso em se tratando de amigos, inimigos, e mesmo adversários. Portanto, a diplomacia e as boas maneiras devem mediar os encontros e as relações que se desdobram a partir do contato inicial. Quase nunca os desdobramentos acontecem de modo pré-estabelecido desde o começo.

Prudência e discrição devem ser as palavras de ordem nos encontros sociais, pois esses encontros não são duradouros. Eles passam e, assim, as relações devem ser respeitadas.

O colunismo social exibe uma curiosa racionalidade na medida em que, ao mesmo tempo, se assenta sobre valores como modos e maneiras de se apresentar – que assume um tom conservador e quase aristocrático – ao mesmo tempo em que busca a

los a se desemaranhar nos labirintos das intrigas, das dúvidas e das maledicências cotidianas. São 300 aforismos em que o autor entende como oráculos para o relacionamento interpessoal.

atingir objetivos instrumentais de finalidade última de corte puramente publicitário e comercial.

“Aquilo que é ‘racional’ depende sempre da estrutura da sociedade. O que denominamos objetivamente de ‘razão’, ou *ratio*, vem à tona sempre que a adaptação a uma determinada sociedade e a sobrevivência dentro dela demandam uma precaução ou cálculo específicos e, com isso, uma retração das emoções individuais efêmeras. A previsão quantitativa, ou racionalidade, constitui um caso especial de um fenômeno mais abrangente. O fato de a racionalidade não ser algo característico somente para os profissionais burgueses do Ocidente foi demonstrado por Max Weber em seus ensaios sobre a sociologia da religião. Entretanto, o que ainda não se enfatizou com suficiente clareza é o fato de que existiram, e continuam a existir, mesmo no Ocidente, outros tipos de racionalidade ao lado da racionalidade capitalista burguesa, tipos nascidos de outras necessidades sociais.”²²²

Já foram aqui enfatizadas algumas racionalidades burguesas que estão presentes na boa sociedade como: a ornamentação da casa, a organização do cerimonial, a atenção à etiqueta, o conhecimento sobre as jóias a serem usadas em cada ocasião, e toda uma espécie de regulamentação que se impõe e se põe a par do autocontrole que o colunista deve manter para manejar a figura de seus colunáveis e público leitor.

Outro fator presente na boa sociedade é o de exercer certa dose de dominação sobre a competição no convívio social. Sendo assim, Elias afirma que “A estrutura da vida dentro dessa figuração deixa um espaço mínimo, comparativamente, para as manifestações afetivas espontâneas.”²²³

Na boa sociedade cada um, a seu modo, busca prestígio, não visando unicamente e, na maioria das vezes, representação de ostentação, mas demonstração de *status*, posição de poder e, até de importância em algum *mister*, fazendo valer a máxima: “quanto mais apareço mais poder eu tenho”. E, nesse caso, não é apenas poder político, mas o poder de se considerar privilegiado, ou ainda, de se fazer repercutir entre os privilegiados.

Dessa forma, Elias ensina: “A racionalidade de corte se constitui a partir das coerções da interdependência social das elites; ela serve para tornar calculável, em primeiro lugar, as pessoas e as chances de prestígio como instrumento de poder.”²²⁴

Entender a sociedade carioca, aqui em estudo, é também entender o papel que Ibrahim Sued nela desempenhou. O estilo de vida, as recepções, as etiquetas eram distintas, distantes e diferentes do que praticava o restante da sociedade, a sua influência

²²² Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: Op. Cit.* p.125-6.

²²³ *Ibidem.*

²²⁴ *Idem.* p. 127.

nas demais camadas sociais através das dicas que ele distribuía em suas colunas diárias e nos livros que escreveu é algo que não se pode negar.

É bem verdade que, atualmente, têm surgido manifestações – em especial provenientes do ambiente empresarial – que denunciam os meios e veículos de comunicação que sobrevivem de publicizar o “ter” em detrimento do “ser” e que enfatizam que as pessoas não querem mais ser enganadas pelo que “parece ser”.

“Mas hoje muitos executivos chegaram ao máximo de ‘parecer ser’ - felizes, bem sucedidos, saudáveis, bonitos, etc. Um mundo de aparências e ‘faz de conta’ no qual só acreditam aqueles que estão envolvidos e se iludem imaginando que enganam todo mundo.”²²⁵

Todavia, no período aqui em relevo, as dicas de Sued versavam sobre moda, feitiço do cabelo, como receber, como compor a mesa, como cumprimentar e, com isso, ele imprimia sua marca na sociedade carioca dos anos 1950 a 1990.

Essas posturas deveriam soar estranhas a muitos daqueles que compunham a sociedade de então. Esta vinha se transformando – em largos passos – em sociedade urbana letrada e que, sobretudo, carregava um passado rural e suburbano acentuado. Estava presente uma diversidade cultural e uma não menos importante diversidade étnica e, mesmo assim, a sociedade tendia a adotar vários aspectos de uma sociedade de massas.

A cidade do Rio de Janeiro foi fortemente tencionada com a mudança da capital do país e, principalmente, entre aqueles que nela habitavam e porque trabalhavam para o governo.

Os assuntos que eram mediados por essa parte da sociedade – a que vivia do trabalho nas instituições governamentais – ou foram minimizados em sua importância, ou deixaram de existir, já que o centro de decisões passou a ser Brasília. Essa situação trouxe enorme tensão que poderia afetar a maneira de se afirmar na sociedade carioca.

Grande parte dos negócios da boa sociedade carioca estava ligada a setores controlados pelo governo e que, de algum modo, a iniciativa particular se ligava, como era o caso da administração portuária e de outras iniciativas privadas que funcionavam sob regulação como: concessões públicas de rádio, televisão, transportes públicos, etc.

Investimentos privados como: a construção de hotéis de luxo, cassinos, boates e outras iniciativas consideradas de conteúdo cultural e turístico; e, ainda, a totalidade das obras de infraestrutura existia a partir da forte presença do centro de poder no Rio de Janeiro.

²²⁵ Renato BERNHOEFT. Nos cenários dos executivos: o drama e a comédia. Artigo publicado no *O Estado de S. Paulo*, 16 de junho de 2005, página C e 5.

Com a mudança da capital, a cidade do Rio de Janeiro foi relegada a uma esfera que abalava fortemente a sua condição de centro da influência social, política e cultural do país. Com isso, as relações que dependiam desses segmentos sofreram um abalo, pois a cidade deixara de concentrar poder de decisão administrativa e de ser palco das tendências sócio-culturais.

Ao mesmo tempo em que deixava de ser o centro articulador do poder central da República e que a cidade sofria esses abalos, as camadas sociais e os grupos que se entrelaçavam e que vivem dessa função também foram afetados.

4.3 A Etiqueta de Ibrahim Sued: normas, distinções e dominação simbólica

A sociologia da etiqueta permite compreender como que na sociedade dos bem-nascidos os modos de se portar, as roupas que se deve usar, os gestos a se encenar e as palavras a se proferir não só se tornam essenciais, como são fundamentais.

A sociedade dos bem-nascidos necessita de referenciais que a torne distinta das demais camadas sociais e um desses referenciais é a etiqueta, que imprime auto-afirmação e, com isso, coloca aqueles que participam dessa parcela da sociedade em estado de dependência de uma espécie de código que passa a ser o porta-voz dessas regras.

A distinção produzida no âmbito do colunismo social evidência uma lógica própria de gostos e de preferências que se expandem culturalmente ao restante da sociedade e que submete não apenas o grupos dos distintos, mas também a própria sociedade, aos nexos de meios e fins da coluna social tomada enquanto publicidade de pessoas numa relação simbólica.

Isso ocorre na medida em que algumas pessoas – colunistas – assumem funções e passam a ser referência em termos de como se portar em sociedade, bem como se legitimam como intérpretes do repositório de boas maneiras.

Na sociedade dos bem-nascidos o que importa é a distinção, a consideração, a honra, o respeito às tradições, o prestígio alcançado, a posição social e os papéis desempenhados em relação ao que é ser uma pessoa merecedora de distinção.

Uma corrente cheia de elos se forma entre as pessoas que transitam por essa camada da sociedade e seu fetiche é desempenhado pelo papel do colunista social enquanto apregoador de símbolos de distinção e do adequado comportamento daqueles que o detêm.

“a celebridade profissional, homem ou mulher, é o supremo resultado de um sistema de estrelas de uma sociedade que fez da competição um fetiche.[...] é levado ao ponto de um tagarela do rádio ou da televisão tornar-se o companheiro de caça dos principais dirigentes industriais, membros do gabinete e altos militares. Não importa o gênero em que a pessoa é superior, desde que tenha vencido outros numa competição, é celebrada. Começa funcionar então uma outra característica do sistema de estrelas: todas as estrelas de qualquer esfera da atividade ou posição são atraídas pela nova, e esta atraída pelas mais antigas. Quem teve êxito [...] mistura-se livremente com outros [...] para povoar o mundo da celebridade.”²²⁶

O colunista social geralmente tem claro que em seu trabalho é necessário e indispensável para manter as celebridades como uma camada social distinta e distante das demais. Basta perceber que é por esse mundo que Ibrahim Sued circulava e se mantinha profissionalmente. Era para os membros desse conjunto que o colunista ditava suas normas de convivência e de etiqueta.

Ibrahim Sued em seu livro *Aprenda a Receber – Etiqueta* escreveu:

“*ETIQUETA VERSUS TABUADA.*

Quando comecei a escrever esse livro, em conversa com uma amiga, Baronesa Liz von Kougue, mulher de negócios e de família tradicional, ela me disse, referindo-se à etiqueta: ‘Isso não existe mais’. Não concordo com esta afirmação, porque etiqueta é sobretudo estética e dela necessita qualquer pessoa que queira viver em sociedade, seja qual for o seu *status*. E por viver entenda-se *tirar de letra* o dia-a-dia, traçado com um pouco de harmonia e beleza.

Não tenho a pretensão que este manual possa responder a todas as dúvidas em matéria de etiqueta. A vida é composta por uma série de cerimônias, para as quais existem normas sociais determinadas pela comunidade. Englobar todas essas fórmulas não seria possível num livro. Muitas forçosamente ficarão na geladeira, por falta de espaço.

No entanto, mais do que regras, pretendo transmitir neste livro uma filosofia de vida moderna que permita uma atuação apropriada aos que estão interessados em aprimorar seu relacionamento social.”²²⁷

Compreender o colunismo social e as razões do sucesso de Ibrahim Sued requer um olhar para o interior do *grand monde*, sua estrutura, suas divergências, seus impulsos e até mesmo os sentimentos de seus integrantes.

Os colunáveis e o colunista se distinguem pelas características de suas personalidades, ou muitas vezes como emergiram nas posições ocupadas na estrutura social, nos papéis de figuração desempenhados, bem como as atuações na rede de interdependências nas quais se entrelaçam posições, papéis e atuações.

²²⁶ Charles Wright MILLS. *Op. Cit.* p. 91- 92.

²²⁷ Ibrahim SUED. *Aprenda a receber. ... Op. Cit.* s/n.

O estilo e as condições de vida que as celebridades do Rio de Janeiro levava a obrigava se distinguir do restante da sociedade carioca – e de demais lugares que estavam expostos ao veículo de comunicação de massas por meio do qual ele se expressava – que exibiam um estilo de vida mais simples. Isso, contudo, não os excluía totalmente na medida em que, eram consumidores desse tipo de notícia e de publicidade.

A assitência, composta daqueles que respondiam anônimamente enquanto a opinião pública, era assídua e preocupada em saber o que acontecia com aqueles que apareciam na coluna do Ibrahim.

Dessa forma, muitas das características típicas dos colunáveis e do colunista, que usualmente se manifestava em sua coluna, alguns como ensinamentos sobre traquejo social, imprimiu nas pessoas uma ideia do que era adequado para se portar socialmente: roupas apropriadas, maneira de se movimentar, formas de cumprimentar ou trato social eram consumidas enquanto bens simbólicos.

Ibrahim Sued em seu livro *Aprenda a receber*, no capítulo *ETIQUETA VERSUS TABUADA* assim escreve:

“Fundamental em se tratando de etiqueta, é o bom senso. Um primeiro conselho é que você procure desenvolver o seu sentido de observação. Depois questione a validade do que vê e deixe de lado o que realmente lhe parecer gratuito. Contudo, uma receita de se viver bem tem como principal ingrediente o respeito às suscetibilidades alheias. Uma regra de boas maneiras, embora ultrapassada, deve ser seguida, caso seu repúdio venha a ser visto como uma desconsideração para com o outro. As mudanças, neste campo, sempre se processam com lentidão, assim como as transformações semânticas. Se um certo comportamento é aceito pela sociedade, não adianta resistir. Você fará apenas o papel de mal-educado, arranjará inimigos e críticos.”²²⁸

As pessoas que fazem parte dessa boa sociedade assumem determinados comportamentos, como forma de se afirmarem em seu grupo, a elegância nas atitudes, o bom gosto, os modos refinados acabam por se tornar obrigatórios para reforçar a aceitação e garantir a ascensão em um segmento regido pelas normas e convenções, bem como pela disputa por prestígio.

Uma gafe pode ser indistintamente considerada como algo imperdoável, desde que alguns lenitivos as acompanhem elas podem até ser consideradas um estilo.

Reporte-se aos comentários de Sued:

“DE SER OUSADO MAS NÃO TEMERÁRIO.

Dez gerações são necessárias para tornar um homem educado, dizem os chineses. Com o devido respeito pela sabedoria oriental, não concordo com

²²⁸ Ibrahim SUED. *Ibidem*.

esta proposição: se isto fosse verdade, o homem comum teria de se sujeitar às limitações de sua ascendência, sem qualquer vislumbre de melhoria. Creio, isto sim, que a educação é, antes de mais nada, produto de uma disciplina moral e intelectual e, como tal, pode ser assimilada por qualquer pessoa que tenha força de vontade e bom senso.

A familiaridade com as regras de etiqueta é fundamental para se viver bem. Quem, por ignorância, ofender algumas dessas normas causará certamente um mal-estar às pessoas de sensibilidade apurada. Ao contrário, pessoas muito bem educadas (*sic*) podem se dar à ousadia de infringir algumas vezes a etiqueta, desde que em plena consciência da infração. Não confundir, entretanto, a audácia com a temeridade da autoconfiança gerada pela ignorância.

A sorte, aliás favorece os audaciosos. Meu su sempre foi o retrato da ousadia. Quando colocaram, por exemplo, pela primeira vez (Gilson Amado, em 1953) um microfone na minha frente, eu aceitei o desafio. Já naquele tempo – e isso era bem compreensível – eu comia os esses e *outras cositas más*. Foi quando resolvi tomar aulas de dicção com a suadosa Ester Leão, e de foniatría com nosso Pedro Bloch.

Apesar das aulas, mantive os meus tropeços. Em plena consciência desses meus erros, nunca preocupei em corrigir, pois percebi que o público com ele se identificava. Da rádio Mayrinck Veiga à televisão, muitos anos mais tarde, teria sido fácil falar com dicção perfeita. Ainda mais com os recursos do vídeo-tape.

Uma coisa que sempre recomendo aos meus *copy-desks* é que deixem os meus erros de concordância, porque o público gosta da maneira como eu escrevo. ‘Esqueça Camões. Favor não mexer no meu estilo’ – este foi sempre o recado que mandei para os meus amáveis *copy-desks*. E o filólogo Antonio Houaiss, o maior do Brasil já declarou que, se os erros de concordância fazem parte do meu estilo, então o meu estilo está correto. *Sorry*, periferia, porque os cães ladram e a caravana passa.”²²⁹

As adequações não eram reforçadas apenas quando os comentários recaíam sobre o mobiliário, os quadros e demais arranjos do interior das residências e locais destinados a eventos e reuniões sociais como seria óbvio supor. Ibrahim Sued falava simultaneamente para os colunáveis e celebridades, mas também se referia a eles como pessoas comuns cheias de defeitos e imperfeições.

Para os colunáveis, os arranjos das casas e o formato dos jardins, a decoração mais elegante e, sobretudo, seguirem tendências da moda. Deviam estar ajustados a normas e às convenções sociais, bem como atenderem às formalidades de um pedido de casamento ou comparecerem adequadamente em um jantar. Esses quesitos não se

²²⁹ Ibrahim SUED. *Ibidem*.

apresentam como prazeres que esses indivíduos desfrutam na vida privada, mas se constituem em exigências cruciantes de uma modalidade de vida que se abre para a sociedade, numa vida que tem algumas de suas dimensões privadas tratadas publicamente, porque ocorrem em um meio social cujo interesse de quem compartilha é o destaque.

Adequar-se a esse estilo de vida é condição prévia para ser considerado pela sociedade, para alcançar prestígio social, ou seja, para reunir condições de aparecer nas colunas sociais.

Para o público leitor e para a opinião pública Ibrahim Sued se apresentava como pessoa que conquistou um lugar ao sol. Uma pessoa que venceu as batalhas e competições vividas e que, mesmo assim, não se esqueceu dos tempos de penúria, de suas limitações, bem como de sua feição “povão”.

Ibrahim Sued, em seu livro: *O Segredo do meu SU... SUCESSO*, assim se reporta às convenções sociais e faz digressões a respeito do que entende por gosto:

“RECEITA DE DECORAÇÃO (*O bom gosto não significa apenas dinheiro...*)

O bom gosto na decoração de uma casa não significa que a pessoa tenha que ser, obrigatoriamente, um caixa-alta. Se você não é caixa-baixa e mora num desses apartamentos tipo classe média na Zona Sul do Rio, ou mesmo numa pequena casinha de subúrbio, a decoração de sua casa vai depender muito de sua sensibilidade, do seu bom gosto. Da mesma forma, esta receita serve igualmente para os caixas-altas, porque a verdade é que nem todas as grandes residências são harmoniosas. [...]

Quando não se pode ter, por exemplo, um Di Cavalcanti, um Teruz, um Picasso ou um Cícero Dias, o recomendável é a pessoa comprar fotos das telas ou gravuras de seu pintor favorito e colocar em suas paredes. Quando não se pode ter uma mesa colonial autêntica ou uma mesa da Urbani ou do Mauro Halpern, da Museum, famosos **designers**, a solução é partir para a cópia, porque no fim dá tudo no mesmo. A questão é saber ter o bom gosto na harmonia das cores e na suavidade da decoração. Misturar os estilos com bom gosto, o que é fundamental. Como algumas que apresento neste capítulo.”²³⁰

Sued elegeu algumas personalidades para delas se lhe destacar elementos que considera de bom gosto no que se refere a estilo de vida e decoração de suas residências.

“**IVO PITANGUY** - Fica bem no alto da Gávea, uma das mais bonitas mansões cariocas. Ali residem o meu amigo Ivo Pitanguy, sua mulher e os filhos. Aliás, a decoração da casa ficou por conta de Marilu, que soube harmonizar, com originalidade e sabedoria o moderno e o colonial. Separada do living com belíssimas peças de confessionários de velhas igrejas coloniais, a sala de jantar, toda revestida de lambris e cadeiras no melhor colonial, é uma das mais atraentes dependências da mansão. No living, o chão revestido com pisos diferentes, cadeiras antigas e cômoda moderna combinam-se

²³⁰ Ibrahim SUED. *O segredo do meu Su ... Op. Cit.* p. 87-90. (Grifos nossos).

perfeitamente. A biblioteca, tem a sobriedade repousante das verdadeiras salas de estudo. E a piscina, cercada pelo verde da floresta da Gávea, abre-se na relva tenra como um enorme espelho retangular, guardada de perto por uma raríssima sereia esculpida em madeira, obra de um artesão do século XVII. Paredes rústicas e esplêndidos quadros de artistas brasileiros e estrangeiros como Picasso, Chagal e Wlaminck combinam-se em outras dependências da mansão. Para completar esse quadro todo, a mansão dos Pitanguy pousa harmoniosamente na grama sempre verde, dominando uma das mais belas paisagens do Rio.”²³¹

Uma das residências que Sued descreve com detalhes, entre outras, é em suas palavras o “apartamento-mansão” de **Jorge Guille**.

“O apartamento-mansão de Jorginho Glinle, na Praia do Flamengo, foi decorado na sua totalidade em estilo francês, no qual se realçam os imensos pés direitos e o magnífico jardim suspenso, em cujo gramado são utilizadas mudas inglesas. O imenso hall é revestido de mármore de Carrara e português. A ampla sala de jantar é dominada por uma maravilhosa tapeçaria francesa do século XVII, que pertenceu aos Reis da França. A biblioteca, inteiramente revestida de **bois-serie**, completa-se com o salão de recepção. Em ambos podem ser admirados objetos de arte de extremo bom gosto, entre os quais se destacam uma estátua de Renascença, um quadro de Romnie, bem como tapetes raríssimos, autênticas e inigualáveis obras primas.”²³²

Além de muitas outras residências a que Sued se ocupa colocando-as em evidência, como a do Senhor e Senhora John Gardner William ²³³ é a de Roberto Marinho evidenciando que se encontra em jogo relações de poder de quem recebe e de quem é recebido em ocasiões dignas de menção. Essa situação fica nítida nas descrições das residências de Roberto Marinho e Francisco Catão:

“ROBERTO MARINHO –

Construída em estilo colonial brasileiro, com grandes pés direitos e um maravilhoso jardim cortado pelo histórico Rio Carioca, que desce das Paineiras, a residência do casal Roberto Marinho, no Cosme Velho, é decorada com móveis coloniais brasileiros e numerosos objetos de arte e prata antiga. No grande salão predomina um maravilhoso Aubusson e na escadaria, bem ao estilo antigo, um precioso Luçart. Na decoração da mansão, a arte moderna brasileira está representada por uma extraordinária coleção de Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti, Guignard, Tarsila do Amaral, esculturas de Agostinelli e muitos outros. As cores sóbrias da mansão contrastam com a profusão de cores dos seus numerosos quadros. Uma escadaria **belle époque**, com seu alegre corrimão está entre os requintes da arquitetura da mansão, em cujos amplos interiores os móveis se dispõem com raro equilíbrio. Considerada uma das mais belas residências do Brasil, a mansão de Rute e Roberto Marinho é frequentemente solicitada pelo Itamaraty para hospedar algumas das mais eminentes personalidades em visita ao Rio de Janeiro – como o Presidente Eisenhower, o Cardeal Spellman, o Cardeal Cerejeira, o General Mac Clark,

²³¹ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 90.

²³² *Idem*. p. 91.

²³³ *Idem*. p. 95-96.

o Presidente Justo, o Cardeal Piazza, o Presidente Gronchi, da Itália e o Presidente Craveiro Lopes, de Portugal.

FRANCISCO CATÃO –

O mais original e elegante **pent-house** do Rio é sem dúvida o do casal Francisco Catão, em Botafogo. No primeiro andar, as dependências são todas decoradas em estilo europeu, com lindas peças de arte em nichos, a biblioteca toda em **boiserie**, tapeçarias francesas e um imponente salão de jantar. O toque parisiense dessa residência tem a marca da **hostess**, Sra. Rosie Catão, nascida na capital francesa. Atrás do piso do hall, em mármore preto e branco, chega-se ao terraço, que justifica a qualificação de **pent-house**, mais original da cidade, pois foi transformado em monumental salão de recepção.”²³⁴

A interpretação, aqui, é a de que a etiqueta e o bom gosto publicizado na coluna social, entendida no curso de constituição de uma sociologia da cultura, não faz apenas referência a um colunista e a seus colunáveis como publicidade e como uma liberdade de expressão incondicionada.

Um espaço de complexidades chama atenção, ou seja, a necessidade que muitas pessoas sentem de fazerem parte de uma elite e a necessidade do colunista de dominar o espaço das elites por onde ele transita, o coloca na posição de ditar normas e sublinhar a importância de regras, ao mesmo em que o faz atenuando a importância da obra de arte e do artesanato em favor da cópia.

O desejo de colunáveis estarem em evidência é o mote a partir a partir do qual o colunista transforma seus colunáveis em pessoas que, de algum modo, lhe são submissas em condições de possuidores de bens sublimes – obras de arte e objetos de decoração caros e raros. Ao mesmo tempo em que lhe seguem e, a enorme custo, colocam-se como seus aliados, são exposto ao público que pode compartilhar o bom gosto mesmo que a eles estejam acessíveis apenas aqueles bens dotados de simplicidade, mesmo que provenientes do barateamento da cópia.

Se a coluna social se configura em um campo e se o que se transaciona nela é o capital simbólico da distinção; se o ofício do colunista se faz mediante a articulação sensível e com a percepção fina das crenças constitutivas do *habitus* de campo é indispensável reconhecer que as relações são produzidas no âmbito da lógica de produção e de distribuição de bens simbólicos e que esta se assenta em um determinado tempo e espaço que configuram o contexto de produção desses bens constitutivos do capital simbólico.

²³⁴ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 94-95.

Dessa forma, o colunista, ele próprio se considerava, senão um personagem da elite, um representante abalisado dela. Seguramente ele tinha consciência e se apresentava como o primeiro deles – “um mestre de cerimônias”. Aquele que, ao expor o que devia ser seguido, reforçava também sua própria trajetória de ascensão social e prestígio profissional, que também tinha um preço para ser mantido. Tanto é que um de seus principais bordões era: “os cães ladram e a caravana passa”.

“A vitória profissional e conseqüente fama despertam sempre as mais controvertidas reações. Só os que se destacam estão sujeitos a aplausos e apupos. Não se deixar levar nem por uns nem por outros, essa é a sabedoria. Porque o fato é que os cães ladram e a caravana passa.

Dizem que sou predestinado. Muitos me chamam de pretencioso e esnobe, quando afirmo ter transformado a imprensa brasileira, criando um novo estilo. Outros quase me glorificam. Porém nada é mais perigoso do que a adulação, que segundo a Bíblia, ‘é melhor ser repreendido pelo sábio que enganado pela adulação dos tolos’.”²³⁵

Ibrahim Sued atribuía grande parte das razões de seu sucesso ao fato de adotar posições não ortodoxas. Pode-se dizer que ele agia de modo que suas razões práticas eram quase que sempre marcadas pelo ecletismo, um ecletismo que embora reforçasse sua origem, se valia dela frente ao público leitor – aparecendo como um ascendido – ao mesmo tempo em que era capaz de destacar o que era digno de ser celebrizável e de tradição.

“Sem me prender a nenhuma das duas correntes, creio poder afirmar, tranquilamente, que, após uma trajetória dura e sofrida, porque a vida não é fácil, atingi o meio do caminho na jornada a que me propus, como jornalista. Lancei na imprensa brasileira um novo tipo de informação e soube me atualizar sempre aos moldes do jornalismo adequados ao meu tempo. Um dia, folheando Ortega Y Gasset, o Papa da Comunicação, vi uma frase da qual nunca mais me esqueci: ‘É forçoso viver à altura dos tempos, e muito especialmente, à altura das idéias do tempo’.

Até o jornal italiano *Il Tempo* publicar matéria com o título ‘Um Turco Domina a Sociedade Brasileira’ e o *Time Magazine* me dedicar uma reportagem de duas páginas, transcorreram muitos anos de arroz com feijão e de sanduíches requentados no automático da desaparecida Galeria Cruzeiro, onde nasceu O Globo. Hoje o menu é mais sofisticado.

Ontem sem ‘pedigree’ e pronto, mantinha a elegância como podia, com um *smoking* e dois ternos. Sempre impecáveis. Mas vai longe o tempo em que colocava o terno debaixo do colchão, na pensão onde morava, para não perder o vinco.”²³⁶

O colunista, empregava sua trajetória de ascensão social como uma espécie de atributo de ordem sublime, como que diferenciado dos demais objetos sociais, como uma

²³⁵ Ibrahim SUED. Mestre de Cerimônias. In: *Aprenda a receber – etiqueta. Op. Cit.* 1977. s/n.

²³⁶ *Ibidem.*

excessão a si mesmo atribuída, como uma conquista arduamente alcançada, como uma espécie de arte e de engenho incomuns. Talvez até como uma obra de arte.

“Uma ‘pá’ de anos se passou. Através das minhas crônicas atuei contra e a favor de Presidentes da República – como no caso de Brasília, quando fui dos raros jornalistas a dizer que Juscelino (de quem tive o prazer de ser amigo, depois que ele deixou o poder, apesar da oposição que lhe fiz) estava construindo uma capital às pressas; popularizei a imagem do Marechal Costa e Silva; com o apelido carinhoso de ‘seu’ Arthur; organizei festas beneficentes que se tornaram famosas, depois do meu patrocínio, como o baile da ‘Glamour Girl’ e os desfiles Bangu, um marco na sociedade brasileira; movimentei o Rio trazendo artistas da categoria de Ginger Rogers, Rita Hayworth, Kim Novak, Yul Brynner, Elaine Stewart, Rhonda Fleming, Susan Hayward, Wlater Pidgeon e Errol Flynn. Sou um colunista que também fabrica dos assuntos.”²³⁷

Ao se colocar de passo e ao lado dos grandes, das celebridades do colunismo estadunidense não se cansava de expor que, em sua criação local recheada de inventividade e de originalidade, contribuiu para nada mais nada menos que “o desenvolvimento brasileiro” .

“Elza Maxwell e Walter Wintchell foram dois jornalistas americanos que tiveram grande influência no meu trabalho. Com Wintchell, sobretudo, aprendi que o campo de ação do colunismo não se restringe ao das bonecas e deslumbradas, panteras e panterinhas, e quando bem exercido, influencia os principais setores de atividades de um país. Hoje, sou um homem que forma opinião e, nesse sentido, creio ter contribuído para o desenvolvimento brasileiro.

O tempo dos bicos, do futebol de máquina fotográfica a tira colo (nem sempre com filme) para ver de graça, do drama da roupa – tudo isto está muito distante. Através de minhas crônicas criei neologismos que modificaram a linguagem popular e, embora não pretenda entrar para a Academia, afirmo hoje, sem falsas modéstias: sou um imortal sem fardão. Alguns ‘buzuntas’ tentam imitar meu estilo e não conseguem, porque sou inimitável... Porém muitos outros categorizados seguiram-me com su... De leve...

Por todos esses anos, nas minhas crônicas, ensinei muita gente a receber e a vestir-se bem. Agora estendo a minha experiência de 25 anos de caviar, pra você, caixa-alta, caixa-baixa, boneca e deslumbrada, pantera e panterinha, cocadinha ou membro da geração pão com cocada.”²³⁸

O colunista se colocava como um dos principais membros da boa sociedade e se colocando na posição daquele que ditava e conservava a etiqueta, também a explicava como fundamental aos seus olhos e aos meios de garantir-se como estabelecido.

Ibrahim Sued reelaborava as regras de etiqueta na sociedade carioca. Veja-se como ele definiu etiqueta em seu livro: *A nova etiqueta*:

²³⁷ Ibrahim SUED. *Aprenda a receber – etiqueta*. *Ibidem*.

²³⁸ *Ibidem*.

“Segundo o mestre Aurélio, Etiqueta, do francês *étiquette*, significa, além de um conjunto de cerimônias que se usam na corte ou na Casa de um Chefe de Estado, formas cerimoniosas de trato entre particulares. Sem querer ser tão rígido quanto os dizeres dicionarísticos do mestre Aurélio, este manual, desprezioso, pretende apenas ser um guia seguro para aqueles que estão interessados em aprimorar seu relacionamento social. Evidente, que este novo livro não tem a pretensão de responder a todas as dúvidas da matéria de etiqueta. Todos nós sabemos que a vida é composta de toda uma série de cerimônias, para as quais existem normas sociais determinadas pela comunidade e quem sabe ainda não dicionarizadas...

Englobar todas essas fórmulas não seria possível num livro. Acredito – que tenho razões fundadas para isso, em 26 anos de relacionamento social –, que o fundamental, em se tratando de etiqueta, é o bom senso. Por isso, um primeiro conselho: é que você procure desenvolver o seu sentido de observação. Depois questione a validade do que você vê e deixe de lado o que realmente lhe parece gratuito. Mas, olho vivo porque cavalo não desce escada...

Outra coisa: apesar das mudanças no campo das boas maneiras se processarem de maneira lenta, isso não significa que devemos nos imobilizar em teias de aranha. Na Europa e nos States, é comum mulheres saírem juntas para jantar em um restaurante; até pouco tempo atrás, aqui no Rio, isso era considerado uma gafe. Como também era gafe o servir macarrão com arroz. Hoje, felizmente, já se come com arroz e as senhoras são vistas jantando juntas sozinhas no eixo Concorde-Special, na piscina do Copa e almoçando no Chez Yunes ou na pizzaria Bella Blu. Como é normal, também na Europa, o homem convidar uma amiga para sair e não ter nada de amor com ela. Lamentavelmente, aqui no Brasil, sempre que um homem aparece num restaurante acompanhado de uma mulher é porque está ‘In Love’ isto é, a sobremesa está garantida... Para quem pensa assim bola preta (vide o meu livro ‘O segredo do meu su...sucesso’ em sua 7ª edição [esgotada]).”²³⁹

Ibrahim Sued, por meio de seus conselhos sobre etiqueta, se colocava como uma voz distante de seus colunáveis, ao apresentar-se como autoridade capaz de manejar as normas sociais e como alguém que era capaz de exercer controle sobre essas normas. Com isso, ele atendeu a um dos elementos constitutivos da dominação que é colocar-se como alguém capaz de se impor porque exerce um fim sobre si mesmo. Controlador de normas sociais e sabedor de suas nuances, valendo-se do distanciamento como reforço, exercia dominação sobre os eventuais interessados e prováveis leitores colunáveis e não colunáveis.

Fica claro que, assim agindo, a etiqueta que o colunista “ensinava” deixa de ser um instrumento que não só o distanciava de seus colunáveis, mas também constituía uma forma de dominação, pois, ao ditar regras, ele fazia com que os outros se tornassem submissos aos seus ensinamentos sobre condutas socialmente aceitas.

²³⁹ Ibrahim SUED. *A nova etiqueta. Op. Cit.* p. 27.

Com isso Ibrahim, na medida em que fazia comparações, exercia a faculdade de atentar para o que constituíam atitudes marcadas pela distinção e para posturas que eram capazes de distinguir as pessoas, em especial, pelas maneiras de se portar à mesa, bem como uma ou outra dica sobre as adequações relativas às vestes de noivos, convidados, decoração, assuntos tratados por convivas em uma cerimônia de casamento eram temas que aquiriam um valor inestimável para os seus seguidores.

É curioso observar que Sued combinava elevados estilos da alta cultura civilizacional com alertas sobre possíveis gafes das mais grosseiras:

“A ARTE DE COMER

MANEIRAS À MESA – Apesar das transformações que o mundo sofreu nestes últimos 20 anos, a etiqueta à mesa continua a mesma. O modernismo não conseguiu derrubar essa tradição. A civilização transforma-se, mas determinadas regrinhas continuam se mantendo. Por isso, um conselho: à mesa, esqueça todas as suas idéias modernistas e adapte-se aos usos da casa.

A sopa, não se sopra para esfriá-la nem se inclina o prato para a última colherada. Deve ser tomada sem fazer ruído, aproximando-se os lábios pela curva mais ampla da colher, ou mesmo pelo bico [...]. Aliás, todos os ruídos devem ser evitados à mesa. [...] Não se deve falar de jeito nenhum quando se estiver mastigando, embora muitas bonecas e deslumbradas, panteras e panterinhas não respeitem esta regra. De boca cheia, assim como não se fala, não se bebe – exceção feita quando é levado à boca um alimento quente demais, que poderá “passar” com a ajuda de um gole de água. Mas um alimento nunca poderá ser *devolvido*. Só em casos extremos se rejeita um alimento que já está na boca: aí então ele é posto o mais discretamente possível num canto do prato, e de preferência coberto por um pedaço de pão.

Um detalhe: espinhas de peixe são colocadas num canto do prato, nunca no prato de pão. Também aí são colocados os caroços, e são cuspidos com a mão em biombo, como queiram, mas nunca apanhados da boca com os dedos. Assim, como não podem ser engolidos nem guardados no bolso...

Antes e depois de tomar um líquido, usa-se o guardanapo, que fica no colo, meio aberto. Nunca amarrado no pescoço... É deixado junto ao prato após a refeição, mas não é, contudo, dobrado novamente. O guardanapo não deve ser esfregado, mas tocado de leve, ainda mais se a mulher estiver de batom. Nada há de mais antiestético que um guardanapo todo sujo de batom.

O garfo é sempre levado à boca. Nunca o corpo ao garfo. Usando-se ao mesmo tempo garfo e faca, o garfo fica na mão esquerda, sendo o alimento impelido com a faca na mão direita.

Se você estiver comendo galinha, pode pegar sem susto uma coxa e comer com a mão. Não há nenhuma incorreção nisso. Em determinadas sobremesas, usa-se o garfo e a colher – quando é necessário cortar mas ao mesmo tempo pegar o molho ou a calda. Nesse caso também o garfo fica na mão esquerda. Os talheres usados são colocados paralelo, no prato, em posição perpendicular à mesa. É o mais correto.

Nada de cotovelos na mesa. De forma alguma. O certo é pousar as mãos na mesa. E quando estiver usando uma delas para comer, a outra permanece sobre

a toalha – nunca, ‘nunquinha’ no colo ou no joelho. Os cotovelos não devem ficar afastados como asas para não incomodar os vizinhos.

Outra coisa: parta o pão em pedacinhos, com as mãos, à medida em que for comendo. Não use a faca. Se você não gostar do miolo, pode perfeitamente deixá-lo no prato. Mas nunca faça bolinhas, e muito menos as jogue nos outros... Ainda falando em pão: o costume de usá-lo para empurrar a comida é incorreto mas não chega a ser cafona.

No caso de um bom molho o francês considera um elogio à sua comida se você pegar um pedaço de pão para passá-lo no molho...

Mesmo que você esteja resfriado, nada de assoar o nariz enquanto estiver à mesa. Se não houver outro remédio, procure fazer a operação o mais silenciosamente possível. Palitos na mesa, nunca e mesmo se houver palitos, jamais palite os dentes à mesa; se necessário, quando acabar o jantar, vá ao toailete e faça a limpeza necessária.

Fumar na mesa, só quando houver cinzeiros; jogar pontas de cigarros em xícaras de café é de uma tremenda vulgaridade. Nem para mesa de bar. De qualquer forma, deve-se procurar fumar só depois que os outros tenham acabado de comer. É sabido que o fumo afeta o paladar dos vinhos e dos molhos, e determinados anfitriões procuram ser perfeitos na degustação dos jantares que oferecem. Sendo assim, tenha paciência e fume depois.

De vez em quando, mesmo as pessoas cuidadosas têm um descuido qualquer e derramam a comida ou molho na toalha. No caso, o melhor é limpar com uma faca, calmamente e sem pedir desculpas. Isso acontece ‘nas melhores famílias’, e a gafe é tomar conhecimento demasiado da coisa. Por falar em gafes: é bem sabido, mas na hora muitos esquecem – quando se comete uma, o melhor é deixar passar. Sempre se piora a situação quando se tenta corrigir a gafe: pior a emenda do que o soneto.

Por fim, mais uns detalhes: depois de tomada a sopa, a colher fica no prato, mas a regra é diferente para o cafezinho, cuja colher é deixada no pires, não dentro da xícara. Neca de dedo mindinho levantado, ao segurar uma xícara. Nunquinha. E a faca, pega-se como a um lápis, sem qualquer pressão do dedo indicador.

Ah, já ia me esquecendo: a lavanda, vocês já sabem – quando a colocarem sobre o seu prato, não vá bebê-la. Olho vivo porque cavalo não desce escada, dois pontos: devemos afastá-la cuidadosamente para a esquerda, molhar ligeiramente os dedos e enxugá-los no guardanapo. Nunca na saia de nossa vizinha... Para não acontecer como naquele caso famoso, em que um convidado do Rei Afonso XIII, da Espanha, vendo-se frente com a lavanda pela primeira vez, bebeu toda a água e mastigou o limão, obrigando Sua Majestade a fazer o mesmo para não constranger seu hóspede... De leve.”²⁴⁰

Casamento: o casamento religioso também mudou muito. Antigamente a noiva casava de branco, em homenagem à sua virgindade. Hoje tudo mudou. A noiva pode casar com a cor que desejar, mesmo se for virgem. E o noivo, que se casava de roupa escura, também já pode casar de branco, mesmo que não seja virgem... De leve.”²⁴¹

²⁴⁰ Ibrahim SUED. *Aprenda a receber – etiqueta. Op. Cit.* s/n. (Grifos nossos)

²⁴¹ Ibrahim SUED. *O segredo do meu SU ... Op. Cit.* p. 120.

Este é o sentido da etiqueta para o colunista: lembrar normas, ou seja, criar um mecanismo de dominação que o permitisse professar acerca do que era próprio ou impróprio.

Todavia, a dominação pura e simples o afastaria do leitor e não renderia a recepção necessária aos meios dos quais se valia para comunicar-se com o público leitor assíduo. Então, parece que o cronista descobriu a fórmula de fazer a distinção, manter a dominação e continuar próximo ao leitor, ou seja, valia-se também, regular e providencialmente, em seus textos, de tropos jocosos que indicavam a intenção de serem recepcionados como humor e comicidade.

Ao suavizar o texto com a pena da galhofa Ibrahim Sued reforça a relação dialética entre campo e *habitus*, como também explicita seu projeto de criação: uma coluna social – capital simbólico - produzida em um contexto de produção, com suas formas de distribuição, suas modalidades de consumo e os distintos momentos de sua trajetória nas décadas de 1950 a 1980. Revela, sobretudo, sua estratégia de manutenção do jogo de diferenciações.

Se se interpreta o personagem em um campo valendo-se da contribuição de Pierre Bourdieu, pode-se afirmar que a estrutura relacional de funcionamento de um campo só pode ser compreendida como um conjunto de relações de força entre as instituições e/ou agentes comprometidos com a modalidade de jogo que nele se desenrola.

“un campo social constituye un campo de luchas destinadas a conservar o a transformar ese campo de fuerzas. Es decir, es la propia estructura del campo, en cuanto sistema de diferencias, lo que está permanentemente en juego. En definitiva, se trata de la conservación o de la subversión de la estructura de la distribución del capital específico, que orienta a los más dotados del capital específico a estrategias de ortodoxia y a los menos capitalizados a adoptar estrategias de herejía. Ahora bien, las luchas para transformar o conservar la estructura del juego llevan implícitas también luchas para la imposición de una definición del juego y de los triunfos necesarios para dominar en ese juego: ‘Todo campo es el lugar de una lucha más o menos declarada por la definición de los principios legítimos de división del campo’.”²⁴²

Sobre textos publicados por Ibrahim Sued, como os acima mencionados, podem ser encontradas variações publicadas e republicadas em distintas ocasiões. Comparando-as pode-se perceber que muitas mudanças sem muita importância surgiam de modo a

²⁴² Alicia B. GUTIÉRREZ. *A modo de introducción: los conceptos centrales en la sociología de la cultura de Pierre Bourdieu*. In: Pierre BOURDIEU. *El sentido social del gusto*. ... *Op. Cit.* p. 12-13. A autora aqui se refere textos de Pierre Bourdieu a respeito do conceito de campo localizados In: Pierre BOURDIEU. *Sociología y cultura*. México: Grijalbo. p. 57 e “*Espacio social y génesis de las ‘clases’*”, In: Pierre BOURDIEU. *Espacios*, n. 2, Buenos Aires, p. 28.

parecer um texto novo. Entretanto, o que é mais saliente é a retomada de um mesmo conteúdo acrescido de novas figuras de linguagem na ordem do risível e até mesmo do sardônico.

Vejam-se alguns exemplos, entre inúmeros possíveis quanto ao mesmo tema já acima mencionado e sublinhado:

“Palitos na mesa, nunca. Mesmo que tiver palitos na mesa, **never**. Nunquinha. Jamais palite os dentes na mesa; quando acabar o jantar, vá ao toilette e faça a necessária limpeza na vossa ‘cremilda’.”²⁴³

“Do Termo Etiqueta e suas Aplicações

[...] Um outro hábito, também muito normal na Europa é o homem convidar uma amiga para sair e não ter nenhuma transa com ela. Lamentavelmente, aqui no Brasil, quase sempre que um homem aparece num restaurante acompanhado de uma mulher, é porque está *in love*, isto é, a sobremesa está garantida... Para quem pensa assim, bola preta (*vide* meu livro *O segredo do meu su... sucesso*, em sua 8ª. edição – esgotada).”²⁴⁴

O colunista Ibrahim Sued durante algumas décadas foi um líder, um ídolo. Estava sempre em evidência e promovia quem ele julgasse merecedor ou descredenciava outras pessoas, tornando-as ridículas em sociedade, pois sua “caneta” era ferina.

Podemos entender aqui que a etiqueta, na pena de Sued, era um instrumento de dominação e de conservação ao mesmo tempo que buscava expor os modos e as maneiras típicas de condutas civilizadas, procurava também diferenciação no sentido de reforço das normas de bom gosto.

Embora a dominação fosse exercida pelo próprio colunista, em um jogo em que ele compunha apenas uma das peças dele, sua posição não significava unanimidade e sim audiência. Seu ofício não significava materialidade e verdade e sim simbolização e ilusão.

“**A coluna mais lida do Rio** – A propósito dos propósitos, a pesquisa Gallup/Imprensa apontou esta coluna como a mais lida do Rio, disparada à frente do segundo lugar. E sobre a pergunta ‘De quem você gosta menos?’, este colunista também é o que lidera. Mas ‘gosta’ não é índice de leitura. Segundo Aurélio, é simpatia, afeição e etcétera. E sobre isso eu já disse que estou me lixando. O que é gratificante é que nos 35 anos desta coluna diária, a mais antiga do mundo, a única digna de figurar no *Guinness Book* (livro de recordes internacionais), ela mostrou que evoluiu com o jornal, que foi se modernizando e aumentando sua venda e sua leitura. Portanto, sou o jornalista mais lido do Rio. Tá? De leve.”²⁴⁵

Ou ainda em outra ocasião:

²⁴³ Ibrahim SUED. *O segredo do meu SU ... Op. Cit.* p. 119.

²⁴⁴ Ibrahim SUED. *Vida, sexo, etiqueta e culinária (do rico e do pobre)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 17-18.

²⁴⁵ Isabel SUED. *Op. Cit.* p. 203-204.

“AOS DESPEITADOS E CHUMBETAS MEUS CRÍTICOS (para finalizar)

Aos meus críticos, que estão latindo novamente por causa das minhas realizações, aí vai um lembrete, dois pontos:

Platão não é aumentativo de prato...

Encíclica não é bicicleta de uma roda só...

Epístola não é feminino de apóstolo...

Cristão não é um Cristo grande...

Eucaristia não tem nada a ver com o custo de vida...

E Jesus Cristo não morreu gripado e sim na Galiléia.

Os cães ladram e a caravana passa, esquia e de casaca.

De leve...

No mais, Gigi eu chego lá.

E ademã, que eu vou em frente...”²⁴⁶

Ibrahim Sued não poderia gozar de unanimidade porque muitas vezes ele se valia do deboche e do escárnio para satirizar algumas pessoas do *high society* e, nesse sentido, como sua sensibilidade de jornalista, ele angariava a audiência daqueles que, na qualidade de receptores e, até de testemunhas, procuravam avidamente saber sobre como ele iria se manifestar após comparecer às ocasiões importantes das quais jamais se deixava ausentar.

“**Crônica Noturna** – O Jôquei Clube Brasileiro fez realizar uma corrida noturna, foi batizada de ‘Noite Carioca’. Aliás, a diretoria da entidade turística devia ter dado um nome francês, porque a ‘gente bem’ que deixou de estar presente nessa elegante noitada compareceria, se o nome fosse francês, porque é ‘bem’ adotar nomes estrangeiros para esses acontecimentos. E nós, que não nos importamos com essa questão de línguas, lá compareceremos para fazer nossas apostas e observarmos o ambiente.

Vimos a linda Vânia Pinto com elegante vestido e um impetuoso chapéu, foi lamentável o Gilbertinho Trompowsky não comparecer, para descrever os trajes da Vânia, que era sem dúvida a mais elegante da noite, mas o Gilbertinho não pôde comparecer, talvez porque estivesse ocupado com um dos seus *boy friends*. Vimos também, a Maria Fernanda Sales Pinto em companhia de seu namorado. Maria Fernanda está engordando muito, cuidado Maria, se continuares assim, sua beleza será absorvida pela gordura.

Num grupo o João Jabour, em companhia do senador Etelvino Lins e do irrequieto deputado Nilo Coelho, mais adiante o Otávio A. Fonseca, falando muito alto com o Vadinho Dolabela, mas isso não tem importância porque o *charme* do Otávio é falar alto e gesticular.

Em outro grupo, na escadaria, o simpático Nelson Seabra, que está ficando muito calvo, com o Luciano Costa, que regressou de Nova York depois de uma longa temporada. Sentado em um dos bancos, vimos o Cícero Prado,

²⁴⁶ Ibrahim SUED. *Vida, sexo, etiqueta e culinária ... Idem.* p. 129.

muito pensativo, talvez pensando nos seus milhões de cruzeiros e numa forma de economizá-los. Em contraste com o seu terno surrado, vimos a linda Walkyria com o Carlos Peixoto: parece que vamos comer doces...

Também lá estava o Reginaldo Duarte (Índio), num elegante terno escuro, uma gravata prateada, beijando respeitosa e as mãos das senhoras. O Índio estava muito grã-fino. Enquanto isso o (pangaré) Haroldo Barbosa desfrutava o *aficion*, com suas ‘barbadas’ e o Roberto (Bilulu) Bulcão, o homem que conquista com o olhar, fuzilava as meninas com seu pretenioso olhar de Rodolfo Valentino.”²⁴⁷

O que se pode aqui analisar é que a dominação simbólica exercida pela etiqueta a que Ibrahim Sued se referiu era uma espécie de fio condutor, uma espécie de padrão de normalidade ou instrumento de medição a que o colunista se valia para colocar-se em meio à teia de relações sociais às quais se expunha e das quais falava. Nesse mercado de opiniões sobre os outros, se a coluna social era uma aparelhagem de poder decorrente de uma prática jornalística a etiqueta era um dos seus mais preciosos instrumentos.

4.4 Liderança e carisma em Ibrahim Sued: ascensão ao grupo social carismático

É preciso compreender o espaço social para se entender o poder de um colunista. Aqui está um ponto para ser desvendado pela análise social.

A elite social deve ser entendida tanto como um espaço de dominação, ou como um meio para quem quer exercer poder sobre ela.

A sociedade dos bem-nascidos constitui-se em uma área de domínio do colunista, que ocupou até certo ponto e exerceu com desenvoltura, a figuração central dessa estrutura de poder.

“É possível determinar as estruturas de um sistema de dominação como figuração de indivíduos interdependentes, quase com o mesmo rigor de um cientista ao determinar a estrutura de uma molécula específica. Com isso, não se pretende afirmar a existência de uma identidade ontológica entre o objeto das ciências sociais naturais e o objeto da sociologia. A comparação serve simplesmente para delimitar com mais distinção e rigor a imagem que o sociólogo tem em mente.”²⁴⁸

Cada campo de dominação pode apresentar-se como uma teia de homens, onde uns exercem influência sobre os outros, de acordo com a modalidade e a intensidade de suas relações. Ibrahim Sued exercia uma posição de destaque em relação a diversos

²⁴⁷ Isabel SUED. *Op. Cit.* p. 56-57.

²⁴⁸ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte ... Op. Cit.* p. 133-134.

grupos e em sua volta criou uma teia de relações interdependentes. Em seu grupo ocupava uma posição única que o permitia opinar sobre economia, mercado financeiro, moda, política, aumentando ou mantendo sua teia de relações.

Nesta boa sociedade todos concorrem entre si por alcançarem respeito, sentirem-se mais importantes uns em relação aos outros. Muitas vezes, quem lhes oferecia prestígio e posição era o colunista. Todos lutavam de algum modo por serem legitimados neste conjunto.

Entretanto, os componentes dessa elite se dividiam entre si. Uma divisão em grupos e sub-grupos, na medida em que uns se associavam a outros, dependendo de seus interesses.

O colunista se valia de festas, recepções, jantares e encontros congêneres para circular em diferentes grupos e, principalmente, de sua coluna como meio de recompensar seus amigos e, também, como instrumento de desqualificar aqueles cujas formas, maneiras, atitudes ou declarações não lhe agradavam, ou ainda, não lhe prestavam quaisquer favores.

Muitas vezes, o colunista se mostrava sabedor de que seu carisma não era suficiente para atrair algumas pessoas sobre as quais poderia ter algum interesse. Assim, lançava mão de artifícios para causar uma boa impressão, ou até mesmo de criar situações em que aparecer em sua coluna se tornasse algo indispensável. Nesse quesito ninguém fazia este jogo melhor que ele.

O colunista em sua coluna agrada a quem quer e “derruba” outros. Isto significa que ele cria uma rede de relações e outras vezes de tensões e, assim, se produz o colunismo social.

O que Ibrahim sempre fez foi fazer com que algumas pessoas lhe devessem obrigação pelo favorecimento de algo, ainda que fosse apenas uma pequena nota em sua coluna como, por exemplo, a que segue, exhibe publicamente não só o talento de uma artista, mas revela a cobrança do favor da publicidade e cobertura de sucesso profissional:

“*Rainha das Mulatas* – Com esse título, chegou a Cannes, em 56, Maria D’Aparecida. Lá em Cannes, jovem, inteligente, além de ser um belo ornamento para o Festival, D’Aparecida era uma demonstração do novo talento brasileiro e, desde então, passei a lhe dar uma grande cobertura. Mais tarde, Maria D’Aparecida foi matriculada por Justino Martins no Conservatório de Música de Paris. E, primeiro em Paris, depois em várias cidades do mundo, ela até hoje é um *su*, principalmente com sua interpretação da *Carmem* de Bizet.”²⁴⁹

²⁴⁹ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar. Op. Cit.* p. 176.177.

O colunista social acabou ocupando uma posição única dentro da sociedade, onde, em seu campo de atuação, colocava-se como alguém mais ou menos isento e não submetido a determinadas pressões, já que a posição por ele construída era a de ser temido ou respeitado por aqueles que ocupavam posições superiores, bem como por aqueles que estavam em posições inferiores. Pode-se dizer que era amado por uns, odiado por outros tantos, porém temido por todos indistintamente.

Cada campo de dominação representa uma teia de homens e grupos humanos interdependentes que exercem, uns sobre os outros, algum tipo de dominação. De acordo com suas posições relativas neste grupo. Esta modalidade de dominação tem validade no colunismo social, pois se constitui no campo de dominação do colunista à medida que os colunáveis passavam a concorrer entre si por quererem se sobressair e, a partir daí, ganharem prestígio social.

Essa busca de notoriedade ocorre pelos mais diferentes motivos pessoais, e se resume em uma tessitura para tornar-se figura conhecida socialmente. O primeiro quesito a ser preenchido é estar no grupo dos colunáveis e responder ao que se espera de indivíduos nesse grupo, ou seja: cumprir determinados papéis sociais e reproduzir determinados modos e maneiras típicos do agir social do colunismo social.

No espaço do colunismo social o colunista deve estar atento a tudo o que vem acontecendo entre os membros da boa sociedade para ter o privilégio de se manter bem informado e não perder o passo para que as suas notícias trabalhem a seu favor.

Ibrahim Sued exerceu com maestria a função de jornalista na medida em que plantava a notícia e, assim, exercia uma relação de força entre seus colegas jornalistas, seus colunáveis e público leitor, ao mesmo tempo que soube estabelecer um equilíbrio entre a notícia e o colunismo social.

O colunista protege aqueles que lhe devem o favor de uma boa notícia e que dele muito precisam para serem reconhecidos em público e por manterem seu *status* entre seus companheiros. Entretece, com isso, uma rede de dependência.

Assim, cabe ao colunista manter um equilíbrio de tensões que lhe convenha e onde supostamente ele exerça sua dominação. Segundo Max Weber²⁵⁰, que dedica inúmeros textos acerca do tema dominação e carisma, numa análise que propõe uma perspectiva interacionista acerca da figura de sacerdotes, magos e profetas.

²⁵⁰ Max WEBER. *Op. Cit.* p. 844. (*Sociología da la dominación*).

A visão weberiana é interacionista, pois independete de graus evolutivos das sociedades e em diferentes combinações possíveis de aspectos tradicionais, racionais ou legais, o carisma moderno de cunho profissional permitia exercer alguma forma de poder por intermédio do discurso persuasivo.

Isso ocorre na medida em que os expostos a uma personalidade extraordinária típica de um líder carismático permitem que este exerça influência sobre eles e essa permissão tácita se constitui em conteúdo de legitimação.

Líderes extraordinários, em grande medida, fazem com que um carisma especial supere mérito intelectual, ou habilidades profissionais. É devido ao carisma que líderes podem se vangloriar de influenciar seus seguidores e lhes infundir certos níveis de obediência ou, pelo menos, crença em suas palavras.

“Rige el principio administrativo de atenerse al expediente, aun allí donde las declaraciones orales sean de hecho la regla o estén hasta prescritas; por lo menos se fijan por escrito los considerandos, poropuestas y decisiones, así, como las disposiciones y ordenanzas de toda clase. El expediente y la actividad continuada por el funcionario hacen que la oficina sea la médula de toda forma moderna en la actividad de las asociaciones.”²⁵¹

“Junto al poder del dinero se desarrolla el ‘carisma de la palabra’. Su poder no se halla exclusivamente vinculados a ninguna determinada fase de la civilización.[...]. Cuanto más premeditada es la acción sobre masas [...] tanto menos importante es el contenido mismo de los discursos. Pues entanto que no se trate de intereses de clase o de otros intereses económicos calculables, el efecto de los discursos es puramente emotivo y sólo tiene el mismo sentido que las demostraciones y fiestas [...] y, ante todo, presentarles las facultades carismáticas del jefe.”²⁵²

A dominação é chamada de “carismática”. Essa dominação se estrutura e sustenta no tripé: colunista, grupos centrais de elite e campo de dominação.

Para Pierre Bourdieu, entretanto, frente à visão interacionista de Max Weber, propõe uma visão relacional e pretende, dessa forma:

“[...] ‘subordinar’ el análisis de ‘lógica de las interacciones’ – que pueden establecerse entre agentes directamente en presencia – y, en particular, las estategias que ellos se oponen, a la construcción de las estructuras de las relaciones objetivas entre las posiciones que ellos ocupan en el ‘campo religioso’, estructura que determina las formas que pueden tomar sus interacciones y las representaciones que pueden tener de ellas” [...]²⁵³

²⁵¹ Max WEBER. *Idem*. p.175. (*La dominación legal com administración burocrática*).

²⁵² *Idem*. p.864. (*Origen y transformación de la autoridad carismática*).

²⁵³ Alicia B. GUTIÉRREZ. *Una interpretación de la teoría de la religión según Max Weber*. In: Pierre BOURDIEU. *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: EUDEBA, 1999. p. 46. (Grifos nossos).

“Pensar relacionalmente es centrar el análisis en la estructura de las relaciones objetivas – lo que supone un espacio y un momento determinado – que establece las formas que pueden tomar las interacciones y las representaciones que los agentes tienen de la estructura y de su posición en la misma, de sus posibilidades y sus prácticas.”²⁵⁴

Dentro de seu grupo o colunista deve manter sempre o equilíbrio das tensões para se sustentar, o mesmo vale para o grupo social que lhe dá sustentação.

O colunista sendo um líder e exercendo seu carisma produz, com isso, uma relação pessoal, direta com os membros de seu grupo. As pessoas que formam esse grupo apresentam traços que compõem o caráter pessoal de cada uma delas.

Por outro lado, o colunista oferece para seu grupo oportunidades e algumas chances de ascensão, muitas pessoas que não teriam condições de serem notadas ganhavam destaque. Desse modo, pertencer ao grupo dos colunáveis significa fazer parte de um grupo central carismático arrastado pelo carisma do colunista.

Para Elias, as chances de ascensão social podem significar movimentos sociais diversos. Um fenômeno sociológico bem mais amplo do que parece de início, mesmo que restrito a campos profissionais da sociedade burguesa. Salvar-se da decadência também significa uma ascensão relativa porque revela um caráter ascendente em relação a uma decadência que poderia ser profunda.

A ascensão evidenciada na coluna social representa – pelo que traz de publicidade acerca dos envolvidos, em termos da consciência que têm de si mesmos e suas chances de elevarem o prestígio social, ou seja, possibilidade de alterações de *status* particulares no interior daquele campo social.

*“No grupo central carismático produz-se um ordenamento hierárquico característico. Naturalmente, ele também é condicionado, em maior ou menor grau, pelo ordenamento social e pelas camadas da esfera de poder mais ampla a ser conquistada ou invadida. Contudo, a seleção interna se realiza segundo outra norma e outros critérios, diferentes daqueles da esfera já conquistada. O grupo central carismático, oferece, em outras palavras, *chances de ascensão* muito específicas. Aqui as pessoas que não tinham nenhum poder de comando podem chegar a alcançá-lo. E não só isso: o mero fato de pertencer a um grupo central, mesmo ocupando a posição mais baixa, representa uma ascensão para os indivíduos provenientes dos campos sociais em torno dele. Elas se colocam acima da massa e de sua rotina, passando a integrar o círculo mais restrito de um grupo que constitui uma elite e no qual, por isso, seus membros sentem-se como parte de algo especial.”²⁵⁵*

²⁵⁴ Alicia B. GUTIÉRREZ. *A modo de introducción: los conceptos centrales en la sociología de la cultura de Pierre Bourdieu*. In: Pierre BOURDIEU. *El sentido social del gusto*. ... *Op. Cit.* p. 10.

²⁵⁵ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte*. *Op. Cit.* p.138.

A aparência de que a ascensão trata-se de uma manobra que está disponível a todos, bem como as tensões que provocariam se o fluxo de entrada no grupo dos colunáveis fosse ininterrupto e facilitado pelo colunista provocava uma modalidade de tensão que acabava sendo contornada por meio de uma espécie de maneirismo que Ibrahim Sued desenvolveu e que lançava mão com ironia, humor ou sarcasmo. Veja-se, por exemplo, a citação abaixo que é reveladora de diversos aspectos do estilo suediano.

Em seu estilo de contornar tensões, Sued evocava nomes de pessoas consideradas ilustres, chamando seu testemunho, referia-se a lugares e situações em que gozava da presença e interveniência de pessoas de destaque, costumeiramente para além do mundo vivido no Rio de Janeiro e, de quebra, tratava de questões pessoais e familiares em um só tema sobre o qual discorria. Tudo simultaneamente, sendo ele, obviamente, a referência.

“*A Coroa e a Mitra* – o primeiro impacto que minha mulher teve foi nos primeiros dias de casamento. Planejei uma lua de mel em volta ao mundo. Digna de um magnata. Cícero Dias – o pintor brasileiro radicado em Paris que sempre me aguarda em Orly nestes 20 anos consecutivos que visito aquela cidade – quis me fazer uma surpresa: obtive junto ao Hotel Plaza Athenée a colocação de uma cama de casal no meu quarto, pois os europeus na maioria dos hotéis, usam camas separadas. Acontece que eu tinha coroa de jaqueta, a cama era muito pequena, eu muito grande. Resultado: eu havia tomada muita champanhota e, durante a noite, partiu-se a minha coroa. A coisa, naturalmente, ficou em família. Mas houve uma ocasião em que a coroa surgiu em público. Foi no Country, quando o saudoso Humberto Tavares, Herculano Thomas Lopes, Horácio Milliet, Horácio Coimbra, Cláudio Silveira, Roberto Azevedo Marinho e o grupo do Country ofereciam um jantar ao Embaixador Décio Moura. Estava eu lá jantando muito bem quando, de repente, ao tirar o garfo da boca e descê-lo para o prato, descobri para o meu espanto a coroa na ponta do garfo. Ainda durante nossa lua de mel, minha mulher teve o primeiro arrufo, no choque entre o marido e o repórter. Eu havia obtido uma audiência particular com o Papa Pio XII, para que ele nos desse sua bênção. Logo que sua Santidade entrou nos aposentos, ajoelhei-me e no que fui fazendo menção de beijar seu anél, não o deixei falar: ‘Santidade, eu sou de *O Globo*, e gostaria de vossa Santidade transmitisse uma bênção ao povo brasileiro’. Ele, muito surpreso, murmurou: ‘*Globo, Globo*, ah Rio de Janeiro’, e emitiu a bênção. ‘Nem em lua de mel?’, protestou minha mulher. Mas dali fui para o telégrafo. E, no dia seguinte, *O Globo* estampava em suas páginas a bênção exclusiva transmitida por sua Santidade ao povo brasileiro.

E foi assim, contando essas coisas, que um dia Austregésilo de Athayde disse-me, depois que eu rememorei algumas coisas de minha profissão: ‘Você deveria escrever um livro’²⁵⁶

Participar do grupo central carismático e atuar como um protagonista na promoção de pessoas – destacar gente de bem – foi algo que mexeu profundamente com

²⁵⁶ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar. Op. Cit.* p.177-178.

a personalidade de Ibrahim Sued. Assistiu-se, então, a uma mudança de comportamento na identificação de sua pessoa com a camada social ou grupo social ao qual pertencia quer, ainda, sua forma de tratar a cidade, os amigos ou a família.

Pode-se dizer que Sued construiu sua própria pessoa na medida em que substituiu a sua identidade originária por uma nova, Ibrahim Sued ao chegar ao topo da sociedade, nunca mais se aproximou de sua família de origem, assumindo uma nova identidade de estabelecido. Isso também pode ter ocorrido com muitos dos colunáveis que, em virtude da presença na coluna social, passaram a ter uma nova identificação com o objetivo de promoção em um nicho social distinto daquele do qual eram originários.

Seu esforço era no sentido de ganhar espaço e acesso ao poder e ter esse poder assegurado. Como se verá adiante, Alberto Sued, seu irmão, foi, em raras ocasiões, uma de suas referências identitárias em termos de origem familiar.

4.5 Ação, maneirismos e convicção: Ibrahim Sued por ele mesmo

Não se encontra à disposição do colunista um poder permanentemente consolidado, sendo assim ele necessitou reiteradamente de reforços ao seu poder pessoal e sua superioridade individual como condição para continuar a ser o detentor desse tipo de poder. Sued valeu-se em momentos diferentes de sua trajetória da condição de jornalista, de colunista, de escritor e de apresentador de televisão para reforçar, no campo social da coluna social, apresentando *ad nauseam* sua *expertise* em ser a encarnação viva dos anseios e desejos desse grupo ao qual se reportava e ao qual se referia. Ele o fez enquanto conseguiu manter a confiança dos membros desse grupo, enquanto permaneceu a crença da sua capacidade de levar esses componentes ao objetivo comum de lhes assegurar a posição social e o destaque que almejavam alcançar.

O colunista social é, portanto, aquele que conduz seus colunáveis em suas necessidades de se colocarem como membros de uma elite, dando-lhes a oportunidade de ascensão, entendida como alterações no campo social enquanto chance de elevação no prestígio social ao fazer com que as pessoas apareçam socialmente, ao serem vistas, reconhecidas e notadas de um modo que a própria consciência que têm de si mesmas possa agir como reforço dessa situação. Na forma do auto-convencimento.

Uma das características que marcam o colunista é que ele evidencie a sua capacidade de ação, atuação e intervenção de uma maneira inédita e infalível. Ibrahim Sued tinha essa capacidade. Veja-se essa coluna:

“Sua Santidade e Eu

Era julho, em 1963, eu estava em Roma. Meu fio internacional, desta vez, transmitiria não um acontecimento mundano, mas uma cerimônia inesquecível, da maior importância para o mundo cristão: a coroação do Papa Paulo VI.

Graças aos bons amigos que possuo na Santa Sé, pude acompanhar o ritual de uma sala da Secretaria do Estado do Vaticano. Todo o mundo católico esteve representado e anotei: de 96 delegações estrangeiras, um rei, uma rainha, quatro chefes de estado, quarenta príncipes de sangue real estavam presentes.”²⁵⁷

De fato, é possível dizer que tal relato do colunista faz parte de uma atitude de liderança e de sua convicção quanto à capacidade de tomar uma decisão que, ao cabo e ao fim, se demonstrou correta e bem-sucedida, ou até mesmo carregada de alguns procedimentos incorretos, porém, uma ação bem-sucedida.

Para o colunista usar de subterfúgios, quando o assunto era notícia quase tudo valia, ele lançava mão de sua capacidade de liderança até o limite da astúcia, ou mesmo de decisões que poucos teriam coragem de revelar, pois o “furo” da notícia é o que importava.

Ele comentou, ainda sobre a coluna acima, intitulada **Sua Santidade e eu**:

“Esta crônica, de um acontecimento que não pertencia especificamente à minha área tradicional, surpreendeu os meios jornalísticos. A riqueza de detalhes, a absoluta precisão de todas as informações que eu então publicava, tudo isto motivaria outra crônica, *Ave Ibrahim*. Seu autor: Carlos Heitor Cony, jornalista, escritor, cronista, ex-seminarista.

Cony que até então exercera a ‘arte de falar mal’ (e nunca me poupava, gozando-me vez por outra) dava a mão à palmatória e elogiava o meu fio internacional.”²⁵⁸

Nesta crônica, Ibrahim revelou também, qual foi sua artimanha para este grande furo de reportagem:

“Revelo, aqui e agora, o que ninguém conseguiu então sequer imaginar: um bom repórter não se aperta, tem que fazer a cobertura da melhor forma possível. Por isso, contratei no Vaticano um padreco falido, passei-lhe uma nota violenta (100 dólares) e durante quatro horas ele ficou a meu lado cantando (em espanhol) o ritual – enquanto tomava uns goles de minha garrafa de Mouton Rothschild. Bossa não se aprende na faculdade. De leve!”²⁵⁹

Segundo Elias,

“Essa atitude precisaria de uma investigação mais detalhada; no entanto trata-se de uma certeza que não tem nenhum fundamento racional e não parece carecer disso. Em certo sentido todo líder carismático é o

²⁵⁷ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar*. *Idem*. p. 79.

²⁵⁸ *Idem*. p.82.

²⁵⁹ *Idem*. *Ibidem*.

cavaleiro que atravessa o Lago de Constanz na lenda. – Alusão a uma lenda alemã (*Der Reiter übern Bodensee*): numa escura noite de inverno, em plena tempestade de neve, um cavaleiro busca chegar a uma aldeia nas margens do lago de Constanz, onde é esperado. Depois de ter errado durante horas pela planície inóspita, chega a uma choupana e pede a um morador que lhe indique a direção do lago. Fica sabendo então que acabou de atravessar, sem o saber, a imensa superfície gelada. Dando-se conta do perigo do qual escapara, cai, morto de espanto, de sua montaria.”²⁶⁰

Assim, analogamente ao Cavaleiro acima descrito, o colunista Ibrahim Sued acreditava na sua motivação pessoal para alcançar o objetivo desejado. Nesse caso, o de transmitir aos outros suas convicções enquanto perseguia o “furo da notícia”.

“Quando a situação favorável não se apresenta de modo espontâneo, ele busca provocá-la: pois as tarefas que acarretam o exercício de um poder consolidado exigem outras qualidades e outras formas de realização, diferentes daquelas que estão em jogo enquanto o objetivo não tiver sido alcançado.”²⁶¹

O Colunista enquanto líder carismático teve que cumprir uma série de tarefas que a sua posição lhe impunha. A simples presença do colunista em qualquer ambiente que reunisse pessoas de um determinado grupo social poderia soar como provocação, pois muitas vezes a carga de padrões que ele representava e a posição de jornalista que ele ostentava não o colocariam automaticamente em uma situação confortável.

Porém, sua força nos relacionamentos e o carisma que o legitimaram como aquele indivíduo que dialogava com as normas e que tinha, ao mesmo tempo, poder da notícia. Assim, ele tinha o poder da notícia e por isso fazia circular as pessoas em torno das normas que enunciava.

As normas apareciam associadas ao poder da notícia. Necessitava, para tanto, recorrer a seus próprios recursos pessoais para se legitimar e, pessoalmente garantir, na sua trajetória profissional, nos jornais em que trabalhou, a manutenção de seu autoproclamado poder sobre a notícia.

“Agora eu Conto...”

Onde estiver um mineiro, logo surgirão outros, e eles formam grupos unidos num esquema que se repete em múltiplas atividades, entre os quais a política sempre foi uma das mais importantes. Embora eu seja carioca, o início de meus contatos políticos está ligado ao grupo mineiro de que fui uma espécie de ‘agregado’ durante algum tempo.

Em 1950, passei a acompanhar Cristiano Machado – então candidato à Presidência da República contra Getúlio Vargas – em sua campanha por todo o Brasil; frequentando a sede do PSD [*Partido Social Democrático*], fiquei

²⁶⁰ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte*. ... *Op. Cit.* p. 140 e nota 10, p. 301 (N.T.).

²⁶¹ *Ibidem*.

amigo de Osvaldo Penido e Juscelino Kubistchek, e José Maria Alkmim. Confesso que eu tinha um sonho: se Cristiano Machado ganhasse, talvez eu pudesse obter um lugar na Delegacia do Tesouro em Nova Iorque. Mas ele foi derrotado e prossegui na minha ronda social (sem ser colunista) fazendo amigos. Muitos dos quais eram políticos. E mineiros.

Antes de iniciar a publicação de crônicas na *Vanguarda* – ponto de partida para minha carreira de colunista – fui credenciado no Ministério da Justiça como repórter setorista, e acabei amigo do titular da pasta, Negrão de Lima: Juscelino, então governador de Minas, telefonava diariamente para Osvaldo Penido, que, no Ministério da Justiça, trabalhava na campanha para JK substituir a Vargas.

Eu costumava sair do Ministério com Penido e ir até seu apartamento na rua Duvivier; ele e Ruth jantavam a sós, eu filava a ‘bóia’. Era um jantar muito ‘barato’ e muito gostoso. Em 1953, Negrão de Lima deixou o Ministério. Sozinho eu acompanhei-o até sua casa na Lagoa, em que reside até hoje; lá estavam apenas Dona Emma e a filha Jandira. Negrão comentou: -‘É, Ibrahim, acabei não arranjando um emprego para você’ foi o primeiro e último pedido que fiz a Negrão, que viria a ocupar outros importantes cargos públicos.

Se Negrão tivesse me atendido, talvez eu hoje fosse um mero amanuense; como isso não aconteceu, toquei a bola pra frente. Porque a partida, na realidade, estava apenas começando: em 54, ano do suicídio de Vargas, eu entrava *O Globo*; em 55, ano da eleição de Juscelino para Presidência eu comandava o ‘vôo das celebridades”. Na minha carreira eu era, também, um líder. [...]

Poderá parecer estranho que, tendo começado minha carreira ligado aos mineiros do grupo de JK, eu tenha feito oposição a ele. A verdade, geralmente, é muito simples: eu tinha minhas convicções políticas e não concordava com uma série de coisas. Poderia, por exemplo, ter ficado rico me tornando empreiteiro de Brasília. Acredito, entretanto, que mais vale uma convicção do que muitos cifrões.”²⁶²

Até chegar a exercer o ofício de colunista Ibrahim Sued certamente gastou enorme quantidade de energia para desenvolver a arte de ser uma pessoa em quem se pudesse confiar e que desenvolvesse, com originalidade e imaginação, o perfil de alguém que fosse leal sem ser áulico, pois ele, muitas vezes assumiu a tarefa de ser agradável às elites e gozar de certa confiança dos políticos para alcançar e manter seu *status* e muitas vezes não se subjugar a pressões circunstanciais, ou seja, “ele precisava assegurar, consolidar e estender a estrutura de dominação existente[...] supervisionar cuidadosamente e manter em curso a estrutura de tensões que opunha as diversas ordens e camadas”²⁶³, não podendo destruir nenhuma figuração conveniente à estrutura de dominação vigente.

²⁶² Ibrahim SUED. *20 anos de caviar. Op. Cit.* p.181-184. [*Partido Social Democrático*] (Comentário nosso).

²⁶³ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte. ... Idem.* p. 183.

Ibrahim não era nenhum gênio, mas sabia circular pela boa sociedade e precisava arrancar as notícias – geralmente provenientes do ambiente político – e, apesar de não se sobressair intelectualmente, acabou desenvolvendo a pecha de ser um gênio na arte dos furos de reportagens.

“A Noite em Que o Faro Falhou

Na manhã de 24 de agosto de 1954, a edição extra do *Repórter Esso* acordava o Brasil com uma notícia grave para muitos, trágica para uma grande maioria, e, pelo menos, da maior importância para todos. Pela voz de Heron Domingues, a nação tomava conhecimento do suicídio de Getúlio Vargas – gesto que punha fim a uma crise e seria o início de várias outras. [...]

Na madrugada do dia 24, estava lá dentro do Catete Lutero, Maneco, o Brigadeiro Nero Moura e o Coronel Clóvis Costa. Todos os Vargas reunidos. O alvoroço era grande, a coisa começava a engrossar. Do lado de fora, havia movimento de tropas, as informações – quem estava a favor de quem – eram descontraídas.

Desde cedo, sempre tive muito orgulho de meu ‘faro’ de repórter, sempre procurei – como todo o bom repórter - estar (e me manter) super bem informado. Mas naquela madrugada de 1954, tudo falhou.

Inexperiente, jovem, me limitei a um pensamento egoísta, dito cá com os meus botões: ‘a barra tá ficando pesada demais, eu vou é dar no pé que, afinal, não tenho nada a ver com isso’.

Pouco depois, chegava a notícia do suicídio de Vargas; voltei, tentei entrar no palácio, mas não consegui mais, estava tudo cercado, interditado, o caos. O faro havia falhado irremediavelmente, eu perdera um grande furo, deixara de estar presente a um momento histórico.

Mas quem poderia imaginar tudo? Fui incapaz de prever a única coisa que realmente aconteceu: o suicídio. Esta é uma das grandes frustrações da minha vida de repórter.”²⁶⁴

Como mencionado anteriormente, Ibrahim escrevia e reescrevia seus textos. Noutra ocasião, distinta da acima exposta, o mesmo texto sobre a morte de Getúlio Vargas apareceu com maior ênfase conferida ao momento em que soube do evento “pela voz de Raul Brunini, na Rádio Globo” e não “pela voz de Heron Domingues a nação tomava conhecimento do suicídio de Getúlio Vargas”.

Entretanto, o que é digno de se salientar é que diferentes textos reforçavam sua condição de testemunha de inúmeros eventos políticos proporcionados pela sua própria capacidade de se relacionar, mesmo que no momento de relatar a informação aparecessem inconsistências como a aqui registrada. Essas incoerências talvez apareceram em decorrência de correção solicitada pelas pessoas citadas ou mesmo em função da conveniência do momento.

²⁶⁴ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar. Idem.* p.54-60.

Nos circunstanciamentos do texto citado, a partir do *20 Anos de Caviar*, os *habitués* eram os Vargas, incluso Alzirinha e Bejo. No texto *30 Anos de Reportagem*, entre as personagens descritas, aparecem “D. Maria Teresa Goulart e a deputada Iara Vargas, de quem me tornei parceiro de biriba”²⁶⁵.

Sua educação não foi das mais esmeradas. Em sua juventude não apreciava escolas, não possuía uma cultura erudita; sequer falava algum idioma. Cometia grandes gafes em seus textos. Almejou e nunca escondeu que muito batalhou para ser um funcionário público, em especial funcionário público federal, pois quem sabe assim teria como se manter e levar uma vida equilibrada. Ibrahim possuía uma personalidade agressiva, dinâmica; mas por outro lado, não gostava de dever favores e preferia que os outros lhe devessem. Acima de tudo era orgulhoso, mesmo quando reverenciava seus benfeitores, patrões e colegas jornalistas, aos quais nunca poupava e nem se valia dos costumeiros maneirismos.

“A Alfredo Tomé que publicou minha primeira crônica assinada na sua então famosa revista ‘Rio Magazine’. A Joaquim Guilherme da Silveira que, em 1953, incluiu no Júri dos Desfiles Bangu, integrado pelo ‘*grand-monde*’ nacional um desconhecido cronista filho de imigrante libanês, causando certo frisson na época (ele é filho de quem?). A Roberto Marinho, o General Civil da comunicação, e a todos os demais colegas da imprensa dois pontos... e àqueles que me destratarem e caluniaram, os votos de que eles tenham mais algumas décadas de vida para assistirem as minhas vitórias que continuarei buscando, porque, por mais êxito que se tenha, não devemos nunca nos considerar realizados. [...]”²⁶⁶

De ‘turco’ a Cavaleiro da *Legion d’Honneur* – este é o melhor resumo que posso fazer da trajetória de trinta anos da minha coluna.

Olho no espelho e vejo um passado de muita luta, de muito trabalho, nas marcas que o tempo deixou – mas nos olhos estão aquela mesma confiança e aquele otimismo que me fizeram acreditar desde o começo na possibilidade de vencer – e vencer.

É claro que talvez não alcançasse a vitória, ou ela certamente seria muito mais difícil, se o Brasil não fosse uma sociedade aberta, em que a escala social depende apenas da determinação e da capacidade individual, pouco importando o berço em que se tenha vindo ao mundo. A isso eu chamo de verdadeira Democracia: a Democracia da oportunidade.

‘*Turco*’, sim, mas só por algum tempo. Até ir ao Líbano pesquisar minhas raízes e descobri-las milenares na sua nobreza, na antiqüíssima Biblos. E compreender, ali, que trago nas veias o sangue dos fenícios. Sete mil anos de sangue puro.

Temperamento voltado para fora, para o mundo, para o desconhecido. Homem de comércio, não no sentido banal da troca de mercadorias, mas no das

²⁶⁵ Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p.48.

²⁶⁶ *Ibidem.* s/nº (dedicatória).

relações humanas reciprocamente benéficas, alguém que deseja conhecer o seu irmão de espécie e ser por ele conhecido.

Voltado para o diálogo e imune aos sentimentos mesquinhos como a inveja, sempre quis ganhar junto, subir junto, melhorar junto – e não à custa de danos causados a quem quer que seja.

E assim, Gigi eu cheguei aqui.”²⁶⁷

Quando a situação não lhe era favorável, ele buscava fazer acontecer, pois sua coluna e ele próprio sobreviviam de um poder que exigia diferentes formas de realizações e viabilização de interesses - que muitas vezes estavam em jogo e ele deveria, diante disso, delinear os objetivos a serem alcançados: desde a indicação para um cargo até a promoção da figura de um militar que viria a ser presidente da República, desde a indicação da compra de uma obra de arte até as melhores opções no mercado financeiro, tudo isso é claro, passando pela construção de um furo de reportagem, uma notícia em primeira mão. Lá e cá essas notícias poderiam ser acompanhadas de relatos das ocasiões festivas nas quais obtinha e viabilizava tais informações.

4.6 O jeito suediano de tratar a informação

Esse construtor de notícias construiu-se criando a ideia de nobreza milenar árabe solapando a história da imigração para o Brasil e edificou um discurso idealizado sobre si mesmo como homem das relações humanas livres, democráticas, dialogadas e de soma zero, ou seja, nas quais todo mundo deve ganhar alguma coisa.

Dessa forma o colunista teve que lançar mão de certos recursos, de sua convicção para poder estar em sintonia com o contexto. Neste quesito o rol de amigos era um diferencial e, seu comportamento de liderança, também.

“Minha Bela Experiência – No início dos anos 60, o teatro musical estava completamente morto. E a Praça Tiradentes, que fora a grande meca do musical brasileiro, se encontrava às moscas. Um dia, Vítor Berbara me procurou dizendo que iria produzir o famoso *My fair Lady*; eu me associei a ele na produção e chamamos Oscar Ornstein. E só o nome dele apareceu. Por trás dos bastidores eu estava lá. E botei em funcionamento muitas das idéias (promocionais) que aprendera com meu amigo Michael Todd (*A Volta ao Mundo em 80 Dias*). Levei, pela primeira vez na história do teatro brasileiro, Bibi Ferreira à Broadway para assistir à montagem original; publiquei também, pela primeira vez neste setor, anúncios de página inteira nos jornais. Era uma experiência pioneira. E, como tal, foi entendida pelos homens de O Dia e A Notícia, Chagas Freitas (agora governador) e Othon Paulino. Procurei-os propondo que me dessem um abatimento de 50% na tabela daqueles dois jornais para que eu pudesse também utilizá-los na promoção do espetáculo. Eles toparam. E o sucesso foi total: com Bibi Ferreira, Paulo

²⁶⁷ Ibrahim SUED. *Idem*. p.11.

Autran e Jaime Costa nos papéis principais e mais um elenco de cento e tantas pessoas, ficou um ano em cartaz. Posteriormente, Herberet Richers, diante da ousada publicidade (e pioneira) que teve *su total*, repetiu no cinema, lançando em páginas inteiras, o seu filme *Assalto ao Trem Pagador*. Eu Herbert que começamos juntos – ele de câmara na mão e eu de máquina fotográfica – inovávamos os lançamentos publicitários no teatro e cinema brasileiro. E faturamos. De leve.”²⁶⁸

É de se admitir que Ibrahim Sued fosse bem-sucedido na boa sociedade carioca, tivera notoriedade ampla durante os anos em que ditou: etiqueta, moda, costumes, promoveu festas, enalteceu alguns e denegriu tantos outros.

Ibrahim, homem dotado de originalidade, era calmo, educado, polido e para muitos um “cara-de-pau”, pois, muitas vezes entrava em lugares onde não estava convidado com a maior naturalidade, outras vezes usava de suas amizades para angariar prestígio. Para isso não pestanejava, esteve ao lado de inúmeros homens importantes do país. Sua perspicácia era a sua inteligência. Seu grande poder estava associado à sua pessoa e ao espírito da época, do qual soube muito bem tirar proveito.

É interessante observar como ele mesmo escreveu sobre sua coluna, explorando o momento político que o país vivia.

“Na evolução do meu colunismo, a política ganhava espaço cada vez maior. E eu, em cima da notícia mantinha meus leitores por dentro do que acontecia até mesmo nos bastidores; formando e informando a opinião pública.”²⁶⁹

Ibrahim Sued mostrava-se enfronhado a respeito do que ocorria no país e com seus personagens mais próximos e também com os mais distantes. Estar sempre por dentro dos acontecimentos significava para ele uma espécie de *glamour*, que lhe causava uma enorme satisfação pessoal. Sentir-se importante e dizer que formava e informava a opinião pública era a tarefa que ele desempenhava, com exacerbado gosto, a partir de sua função social de colunista.

O colunismo é uma atividade que requer certa dominação em relação às pessoas para, supostamente, guiá-las rumo à autopromoção naquilo que se intitula a busca por prestígio ou ascensão social. Ou seja, o colunista exerce sobre seus colunáveis uma dominação social.

“20 Anos de Cavirar

A década de 50 teve vestidos *tomara-que-caia*, cabelos com ondulação permanente, rigorosos códigos sociais: nos 60 foi a minissaia, os cabelos totalmente livres. A liberdade dos cabelos e a altura da saia, no início, chocaram muita gente; mas a revolução tinha um alcance muito mais

²⁶⁸ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar*. Op. Cit. p.178-179.

²⁶⁹ *Idem*. p.187.

profundo. Não se tratava, como se falou então, apenas de uma nova ‘moda’. Era, na realidade, um *way of life* que surgia – em todas as partes do mundo: como os cabelos e as bainhas, também as idéias se libertavam. O que acarretou a mudança de códigos e padrões sociais. Hoje, pouca coisa será realmente capaz de escandalizar as pessoas e ‘estou na minha’ transformou-se em lei nos anos 70.

Sou um testemunho vivo de todas as modificações. Creio que minhas colunas – ao longo destes 20 anos – são a melhor memória, o melhor registro deste mundo que se escandalizava quando uma senhora do *society* repetia vestido, quando um Otávio Guinle aparecia de *smoking* cinza. Atualmente, quem quiser se vestir de acordo com o figurino tradicional será, sem dúvida, chamado de *quadrado*.

Através de meu trabalho, acompanhei e documentei esta evolução, muitas vezes comandando-a: acabei com a moda do lencinho branco no bolso; para caracterizar as transformações por que passávamos, barrei certo ano minha amiga, a tradicional figura Teresa Sousa Campos, da lista das dez mais, para incluir jovens que haviam adotado a minissaia. Como eu estava na dianteira, esta guinada chocou. Foi um verdadeiro *Deus nos acuda!* Mas o tempo, ainda uma vez, confirmou que eu estava certo. A sobrevivência estava em acompanhar – quando possível anteceder – estas modificações e fico pensando até que ponto a transformação do colunismo – sendo de leitura obrigatória para a elite – contribuiu para estas mudanças.”²⁷⁰

Ao colunista social cabe dar crédito a seus informantes, ou seja, estes lhe devem algum tipo de fidelidade que se baseia na pressão que um exerce sobre o outro para que ambos se mantenham no topo da sociedade e do poder que a divulgação de notícias carrega e, Ibrahim o exercia com zelo e com prazer, pois, da efusividade com que descrevia seu ofício, parece que este lhe era extremamente prazeroso e recompensador.

Na estrutura das dominações as tensões e as discórdias entre as pessoas ocupam um papel muito importante, isto era nítido nas relações que existiam entre o colunista, seus amigos e conhecidos. A manutenção dessas tensões era muitas vezes fomentada pelo colunista.

“E a partir da segunda metade de 60 tiveram início as grandes transformações. O meu colunismo ampliou seu campo de ação, abrangendo diversos outros setores, principalmente o econômico e artístico. O político, aos poucos, foi passando por um funil.

Quanto a este setor devo dizer o seguinte: Castello Branco fez um governo forte, fortíssimo, mas ele governou com liberdade de imprensa; seu ministro da Justiça, Dr. Carlos Medeiros e Silva, é um dos homens mais duros que conheço. Um intransigente anticomunista. Mas, no que se refere à imprensa, é um liberal. Por isso sou seu fã. No governo de Castello, Roberto Campos – que sofria as críticas mais severas da imprensa – tinha que pedir programa de televisão para se defender. Democraticamente.

Em sociedade tudo se sabe: freqüentando o *society*, me interessando por política (e noticiando), tenho convivido com os maiores nomes da política

²⁷⁰ Ibrahim SUED. *Idem*. p.198-200.

nacional e internacional. E sempre ocorrem episódios *off the records*. No período que antecedeu à queda de Jango, houve uma tentativa de seqüestro do Carlos Lacerda, então governador da Guanabara, da qual o General Assis Brasil foi apontado como mandante. Nesta época, eu sofrera uma pequena intervenção cirúrgica e estava acamado. Abelardo Jurema – ministro da Justiça de Jango – foi visitar-me em casa, acompanhado por Fuad Nadruz. Estando os três a sós, eu disse para Abelardo Jurema: ‘Abelardo (ele confirmara que realmente houvera a tentativa de atentado), você que está envolvido, que está sem força, por que não larga o governo?’. Ele esboçou um sorriso amargo: ‘Antes de vir para sua casa a minha mulher me fez a mesma pergunta: ‘por que você não larga o ministério?’. E eu, enquanto ajeitava a minha gravata, lhe respondi: não sou homem de largar barco que está adernando’. É na crise que se conhece o homem. De leve!’²⁷¹

Ibrahim Sued soube cativar a elite carioca e angariar expressivo público leitor. Neste mistér é que ele se manteve e repercutiu as notícias como reprodutor de *habitus*, fez da coluna social um espaço decisivo para os leitores saberem das coisas e no qual seus colunáveis foram colocados sob seu controle, não só por meio das notícias que veiculava, como, também, pelas provocações que sucitava.

Assim, a coluna sob sua pena tornou-se um lugar de prestígio ou de depreço, podendo prejudicar e denegrir uns, mas, também, enaltecer ou engrandecer outros. Nestes casos, quem decidia era o próprio colunista. Dessa forma seu círculo foi sendo percorrido, e o colunista parece que ia decidindo a quem destacar e, até mesmo, a quem caberia o papel decisivo de suas escolhas. Entretanto, as consequências de suas apreciações envolviam não só as suas preferências pessoais, mas tudo aquilo que se referisse a toda uma camada social.

É se notar que na maioria das vezes o colunista teve de exercer espírito criativo para “fazer a notícia acontecer”, outras vezes, foi o bom senso, o comedimento e o equilíbrio social a engrenagem fundamental para se obter efeitos significativos e adequados nas suas relações sociais e nas questões de poder político e social.

O colunista criava mecanismos e estratégias para se aproximar das pessoas e, para elas se sentirem privilegiadas ou “poderosas”, envolvidas que estavam em ambientes propícios para aparecerem como furos de notícia. No caso dessas relações entretecidas por Ibrahim Sued, com o desenvolvimento da eloquência de sua coluna social, muitas vezes eram as pessoas que se aproximavam dele para lhe pedirem, ou para lhe oferecerem alguma notícia, de modo que havia uma compreensão recíproca dessas notícias representarem a ideia de pessoas e /ou acontecimentos sociais de peso assim que caíssem no domínio público.

²⁷¹ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 200-201.

Muitas das notícias lhe eram fornecidas por terceiros e ele sabia tirar proveito delas. Quase sempre não precisava ter nenhuma grande notícia, bastava algum fato cair em seu domínio para ele saber usá-lo, tratá-lo e manejá-lo para cumprir o devido papel no âmbito jornalístico. Com isso, ele participava e influenciava na tomada de decisões dos mais diversos setores da sociedade brasileira.

“[...] A amizade, a participação, leva, algumas vezes, a gente a testemunhar decisões, tentar influenciá-las. Eu estava na casa de Elba Sette Câmara, com minha mulher, quando o telefone tocou: Sette Câmara, então nosso embaixador no exterior, informava a D. Elba que havia sido convidado para ser o prefeito de Brasília. Estava entusiasmado. Falei com ele, ponderei para não aceitar, que a corrupção era imensa. Sette Câmara me respondeu que estavam precisando dele, que acreditava poder realizar alguma coisa em Brasília, fazer alguma coisa pela cidade. Disse a ele: ‘Você vai se arrepender, embaixador’. Alguns meses depois, Sette Câmara se exonerava do cargo: a turma do PTB [*Partido Trabalhista Brasileiro*] estava pedindo 10% de todas contas pagas para a caixinha do partido. Com o que Sette, que sempre foi um homem honrado, evidentemente não podia concordar. Para ele, a experiência, foi no mínimo, muito desagradável; para mim, era a demonstração de que eu realmente sabia das coisas. E, mais uma vez, tinha dado um bom alerta.

Algumas vezes não cabe influenciar uma decisão, apenas testemunhá-la. Neste caso, está a de Mário Andreazza. Costa e Silva estava compondo seu ministério, escolhendo os servidores mais diretos. Para um cargo importantíssimo, como é o da presidência da Petrobrás, falava-se muito no nome de Mário Andreazza. Com grande antecedência, eu soube, no entanto, que Andreazza estava disposto a trocar a Petrobrás pelo Ministério de Obras – pouco cobiçado. Um dia, no apartamento de Andreazza, perguntei como ele fizera uma opção daquelas. Andreazza, o rosto iluminado pela força de uma convicção, me disse: ‘Porque eu vou construir muito mais estradas do que JK’. Se eu tivesse apostado teria perdido. Não é que ele conseguiu mesmo?

Em outras ocasiões, sem qualquer aposta, ganhei. Uma das minhas vitórias com relação a ter ajudado a influenciar o rumo da administração pública: o da renovação da nossa Marinha de Guerra. Eu tinha o hábito de almoçar – o que hoje ainda faço algumas vezes – com o então secretário-geral da Marinha, Adalberto Barros Nunes. Era o Governo Costa e Silva. Num desses almoços, Barros Nunes me falou sobre a melancólica situação da Marinha, com seu equipamento totalmente obsoleto. Resolvi falar com o Ministro Delfim Netto, com quem mantenho cordiais relações sobre o assunto. Quase não o visitei e ele talvez tenha se assustado quando me viu em seu gabinete. Acostumado a receber diversas pessoas por dia com os pedidos mais exdrúxulos (e de ordem pessoal) eu estava lá apelando para que ele apelasse para o ministro do Planejamento, Hélio Beltrão, (com quem também falei), e solicitasse a liberação da verba destinada à compra de dois submarinos e fragatas. Eu que sempre me considerei um oficial da Marinha (frustrado), pedia a Delfim que se transformasse no pai daquela corporação. Recebi a promessa de que se interessaria pelo assunto.

Registrei o fato e o furo na minha coluna: a Marinha será reequipada. Sem, naturalmente, oferecer maiores detalhes da transa. No dia seguinte, no próprio *O Globo*, um porta voz da Marinha desmentia a notícia. Fiquei de bico calado. Mais tarde, foi o que se viu, o que está aí. O Ministro Barros Nunes, o renovador, agora tem sua Marinha renovada.

Os bastidores de uma notícia, dada em primeira mão, sempre foram elementos fundamentais para o meu colunismo, o que se aplica tanto à política como ao mundo dos negócios como às artes. No caso da compra dos Mirages também foi assim. Desmentido! Um verdadeiro jornal dentro do jornal, a coluna tem que complementar o corpo que a acolhe.

A ampliação do campo da coluna, naturalmente, faria com que outros nomes – com ou sem vinculação com o *society* – aparecessem; mas estes nomes se restringem às personalidades de cada setor. Ao contrário, portanto, do que a maioria pensa, esta mudança no (meu) colunismo social – de que fui pioneiro – não abriu portas para a ‘periferia’. Esta *sorry*, continua na geladeira que é realmente o seu lugar.

Acontece, entretanto, que, ampliando o campo de ação da coluna, ampliava-se o número de leitores, leitores estes que apresentam um interesse diversificado: o que escrevo, há muito tempo, deixou de ser sobre as bonecas e deslumbradas. O painel, agora, é mais vasto. E minha coluna se transforma na gigantesca súpula da memória nacional.

Esta memória, evidentemente, não repudia o *society*. Continuo acreditando no poder da elite – sua capacidade de renovação, o interesse dos que não conseguem chegar a ela e desejam saber como vive. A elite sempre existiu e vai continuar existindo. Mas, com o passar do tempo, também a alta roda sofre modificações. Hoje o *society* é apenas moldura no meu jornalismo. [...]

São 20 anos que, com muito carinho, termino agora de entregar a vocês. Vinte anos de luta, 20 anos de vitórias, 20 anos de muitas alegrias, algumas tristezas e tantos sapos. Do início incerto de minha carreira a este bem montado escritório de onde escrevo as colunas, organizo meu programa de TV, executo minhas transas industriais, e escrevi este livro, muita coisa mudou: hoje não carrego embrulho, não ando de ônibus, não atendo telefone de ramal, nem compro em fim de feira.

Mas, quando – para exercer todas estas atividades – o horário aperta e a fome azucrina, não tenho qualquer preconceito em pedir ao meu contínuo que desça e vá ao boteco mais próximo comprar um bom sanduíche de mortadela. Como nos velhos tempos de redação, naquelas horas em que não dá para arredar pé. Até porque, e para encerrar, com toda sinceridade, faço esta confidência: ‘não há quem agüente 20 anos de champanhota e de caviar’.”²⁷²

Ninguém melhor que ele soube tirar proveito do que sabia e, por meio de sua coluna, vender suas palavras. Tudo o que dele vinha virava notícia, até mesmo um singelo comentário sobre alguma pessoa, a sociedade se voltava para saber quem era aquela pessoa.

Nas palavras de Ibrahim, “dependia apenas de ter cabeça. E saber usá-la”, ou seja, saber empregá-la buscando oferecer uma distinção recheada de reputação.

“A ‘Dama’ – Na década de 50, criei uma personagem que acabou se transformando numa grande coqueluche nacional. E a Dama de Preto acabou virando figura de carnaval – fantasia famosa é a que Carlinhos Niemeyer usou, ele de Dama – de teatro, do cinema: ‘bonecas’, ‘deslumbradas’, todas e todos discutindo quem era a famosa *Dama*. Eu a caracterizei sempre como uma presença antipática, alguém que fazia feio nos salões. Por conta própria muitos

²⁷² Ibrahim SUED. *Idem*. p.201-204. [*Partido Trabalhista Brasileiro*]. (Comentário nosso).

me diziam que a *Dama* era Beki Klabin, outros Elisinha Moreira Salles. Mas Elisinha foi uma amiga minha do grupo de rapaziada, onde havia Carlinhos Sousa Gomes, Sônia Bittencourt, Murilo Gondim e todos freqüentávamos o Vogue. Quando Elisinha começou a namorar Walter Moreira Salles ela não gostou da notícia que eu dei; e uma noite, no Vogue, quando fui cumprimentá-la, não me estendeu a mão. Ficamos sem nos falar durante três anos. Ela com o poder econômico, eu com o poder da imprensa. Até que, passados os anos, Elisinha Moreira Salles tornava-se uma das mulheres brasileiras de maior liderança no campo internacional, enquanto eu me afirmava na liderança jornalística. E houve uma época em que políticos e a imprensa resolveram atacar Walter Moreira Salles; silencieei. Até que um dia, durante um passeio de lancha de que Elisinha participava, ela me estendeu a mão. Ocorria a reaproximação; hoje, nossos filhos são amigos. Esse é o episódio que muita gente desejava saber. Elisinha, entretanto, nunca foi a *Dama de Preto*, as pessoas que não gostavam dela é que se aproveitavam da figura que eu criara para utilizá-la contra Elisinha. Porque a *Dama* é uma dessas personagens que jamais existiram, foi um fruto da minha imaginação, um dos meus truques. Para agitar. O que é sempre necessário. Uma das formas do meu sucesso. A *Dama de Preto* nunca existiu.

O colunismo pode ser muito mais sério, muito mais importante, do que a vã filosofia dos comuns dos mortais pode imaginar. Este é apenas um exemplo, dentre tantos. *Sorry*, mas é assim. Depende apenas de ter cabeça. E saber usá-la.”²⁷³

O que o colunista publicava caía no gosto de seus leitores. Quase sempre um comentário insignificante sobre uma pessoa fazia com que o público leitor quisesse saber sobre quem era comentado e os detalhes dessa personalidade. O destaque que era conferido a qualquer pessoa – pelo bem e pelo mal - vinha recheado de uma determinada forma de reputação e de distinção que só poderia ser conferido pela coluna e pelo colunista.

Havia, entretanto, seja do ponto de vista da competição existente entre jornalistas, seja do ponto de vista da distinção que atribuía às pessoas na condição de celebridades; a abertura de arestas e a formação de conflitos eram inevitáveis, alguns explícitos e outros velados.

O equilíbrio da situação só poderia ser reestabelecido na medida em que ele se esforçava para fazê-lo e, geralmente era mantido pelo fato de aparecer na coluna do Ibrahim, ou ter alguma pendenga com ele, conferia a condição de ser visto, de ser lembrado e, de alguma forma, ser reverenciado socialmente, mesmo que isso trouxesse em seu bojo um misto de sucesso, de desejo, de ciúmes, ou de inveja. Contudo, esses sentimentos mais do que esclarecer, escamoteavam o fato de Ibrahim ter sido o responsável por transformar sua coluna em uma arena de lutas.

²⁷³ Ibrahim SUED. *Idem*. p.179-180.

SEÇÃO 5

AS LUTAS DE IBRAHIM SUED: CAPITAL SIMBÓLICO, DISTINÇÃO E TROCA DE FAVORES

“Portanto, ‘ademã’, porque a *vedette* do meu programa na TV Globo é a notícia.”

Ibrahim Sued

5.1 As lutas de Ibrahim Sued entre a busca de prestígio e a dominação com reconhecimento

O interesse do colunista era manter-se em evidência, poder administrar a condição privilegiada alcançada no jornalismo carioca, ou seja, de: controlar, vigiar, planejar e manter o controle de sua dominância por meio das notícias. Esses atributos davam-lhe a possibilidade de aumentar seu poder de influência.

Se se pensa essa condição na perspectiva das figurações como tendências de “vigiar e planejar previamente, a cada momento, a própria engrenagem da dominação” tratadas por Norbert Elias, “cujas energias possibilitavam ao rei maior alcance de sua influência”, podem ser atribuídas ao personagem em estudo na perspectiva da diferença que é estabelecida por Elias entre “racionalidade da dominação absolutista e da ‘irracionalidade’ de dominação carismática” como uma forma de dominação conservadora e defensiva.²⁷⁴

A coluna de Ibrahim trazia notícias predeterminadas com o objetivo de influenciar toda a sociedade, ou pelo menos aqueles que a seguiam, e que de algum modo, acabariam influenciado outros tantos.

Cada pessoa que desejava angariar prestígio acabava caindo nessa malha de interdependências. Dessa forma, o colunista controlava seus colunáveis através de suas notas. Dependendo do que noticiava, esta notícia trazia benefícios ou desvantagens ao colunável. Assim como aos membros que frequentavam o grupo ou o círculo em foco, ou

²⁷⁴ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p.145. Nesse nuançamento elaborado pelo autor, ele afirma: “Enquanto o líder carismático não consegue se resguardar do imprevisível, toda a vida de Luís XIV foi construída de tal modo que nada de novo e imprevisto, a não ser a doença e a morte, podia chegar perto do rei.”

seja, de um modo ou de outro, os colunáveis não deveriam romper suas ligações com o colunista.

O colunismo traz implícito aquilo que se pode, simultaneamente, chamar de “racionalidade de valor” e “racionalidade de fins”, pois apresenta uma dupla dimensão representada por certa funcionalidade que tem por objetivo manter e consolidar o poder do colunista, ao mesmo tempo em que o colunismo é, também, parte de uma organização de “racionalidade de fins”, uma vez que ele cria instrumentos de dominação onde as indivíduos competem entre si a partir do que se escreve no ambiente jornalístico. Nesse ambiente surgem necessidades que se impõem como uma espécie de resignação ao que é considerado inevitável. Para Pierre Bourdieu ao se referir à noção de classe afirma o seguinte:

“La necesidad impone un gusto de necesidad que implica una forma de adaptación a la necesidad y, con ello, de aceptación de lo necesario[...] La clase no se define solo por una posición em las relaciones de producción, sino también por el ‘habitus’ de clase que ‘normalmente’ (es decir, con una fuerte probabilidad estadística se encuentra asociado a esta posición.”²⁷⁵

Esse conjunto de disposição ao serem denominados de *habitus*, segundo a interpretação de Bourdieu feita por Alicia Gutiérrez se traduzem da seguinte forma:

“El habitus es el instrumento de análisis que permite dar cuenta de las prácticas en términos de estrategias, dar razones de ellas, sin hablar propiamente de prácticas racionales. Dentro de este contexto, os agentes sociales son razonables, no comenten ‘locuras’ (‘esto no es para nosotros’) y sus estrategias obedecen a regularidades y forman configuraciones coherentes y socialmente intelegibles, es decir, socialmente explicables, por la posición que ocupan em el campo que es objeto de análisis y por los habitus incorporados.”²⁷⁶

No caso do colunismo a “dominação” se constitui, ao mesmo tempo, em valoração e finalidade, em ética de meios e em ética de fins. Para o colunista que, orientado por seus valores, os explora *ad nauseam*, enquanto os fins prescindem de fundamentação e só indiretamente se apresentam e se explicitam. Assim, os instrumentos que legitimam essas formas de dominações estão, seguramente, entrelaçados e só podem ser desvendados se lhes esclarecemos a “racionalidade de fins” e sua associação com o que representam racionalmente em termos de ética dos valores.

²⁷⁵ Pierre BOURDIEU. *La distinción: criterio y bases sociales del gusto*. 1ª ed. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012. p. 441.

²⁷⁶ Alicia B. GUTIÉRREZ. *A modo de introducción: los conceptos centrales en la sociología de la cultura de Pierre Bourdieu*. In: Pierre BOURDIEU. *El sentido social del gusto*. ... *Op. Cit.* p. 16.

A posição do colunista se sustenta no âmbito de um campo social onde se entrelaçam estruturas de interdependência social, isto se deve ao fato da posição do colunista ser construída de acordo com a necessidade dos indivíduos e dos grupos sociais por onde eles transitam, sob o olhar atento do colunista – que transita entre grupos sociais – e dos mecanismos de fortalecimento de atuação do jornalista/colunista para a promoção de determinados indivíduos.

Para manter e se consolidar no topo do colunismo social Ibrahim Sued teve, primeiro, que consolidar sua posição. Talvez, em virtude de ter vivido em grandes dificuldades na sua juventude, ele tinha uma necessidade quase que escandalosa de manter-se no topo, ao lado do poder, ou seja, atingir o topo da *High society* e ditar normas para essa sociedade a partir de uma posição de destaque.

Ibrahim Sued, em suas crônicas, muitas vezes deixava claro essa influência que exercia no campo social e político destacando o seu papel no cenário brasileiro e deixando evidentes as “racionalidades de fins e valores” articuladas como nesse trecho de um artigo intitulado:

“Agora eu conto...

[...] Estar por dentro da notícia: muita gente se espantou com coisas que eu soube (e divulguei) ou com coisas que eu sabia e revelo agora.[...]

Não me limitei, entretanto, a conhecer a realidade dos bastidores: por várias vezes atuei sobre ela, influenciei também alguns pontos da administração pública. Tenho a impressão, por exemplo, de que a Ponte Rio-Niterói nasceu sob minha inspiração. Conto já: antes de assumir a Presidência, Costa e Silva fez uma viagem de volta ao mundo. Nesta ocasião fui me encontrar com a comitiva em Los Angeles.

Regressando ao Brasil, quando sobrevoávamos a baía de Guanabara, o marechal me disse: ‘Vou ter saudades do Rio, pois pretendo governar de Brasília’. Respondi-lhe então: ‘Presidente, o senhor que mora no Rio, que é carioca honorário, não se esqueça dessa cidade, faça alguma coisa pelo Rio. Quer uma sugestão? Faça a ponte Rio-Niterói, que já virou tabu. Quebre esse mito’. Durante alguns segundos, seu olhar ficou perdido sobre a baía. Voltou-se para mim: ‘Vou fazer’. Perguntei se podia publicar aquela declaração, sua resposta foi afirmativa. Mais tarde registrei esse diálogo em minha coluna. E, algum tempo depois, tinham início os estudos para a construção da ponte. Erigindo a ponta caía um mito, com o Ministro Mário Andreazza à frente.

Empossado Costa e Silva, visitei-o várias vezes em palácio. E lá me encontrava com o Serviço Nacional de Informações (SNI); desenvolveu-se entre nós uma cordial camaradagem e surgiu uma *private joke*. Quando ele se dirigia para se despachar com o presidente, me mostrava a pastinha que continha os documentos referentes ao despacho e me perguntava: ‘Quer trocar pelo seu caderninho?’ Naquela época eram poucos os que podiam imaginar que ele – General Emílio Garrastazu Médici – seria o próximo presidente da República.

Essa pedra eu cantei com seis meses de antecedência. Se vocês forem olhar o primeiro número de um certo semanário carioca – muito famoso na época – e que hoje ninguém mais lê –, encontrarão uma entrevista minha em que me perguntavam: ‘Depois de Seu Arthur, quem o sucederá?’, isto muito antes do presidente ficar doente. Respondi tranqüilamente: ‘O General Emílio Garrastazu Médici’. Na época chefe do SNI, o General Médici era um homem de gabinete, atuando nos bastidores, sem maior repercussão popular nacional. Mas não deu outra coisa (*sorry*, sou bem informado).[...]

Quanto ao futuro, digo apenas uma coisa: não me mandem canetas. É isso aí! Gigi, eu chego lá.”²⁷⁷

Quando se fala de colunismo social, é preciso deixar claro, para a adequada compreensão, que o colunista tem como motivação a notícia como um fim em si, que lhe dava *status* e poder na sociedade em que vivia e para a qual escrevia.

Não se pode negar a sua influência e seu carisma, onde o colunista tomou o lugar de transmitir a mensagem e, muitas vezes, fez com que determinadas pessoas se tornassem conhecidas e “caíssem no gosto popular”, e isto se fundamentava no prestígio que o colunista gozou entre seus colunáveis e seus leitores, e não apenas no poder que exerceu sobre essas pessoas.

Ibrahim Sued desfrutou de representação simbólica de poder e ele tomava essa representação como valor e prestígio para a ascensão que exercia sobre seu público e, também, para a manutenção de posição destinada à dominação alheia. Nesse caso, pode-se dizer que “os símbolos de poder ganham assim vida própria, passando a ter caráter de fetiches de prestígio.”²⁷⁸

O fetiche pelo prestígio expressava a vaidade que conferia valor à existência do colunista como extensão de seu exercício profissional. Esse fetiche pelo prestígio tornou-se algo inerente ao colunismo social não só no caso de Ibrahim Sued, como passou a ser influência para outros colunistas que acreditavam incorporá-lo e dele tirar proveito quando se tratava de “furos de reportagem” como, também, de “formar a opinião pública”.

Essa modalidade específica de fetiche pelo prestígio se evidenciou nesse artigo de Ibrahim Sued intitulado:

“Receita de ética jornalística ou o segredo da informação

Um jornalista como eu, que forma opinião pública, também participa dos acontecimentos de cúpula. Das locomotivas do país. É notório que fui responsável pela popularização do nome do meu saudoso amigo, o general Arthur da Costa e Silva, ‘seu Arthur’, nos preparativos de sua campanha para

²⁷⁷ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar. Op. Cit.* p. 194-195. (180-195)

²⁷⁸ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte: ... Op. Cit.* p.147-148.

a Presidência da República. Em minha coluna e no meu programa de televisão, só me referia a ele chamando-o de ‘seu Arthur’. Era uma forma carinhosa de se referir a um militar chefe da linha dura, e uma maneira de popularizar seu nome. E a verdade é que naquela época era necessária a linha dura. O Brasil precisava se levantar e esta foi a tarefa da Revolução e de seus Chefes!

Mas se todo o país sabe que a popularização do nome do general Arthur da Costa e Silva foi um achado meu, o que a maioria desconhece é que também participei diretamente de alguns acontecimentos que envolveram os nomes dos generais Garrastazu Médici e Ernesto Geisel para ocuparem também a Presidência da República.

O meu faro jornalístico identificou que Médici seria o sucessor de Costa e Silva num jantar realizado no Palácio Rio Negro, em Petrópolis. Nesse dia eu teria o meu programa de televisão às dez e meia e disse então ao Presidente que, infelizmente, não poderia participar. Ele me respondeu: ‘então eu antecipo’. Antecipou em meia hora o jantar no Rio Negro, com D. Yolanda e seu grupo de assessores. Conversamos bastante. Nesta época, Niomar Muniz Sodré, diretora do extinto Correio da Manhã, estava sob prisão residencial. Eu então lhe disse: ‘Presidente, o senhor está cometendo um erro, prendendo uma mulher’. Algum tempo depois a prisão estava relaxada, aliás no dia anterior ao jantar fui visitá-la.

No jantar, a conversa versou sobre o general Médici, que tinha sido nomeado para o comando do IIIº. Exército. Perguntei, então ao Presidente: ‘E o General Médici?’ Resposta de ‘seu Arthur’: ‘Ibrahim, não toque neste assunto. Silencie sobre este nome’. Percebi então que Médici seria o nosso futuro Presidente e não deu outra coisa, apenas eu não esperava que fosse tragicamente. Essa previsão eu transmiti publicamente com muitos meses de antecedência.

As articulações para a sucessão de Médici começaram quando ele ainda estava na Presidência. Eu sabia que o General Ernesto Geisel, atual Presidente, se candidataria. Soube aliás, dois anos antes. E só agora revelo, pela primeira vez: foi quando EG era ainda presidente da Petrobrás, e tinha tempo para fazer Cooper com os amigos, entre eles o ex-ministro da Justiça Carlos Medeiros (pai dos meus fraternais amigos, deputado Marcelo Medeiros, Horácio Medeiros e Carlos Medeiros Filho).

Cerca de dois anos antes da sucessão de Médici, eu fui procurado pelo meu ilustre e simpático amigo General Antonio Luis Barros Nunes, chamado na intimidade, carinhosamente, de ‘Cacao’ (que era na época, e ainda é, o diretor de relações públicas da Petrobrás). Cacao não fez segredo de sua missão, talvez por confiar neste jornalista (Fernando Aguinaga estava presente), e foi logo entrando no assunto: ‘Ibrahim, você tem alguma contra o General Geisel?’ Respondi que não. Cacao então me disse que precisava de uma campanha para popularizar o nome do General, para popularizar a sua figura, ‘porque ele provavelmente vai disputar a sucessão de Médici’. E completou a informação: ‘O Ernesto, como você sabe, é um homem fechado, embora na intimidade seja aberto, franco, patriota. Mas como presidente da Petrobrás poucas pessoas o conhecem e sabe disso –, porque ele detesta aparecer’.

Foi a partir dessa observação que comecei a pensar e analisar. Geisel foi o melhor administrador que tivemos na Petrobrás, durante quatro anos. Ele já não era militar. Era um administrador civil. Tinha deixado o Exército e previu a crise do petróleo que nos abala até hoje, com três anos de antecedência. Pensei: é um bom candidato, por que não? Disse então ao Cacao, quem entrar nessa canoa e perguntei se poderia criar algumas coisas. Ele disse que sim. E comecei a citar em minha coluna, toda a vez que me referia à Petrobrás, o

complemento da informação: ‘e à coté, Ernesto Geisel’. No meu programa de televisão a mesma coisa. Era uma forma de popularizar o seu nome. Um trabalho subliminar, apenas no começo. De repente, surgiu um apelido carinhoso para chamar o Presidente Geisel. Foi quando, pela primeira vez, pronunciei ‘EG...à coté EG’. Telefonei para Cacao e perguntei: que tal? Resposta do Cacao: ‘Ele gostou. Ele me disse que estava com medo (*sic*) que você fosse chamá-lo de seu Ernesto’.

Assim, um jornalista que forma opinião, conceituado e respeitado pelo público (o que é o meu orgulho, graças a Deus), é também envolvido nos acontecimentos por trás dos bastidores e pode desenvolver sua atuação. Sabendo, no entanto, respeitar a ética jornalística, as fontes, e só dar a informação na hora certa. Isto é importantíssimo! E olho vivo, porque cavalo não desce escada.

Não chore pelo vinho derramado!”²⁷⁹

As atuações que Ibrahim Sued atribuía a seu prestígio são incompreensíveis se forem observadas isoladamente, coluna por coluna, dia após dia. Mas elas tomam sentido quando se conectam com a construção de sua imagem, ou seja, a imagem que ele construiu para si próprio e da abrangência de seu poder.

Com a sua posição de colunista e com a estrutura do campo de dominação em que atuava, mais propriamente a sociedade carioca e suas estruturas de poder tratadas em forma de coluna social e divulgada por intermédio do jornal em que mais tempo atuou: *O Globo*.

De acordo com sua posição nesta sociedade, o colunista gozava de condição especial pelo o fato dele ter galgado um posto profissional de destaque. Enquanto colunista que formava opinião, além de ser jornalista conceituado e respeitado pelo seu público leitor. Este é, com certeza, o prestígio máximo que se podia desfrutar como sendo um colunista social e que não se cansou de repercutir essa particularidade, e sem reserva de discrição, sobre a sua própria grandeza.

Ibrahim Sued nunca se destacou por sua inteligência, nem pela sua erudição, mas como ele mesmo dizia, destacou-se por empregar sua criatividade, pela consciência das armas da comunicação, por seu estilo de comportamento ao longo de sua vida, pelo seu próprio ideal e objetivo de vida, ou seja, estar no topo e conviver com a alta sociedade tratando-a de cima.

Ibrahim Sued tratou essa modalidade de poder de forma muito clara em artigo, intitulado:

“A mais difícil das receitas: amigos. (Esta receita ninguém pode dar...)”

²⁷⁹ Ibrahim SUED. *O segredo do meu SU ... Op. Cit.* p.50-53.

Esta receita não posso dar; ninguém pode dar. Amizade é como amor, também: quando racha não tem conserto. Também os anos é que fazem os amigos. Evidentemente, ganhamos amigos novos. Circulo há trinta anos na alta sociedade e no café society e não acredito nas pessoas da sociedade e do ‘café society’ que são frívolas, deslumbradas. Dessas circuladas ficaram poucos amigos; posso dizer, pouquíssimos. Tenho alguns bons amigos aos quais posso recorrer se precisar, mas são poucos.

Em verdade, em verdade, tive muitas decepções. Muita gente durante anos, se dizia minha amiga. Posteriormente descobri que eram **meus amigos** apenas por interesse. Encostaram-se em mim. Portanto, acredito muito pouco. Quando vou a uma festa, sei quais são as pessoas que gostam de mim e quais são amigas. Em sociedade, das quatro mil da cúpula que frequento, tem um grande grupo que acredito gostarem de mim.

Não há receita para ter amigos leais. A vida é que os faz.

No caso de amizade, tem a frase de Dostoiévsky: ‘Amigos, peçam alegria a Deus. Sejam alegres como as crianças e os pássaros nos céus’.

Nada é mais perigoso do que a adulação. Quem quer ser adulado, é digno do adador. A semelhança que existe entre os amigos e os adadores é a mesma que há entre os leões e os tigres. O adador tem o mel na boca e o fel no coração. ‘É melhor ser repreendido pelos sábios que enganado pela adulação dos tolos, segundo a Bíblia Sagrada. Ou ainda, segundo Salomão: ‘o homem que lisonjeia seu próximo arma-lhe uma rede aos passos’. É como diz La Fontaine: ‘Todo adador vive às custas de quem o escuta’.

Portanto, somos todos triturados de fraquezas e erros.”²⁸⁰

A elite da qual Ibrahim Sued fazia parte e sobre a qual escrevia era movida pela busca de prestígio, de notoriedade e de fama; dessa forma, os seus membros o adulavam, pois por seu intermédio, se estabelecia a escalada para a fama, para o sucesso, para ser conhecido e para ser reconhecido socialmente.

Nesse caso, se exacerbavam: a vaidade enquanto característica dos seres humanos e as formas de capturar as representações sociais das vaidades no âmbito de uma determinada lógica relacional de dominação.

Nesta relação colunista e colunáveis, muitas vezes existia uma relação exitosa, uma representação edulcorada das pessoas, ou até mesmo uma ambivalência das atitudes dos colunáveis em relação à posição do colunista. Neste campo social a estrutura de poder é significativa, pois os colunáveis querem se identificar com o colunista, querem desfrutar de sua amizade, compartilhar um pouco de seu prestígio, vendo nele um aliado e o suporte para serem conhecidos, reconhecidos e estarem sempre em voga na mídia.

²⁸⁰ Ibrahim SUED. *Idem*. p.73-75.

Porém, isso não significava que entre eles não existisse uma relação de tensão e muitas vezes esses mesmos colunáveis se opunham ao colunista, quando o acordo entre eles não era cumprido, ou quando o que transcorreu não satisfazia as expectativas.

Ibrahim Sued ocupou o posto de o mais emblemático colunista social de seu tempo, fato que lhe permitiu expressar, em suas colunas, suas opiniões, ensinar etiqueta e até mesmo apontar a lista das mulheres mais bem vestidas e elegantes. Além do mais permitia-se divulgar a certamente odiada lista das mais mal-vestidas.

Dessa forma, no jogo em que supostamente aumentava o leque de reputação e de prestígio, ou incrementava capital simbólico; acontecia também a troca de favores e as adulações e isto lhe deu a oportunidade de fazê-lo ao expressar seu poder, seu prestígio e sua fama.

Sua posição permitiu lhe fazer um jogo de forças com a elite da sociedade. Os membros dessa elite tentavam seduzi-lo para que, sob as condições do colunismo, em função da benevolência apresentada nas notas publicadas e em decorrência dos supostos efeitos de publicidade a serem alcançados nas estruturas operantes da sociedade. Nem sempre, contudo, a fórmula obtinha êxito. Não raras vezes Ibrahim Sued se entreteve em refregas, escaramuças e até disputas judiciais.

5.2 As lutas de Ibrahim Sued e os segredos de seu sucesso

Pode-se afirmar que o arranjo, ainda que tácito existente entre colunáveis e colunista, tinha suas raízes e seus objetivos fincados na motivação pelo prestígio e por salientar situações e posições consideradas importantes para o controle social e para a dominação de um ponto de vista que considerava um olhar sobre a diversidade do público leitor ao mesmo tempo em que optava distinguir e diferenciar pela ênfase à tradição.

Esse jogo em que os objetos de valor são quase que totalmente simbólicos pode ser apreendido conceitualmente na medida em que se estrutura e funciona a partir de duas categorias desenvolvidas por Pierre Bourdieu a saber: o campo da produção restringida e o grande campo da produção simbólica.

“El campo de producción y de circulación de los bienes simbólicos se define como el sistema de las relaciones entre diferentes instancias caracterizadas por la función que cumplen en la división del trabajo de producción, de reproducción y de difusión de los bienes simbólicos. El campo de producción propiamente dicho debe su estructura a la oposición – mas o menos marcada según los dominios de la vida intelectual y artística – entre, por una parte, ‘el campo de producción restringida’ como sistema que produce bienes simbólicos (e

instrumentos de apropiación de estos bienes) objetivamente destinados (al menos a corto plazo) a un público de productores de bienes simbólicos que producen también ellos, para productores de bienes simbólicos y, por otra parte 'el campo de la gran producción simbólica' específicamente organizada con vistas alla producción de bienes simbólicos destinados a no produtores ('el gran público') que pueden pertenecer a las fracciones no intelectuales de la clase dominante ('el público cultivado') o de otras clases sociales.”²⁸¹

Entender todo o significado dessa motivação e do entrelaçamento entre colunista e colunável, bem como dos conflitos que advêm dessa atividade pode ser conferido naquilo que escreveu Hélio Dorea no preâmbulo de matéria publicada na *Gazeta de Vitória* – Espírito Santo, em 19 de setembro de 1975, aqui reproduzido por Ibrahim Sued:

“JUSTIÇA A UM COLUNISTA AUTÊNTICO

Eu sempre disse que o colunista Ibrahim Sued é o homem da imprensa de maior prestígio no país e por causa disso sofre do mal de quem está por cima: é sempre invejado. Conheço muito bem isso, e sei dos reflexos que muitas vezes são negativos, em virtude do trabalho de bastidores feito por gente que ele mesmo chama de periferia. Mas quem trabalha bem, trabalha certo, tem equilíbrio e retidão; acha sempre quem faça justiça como fez o Juiz Luiz Murillo Fabregas – da 5ª Vara de Família – com relação ao Ibrahim Sued.”²⁸²

O texto acima introduz a questão do conflito e até que ponto ela podia chegar às instâncias jurídicas da sociedade e revelava que a reputação do colunista precisava ser reforçada, mantida e declarada em função da condição profissional e do *status* que ele ocupava na sociedade, principalmente quando o que se defendia era a credibilidade naquilo que ele falava, escrevia e publicava.

O trabalho do colunista operava com a necessidade de exercer poder simultaneamente “no campo restrito” e “no grande campo simbólico” e isso incluía demonstrá-lo a cada momento por meio de suas pequenas notas, de furos de reportagens que conquistava, ou seja, de atos de jornalista que o fazia sobressair sobre aqueles que transitavam no seu meio social – sobre outros jornalistas.

O papel do colunista e a sua importância são elementos que indicavam a força de tensões que permeavam as relações sociais sobre as quais influiu e sobre as quais operava.

O colunista devia saber lidar com isso e se esgueirar por entre essa modalidade de tensões e dela tirar proveito, se ele quisesse se manter e exercer seu próprio poder como condição de seu ofício. Ele se obrigava a ter claro a necessidade de vender a sua

²⁸¹ Pierre BOURDIEU. *El sentido social del gusto: ... Op. Cit.* p. 89-90.

²⁸² Ibrahim SUED. *O segredo do meu SU ... Op. Cit* Contracapa.

própria imagem como colunista e de, ao mesmo tempo, aparecer como aquele que tinha o privilégio de dar certas notícias envolvendo homens e mulheres elevando-os em suas respectivas áreas de atuação, ou colocando-os em situações constrangedoras em função de atitudes que, sob sua interpretação, evocavam constrangimentos. Dessa forma, o colunista acabava prendendo toda a boa sociedade sobre a qual escrevia e/ou informava na teia da engrenagem social que ele mesmo criou.

“A diferencia del sistema de la gran producción, que obedece a la ley de la competencia con el propósito de conquistar un mercado tan vasto como sea posible, el campo de producción restringida tiende a producir sus normas de producción y los criterios de evaluación de sus productos, y obedece a la ley fundamental de la competencia por el reconocimiento propiamente cultural otorgado por el grupo de pares, que son, a la vez, clientes privilegiados y competidores.”²⁸³

Pode-se perceber que o colunista se colocava como alguém que tinha o papel de líder, mas também de membro, que podia ditar normas e asseverar sobre as características estéticas relacionadas a outras pessoas ou quanto aos seus respectivos estilos de vida. Para fazê-lo deveria contar com certo grau de autonomia frente às necessidades que sobrevinham no cotidiano de seu ofício.

Segundo Elias:

“As interdependências dos indivíduos, e as coerções que sua dependência recíproca exerce, têm origem em determinadas necessidades e ideais humanos, socialmente marcantes. O modo da dependência recíproca varia conforme aparecem as necessidades sociais que levam a novos vínculos entre as pessoas.”²⁸⁴

Muitas variáveis compunham uma espécie de segredo profissional para que Ibrahim Sued tivesse se mantido tanto tempo nesta posição e nessa condição. Sendo questionado sobre o “segredo de seu sucesso”, eis a resposta que apresentou:

“Receita: um pouco do segredo dos outros. (Neste livro pretendo dar uma mensagem de ânimo aos jovens que se iniciam).

- Ibrahim, qual é o segredo do sucesso?

- Não sei, sinceramente, não sei. Não acredito que alguém possa dizer com certeza, porque o **segredo do sucesso** é difícil. Mas uma coisa aprendi: para vencer na vida, fazendo força, você deve esquecer o passado, não ficar especulando sobre o futuro e viver intensamente o presente. E o presente se manifesta através dessas quatro palavras-chave: trabalho, honestidade, tenacidade e crédito bancário. Isso mesmo: crédito bancário. Pode parecer estranho, mas considero o crédito bancário uma das coisas mais importantes para quem quer vencer na vida. Foi através dele que comecei a entender as mil e uma sutilezas da vida. [...]

²⁸³ Pierre BOURDIEU. *El sentido social del gusto: ... Idem*. p. 90.

²⁸⁴ Norbert ELIAS. *A sociedade de corte. Op. Cit.* p. 150.

Creio que é importante o crédito bancário como componente do segredo do su, sucesso. Através dele consegui ganhar algum dinheiro. Mas um aviso: não deixe vencer um só dia a sua nota promissória, o seu título. Se não tiver dinheiro para saldar a dívida integralmente, vá lá no dia combinado, pague os juros e reforme a letra. Outra coisa muito importante: nunca assine cheque sem fundo. **Never**. O cheque sem fundo é suicídio para quem pensa em vencer na vida: fazendo força, é claro.

Certamente tão trágico como passar cheque sem fundo, é o cara vender seu carro, hipotecar a sua casa, ou pedir dinheiro emprestado para jogar na Bolsa, como aconteceu algum tempo atrás. Olho vivo porque cavalo não desce escada, dois pontos: aplique na Bolsa apenas a sua poupança [...] Bolsa a longo prazo, naturalmente ninguém perde.

Esquecer o passado não significa, necessariamente, voltar definitivamente os olhos para frente. É preciso, sim, de vez em quando, dar umas piscadelas para o passado e ver o que se está construindo, o que se pretende construir. E, sobretudo, recolher também, no passado, as lições que até hoje permanecem como exemplos: Walter Moreira Salles, que começou atrás de um balcão numa pequena casa em Poços de Caldas, e hoje é um dos maiores banqueiros e financistas deste país [...]

Su também é Di Cavalcanti, com sua pintura que vai ficar imortalizada; [...] Su é o reitor Gilson Amado. Batalhou tanto que afinal consegui fazer a TV Educativa, aos poucos se incorporando aos hábitos do brasileiro...”²⁸⁵

Após um extenso rol de personalidades à época em que escreveu o texto, o que se depreende é que para conservar o poder em suas mãos ele deveria trazer com rédeas firmes o controle sobre os outros e sobre si mesmo. Ele calculava suas ações e deixou claro que as controlava e, até poderia controlar a de seus colunáveis, ainda que fosse meramente para exemplificar a sua própria trajetória de vida.

“El grado de de autonomía de un campo de producción restringida se mide por su poder de producir e de imponer sus normas de producción e los criterios de evaluación de sus productos, por lo tanto, de retraducir y reinterpretar todas las determinaciones externas según sus propios principios: dicho de otro modo, mientras mejores sean las condiciones del campo para funcionar como el campo cerrado de una competencia por la legitimidad cultural – es decir, por la consagración propiamente cultural y por el poder propiamente cultural de concederla -, mayores serán las posibilidades de que los principios que definen las demarcaciones internas aparezcan como irreductibles a todos los principios externos de división, tales como factores de diferenciación económica, social o política – nacimiento, fortuna, poder (incluso un poder capaz de ejercerse directamente en el campo) -, o las tomas de posición política.”²⁸⁶

Assim, para além do que Ibrahim Sued fazia em termos atribuição de valor, e de prestígio, ele ainda controlava a estrutura social de seu grupo de atuação, atribuindo-lhe

²⁸⁵ Ibrahim SUED. *O segredo do meu SU ... Op. Cit.* p. 7-17.

²⁸⁶ Pierre BOURDIEU. *El sentido social del gusto: ... Idem.* p. 91.

sentido e critérios de avaliação. Sabia separar sua vida particular das atividades da sociedade, porém sabia o que necessitava para que as pessoas girassem em sua volta, enfim, tinha que se manter no topo social, como se este fosse o sentido de tudo, sem o qual os demais também não teriam valor.

Ibrahim Sued conquistou a opinião estética do grupo de atuação e do campo da coluna social e o fez na perspectiva restrita, bem como na perspectiva ampliada do grande público consumidor de representação simbólica. Sua força criadora decorreu não só de conquistar os elementos de captura e recrutamento de uma proporção significativa entre os membros de produtores de bens simbólicos – os demais jornalistas do campo restrito – como também isso aparecia de modo que a audiência fosse capaz de se apropriar de sua força criadora não importante o grau de distanciamento: quer como uma demanda do grupo dos colunáveis, quer como uma exigência do público leitor em geral.

Se ele foi capaz de fazê-lo, isso certamente decorreu de que tenha equilibrado em doses apropriadas: tanto o bom gosto – como ponto de referência, quanto o bom senso – enquanto forma de avaliação, de autoavaliação e de autoproclamação. Ou seja, Ibrahim Sued se constituía, ele próprio, em sua instância de avaliação, ele empregava a força de sua criação como medida para uso dos demais criadores. Em suma ele formava a sua própria sociedade de admiração mútua.

O que unia o colunista aos indivíduos era a sua coluna, seu prestígio e sua reputação conquistados com o ofício de colunista e, era por meio dela, que todas as suas ações estavam interligadas. Era pela coluna social que ele controlava a afluência das pessoas que o procuravam e as mantinham próximas ou distantes; em relação a ele e ao que escolhia destacar conferindo relevo e importância.

Considerável dose de energia era consumida pelo colunista na tarefa de selecionar e controlar a afluência de pessoas. Tendo conquistado prestígio e fama, certamente a maior reputação junto com a ampliação de sua área de abrangência aumentava a sua exposição a determinadas coerções com as quais deveria lidar. Transitar entre elas muito se assemelhava a um jogo sistemático de aproximação e distanciamento.

Em meio a esse jogo de tensões Ibrahim Sued esgueirava-se entre badalações e mimos e ele deixou claro que transformava essas tensões de aproximação e distanciamento em situações de proveito e se prevalecia de uma presença forte e de uma imagem emblemática para ser mais do que um jornalista, sendo usualmente recepcionado como um porta-voz.

E essa atividade sistemática, cotidiana, reiterada de destacar e conferir relevo a pessoas, situações e até instituições que o colocava na condição de superar tensões. Ele o fazia invariavelmente destacando a importância de sua presença. Ao traduzir essas facetas em sua coluna ele se transformava em um ativista e fez do seu ofício o ofício do colunista por excelência.

Uma vez mais Pierre Bourdieu socorre a análise em busca de aprofundamento e se pode enfatizar as lutas simbólicas protagonizadas em cada campo e no jogo da representação do mundo social, que envolve a hierarquia existente em um dos campos e na relação entre outros tantos.

Nesse jogo de hierarquias e relações de influência recíproca:

“A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que actuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital económico – nas suas diferentes espécies –, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado de prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como letígia das diferentes espécies de capital. [...]

O conhecimento da posição ocupada neste espaço comporta uma informação sobre as propriedades intrínsecas (condição) e relacionais (posição) dos agentes. Isso vê-se particularmente bem no caso dos ocupantes das posições intermédias ou médias que, além dos valores médios ou medianos das suas propriedades, devem um certo número de suas características mais típicas ao facto de estarem situadas *entre* os dois pólos do campo, no ponto *neutro* do espaço, e de oscilarem entre duas posições extremadas.”²⁸⁷

Foi por meio de sua coluna e das notas publicadas que passou a gozar de uma abundante chance de poder, que ele mantinha por meio da manipulação calculada daquilo que publicava, mantendo um complexo equilíbrio de tensões e um campo de dominação amplo. Ibrahim nunca conseguiu desvincular sua vida pessoal de sua vida pública, jamais gozou de uma liberdade pessoal, sempre dependeu dos outros e de suas notícias para manter-se em sociedade, enfim, o jogo foi o *ethos* que ele desenvolveu para se desvencilhar das coersões a que era obrigado a se submeter.

As notas da coluna que escrevia eram os seus trunfos para se manter entre os grupos em que circulava e o grupo ampliado formado pelos seus leitores, ou seja, estar no topo da sociedade mantendo o equilíbrio das tensões que poderiam irromper de todos os lados. Esses eram alguns de seus atributos, ele sabia muito bem que, para sobreviver,

²⁸⁷ Pierre BOURDIEU. *O poder simbólico*. ... *Op. Cit.* p. 134-136.

necessitava de exercer um controle social e uma manipulação dos instrumentos de dominação, sem os quais ele perderia, aos poucos, prestígio e fama.

A interdependência dos indivíduos nesse ambiente de condições e de posições é bastante efêmera, pois ela está relacionada ao jogo de interesses do momento em que eventos e acontecimentos coadjuvam no sentido do colunista desenhar a adequação ou a inadequação a ser merecedora de ênfase, relevo e destaque. Aqui é indispensável diferenciar poder simbólico de capital pessoal. Nesse sentido, Pierre Bourdieu assim esclarece:

“O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe.”²⁸⁸

“O capital pessoal de ‘notoriedade’ e de ‘popularidade’ – firmado no facto de ser conhecido e *reconhecido* na sua pessoa (de ter um ‘nome’, uma ‘reputação’, etc.) e também no facto de possuir um certo número de qualificações específicas que são a condição da aquisição e da conservação de uma ‘boa reputação’ – é frequentemente produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros domínios e, em particular, em profissões que, como as profissões liberais permitem tempo livre e supõe um certo capital cultural [...]. Enquanto este capital pessoal de *notável* é produto de uma acumulação lenta e contínua, a qual leva em geral toda uma vida, o capital pessoal a que se pode chamar heróico ou profético e no qual pensa Max Weber quando fala de ‘carisma’ é produto de uma acção inaugural, realizada em situação de crise, no vazio e no silêncio deixado pelas instituições e os aparelhos: acção profética de doação de sentido, que se fundamenta e se legitima ela própria, retrospectivamente, pela confirmação conferida pelo seu próprio sucesso à linguagem de crise e à acumulação inicial de força de mobilização que ele realizou.”²⁸⁹

As inúmeras referências colecionadas ao longo dessa pesquisa sobre Ibrahim Sued são mais ou menos nonocórdicas ao dizerem que ele era um exemplo de pessoa que venceu na vida por meio do exercício de sua profissão. O jornalista Hélio Dórea, no já citado artigo da *Gazeta de Vitória*, destacou algumas das características que julgava serem os motivos de ter alcançado fama e prestígio. O trecho abaixo indica alguns elementos constitutivos do sucesso do colunista:

“Dentro de sua especialidade foi, e talvez ainda seja, a figura mais expressiva. Personalidade controvertida, invejado, adulado e criticado como poucos, o fato é que já privou da companhia do que há de melhor, seja aqui ou no exterior. Ainda se recorda da festa que promoveu para comemorar algum marco em sua carreira e à qual compareceu o que havia de mais representativo em todos os setores da sociedade brasileira. [...]

²⁸⁸ Pierre BOURDIEU. *Idem*. p. 188.

²⁸⁹ *Idem*. p. 190-191. (Grifos nossos).

O jornalista Ibrahim Sued, queiram ou não queiram os seus detratores, é um exemplo de homem vitorioso. Filho de imigrantes pobres, trilhou o árduo caminho do jornalismo mal remunerado, chegando à posição de cronista mais lido do país.²⁹⁰

Aqui o trecho escolhido se refere a uma ação na Justiça enfrentada por Ibrahim Sued e que teria sido uma de suas lutas contra “chumbetas e periferias” supostamente indignados com os qualificativos jocosos e pejorativos empregados pelo colunista. Mas o que precisa ser capturado sobre essa espécie de monotonia autorreferente é o fato de Sued ter passado uma vida inteira se jactando de ter aptidão para estar próximo dos acontecimentos e ter sensibilidade e “criatividade” para perceber a dimensão dos acontecimentos que poderiam virar furos de reportagens.

“A coluna para mim teria que ser o que sempre foi, é e será: uma massa diária de notícias originais, interessantes e verdadeiras sobre pessoas que têm efetiva importância social, política ou econômica – e nem sempre nesta ordem.

Existe uma relação no tempo interessante de notar: a coluna existe porque eu conhecia pessoas que contam e com elas já me relacionava e não o contrário. Ou seja, embora eu não tivesse nascido naquele meio, eu já o frequentava quando afinal realizei o meu sonho de tornar-me cronista e, mais que isso, o repórter daquele mundo mágico e brilhante que durante algum tempo chamei de ‘café-society’ genericamente. [...]

Eu considero essa festa (Último baile do vestido branco – de debutantes – organizado por Sued em 1961, no Copacabana Palace) o fim de uma era. Embora com outro sentido, é como se fosse o Baile da Ilha Fiscal. Porque o Brasil, dali em diante foi ficando muito diferente. Houve a renúncia de Jânio Quadros, os anos agitados de Jango Goulart, a Revolução – e tudo já no cenário diferente, da distante e estéril Brasília, o mundo tão transformado que já não dava lugar àquele tipo de acontecimento.[...]

Já palavras e frases, inventei muitas, ao longo desses anos. Quer dizer: dei significados novos e surpreendentes a palavras sem uso. [...]

O meu vocabulário pessoal acabou se tornando popular, assim como expressões que botei em uso. [...]

Bola preta e bola branca, por exemplo, foi minha maneira irônica de reagir ao ocorrido comigo quando aceitei a pressão de amigos para me tornar sócio do Country Club [...]. Mas, depois que eu casei, insistiram comigo para que eu entrasse de sócio e, quando me candidatei, tive o dissabor de ser recusado por três bolas pretas na votação do Conselho.

Houve exploração por chumbões e ressentidos de toda sorte, mas eu tirei de letra. Passei a dar bola branca e bola preta segundo os meus juízos e assinando em baixo. Hoje, decorridos tantos anos, tenho certo grau de admiração pela enorme sensação de poder que deve ter iluminado a alma daqueles três que me deram bola preta naquele dia e eu os imagino chegando em casa orgulhosos e dizendo para a mulher e os filhos, com voz do Almirante Nelson: ‘Eu hoje derrotei o Ibrahim Sued. E quase vejo os olhares irônicos que seus ouvintes trocavam...

²⁹⁰ Ibrahim SUED. *O segredo do meu SU ... Op. Cit.* (contracapa).

Naquele episódio aprendi que da derrota também se aprende a tirar partido.”²⁹¹

Olhando a trajetória de Ibrahim Sued em perspectiva é possível afirmar que ele orientou seu percurso profissional para questões que revelavam a forja de um carisma em função de situações de crise nas quais o vazio e o silêncio deixado pelas instituições em uma sociedade em mudança se revelaram situações de porosidade à maneira pela qual sua linguagem era capaz de traduzir algum nível de compreensão e de “verdade”. Os trechos acima transcritos revelam o sentido que o colunismo social tomou sob sua pena. Ou seja, o segredo de Ibrahim Sued era que ele foi um homem de lutas e essas lutas foram jogadas em diversas trincheiras.

Sua busca pelo que era de fato importante estava na falta de senso do que estava posto, na ausência de explicações plausíveis, no silêncio das instituições e no vazio de sentido que predominasse.

Nos diferentes tempos em que atuou, sua marca foi o esforço de traduzir em palavras simples, mas carregadas de figuras de linguagem, que assumiam conotações autoexplicativas e que evocavam figurações imaginárias no entendimento do leitor, de modo a se colocar como o paladino da informação comezinha.

Uma nota de coluna carregada de nomes, de endereços, descrição de ocasiões, de posição social, de papéis políticos ou de poder econômico e, “nem sempre na mesma ordem”, conferia um sentido simbólico que fazia os leitores compartilharem o que estava acontecendo nos estratos superiores da sociedade. O seu carisma preencheu as frestas que mudanças em curso no período abriam, daí o seu capital pessoal e o seu segredo, bem como a maneira pela qual acumulava prestígio.

5.3 A construção do carisma de Ibrahim Sued e a sua devoção a Roberto Marinho

Para Max Weber, carisma significa literalmente o “dom da graça”, segundo ele é empregado para “caracterizar” o líder auto-indicado seguido por aqueles que acreditam ser ele extraordinariamente dotado.

Nesse sentido, Ibrahim Sued foi um líder carismático pois conseguiu construir valores morais e se destacou como nenhum outro no ofício de colunista, de forma exitosa

²⁹¹ Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem. Op. Cit.* p. 19-23.

ascendeu socialmente e tornou-se porta-voz de um estilo de vida próprio do *Café-Society*, bem como passou a ser uma voz eloquente no jornal *O Globo* de Roberto Marinho.

“[...] O fracasso é sua ruína.

Embora Weber tenha consciência do fato de que a dinâmica social resulta de muitas forças sociais, não obstante, atribui grande ênfase à ascensão do líder carismático. Seus movimentos são entusiásticos, e nesses entusiasmos por vezes as barreiras de classe e *status* dão lugar à fraternização e aos sentimentos de comunidade exuberantes (Weber, *Wirtschaft und Gesellschaft*, p. 768).”²⁹²

Ibrahim Sued ascendeu como líder carismático quando venceu barreiras sociais e passou a ser um estabelecido e, a partir daí, ganhou *status* para escrever, falar e se colocar como membro da boa sociedade e, ainda, analisou e pensou a sociedade carioca por meio das colunas que apareciam nas páginas dos jornais e dos livros que publicou. Em menor grau essa condição e essa posição também apareceram em programas de rádio e de televisão, bem como em músicas que ele compôs ou naquilo que se compôs sobre ele.

Para Weber, o líder carismático é aquele que “as pessoas lhe obedecem devido à crença em suas qualidades pessoais extraordinárias.”²⁹³

Ibrahim Sued, dentro da boa sociedade carioca e do columnismo, se despontou como um gênio, um símbolo a ser seguido e copiado. Quando se analisa as colunas de Ibrahim Sued pode-se afirmar que essa genialidade, de alguma forma, aparecia em seu trabalho desde os primeiros momentos em que se aproximou das pessoas que faziam jornal:

“Na trilha das redações

O General Eisenhower entrou no plenário do Palácio Tiradentes, sob aplausos de todos os nossos parlamentares. O comandante dos Exércitos Aliados na II Guerra recebia a homenagem dos representantes do povo brasileiro.

Assim que subiu à tribuna, Ike (apelido dele) posou para os fotógrafos. Nessa época a cobertura fotográfica se fazia com extrema economia, os filmes eram caros, cada ‘flash’ era uma lâmpada queimada que se jogava fora, e o custo dos clichês, feitos de ligas de zinco, limitava o emprego de fotos nos jornais. Por sinal que ‘O Globo’ já era uma exceção: Roberto Marinho sempre exigiu muitas ilustrações no seu jornal, fosse qual fosse a despesa.

Então, feitas as fotos clássicas, todos os fotógrafos se retiraram, menos um: eu. Fiquei por ali, à espera de alguma coisa que saísse do ramerrão. E fui premiado.

²⁹² Hans Heinrich GERTH & Charles Wright MILLS. (Orgs.). *Max Weber: ensaios de sociologia*. 5ª ed. - Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1982. p.70.

²⁹³ *Ibidem*.

Em dado momento, Otávio Mangabeira, um dos políticos mais ilustres do Brasil, ex-chanceler do governo Washington Luiz, exilado por Getúlio Vargas até a queda da ditadura, grande líder da política bahiana, caminha até Eisenhower, segura-lhe a mão direita e lasca nela um beijo, exclusivo para o meu ‘flash’. Houve um instante de silêncio no plenário, um pasmo, e eu me lembro que cheguei, no subconsciente, a temer que fosse por eu haver perturbado o ritual. Mas não. O susto era causado pelo beijo – isso refletiu no dia seguinte, com a publicação da foto em destaque na primeira página de ‘O Globo’. Eu começava ali a me tornar conhecido e desse episódio recolhi lições que para mim valem até hoje: perseverar sempre, não temer a originalidade e medir o interesse da notícia por uma relação entre o significado do gesto ou do fato e a notoriedade dos personagens envolvidos.”²⁹⁴

Nesse trecho do seu *30 anos de reportagem*, Sued revelou, no princípio dos anos 1950, que ainda não trabalhava em *O Globo*. Era apenas fotógrafo *free-lancer*, sempre a procura de fatos que pudessem virar notícia com imagens que podia capturar. Para demonstrar o empenho com que se dedicou a ser alguém na vida por meio do jornalismo, ele já vislumbrara essa possibilidade muito antes de ser contratado pelos Marinho. Nesse passo, ele ainda revelou:

“Entre minhas melhores lembranças da época figura uma foto em que eu busco posição entre outros fotógrafos para fotografar o time do Flamengo na Gávea. O acontecimento é o mais banal possível, mas há no meu movimento uma decisão, uma vontade que reflete muito bem o meu ânimo no período em que eu lutava para abrir o meu espaço e determinar o meu território na vida.

E como é que eu estava ali no gramado da Gávea de máquina ‘Speed-Graphic’ em punho, se não tinha emprego permanente nem dinheiro para comprar meu próprio equipamento?

É que foi dessa maneira que eu cheguei meio por acaso ao jornalismo.

Eu gostava de futebol e as entradas para mim eram caras. Todo dia eu visitava amigos meus em ‘O Globo’ e no ‘Jornal dos Sports’. [...]

E, assim, nos fins de semana, me deixavam acompanhar a equipe que ia cobrir os jogos e ainda me emprestavam a máquina, que enganava como se fosse uma carteira de identidade falsa para eu penetrar no estádio. Dependendo da maré, tinha dia que nem mesmo filme era colocado na máquina, mas na maior parte das vezes eles deixavam eu ir treinando, no esforço de me tornar fotógrafo profissional.

Como eu me considero hoje um repórter completo, isso quer dizer que continuo também a ser fotógrafo. Só que hoje prefiro essas máquinas moderníssimas e fáceis de operar [...]. Com elas produzo eu mesmo a maior parte das fotos que publico na coluna.”²⁹⁵

Nessa época, Sued se considerava um nômade na profissão, frequentando redações de diversos jornais e revistas, entre eles: *A Tribuna da Imprensa* de Carlos

²⁹⁴ Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem. Op. Cit.* p. 14-15. Ver também OLHOS DO SERTÃO. Com o beija-mão das elites brasileiras aos EUA, o Brasil perdeu as oportunidades do século XX. 14. Ago. 2011. Disponível em: <http://olhosdosertao.blogspot.com.br/2011/08/com-o-beija-mao-das-elites-brasileiras.html>. Acesso em 15. Jan. 2018.

²⁹⁵ *Idem.* p. 15. (Grifos nossos).

Lacerda, *A Folha Carioca*, o *Diretrizes* de Samuel Weiner, *A Vanguarda* de Barros Vidal, *A Gazeta de Notícias*, *Manchete* de Adolfo Bloch, *O Diário Carioca* de Pompeu de Souza, *O Diário da Noite*, dos *Associados* de Fernando Chateaubriand e, não menos importante a redação do próprio *O Globo* de Roberto e Ricardo Marinho.

Esse “nomadismo” que precedeu sua profissionalização era caracterizado pelos pedidos de notícias feitos por amigos, “notinhas sobre almoços no Jockey e no Copa” ou participação anônima em colunas de “*gossips*”, a que Sued prontamente atendia:

“Um dia, eu reparei que das oito notas publicadas na coluna seis tinham sido dadas por mim. E mais ainda: alguns dos personagens dessas notas sabiam que eu quem as tinha fornecido e comentaram comigo, manifestando agrado.

Aquilo me provocou uma reação que afinal me levou a descobrir minha identidade absoluta e a fixá-la para sempre. ‘Vou ser repórter’ – disse para mim mesmo, e acrescentei: ‘Mas do meu jeito’.

E algum tempo depois, na ocasião em que me levou para ‘O Globo’, Roberto Marinho me deu um conselho definitivo, tanto mais que correspondia ao meu estado de espírito. Ele disse: ‘Ibrahim, nunca deixe de ser repórter’.”²⁹⁶

A concepção de líder carismático que Weber evidencia é aquela baseada no conceito de “gênio” usado desde a Renascença para os líderes artísticos e intelectuais. Comentadores de Weber, entre eles Reinhard Bendix, ampliam o conceito para além das sociedades pré-modernas, mesmo considerando que as oportunidades para aparecimento de carisma genuíno, tenham diminuído consideravelmente com o incremento da racionalização e da burocratização típicas das sociedades ocidentais modernas.

Essa vertente interpretativa da contribuição weberiana sobre a questão do carisma se desvencilha dos aspectos relacionados exclusivamente a modos de governo tradicionais e a crenças religiosas orientadas pela emotividade, para sustentarem que a vida de seres humanos em todas sociedades se confrontam com exigências que demandam soluções compreensivas.

Segundo essa corrente, a necessidade de estabilização e conseqüente busca de ordenamento, em função de consensos difíceis de serem alcançados, abre a possibilidade do aparecimento de pessoas ou instituições dotadas do carisma necessário para satisfazerem ou concluírem a promessa de algum consenso possível.

A busca por saídas de crises de consenso pode assumir diversas formas, desde que, necessariamente, o carisma recaia sobre algo ou alguém que seja dotado de um caráter protegido pela crença acerca de sua capacidade de, onde quer que apareça um

²⁹⁶ Ibrahim SUED. *Ibidem*. (Grifos nossos).

problema, há de haver um caminho para o ordenamento possível, e as bases desse ordenamento residirão em autoridades de quaisquer tipos: governamental, legal, religiosa, artística, filosófica, entre outras. Bendix ainda destaca:

“[...] *charismatic leaders can fulfill any such constructive function. [...] Modern means of publicity can give such leadership all the appearance of charisma: the singular gifts of the leader and the unquestioning devotion of his followers.*”²⁹⁷

Um aspecto que parece fora de qualquer dúvida, desde o princípio da carreira do colonista, era sua disposição não só de vencer, mas fazê-lo coroado de triunfo e adornado pela exuberância:

“Um dia, como fotógrafo, acompanhei o repórter Joel Silveira na cobertura de um desastre de trem para a ‘Vanguarda’, e lá o Joel, talvez por um pouco de preguiça, mandou eu recolher os dados. Recolhi e vi que não era nada difícil, só trabalhoso. E o meu velho amigo Alberto Homs, o mais antigo repórter do ‘O Globo’, quando estava de plantão também me pedia para ir buscar as informações na rua – tudo isso aumentando em mim a decisão de ser repórter.”²⁹⁸

Ibrahim Sued ainda percorreria um longo caminho passando pela *Vanguarda* com a “colunazinha” Zum-Zum em homenagem aos amigos do Grupo dos Cafajestes e a Paulinho Soledade que havia composto uma marchinha de carnaval com aquele título para homenagear o Comandante Edu de Oliveira e que no primeiro verso dizia: “Zum, zum, zum, zum, zum, zum, tá faltando um” em memória do falecido amigo e Comandante.²⁹⁹

Trabalhou na *Gazeta de Notícias* “ganhando 500 cruzeiros por mês”, na *Revista Manchete*, “à base de 100 cruzeiros por colaboração”, em reportagens sociais do tipo “Melhores partidos, Mais elegantes”, e ainda atuou no *Diário Carioca* colecionando mais de uma centena de nomes de pessoas citadas. Passou também, pelo *Diário da Noite* antes de incluir mais outra centena de nomes em *O Globo*:

“[...] antes que recebesse o convite afinal decisivo em minha carreira profissional: Roberto Marinho me chamou, em agosto de 1954, para assinar no ‘O Globo’ a coluna ‘Reportagem Social’. E com um salário fantástico para a época: 3 mil cruzeiros. Eu já trazia meu elenco de locomotivas para ampliar as perspectivas da coluna.”³⁰⁰

²⁹⁷ Reinhard BENDIX. *Reflections on charismatic leadership*. In: Denis Hume WRONG. (Org.). *Makers of modern social Science: Max Weber*. New Jersey: Prentice-Hall, 1970. p. 166-168.

²⁹⁸ Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem*. *Idem*. p. 15-16.

²⁹⁹ Ver notas 146 e 154.

³⁰⁰ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 16-17.

O sentido da exuberância e do triunfo a que ele estava disposto ficava claro quando:

“Baby Bocaiuva, que era meu diretor do ‘Última Hora’, me deu um conselho que não segui: ‘Mude seu nome Ibrahim. Adote um nome mais tradicional, porque com esse nome você não vai conseguir fazer sucesso como colunista social’ [...]

Eu disse ao Baby: - Olha aqui, o Maneco, que tem nome tradicional, foi arranjar como jornalista um nome bem original. Pois é o que eu já trago de nascença. E não vou mudar coisa nenhuma: Ibrahim sou, Ibrahim serei. [...]

Todos vieram, viram e se foram ou estão indo. Eu vim, vi e venci.”³⁰¹

Recorrendo uma vez mais ao legado weberiano, é possível afirmar que o principal veículo de mensagem do líder carismático é sua necessidade de influenciar a conduta da vida cotidiana e, daí o líder saber se colocar dando ênfase à rotinização do carisma. Weber atribui “um acentuado peso causal” às rotinas institucionais e sobre a qual ele mantém um “pluralismo casual” a despeito de correlacionar esse pluralismo à determinação imposta pela necessidade de ordem e restauração de um suposto equilíbrio que, em geral, assume feições de cunho econômico, mas que, em última análise, o líder carismático tornou-se intérprete.³⁰²

Assim, “a construção que Weber faz da dinâmica histórica em termos do carisma e rotinização é uma tentativa de responder ao paradoxo das consequências não intencionais”, ou seja, o carisma pode predispor os seguidores de um determinado líder a esquecer a conveniência em favor dos valores finais de que o líder se fez porta-voz.

Weber antepõe e complementa duas ordens de vetores para a compreensão da dinâmica social da rotinização do carisma e sobre a presença do líder carismático em um mesmo ambiente de modo que, simultaneamente, “durante a rotinização do carisma, os interesses materiais de um séquito em crescimento constituem o fator mais importante”, ao mesmo tempo em que reconhece “a unidade final da análise” sendo “as motivações compreensíveis de um indivíduo isolado”.

Desse modo, a interpretação da rotinização do carisma mesmo que aborde os personagens, refuta as interpretações baseadas em irracionalismos, espírito de época e busca compreender os indivíduos a partir do que “se conservou do trabalho desses homens nas ordens institucionais e nas continuidades da História”³⁰³

³⁰¹ Ibrahim SUED. *Idem.* p. 17.

³⁰² Hans Heinrich GERTH & Charles Wright MILLS. (Orgs.). *Op. Cit.* p. 72.

³⁰³ *Idem.* p. 73.

“Não Júlio César, mas o cesarismo; não Calvino, mas o calvinismo, é a preocupação de Weber. Afim de compreender perfeitamente sua posição, temos de compreender também os seus instrumentos conceptuais: o tipo construído, as séries, o método comparado.”³⁰⁴

Pode-se acrescentar, nessa perspectiva que não Ibrahim Sued, mas o colonismo.

Para Max Weber, especialmente quando lida com o conceito de carisma:

“O homem pode ‘compreender’ suas próprias intenções pela introspecção ou pode interpretar os motivos da conduta de outros homens em termos de suas intenções professadas ou atribuídas [...]”

Ele concebia o homem individual como um composto de características gerais derivadas das instituições sociais; o indivíduo como um ator de papéis sociais. Isso, porém, só é válido para os homens na medida em que não transcendem as rotinas das instituições cotidianas. O conceito de carisma serve para sublinhar a opinião de Weber de que os homens em toda parte não devem ser vistos apenas como produtos sociais.”³⁰⁵

Ibrahim Sued compreendia sua posição nos grupos pelos quais circulava e que ele reuniu como sendo seus, seja o da boa sociedade ou de seus colegas de jornalismo. Assim, ele se colocava nesses grupos; no primeiro como partícipe e como conviva e no segundo como profissional que lidava com a notícia de uma modo peculiar.

Todavia a compreensão mais aguçada de Ibrahim Sued não deixou de voltar-se para aquele personagem que lhe foi contemporâneo, que lhe permitiu ascender pessoal, profissional e socialmente e que Sued acabava zelando como uma espécie de potestade.

Uma potestade que era a chave de seu próprio carisma:

“E nessa linha, dos que souberam construir o seu mundo próprio, o destaque especial tem que ser para Roberto Marinho, ainda que me seja forçoso vencer o constrangimento por ser ele o dono do jornal em que minha coluna vem sendo publicada ao longo de três décadas.

Roberto ergueu o seu império com extraordinária capacidade política aliada a uma vontade de ferro. Herdou do pai, junto com os irmãos, um jornal que tinha apenas 20 dias de vida, de viabilidade pelo menos duvidosa, e dele fez o que é hoje ‘O Globo’, a caminho de 60 anos de existência vitoriosa. Do mesmo modo ainda não tem com 20 anos a TV Globo – e é isto que vemos.”³⁰⁶

Na ocasião em que Sued esteve às voltas com a justiça – já mencionado anteriormente nessa seção – e com o seu poder de fogo no campo do jornalismo, especialmente na televisão; Sued revelou sua dívida de gratidão com o seu mentor.

“Um estilo na caravana

A minha presença no ‘O Globo’ causou impacto muito grande nos meios jornalísticos. E uma das reações causadas, a pior delas, foi o surgimento de

³⁰⁴ Hans Heinrich GERTH & Charles Wright MILLS. (Orgs.). *Ibidem*.

³⁰⁵ *Idem*. p. 74 e 93. *Passim*.

³⁰⁶ Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem. Op. Cit.* p. 44.

uma onda de hostilidade partida de chumbões e que variava das tentativas de fazer ironia com meu trabalho até as mais repugnantes infâmias jogadas contra mim. Em certo ponto, eu sofri mesmo uma campanha sórdida lançada por órgãos da imprensa marrom. O principal se chamava ‘Confidencial’.

Durante algum tempo, suportei os ataques mais revoltantes, até que chegou o dia em que os gângsteres ultrapassaram todos os limites e tentaram enlamear minha família, inclusive minha filha então recém-nascida. Esse era o limite. E resolvi acabar com a imprensa marrom, varrer os chantagistas, eliminar a podridão.

No princípio, contei apenas com o apoio de Roberto Marinho, que me deu liberdade no ‘O Globo’ para travar a batalha. Tentei mobilizar outras vítimas de ‘Confidencial’, ‘Escândalo’, etc., mas todos se recusavam a testemunhar no processo que abri contra tais publicações, por medo de represálias partidas de quem não tinha nenhum escrúpulo para caluniar as mais íntegras e decentes figuras da sociedade. Os outros órgãos da imprensa também silenciavam, mas eu levei a luta para a televisão, fazendo minhas denúncias no programa que fazia na TV Rio.

Um dia, Roberto Marinho foi avisado pelo então Ministro da Justiça, Armando Falcão que a revista ‘Confidencial’ tinha pronta uma edição atacando-o no mesmo estilo. Nesse ponto, outras publicações toparam enfrentar a imprensa marrom, como o ‘Diário da Noite’ e ‘O Cruzeiro’.

O Chefe de Polícia, General Amaury Krueel, que nunca me recusaria apoio, abriu processo contra os chantagistas, e afinal saí vitorioso, e as revistas de bandidos foram fechadas e alguns foram ver o sol nascer quadrado.

No caso desses chantagistas – silêncio os seus nomes não apenas por não guardar rancor contra ninguém, mas sobretudo porque possivelmente têm filhos que hoje devem ser rapazes e que talvez não mereçam ser envolvidos na indignidade dos pais – no caso destes, como eu dizia, era necessário mesmo reagir, como fiz.

Mas no geral o melhor é não dar bola. Eu sempre usei o ditado ‘os cães ladram e a caravana passa’. O que eu aprecio neste ditado é que a caravana, quando passa, não se incomoda com o ladrado dos cães porque sabe que os cães na verdade não estão ameaçando a caravana. Eles latem porque temem, rosnam porque estão assustados.’³⁰⁷

Não raras vezes Ibrahim Sued expressou sua dívida de gratidão para com aqueles que lhe franquearam os meios para ele se projetar, sua dedicatória inscrita no livro *30 Anos de Reportagem*, ao mesmo tempo em que enaltecia seus benfeitores, não perdia tempo em realçar suas próprias habilidades frente a seus detratores. Essas características do cronista apareceram, como já citado no presente trabalho.³⁰⁸ Destaca-se aqui uma vez mais a importância conferida a Roberto Marinho.

A auto proclamação de suas características como jornalista esteve presente nos textos que fez publicar. Enfatizava seu sucesso e o apoio incondicional do próprio

³⁰⁷ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 17-18.

³⁰⁸ Ver nota 265.

Roberto Marinho, a quem chamava de “Flo Ziegfeld”³⁰⁹ do jornalismo brasileiro. A passagem abaixo é uma, entre tantas outras, em que Sued, apesar de destilar vários significados em um só parágrafo, ainda assim não abdicava da sua posição de juízo maior a respeito de roupas, ornatos e comportamentos até mesmo de seu chefe amigo:

É preciso movimentar sempre. Neste movimento contínuo, participo atualmente de um programa da Rede Globo, transmitido em cadeia nacional: este repórter em cima do fato, sem parar, noticiando hoje o que todos vão comentar amanhã. Uma questão de talento e faro. Coisas que não se aprendem na escola. *Sorry*, de leve. Aliás, até o ano passado, sozinho liderei na Globo um programa durante cinco anos, com absoluta liderança no horário, graças aos extraordinários homens de televisão brasileira Walter Clark e Boni de Oliveira. E com o apoio total do meu amigo ‘Ziegfeld’ Roberto Marinho, o gênio da comunicação moderna, mérito, aliás, que nem os inimigos negam. Roberto é um homem que trabalha tanto que durante 20 anos não arranjou tempo para renovar seu guarda-roupa, só o fazendo agora...”³¹⁰

As recorrentes vezes a que Ibrahim Sued se refere a Roberto Marinho em perspectivas variadas, apenas parcialmente esboçadas ao longo do presente trabalho, já seriam suficientes para evocar a fidelidade do empregado, que se sentia protegido, conferia ao seu patrão – considerado grandioso e patriarcal.

Elementos alinhavados a esse respeito são suficientes para afirmar que: “o jornal de Roberto” era – em meados dos anos 1950 – não só a “meta” de Ibrahim Sued³¹¹, mas tornou-se – ao longo dos anos – elemento indissociável da construção do profissional no qual ele se transformou e condição necessária à “renovação” da coluna social, mas era também a condição suficiente da edificação do seu próprio carisma, já que parecia estar garantido o estilo com o qual ele se lançava em direção aos fatos que reportava e sua inclinação para oferecer apreciações personalíssimas – muitas vezes aparentemente inapropriadas – acerca de tudo o que noticiava.

5.4 A grande mudança na trajetória de Ibrahim Sued e os segredos que ele jamais confessou

Ibrahim Sued relata uma verdadeira guinada em sua vida profissional nos anos 1960, ele atribuía essa mudança ao contexto político vivido. Sob a sua ótica o Brasil vivia

³⁰⁹ Florenz Edward Ziegfeld Jr. (1867 -1932), empresário estadunidense da Broadway, inovador no campo artístico, teatral, musical, publicitário e jornalístico. Exerceu grande influência sobre artistas, pessoas e empresas consolidando-se com um ícone das comunicações e da mídia em seu tempo.

³¹⁰ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar. Op. Cit.* p.133.

³¹¹ Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem. Op. Cit.* p. p. 25.

uma espécie de gangorra que ia do equilíbrio ao desequilíbrio e vice-versa: “ficou rico da noite para o dia, ou pelo menos pensou que ficou. E passou a agir como *nouveau riche*.”³¹²

“Da minha perspectiva pessoal, estava na cara a necessidade de me adaptar ao mundo novo que surgia. E eu não hesitei. Nessa época, eu já sofria influência do estilo de coluna feita nos Estados Unidos por Walter Wintchell, e sobretudo de Elza Maxwell, de quem me tornei grande amigo.

Não mais havia lugar para uma coluna meramente social, e eu enveredei pelos assuntos políticos, econômicos, artísticos, ampliando o elenco das minhas fontes e fazendo então, como faço até hoje, uma coluna ultra-informativa, dando com frequência, furos não raro internacionais e exposta a raríssimas retificações, pois tenho extremo cuidado com a procedência do que noticio.

Sou também, como qualquer jornalista que se preza, absolutamente rigoroso na proteção das minhas fontes, mantendo-as em reserva total, a menos que não haja razão para isso. Por exemplo: durante muito tempo dei notícias quantíssimas sobre os nossos literatos, que tudo faziam para descobrir quem me revelava os segredos do meio. Hoje posso dizer, com o testemunho de Hélio Gaspari, que trabalhou na minha coluna, que era nada menos que o meu amigo Guimarães Rosa o principal informante da área – e nunca sofri um desmentido de notícia dada por ele.”³¹³

Pelo exerto acima pode-se dizer que, embora Sued fosse useiro e veseiro em afirmar que era um jornalista que estava em movimento, que se adaptava às mudanças do mundo e que se esforçava para permanecer “em cima do fato”, é interessante observar que ele trazia como contraponto a uma interpretação política ao lado da apresentação de uma fonte de cunho literário. Tudo isso para dizer que era rigoroso na proteção de suas fontes.

Até aqui sabemos que Ibrahim Sued renovou a coluna social na sua forma e no seu conteúdo, foi por meio dessas iniciativas que se projetou e percorreu todo um processo de ascensão social construindo não só um novo estilo, mas delimitando um novo campo no campo do jornalismo: o campo da coluna social.

Todavia, o que não fica claro para se compreender é: como ele reuniu condições de, além de alçar à posição de cronista social, ter atingido a condição de ser porta voz da parcela da sociedade veiculada em sua coluna, ou seja, como ele conseguiu se distinguir e, além disso distinguir-se como um líder carismático, respeitado, temido e capaz de repercutir suas notícias apesar do modo peculiar com que essas notícias eram construídas.

“[...] quando afirmo, por exemplo, que foi graças a mim que o colunismo ganhou no Brasil a mesma importância que tem na Europa e, principalmente, nos *States* [...]

³¹² Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem. Op. Cit.* p. 45.

³¹³ *Ibidem.* (Ver também nota 268).

Por isso, tranquilamente, posso afirmar que quando comecei a escrever, eu criava simultaneamente uma nova fórmula para a crônica social. Uma fórmula que não só marcou época, como deu origem a novos cronistas, além de transformar a imprensa brasileira.[...]

Mais tarde, no meu colunismo, os jornais descobriram que o assunto ameno, sobre a mulher, moda, sociedade, artistas de cinema, arte ou literatura, é o que mais agrada à maior parte dos leitores; tanto que o colunismo é hoje ‘obrigatório’ em qualquer jornal, embora, atualmente, existam muitos amadores picaretas e ‘marrons’, e naturalmente os bons.

Mas os diretores de jornais vieram a descobrir tudo isto e algo mais – no meu colunismo – e foi um custo fazer com que descobrissem a matéria-prima deste colunismo, eu Ibrahim Sued.

Hoje, modéstia à parte, *sou um homem que forma opinião pública*.

Hoje, sem problema de roupa ou problema de *pedigree*, afirmo: sou imortal sem fardão [...] criei novas palavras e expressões que se incorporaram ao vocabulário popular [...].

Fui até letra de samba e personagem de novela.”³¹⁴

Quando Ibrahim Sued refletiu sobre o seu próprio percurso, ele não escondeu a relação entre sua origem modesta, precariedade de formação escolar e os traços dessas limitações persistentes no seu estilo. Ele acreditava que entre vários atributos de que se considerava partidário lhe explicassem parte de seu sucesso. Entre eles: “aspecto físico”, “disposição para o trabalho”, “argúcia como repórter”; mas no seu juízo a respeito da combinação entre todas as variáveis, ele conferia relevo e importância ao estilo que o identificava com a “massa dos leitores e dos ouvintes e dos telespectadores”. Ao se conferir a passagem a seguir pode-se ter uma apreciação mais clara de sua auto interpretação:

“Minha própria pobreza material, suportada durante a infância e a adolescência naquele bairro da classe média que no meu tempo cochilava entre a Tijuca e Vila Isabel, tinha dificultado meus estudos, e algumas deficiências me embaraçaram um pouco no noviciado jornalístico.

As regras gramaticais, no entanto, não são mais difíceis de aprender do que as outras, até mais valiosas, como as morais.[...]

Até que me dei conta de que aqueles tropeços iniciais tinham se convertido numa característica, naquilo que eu chamo o meu estilo. E esse estilo me identificava com a massa dos leitores e dos ouvintes e dos telespectadores, não porque eles necessariamente também adotassem tal maneira de se expressar, mas porque eu assim demonstrava que era um deles, um estranho ao meio social cujos segredos eu desvendava para eles com a idoneidade de quem tudo assistia com isenção: alguém de fora, sim; mas capaz de amar e compreender aqueles personagens maravilhosos, feitos de cores e música, os magnatas e suas famílias em seus aspectos menos competitivos, mais atraente, mais nobres. É mais nobre fazer-se nobre do que nascer nobre.

³¹⁴ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar*. Op. Cit. p. 15-17.

E de fato eu gosto deles e delas. Eu gosto da maneira eles e elas se vestem, comem, moram, viajam, e gosto da maneira como elas amam, descontraidamente, donas de si mesmas.[...]

Então, só para concluir essa questão dos erros de português: eu sei há muito tempo todas as regências do verbo assistir, mas não gosto de usar crase mesmo quando emprego esse verbo com o significado de presenciar um espetáculo. Por isso nunca usei. E até reclamo no jornal quando algum copidesque distraído pensa que está me corrigindo. Hoje eu noto que muita gente também já usa o mesmo verbo com o mesmo sentido e sem crase. Quer dizer: eu sou precursor nessa mudança (e em outras) da nossa língua. E sou porque me considero dono das minhas crases e das minhas vírgulas. Eu sou o Guimarães Rosa do jornalismo. Criei!”³¹⁵

Para além das questões oriundas da relação entre estilo e popularidade como colunista social, do ponto de vista de suas habilidades como repórter, Ibrahim Sued deixava, em passagens breves, entrever aquilo que talvez tenha sido o cerne do seu sucesso mas a análise aqui desenvolvida julga insuficiente essa auto interpretação.

Mesmo acreditando que fazer amigos era o segredo que considerava a “chave do [seu] su jornalístico”; mesmo relatando um amplo espectro de nomes e, entre eles muitos políticos; mesmo asseverando que alcançava essas pessoas em “ronda jornalística”; mesmo elencando um amplo leque de realizações sociais trazendo estrelas internacionais ou organizando festas beneficentes que se tornaram famosas; Ibrahim Sued não correlacionava o seu sucesso ao fato de ter entrada franqueada em círculos que, na maioria das vezes eram vedados a outros jornalistas.

“Porque para o colunismo que desejava fazer era necessário ter penetração em todas as áreas. Quando chegou a hora movimentei o Rio nos mais variados setores.”³¹⁶

Apesar de Ibrahim Sued ter se referido a essa movimentação citando sua participação na vinda de artistas internacionais para o Rio de Janeiro e na realização de eventos como: o Baile Internacional das Debutantes, o Baile da *Glamour Girl*, os Desfiles Bangu, Os Dez Mais Elegantes, As Dez Mais Elegantes, A *Hostess* do Ano; ele posicionava essas realizações entremeadas a informações como:

“No meu colunismo, aproveitando as lições herdadas e utilizando-as de acordo com as necessidades e contradições nacionais, já atuei ao lado de presidentes da República, fiz campanhas contra metas de governo – como no caso de Brasília quando fui dos raros jornalistas a declarar que Juscelino estava abandonando o Rio e construindo uma capital às pressas – colaborei com o ex-Presidente Jango Goulart, de quem antes fora terrível inimigo político,

³¹⁵ Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem. Op. Cit.* p. 18-19.

³¹⁶ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar. Op. Cit.* p. 19.

tendo posteriormente conspirado para derrubá-lo na Revolução de 31 de março.”³¹⁷

Noutras ocasiões Ibrahim Sued não foi econômico em elencar sua proximidade e detalhes dessa condição de proximidade descrevendo nuances de colóquios pessoais com vários políticos e seus familiares, na sua grande maioria presidentes da República, ou personalidades detentoras de cargos importantes, ou aspirantes a cargos políticos de destaque – governadores, prefeitos, ministros, etc., todos com algum nível de acesso a informações privilegiadas.³¹⁸

“Como eu apoiei a Revolução desde o começo, era cada vez maior o número de informações políticas na minha coluna, tanto mais que em todo o Governo Castello Branco em quase dois anos de Governo Costa e Silva houve absoluta liberdade de imprensa no país, só interrompida com o AI-5.”³¹⁹

“Depois da Revolução, entre outros episódios, participei da popularização de um candidato à presidência: o Marechal Arthur da Costa e Silva, então Ministro da Guerra e que disputava com outro General, Cordeiro de Farias, a preferência dos militares à sucessão de Castello Branco. Nesta campanha, o meu poder de comunicação foi de grande importância. E o carinhoso apelido de ‘Seu Arthur’ que popularizei consolidou a imagem do falecido presidente.”³²⁰

Em que pese a compreensão enviesada que Sued tinha de liberdade de imprensa, fato que torna a citação acima consideravelmente inapropriada do ponto de vista daquilo que hoje se sabe a respeito da relação entre os militares e a imprensa no período acima referido, é de se salientar a noção de que ele era herdeiro de lições; e que as empregava de acordo com necessidades e contradições do momento. As indagações que surgem nesse ponto da análise são quanto a quem tais necessidades atendia e quem ministrava as ditas lições. Observe-se as descrições abaixo:

“Empossado Costa e Silva, visitei-o várias vezes em palácio. E lá me encontrava com o chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI); desenvolveu-se entre nós uma cordial camaradagem, e surgiu uma *private joke*. Quando ele se dirigia para despachar com o presidente, me mostrava a pastinha que continha os documentos referentes ao despacho e me perguntava: ‘Quer trocar pelo seu caderninho?’ Naquela época eram poucos os que podiam imaginar que – General Emílio Garrastazu Médici – seria o próximo presidente da República.

Essa pedra eu cantei com seis meses de antecedência. Se vocês forem olhar o primeiro número de um certo semanário carioca – muito famoso na época e que hoje ninguém mais lê -, encontrarão um entrevista minha em que me perguntavam: ‘Depois de Seu Arthur, quem o sucederá?’ Isto muito antes do

³¹⁷ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 22. (Grifos nossos).

³¹⁸ Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem. Op. Cit.* p. 49-53.

³¹⁹ *Idem*. p. 50.

³²⁰ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar. Op. Cit.* p. 22.

presidente ficar doente. Respondi tranquilamente: ‘O General Emílio Garrastazu Médici.’ Na época chefe do SNI, o General Médici era um homem de gabinete, atuando nos bastidores, sem maior repercussão popular nacional. Mas não deu outra (*Sorry*, sou um bem informado).³²¹

Em um refinamento da análise desse movimento da coluna social de Ibrahim Sued em direção aos fatos políticos, pode-se dizer que o colunista trabalhava para uma organização e essa organização possuía seus proprietários, que não estavam descolados dos interesses e necessidades e, nesse sentido, o trecho recolhido abaixo oferece uma dimensão muito clara de como, no jogo político nacional, as organizações Roberto Marinho e a Ditadura Militar estava sendo travado:

“Médici acabou sucedendo Costa e Silva antes do tempo, em virtude da doença que viria a matar o Presidente Arthur.[...]

Com Geisel foi diferente: o meu amigo General Antonio Barros Nunes (Cacao) telefonou-me e propôs um almoço do qual participou Fernando Aguinaga. Cacao me perguntou: ‘Você tem alguma coisa contra o Ernesto?’ (Era assim que ele e o General Golbery se referiam ao então Presidente da Petrobrás Ernesto Geisel). Eu disse: ‘Não’. Aí, Cacao me pediu absoluto segredo e contou: ‘Se o Orlando (General Orlando Geisel, então Ministro do Exército) não for candidato à sucessão de Médici, vão empurrar o Ernesto...’ Eu respondi: ‘Bem, se tem de ser um militar, porque não o Geisel, que é um bom administrador da Petrobrás?’ Então Cacao pediu que desse uma cobertura ao nome de Geisel ‘Porque ele é muito duro e quase não ri’. Foi aí que pela tevê e pela minha coluna, eu passei a falar muito em EG... pouco depois segredei para o ex-foca Elio Gaspari, que é um dos chefes da Veja: ‘É segredo, mas você prepara a capa porque Geisel vai ser o presidente.’

A pedido de Cacao, articulei um almoço entre Roberto Marinho e o General Ernesto Geisel para que os dois se conhecessem melhor. O almoço se realizou e, na tarde desse mesmo dia, Roberto me recomendou: ‘Vê se consegue saber discretamente o que foi que o Geisel achou de mim.’ Eu procurei então o Cacao para um papo jeitoso, mas ele logo de cara foi me dizendo: ‘Ibrahim, me ajuda: O Ernesto está querendo saber o que foi que o Roberto Marinho achou dele.’

Quanto ao atual Presidente Figueiredo, eu senti quando um dia, um ano e meio ou dois (não me recordo) antes de sucessão, o jornalista Walter Fontoura, editor do ‘Jornal do Brasil’, meu colega e amigo desses 30 anos, telefonou-me e pediu-me: ‘Você pode fazer um favor? Não mencionar mais o nome do General João Figueiredo, só em ocasiões oficiais’.

Aí eu tirei a pinta... Também não perguntei ao Walter quem lhe pediu. Ou quem lhe mandou pedir que me procurasse com aquele apelo. Aquilo me bastava como informação.”³²²

Se para Ibrahim Sued uma ligação telefônica teria sido capaz de retirar o último dos presidentes da Ditadura Militar de sua coluna é porque ele sabia ler o contexto em

³²¹ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar. Idem.* p. 195. (Grifos nossos). {Citação repete trecho da nota 277}.

³²² Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem. Op. Cit.* p. 53.

que essa informação teria sido dada. O recado rompia uma longa cadeia de favores trocados durante os anos em que, sob censura, o jornalismo encontrou na sua coluna social uma válvula não só para que as notícias fossem veiculadas, mas para que os acontecimentos fossem fabricados pelas notícias.

Em uma ocasião, entretanto, ocorrida no final da década de 1980, talvez a sua sensibilidade já estivesse falhando, ou a sua proximidade com Roberto Marinho já não fosse das mais frutuosas:

“Em 1989 sua coluna em *O Globo* foi suspensa por 24 horas como represália de Roberto Marinho devido à publicação de uma nota em que informava que o então deputado Ulisses Guimarães iria processar a TV Globo em função das críticas feitas à sua pessoa por meio de um personagem da novela *Salvador da Pátria* (levada ao ar dez anos depois com o nome de *Roque Santeiro*.”³²³

Os trechos acima coligidos reúnem força suficiente para se afirmar que Ibrahim Sued se tornou uma espécie de porta voz dos interesses de *O Globo* durante a Ditadura Militar e, por conseguinte, de seu emblemático presidente Roberto Marinho. Sued transitou pelos meandros que Roberto Marinho enquanto proprietário do jornal não poderia transitar, sendo possível elocubrar a respeito dele ser a pessoa a quem Sued se referia quando mencionava “lições herdadas”, “contradições” e “necessidades”.

Por fim, quando Ibrahim Sued se proclamava:

“Homem de comunicação, tenho procurado sempre utilizar todos os meios que me permitam alcançar um público cada vez maior: primeiro o jornal, depois o rádio, mais tarde a televisão. Do Rio (e do exterior) através de minha máquina de escrever, microfones e câmaras, me dirijo a todo o País; sei me restringir a qualquer campo: da sociedade à política, com muita arte, onde estiver a notícia está o repórter que nunca deixei de ser.”³²⁴

“Procurando sempre manter meu público bem informado, dar a notícia em primeira mão...”³²⁵

Talvez o que Ibrahim Sued jamais tenha admitido é que enquanto ele fazia reportagens ele as produzia a partir de um lugar de fala e de um lugar de pertencimento e esse lugar não apenas transmitia fatos e acontecimentos como uma pessoa por detrás de uma máquina de escrever. Fatos e acontecimentos passavam por um processo de produção da notícia que ele muito bem conhecia. Conhecia tanto, a ponto de saber que um simples apelo do concorrente lhe bastava como informação.

³²³ FGV CPDOC. Sued, Ibrahim * Jornalista. **Verbete**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sued-ibrahim>. Acesso em 15. Jan. 2018.

³²⁴ Ibrahim SUED. *20 anos de caviar*. *Op. Cit.* p. 131.

³²⁵ *Idem*. p. 133.

Ibrahim Sued tinha adquirido o *habitus* do campo, havia reestilizado o seu estilo e reorganizado o seu círculo no interior desse campo. Ibrahim Sued tornou-se o porta voz de notícias em primeira mão e, em decorrência disso, edificou o seu carisma de “o mais importante colunista social do país”. Um carisma cujo o limite era decorrente da força a ele conferida pela figura que ele representava tanto do ponto de vista dos interesses, como do ponto de vista dos ideais: Roberto Marinho.

Ibrahim Sued escreveu e falou muito, ou melhor escrevia mais ou menos da mesma maneira com que falava. Empregava a metáfora de modo recorrente:

“Onde estiver o **quente** estou eu. Um colunista, entretanto, não pode se limitar a viver do que já é. Tem de descobrir o que vai ser. E se meu faro falhou no episódio do suicídio de Vargas, vários acontecimentos posteriores demonstraram que eu podia confiar nele.”³²⁶

Quanto ao episódio do suicídio de Getúlio Vargas, aparecia invariavelmente em muitos dos seus comentários, especialmente aqueles relacionados às lições “herdadas” da profissão. Entre um livro e outro, publicados no período de 1966 a 1986 Sued contava e recontava os acontecimentos e os episódios que testemunhou. Não variava muito o tom, acrescentava ou suprimia pessoas de acordo com a conveniência do momento, mas as questões de fundo moral, que julgava serem as mais importantes do ponto de vista do seu próprio aprendizado, estas sim, de metáfora em metáfora deixavam claro que o modelo adotado era mesmo o envergado por Roberto Marinho.

“E nos últimos anos o império tem crescido em progressão geométrica, sem que Roberto altere sua maneira de ser. O espírito esportivo, que sempre o levou a preferir os esportes mais arriscados, como a caça submarina e o hipismo, e o equilíbrio perfeito entre a prudência e a temeridade, que o mantiveram ileso ao longo dos mais agitados 60 anos da História do Brasil. Os filhos de Roberto, Roberto Irineu, na TV, João Roberto, no jornal, e José Roberto, já despontam como garantia de que sua obra permanecerá.”³²⁷

O contraponto ao modelo de moralidade predominante nas altas esferas da sociedade brasileira, atualizado pela família Marinho no Rio de Janeiro, aparece mais ou menos como um reforço positivo àquilo que Sued considerava ter deixado de predominar. Note-se que ele nega a condição de *playboys* a determinadas figuras, mas não de modo pejorativo. Na citação abaixo e possível depreender características importantes do novo homem que defendia ideais liberais no âmbito de um quadro extremamente conservador:

“O leão assustou

³²⁶ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 155. (Negrito do autor).

³²⁷ Ibrahim SUED. *30 Anos de Reportagem. Op. Cit.* p. 44. (Essa citação é a exata continuidade da de número 302).

A característica talvez principal do playboy é atuar no imprevisível. O playboy é aquele que ousa tudo, menos desafiar o Leão. O Leão. Da Receita Federal. De modo que quando o Leão entrou em cena, em 1964, uma das coisas que ele provocou foi a decadência do playboy brasileiro.

O Leão evoluiu, se sofisticou. O playboy não. [...]

E como o playboy não teve jogo de cintura para enfrentar o Leão, acabou praticamente desaparecendo. Mas já foi instituição, tanto mais prestigiosa quanto mais restrito o número dos que mereceram o título controvérsico de playboy.

Se eu tivesse que escolher um brasileiro para lhe atribuir o n.º 1, sem dúvida indicaria Jorge Guinle.

Antes de mais nada porque, justiça seja feita, Jorginho nunca trabalhou.[...]

Acima de tudo – horror dos horrores – Jorginho Guinle NÃO JOGA PÓLO, e em matéria de cavalo rejeita até mesmo passeio de charrete naquela pracinha da Muda – e isso infelizmente o retira do primeiro nível internacional.

Já Wallinho Simonsen era mais completo, embora menos brilhante. Ele JOGAVA PÓLO, assim como Paulo Fernando Marcondes Ferraz e Ronaldo Xavier de Lima, mas um e outro tinham um certo tédio às demais características do playboy. Por exemplo, preocupam-se com coisas sérias como ganhar dinheiro e assim não sustentaram aquela capacidade de chocar as pessoas, também necessária à classificação. Tony Mayrink Veiga tinha credenciais, mas se perdeu completamente: primeiro fazendo um casamento perfeito, com Carmem Terezinha Solbiati, até hoje uma locomotiva de padrão internacional, e em segundo porque sempre tratou dos seus altos negócios. Também Dirceu Fontoura desistiu antes de consagrar-se, resumindo tudo aos belos passeios no seu iate ‘Atrevida’ – assim como Ermelino Matarazzo, um herético, pois em vez de pólo queria ser goleiro de futebol e provavelmente é um dos que amalharam, em breve carreira, o maior número de bolas entradas no último reduto. Mariozinho de Oliveira tinha muita inventividade, mas sempre sofreu um defeito mortal. Gostava de rachar despesas nas boates.[...] Leopoldo Modesto Leal figurou, todavia, com escassas credenciais: jamais ter trabalhado e cultivar carros de várias marcas. Em São Paulo surgiram mais tarde Toninho Abdalla e Chiquinho Scarpa, mas os dois acabaram refluindo para uma posição mais discreta, sobretudo Chiquinho, que experimentou dissabores em cortes internacionais, que até a mim causaram problemas.

De modo que – não sei se por bem ou por mal – não somos fortes em matéria de playboy.”³²⁸

Ainda que Ibrahim Sued não tenha declarado textualmente, o modelo de moralidade e de ideais transformados em ação que ele desposava era mesmo o da família Marinho. Essa, no exemplo de Roberto que: havia atravessado os tempos com temperança, havia conservado na sua pessoa a habilidade de jogar pólo, havia progredido nos negócios e que mantinha-se na cena internacional por meio dos negócios de mídia.

O que não ficava claro até aqui é em que medida Roberto Marinho pagava as contas nos encontros com outras pessoas, ou em que medida as organizações de mídia

³²⁸ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 42-43.

por ele administradas conseguiam driblar o Leão, de modo que Sued não o catalogou entre os *playboys*, mas ainda assim, atuava fortemente em favor de seus interesses:

“O Leão no começo rosnava muito, urrava, apavorava – tempos do Dr. Travancas. Hoje, tempo do Dr. Dornelles, meu amigo Chico, o Leão se pudesse miava, de tão manso que parece ser, mas não perdeu nem um pouco do apetite, antes pelo contrário. Leão mineiro é assim: devora a vítima pela beira, como se fosse um mingau.”³²⁹

E, nesse passo, ficavam claras quais eram, de fato, as contradições que se apresentavam diante das necessidades: grupos da alta roda, especialmente a partir dos negócios e do trânsito pela política, deveriam ostentar uma vida cheia de grandes ocasiões e de elevado *glamour*. Era, todavia, na vida social, no âmbito do modo como as coisas eram feitas entre os estabelecidos, no plano do simbólico, ou seja, era nessa esfera que a cultura da troca de favores se apresentava com mais clareza. E era, portanto, no plano da coluna social e nas formas midiaticizadas de sua veiculação que esse poder simbólico aparecia frente ao público mais amplo como que um poder quase que incompreensível.

As oportunidades deveriam ser aproveitadas com liberdade diante das contradições e das necessidades. E, as necessidades advinham do relacionamento entre Estado e Sociedade Civil, entre serviços públicos e concessão desses serviços no âmbito privado.

As contradições evidenciavam a importância que um liberalismo de caráter conservador assumia e, nessa medida, a figura de um jornalista de projeção, de ambição e de gosto pelo que fazia e como fazia se sobressaíram. Isso tudo acontecia diante da constante necessidade que Ibrahim Sued tinha de afirmação social e esta estava condicionada ao seu sucesso pessoal e profissional.

“Foram exemplos, nesse caso [compromisso com a qualidade jornalística], a introdução do novo modelo de colunismo social, que, na pena de Ibrahim Sued mesclava o mundo da alta sociedade com furos sobre a vida política nacional, e a adoção de técnicas mais modernas de fotojornalismo. Assim, ao peso opinativo de seu conteúdo, *O Globo* conseguiu agregar a força e o prestígio de sua penetração tornando-se um campeão de circulação à época. Externamente à redação, o grupo empresarial de Roberto Marinho, do qual participavam os seus irmãos Rogério e Ricardo, também crescia, com a criação e o sucesso da rádio Globo.”³³⁰

Tudo isso Ibrahim Sued alcançou e isso se deveu ao seu senso de oportunidade frente a contradições, manifestava-se nele um senso que era capaz de identificar o quê de

³²⁹ Ibrahim SUED. *Idem*. p. 42.

³³⁰ Fernando LATTMAN-WELTMAN. Evandro Carlos de Andrade. *O Globo: independência na ordem*. In: ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando e ROCHA, Dora. (Orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 17.

fato as pessoas queriam e o que delas poderia ser publicado. Identificar os interesses das pessoas era, talvez, a maior habilidade de Ibrahim Sued e, em decorrência dela, ele coadjuvou com várias forças no sentido de construir um fenômeno: o seu carisma a partir do colunismo social que o fez ser reconhecido, ao seu tempo, em plano similar ao de seus padrões.

Essa façanha só poderia ter sido alcançada por alguém que era plenamente capaz de pensar e interpretar a sociedade em que vivia e o jogo de forças nela predominante; acima de tudo, sabendo extrair dela os melhores benefícios pessoais: em especial os benefícios relacionados ao manejo de informações privilegiadas. Aquelas capazes de realizar as expectativas futuras.

SEÇÃO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da investigação apresentada nesse trabalho foi entender a coluna social e como, por meio dela, a trajetória de colunista do jornalista Ibrahim Sued requalificou e reorientou o que se pode entender pela modalidade de coluna social praticada a partir de então: o colunismo social.

O colunismo social, nessa perspectiva, pode-se afirmar: é revelador do comportamento social, mas esse processo de desvelamento desse comportamento e como ele se manifesta não seria possível sem o cotejamento dessa atividade com o estilo que lhe foi impresso por Ibrahim Sued ao longo de sua trajetória profissional.

É por meio da imprensa que crônica social se apresenta ao público e ela tem a importância de destacar o que acontece entre as pessoas do chamado *high society*, bem como de informar um público leitor que participa e coparticipa do *ethos* de um mundo considerado seletivo.

Ao estudar o colunismo social na cidade do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1950 a 1980, e focalizar a trajetória de Ibrahim Sued como o jornalista de maior destaque na atividade de colunista social procurou-se compreender o movimento da sociedade, em especial da sociedade do Rio de Janeiro, com maior ênfase nos locais e pessoas que esse movimento acontecia, bem como evidenciar suas escalas de valores e estruturas de poder correspondentes.

O colunismo social, firmou-se no âmbito desse movimento e alcançou considerável público leitor e, ao se constituir em uma atividade reveladora da sociedade, constitui-se em campo de atividade sócio profissional que tem sua manifestação no âmbito do jornalismo. Ibrahim Sued soube transitar pelo jornalismo e, por meio dele, tornar-se um ícone social na especificidade jornalística do colunismo social.

Por intermédio do colunismo social Ibrahim Sued ditou normas, enalteceu uns e denegriu tantos outros, pode-se dizer que as relações de comunicação são sempre permeadas por relações de poder e é na tessitura dessas relações que se pode produzir e acumular poder simbólico de modo que, para as questões nesse trabalho tratadas, a troca de favores emergiu como elemento fundamental característico dessa modalidade de poder.

O poder simbólico nos meios de comunicação se afirma por meio da linguagem como poder de fazer ver e de fazer crer. É nessa modalidade de poder simbólico que os grupos nele envolvidos tentam não só angariar *status*, mas buscam, sobretudo, ampliá-lo e, com isso, desencadeiam papéis simbólicos de poder que podem ser reforçados ou minimizados em função da coluna social. Da exacerbação do emprego da coluna social nos meios de comunicação como forma de poder afirma-se o colunismo como atividade recorrente.

Para desvendar essa modalidade de poder simbólico foi necessário buscar a correspondência de suas estruturas, basicamente, a partir dos dois conceitos que o qualificam: o de campo e o de *habitus*. O campo aqui foi considerado como um espaço de disputas, em que os agentes sociais buscam, por meio de relações sociais específicas, um maior espaço de influência. O *habitus* é o conjunto de práticas e percepções adquiridas pelos agentes sociais conforme sua vivência e interesses nas ações que qualificam o campo.

Assim, o objetivo de entender como Ibrahim Sued, em sua vida profissional, se inseriu na alta sociedade da cidade do Rio de Janeiro e ascendeu nesse nicho social, bem como o objetivo de refletir como o poder simbólico, o jogo de poderes, as figurações envolvidas nesse jogo, as relações de interdependência entre as pessoas e a troca de favores identificada na coluna social impactou na caracterização de um estilo de vida adotado por Ibrahim Sued. Esse estilo de vida atuou como uma espécie de indicador que o fazia se enredar socialmente por entre os espaços frequentados pelos seus colunáveis, e ainda, tornar esse entrelaçamento uma forma de divulgação desse estilo para o consumo de seu público leitor.

Ibrahim Sued se colocava como um colunista social que se destacava pela habilidade de produzir furos de reportagens, por fazer circular essas notícias entre os “caixas-altas”, em especial aqueles que atuavam na cidade do Rio de Janeiro, e por ter essas notícias repercutidas entre aqueles que, assiduamente, eram seus leitores: “os caixas-baixas”.

Para depreender isso das fontes consultadas foi necessário entender o contexto social, político e econômico da sociedade do Rio de Janeiro no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, contexto esse marcado pelo fato do Rio deixar de ser a capital da República do país, e também, os acontecimentos que se seguiram até meados dos anos 1980 – ocasião em que a Ditadura Militar concluiu o seu período histórico.

Deve-se esclarecer o leitor desse trabalho que o personagem Ibrahim Sued, durante o caminhar dessa investigação, exerceu certo fascínio que pode enviesar as reflexões nela contida. Esse risco foi, entretanto, foco permanente de atenção no transcurso daquilo que foi aparecendo como resultados esperados.

Aquilo que inicialmente se punha como tarefa de entender como um filho de imigrantes libaneses, ou seja, um *outsider*, chegou à posição de ser um colunista social, talvez o mais importante colunista social do Brasil, e como o colunismo se notabilizou a partir dele, foi incorporando novas perspectivas ao mesmo tempo que ia dando conta das mudanças experimentadas pelo próprio objeto da pesquisa.

Assim, buscar respostas para as seguintes questões: para quem Ibrahim Sued escrevia? Sobre o que escrevia? Para que sociedade escrevia? Passou a constituir-se em exercício de desvendamento de um tempo e de um espaço, ou seja, os Anos Dourados do colunismo social de Ibrahim Sued na cidade do Rio de Janeiro. Para, a partir daí, traçar uma sequência de leituras que trouxessem algum aprofundamento na compreensão do fenômeno.

Os diversos livros e as mais de quinze mil colunas produzidas por Sued gerariam interrogações, interpretações e reconstituições. Essas fontes poderiam ser reveladoras do que ele escreveu, ensinou, pontificou – do ponto de vista da moralidade vigente - e ditou – do ponto de vista das regras de comportamento usualmente aceitas. Ibrahim Sued escreveu sobre etiqueta, sobre moda, sobre modos e também sobre o cotidiano da política e da economia em vários momentos de sua época. Acima de tudo, muitos aspectos dessas dimensões apareciam como furos de reportagens.

Todavia, compulsar todas essas fontes, em especial o trabalho de selecionar coluna por coluna, dia após dia, acabou se tornando impossível. Isso porque o arquivo pessoal de Sued não esteve disponível durante a realização dessa pesquisa.

Para dar conta desse percurso foram eleitos os livros por ele publicados, nos quais parcela dessas colunas foram selecionadas pelo próprio Sued e pela sua filha Isabel Sued, que, recentemente, publicou uma síntese na qual se vale de escritos contidos no arquivo pessoal de seu pai, hoje em seu poder.

Outro aspecto que se buscou entender a partir da coluna social era o mundo das diferenças, ou seja, das desigualdades sociais, entre os colunáveis e não colunáveis e como esse mundo apareceu, ou seja, como forma edulcorada de apresentação de assuntos potencialmente conflituosos e não como exacerbação de arestas sociais, mas sobretudo, como instrumento de afirmação e reafirmação de posições sociais. Para tanto, a pesquisa

ancorou-se em Norbert Elias; foram importantes nesse sentido, as lições extraídas de: *Os estabelecidos e os outsiders*.

As figurações sociais protagonizadas por aqueles que “chegaram depois” – contracenando com as representações do *status quo* vigente – foram colecionadas por intermédio do colunismo social de Ibrahim Sued. Reconhecer como essas figurações foram indispensáveis para a compreensão do percurso que ele realizou ao passar de *outsider* a estabelecido foi uma tarefa adicional do trabalho. As figurações foram fundamentais no trabalho de desvendamento de que a distinção social é, na coluna social, algo deliberadamente construído no mesmo caminho pelo qual transitava a produção da notícia.

Apesar de ser um percurso emblemático, essa trajetória carregava marcas reveladoras da construção de uma trama de dependência e de interdependências entre colunista, colunáveis e público leitor. Então, o que ficou registrado nessa trama e nas colunas que foram transformadas em livros são reveladoras do que aparecia nos jornais, no rádio e na televisão, em especial sobre quais eram as pautas tratadas nesses meios de comunicação ao tempo em que o colunismo social viscejou.

Esse processo de construção da imagem de Sued, além de ter exercido considerável fascínio durante a pesquisa, uma vez que envolvia visíveis inovações na forma de lidar com o jogo de poderes e também uma arquitetura de relações moldadas para angariar prestígio. Ao empregar meios de fazer com que personalidades fossem notadas e, com isso, se tornassem reconhecidas; Ibrahim ia edificando um eu colunista que se tornou indispensável entre aqueles que se celebrizaram em sua coluna.

Norbert Elias ofereceu a esse trabalho um arcabouço teórico que se estendeu para além de: *Os estabelecidos e os outsiders*. Esse arcabouço esteve delimitado também em *A Sociedade de Corte* e em *La dynamique de l'Occident*, especialmente naquilo que dizia respeito à interpretação dos “códigos” e dos “componentes originais” que engendravam a tessitura das dependências que ligavam os indivíduos em reciprocidade, bem como naquilo que revelava processos de condicionamentos sociais capazes de evidenciar formas de coerção social hierarquicamente descendente e reforçadoras de manifestações de auto controles e de auto coerções, ambas certificadoras de modo típicos do agir civilizadamente.

Com a obra de Pierre Bourdieu o presente trabalho dialogou, entre tantas, particularmente com *A economia das trocas simbólicas*, com *O poder simbólico* e com *La distinción: critérios y bases sociales del gusto* e, para muito além dos conceitos de

campo de *habitus* – indispensáveis na presente pesquisa – a contribuição bourdiana exerceu o importante papel de permitir uma forte junção com expectativa de coerência entre os achados fragmentários encontrados nas fontes e a possibilidade de interpretação no âmbito das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais predominantes na sociedade de então e na qual as estruturas do simbólico apareciam como desdobramentos figurativos, mas nem por isso menos importantes.

Nesse passo, o trabalho escrito por Charles Wright Mills denominado *A elite do poder* permitiu entrelaçar os aspectos das disputas hierárquicas desenvolvidas no *Café-Society* na medida em que as celebridades disputam espaço de publicidade nos meios de comunicação em massa. Nesse sentido, foi esclarecedora a análise desenvolvida por ele tendo por base as *gossip columns* estadunidenses.

A coluna social e sua evolução no Brasil transitou de comentar sobre acontecimentos e cerimônias, desde a ocasião em que ocupava os espaços nos rodapés dos jornais, até chegar a páginas inteiras, cadernos e até publicações especializadas.

A coluna social pode ser vista também, como uma narrativa cuja linguagem se constitui a partir de um texto mais informal e que relata os acontecimentos do dia a dia sobre a vida das pessoas. Essa modalidade de crônica se caracterizou por ser gênero literário único destinado a ser veiculado nas páginas de jornal para informar os leitores sobre acontecimentos de cunho social que – com as inovações introduzidas pelo personagem aqui tratado – foi ganhando colorido político, econômico e, em determinadas ocasiões, até religioso para, com isso, assumir uma função de ativismo jornalístico.

Muitas vezes o objetivo da coluna social se restringe apenas a promover as pessoas, exaltando características como: a elegância, o modo de vida e, nesse sentido, se apresenta como um texto informativo.

A coluna social é narrada na primeira pessoa, com texto curto em que o autor dialoga com o público.

Nos anos 1940 a sociedade brasileira fazia clara distinção entre os membros da sociedade, que Sued posteriormente designava como: “os caixas-altas e os caixas-baixas”. Neste período os nomes de destaque nas colunas sociais eram os de empresários, de diplomatas, de famílias de destaque do meio rural e dos serviços urbanos.

Nos anos 1950, passaram a frequentar as colunas sociais, os integrantes da burguesia industrial e mercantil. Nesta época a ostentação era clara e dois elementos se destacavam: o luxo e o poder, transformados na coluna social em glamour, prestígio e distinção.

Não se pode precisar com certeza quando surgiu a coluna de notas no Brasil, segundo David Emerich, elas surgiram em 1866, no *Jornal Cabrião*.

Ao final da Segunda Guerra Mundial o cenário jornalístico brasileiro atravessava um período de carestia e as empresas jornalísticas dependiam em grande medida dos favores do estado para manterem suas edições.

Ainda nos anos de 1950, o jornal de maior destaque no Brasil era o *Jornal do Brasil*.

Com as dificuldades que a Europa enfrentou devido ao término da Segunda Guerra Mundial o Rio de Janeiro passou a receber personalidades do *jet set* internacional: empresários falidos, judeus ricos, banqueiros endividados entre eles o Barão Von Stucker que, reconhecidamente, revolucionou a noite carioca criando a boate Vogue.

A boate Vogue se localizava no bairro de Copacabana e juntamente com a construção do hotel Copacabana Palace, tornaram-se centros da vida boêmia no Rio de Janeiro.

O bairro carioca de Copacabana passou a ser o epicentro inúmeras demonstrações – invariavelmente com o caráter de consumo – daqueles que quisessem ser vistos, comentados e notados.

Talvez, quem melhor retratou o Rio de Janeiro no Pós-Segunda Guerra tenha sido Maneco Miller, ou seja, Jacintho de Thormes que adotara aquele pseudônimo para escrever suas colunas. Filho de família abastada recebeu convite para trabalhar na *Folha Carioca*, onde passou a publicar notícias sobre batizados, casamentos, viagens, jantares, além de publicar notas de política, economia e esportes. Divulgava tendências de moda e de elegância.

Foi na linha de Maneco Miller que surgiu Ibrahim Sued e ele se tornou o que podemos chamar de “colunista por excelência”, ou seja, um profissional que vive a vida exclusivamente a partir desse trabalho e que luta pela ampliação desse espaço nos jornais de circulação diária participando ativamente de sua pauta.

A ascensão e popularização da coluna social coincide com a euforia do governo desenvolvimentista de Juscelino Kubistchek. Porém, como na Ditadura Militar os meios de comunicação sofreram a mais dura censura, o colunismo social foi adquirindo importância que colocou Ibrahim Sued no centro do processo de produção da notícia.

Podemos afirmar que Ibrahim Sued é o maior nome do colunismo social brasileiro na medida que ele soube contemporizar e prosperar como jornalista nesse período de restrições.

Chamado de o “Turco” estreou em *O Globo* em 1954, possuía um estilo próprio de escrever, usava bordões que se tornaram famosos como:

“Favor esquecer Camões. Proibido mexer no meu estilo. *Merci...*

Sorry periferia;

Depois eu conto;

Bomba, bomba, bomba;

Gigi eu chego lá, de leve;

Geração pão com cocada;

Cocadas e cocadinhas, deslumbradas;

Buzuntas e chumbetas, Shangai,

Café society,

Em sociedade tudo se sabe.”

O emprego corriqueiro de bordões como os acima mencionados, entre outros tantos tropos, incluía a reestilização de ditos populares como: “os cães ladram e a caravana passa” empregados em situações conflituosas em que mereciam o alerta: “olho vivo que cavalo não desce escada”, mas que – aos olhos do leitor – gracejavam a respeito do assunto tratado.

Para muitos Ibrahim Sued era um iletrado, mas se considerava o Guimaraes Rosa do colonismo social. Ele próprio se definia como um tipo de jornalista: o da informação curta, direta, informativa, muitas vezes agressiva, quase sempre antirromântica e se gabava – com razão – de ser um *expert* em dar furos de reportagens. Durante o Período Militar sua coluna foi, por muitos críticos, considerada alienada, pois o glamour dos salões parecia ser mais importante do que a situação em que o país se encontrava.

Com essa suposta alienação e apadrinhado pelo governador de São Paulo, Paulo Maluf e, ainda, dado ao seu trânsito com a Primeira Dama Iolanda Costa e Silva passou a ter circulação facilitada entre as pessoas de poder político durante o Período Militar.

A coluna social alcançou a prerrogativa de influenciar as pessoas e distinguir seus colunáveis, seja por meio dos assuntos nela veiculados, seja pela linguagem empregada.

Ibrahim Sued em sua coluna dava dicas de como se vestir, como se portar, em que investir no mercado financeiro, porque adquirir obras de arte e até mesmo sobre a importância de manter cavalos no Jokey Club.

O tempo espaço de Ibrahim Sued no Rio de Janeiro era vivido no bairro de Copacabana onde tudo da chamada boa sociedade acontecia.

Como já se disse: entre os anos 1950 e 1960 o Rio de Janeiro viveu seus Anos Dourados e como capital nacional se impunha, também, como polo da cultura nacional.

Nos anos de 1960 com o mandato de Juscelino Kubistchek, o “presidente bossanova”, que trouxe anos de otimismo ligados ao desenvolvimentismo, ocorreu a mudança da capital da República, o Rio deixaria de ser a capital do país e corria o risco de deixar de ser sua vitrine.

O Rio dessa época era ambíguo. Copacabana esbanjava uma vida social agitada. Era o lugar onde aqueles que cultuavam a boemia se encontravam. Ali estava tudo que acontecia de mais moderno no plano cultural e que simbolizava os costumes das gentes da alta roda. Era o ponto de encontro daqueles que mantinham estreito contato com a cena internacional e que, enfim, representava aqueles que consumiam as informações mais atualizadas.

Entender o conjunto de pontos de vista, de posições sociais que deram forma a essa modalidade específica de figuração social, seus laços de interdependência, a hierarquia social predominante e grupos sociais envolvidos, ou seja, a sociedade para qual Ibrahim Sued escrevia foi o que motivou as tessituras encontradas no presente trabalho.

Os artigos de Sued foram as principais testemunhas que, contemporâneos de seu tempo – ao interpretar e reinterpretar fatos, ao conferir espaço de visibilidade a seus colunáveis – permitiram compreender a sociedade para a qual ele escrevia. Dessa forma, ele inaugurou um estilo de escrever, de fazer coluna social e se colocou como um pensador social interpretando a sociedade carioca, nas páginas de jornais e revistas em que seu olhar sobre os fatos aparecia. Portanto, Ibrahim Sued pode ser considerado um intérprete da sociedade brasileira que, tendo por foco a dinâmica social do Rio de Janeiro, estabeleceu – fora da academia – uma perspectiva de interpretação do Brasil.

A sociedade sobre a qual ele escrevia era o topo da sociedade, a sociedade dos bem-nascidos, o nicho dos grã-finos, que pode ser entendida como uma parcela da sociedade que, dotada de regras específicas, se organizava de acordo com o poder e com a riqueza que ostentava, ou simplesmente em função do *status* que exibia. Essa parcela da sociedade forma, a partir dessas condições, uma rede de interações de interdependência e de figuração.

A figuração liga um sujeito ao outro como num jogo de cartas. O comportamento dos jogadores é regulado pela interdependência que daí se estabelece e pelos lances que essa interdependência cria. A figuração formada pela sociedade da cidade do Rio de Janeiro estava em consonância com a cidade que era o centro de influência do país, que

concentrava grande parte das elites e onde as relações se baseavam, com mais ênfase, quase que exclusivamente em uma luta pelo poder.

A disputa por poder e prestígio se transforma em luta pelas vantagens do poder social e essa disputa era reafirmada com o aparecimento e com projeção que a própria coluna social foi gradualmente adquirindo, em especial o colunismo de Ibrahim Sued.

Na formação social da cidade do Rio de Janeiro, os indivíduos que se colocavam no topo da sociedade do ponto de vista da coluna social compunham uma figuração regida pelo colunista. Colunáveis e público leitor, formando uma rede de interdependência.

Uma rede que se edifica, sobretudo no campo dos bens simbólicos, e que reveste as ações dos sujeitos na medida que se lhes destaca os seus atributos pessoais, cada qual posicionado em vários dos mais diversos setores de uma sociedade em constante mobilidade social, ascendente e descendente.

Uma forma de mobilidade que revela especialmente as posturas dos ascendidos. Ao assumirem papéis sociais pré-estabelecidos, fazem-no de modo a envergar um *status* que deve necessariamente romper com as posições de origem. Sendo estas lembradas explicitadas apenas como reforço ao merecimento da posição de destaque no grupo social carismático.

Enquanto descrevia essa sociedade e protagonizava sua própria trajetória de ascensão social, Ibrahim Sued percebeu, acima de tudo, que o que poderia lhe garantir suficiência nesse mister era o fato de efetivar esses laços com os expectadores – que o acompanhavam pela coluna e assistiam a essa espécie de cortejo apenas como audiência receptiva.

Na medida que a audiência esteve garantida, ele pode circular entre as elites de modo a efetivar os interesses da organização midiática para a qual trabalhava e, nesse sentido foi um ferrenho defensor de seus padrões.

Ao lado dessa sociedade, Sued conquistou prestígio, poder e fama a ponto de poder tornar-se empreendedor atuando como: *marchand* de obras de arte, consultor de investimentos, produtor de eventos, divulgador de regras de etiqueta, entre outras iniciativas nas quais não obteve tanto sucesso; além de – em decorrência da legitimação alcançada como colunista social – circular com desenvoltura pelos ambientes nos quais extraía verdadeiras preciosidades em termos de notícias.

Ibrahim Sued lutou durante toda sua trajetória de vida para manter seu poder, seu prestígio e sua credibilidade, ou seja, manter seu *status* de membro da boa sociedade.

E foi a coluna social que lhe conferiu destaque, bem como a coluna social lhe permitiu tornar-se o árbitro daquilo que pudesse ser considerado de bom tom e de bom gosto.

A ascensão e o desenvolvimento da individualidade de Ibrahim Sued e seu comportamento são incompreensíveis sem referência sociológica vertida à compreensão do comportamento social no campo do simbólico, sem a visualização e interpretação do *habitus* disso decorrente e sem as figurações resultantes de um processo de legitimação que o conduziu à posição de árbitro do que pudesse ser considerado apropriado. Fica difícil analisar as razões de seu sucesso e ainda mais como ele assumiu funções de líder carismático sem considerar os aspectos acima descritos.

Escrevia mal, cometia frequentes erros de escrita, criava termos e frases e talvez, ele próprio, embora sentisse, não enxergava com precisão a sua posição social no interior da estrutura de poder dessa sociedade. Ele foi um fenômeno singular de seu tempo.

Na medida em que se percorre a vida profissional de Ibrahim Sued, fica claro que ele por meio de suas notas e de suas dicas relativas ao traquejo social manteve-se no topo da sociedade e ditou normas e regras. É através de suas notas que Sued criava relações de dependência e interdependência entre seus colunáveis e, desse modo, exibia aspectos dessas dependências aos seus fiéis leitores.

Ibrahim Sued manteve certa independência ao escolher o que publicava, mas dependia de outros indivíduos que lhe forneciam a notícia, muitas vezes privilegiadas e entre suas fontes estavam os próprios Presidentes da República que governavam ou iriam governar o país. O presente trabalho identificou as seguintes pessoas como fontes de notícias: Alzira Vargas, Juscelino Kubitschek, General Arthur da Costa e Silva, altos funcionários, ministros de Estado – Mario Andreazza – e altos empresários como: Baby Pignatari, Jorginho Guinle, homens da imprensa como Assis Chateaubriand, além de outros indivíduos que lhe garantiam espaço para publicar suas colunas, entre eles Samuel Wainner, Adolfo Block e Roberto Marinho.

Quanto ao colunismo social de Ibrahim Sued, entendido não só como trabalho, mas como atividade de influência e interferência social e política, ele o compôs como peças de um tabuleiro de xadrez. Era uma espécie de jogo com regras que recolocavam os bem-nascidos em um lugar social de poder econômico, social e cultural, possibilitando que o conflito da mudança da capital não lhes minimizasse a importância. Assim o colunista social cumpriu o papel de manutenção do lugar social dos colunáveis, enquanto ocorria o deslocamento físico do centro do poder.

O luxo e o requinte são características marcantes na vida dos bem-nascidos. A sociedade dos bem-nascidos à época aqui analisada caracterizou-se por ser um tipo de configuração espacial, pois os indivíduos que dela faziam parte formavam um círculo de relacionamentos recíprocos e Ibrahim fez-se, nesse ambiente, um expoente respeitado.

Um traço marcante da sociedade carioca no período aqui tratado era os lugares que os bem-nascidos frequentavam e pelos quais Ibrahim Sued transitava: o Copacabana Palace, a Confeitaria Colombo, os restaurantes: ao Bife de Ouro, Maxim's, Cloche D'Or, Bistrô, Trocadero, as boates: Copa, Vogue e Bacarat.

Os “caixas-altas” tratados nas colunas de Ibrahim Sued habitavam predominantemente nos seguintes bairros: Flamengo, Urca, Cosme Velho, Leblon, Jardim Botânico, São Conrado e, é claro, a charmosa Copacabana.

A maioria desses bem-nascidos possuía casas de campo na região conhecida como Serra Carioca e eram para lugares como Nova Friburgo, Petrópolis, Santa Teresa a que se dirigiam quando chegava o inverno. No verão o lugar escolhido era a região dos Lagos, entre eles Búzios era o principal.

O Copacabana Palace era uma espécie de “Castelo do Rio”, a verdadeira sede da corte dos bem-nascidos, ponto de encontro do *jet set* carioca e brasileiro com o *jet set* internacional. O hotel era a vitrine para quem queria ser visto e reconhecido, bem como dos que queriam ascender socialmente e era o lugar preferido de Ibrahim Sued.

Ibrahim Sued fez das dependências daquele lugar o seu ponto de observação e até ganhou, na pérgula da piscina, uma mesa exclusiva e com o seu nome. A vida de Sued e do Copacabana se entrelaçaram de modo que, após a sua morte, ganhou uma estátua bem em sua frente, bem próxima ao átrio de entrada do hotel.

A praia de Copacabana era o local em que transitava a sociedade carioca nos Anos Dourados, era em torno da movimentação da praia que a noite e a boemia borbulhavam. Lugares como o Copacabana, as boates, os restaurantes de luxo, além do Jokey Clube e da Hípica não representavam apenas expressão de riqueza, mas também posição social e ostentação de luxo.

Os membros daquela sociedade de grã-finos atribuíam elevada atenção às manifestações de vida das pessoas, às suas casas, aos seus carros, às roupas que usavam; em um movimento constante e simultâneo de ostentação e de busca de poder social e de prestígio.

Um aspecto a ser notado no Rio de Janeiro de Ibrahim Sued é o que diz respeito às moradias e suas decorações. Casas e apartamentos luxuosos, verdadeiros palácios,

ostentando obras de arte como quadros de Di Cavalcanti, Portinari, Anita Malfati, Renoir, Teruz, Picasso, entre outros artistas e demais objetos de valor. Porcelanas da Companhia das Índias, porcelanas inglesas, cristais franceses e prataria portuguesa eram elementos de destaque invariavelmente presentes nas descrições do colunista.

Exemplos dessas casas eram as residências de: Lili Marinho, Carmen Mayrink Veiga, Lourdes Catão e a do próprio Ibrahim Sued, que após ter se tornado emergente, passou a notabilizar-se como colecionador de obras de arte e a atuar como *marchand*.

“Os caixas-baixas” tentavam imitar o estilo de vida dos considerados gente de bem – ascendidos ou nascidos – embora muitos morassem de aluguel. Trajetória também percorrida por Ibrahim Sued, e os lugares preferidos desses eram: a Rua Siqueira Campos e a Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

Muitas vezes era nas festas e recepções oferecidas pelos “caixas-altas” que Ibrahim Sued colhia suas informações para depois relatá-las em suas colunas. Ibrahim Sued soube muito bem explorar as relações sociais, as relações para buscar prestígio, as formas de aparecer na coluna social e, dessa forma, construía suas notícias e também publicava a lista das mais bem-vestidas e dos mais bem-vestidos, bem como a lista dos mais malvestidos e isso suscitava uma disputa entre as pessoas.

Destacar pessoas oferecendo notícias a respeito de suas vidas é um ofício que forma uma teia de representações. Pela notícia representa-se pessoas que querem ser reconhecidas como fazendo parte da boa sociedade.

Frequentando a chamada boa sociedade que se observa como Sued construiu, à sua maneira, uma forma de distinção, o gosto e a sensibilidade para se apropriar das boas maneiras, aprendendo o refinamento, desenvolvendo o gosto e o conhecimento da estética e do luxo. Tudo isso noticiado e temperado com elevada dose de futilidade e apreendido por muitos como uma ingênua visão de que determinadas pessoas merecem e devem viver sempre no topo da sociedade.

Ibrahim Sued era um ascendente social que procurava manter-se no topo da sociedade, uma vez que sua posição social exigia essa forma de representação social, já os Mayrink Veiga eram os representantes de uma elite composta, em grande parte, por pessoas provenientes de famílias abastadas, cuja ascensão já havia se efetivado em gerações anteriores.

Ibrahim Sued entendeu que para se manter no topo da sociedade precisava ter prestígio, poder e *status*; buscava isso por meio de sua profissão e, conseguiu isso em

virtude dos seus escritos e também porque fez uma união matrimonial nesse sentido exitosa com Maria da Glória Drummond Sued; que era bem-nascida.

Ibrahim Sued entendeu muito bem o *ethos* das formas de consumo de seu tempo e quando quis galgar *status* se associou e criou com alguns *playboys* o Clube dos Cafajestes.

O evento que talvez tenha marcado o ingresso de Sued no Clube dos Cafajestes tenha sido a frase – Quem te convidou? – proferida pelo *playboy* Baby Pignatari com o intuito de barrar a entrada de Sued na festa. O incidente foi contornado com as interferências de Mariozinho de Oliveira e Carlos Peixoto.

Humilhado, frustrado e de orgulho ferido, muito provavelmente, Ibrahim Sued tenha jurado jamais ser barrado em qualquer ambiente e, ao contrário: sua trajetória revela que fez com que as pessoas lhe devessem algo e deveriam também se sentir honradas com sua presença.

Foi a partir do Clube dos Cafajestes que Ibrahim Sued se cercou de amigos como: Jorginho Guinle, Mário Saladini e do príncipe Dom João de Orleans, dentre outros. O *grand monde* vivido por essas pessoas era marcado por viajar, gastar, estar em Paris, comer caviar regado a champagnhota, etc. Ibrahim Sued foi incorporando esse *ethos* e ao seu dia a dia.

Ao analisar o legado de Ibrahim Sued, pode-se afirmar que o *status* e o prestígio de uma pessoa podem ser medidos pelas festas que proporciona ou pelos presentes que lhe são oferecidos. Um exemplo disso estava não só nos presentes que Ibrahim Sued recebia de seus colunáveis, mas certamente sua frequência aos lugares era brindada com franquia de pagamentos por: bebida, comida, vestuário. Para além das coisas consumidas pessoalmente, as informações sobre as mais diversas dimensões da vida social, cultural, política e econômica também lhe chegavam como presentes.

Esse movimento constante na luta hierárquica da coluna social, que Ibrahim transformou em colunismo e revela que: quando uma família chega a se arruinar, o seu lugar social de destaque acaba sendo ocupado por outra que começa, então, a dispende seu capital fazendo com isso a mobilidade social dos recém-chegados.

Prestígio, *status*, fama, riqueza são as máximas de dominação social e esses ingredientes levam ao fortalecimento das rivalidades entre pessoas, grupos sociais e também entre os políticos. Isso leva à competição e ao ciúme, o que dá lugar a um jogo de tensões e conflitos em que as vaidades e a inveja se sobressaem.

A ascensão social pode ser controlada no âmbito da figuração social aqui representada pelo colunista e por algumas pessoas/famílias que, em função das circunstâncias, chegaram a ocupar o topo da sociedade. Mas, a decadência social e a perda de poder também reduziam suas presenças como promotores ou convidados de festas; quando ausentes das comemorações, seus nomes deixam de constar das colunas sociais, seus modos deixam de ser exibidos e suas roupas – juntamente com outros bens possuídos – não mais contam simbolicamente sobre seus estilos de vida.

Determinadas personalidades, para figurarem na coluna, gastam parte do que recebem, ou do que herdaram, em consumo representativo, ou mesmo oferecem festas e recepções para estarem em evidência. Assim, o eu pessoal e o eu colunável formam elos de interdependência de modo que os juízos de valores ostentados pelas pessoas acabam sendo condicionados pelo *status* e pelo prestígio que o colunista constrói. Figurar nas notas sociais tem certo valor e certa importância na medida em que importância e valor se retroalimentam por meio da evidência social conquistada.

Como já se disse o que importava para Sued era estar em evidência e proporcionar furos de reportagens.

Circular em Sociedade significava não só saber o que estava acontecendo, mas manter-se no rol dos convidados na medida em que poderia vislumbrar o que iria acontecer, sendo que o sentido da vida do colunista era colocar-se em evidência, ou seja, fazer valer o privilégio de ser aceito entre “os caixas-altas” porque ele também oferecia uma contrapartida: a sua opinião sobre o que iria acontecer.

O colunista não desejava ser ameaçado em seu posto, em suas benesses, em seus presentinhos, em suas viagens, em seus privilégios, pois a perda de privilégios significaria um esvaziamento em receber notícias em primeira mão, em saber o que estava acontecendo nos diversos segmentos sociais. Mas também e concomitantemente o colunista não desejava ser ameaçado em seu posto de oferecer, por meio do seu trânsito nos meios de comunicação, a notícia em primeira mão.

O colunista e seus colunáveis deviam cumprir papéis, representar e se manterem em suas respectivas posições.

Já se disse que a sociedade carioca, com a mudança da capital para Brasília, perdeu sua importância como centro e lugar de concentração de acontecimentos sociais e políticos. A chamada boa sociedade se dispersou e passou por um reordenamento.

Compartilhar prestígio das pessoas, viver o prestígio do lugar é compor uma rede de relações tornando as pessoas interdependentes por meio da notícia e esse ofício fez parte do carisma construído em torno da figura que Ibrahim Sued.

Ele passou a representar ao longo dos anos, especialmente durante os Anos de Chumbo e simultaneamente ao crescimento vertiginoso experimentado pelas organizações jornalísticas de Roberto Marinho, o papel de interlocutor de uma sociedade em que as liberdades democráticas estavam em suspenso.

Enquanto isso, o colunista, de sua sala de trabalho articulava essa rede de interdependência muitas vezes empregando a competição não só por destaque, mas para a deliberada construção de certas figuras públicas como as de Arthur da Costa e Silva e Ernesto Geisel, por exemplo. Ele os apresentou à sociedade como alguém que estava profissionalmente dedicado à busca do furo de reportagem. Desse modo, seus colunáveis puderam exibir prestígio e poder dentro daquela sociedade e ele não só se prestou a empregar a coluna social para fins políticos, mas também coadjuvou para a manutenção de certa estabilidade da Ditadura Militar.

As normas e a imposição de limites como forma do colunista controlar os abalos da hierarquia social e o *status* era determinado pelo poder político, pelo poder econômico, pelo poder da tradição familiar representando os interesses da família Marinho: o interesse em se tornar o maior grupo privado dedicado às concessões públicas ligadas ao campo do jornalismo.

Muitas vezes essa posição se tornava instável, em virtude da promoção de uns e do recuo de outros, o que gerava um conflito chamado batalha hierárquica e essa batalha era travada sobretudo no mundo do jornalismo e na produção de reportagens.

Para Sued ser *bon vivant* era condição necessária para ser celebridade, mas a condição suficiente era ser playboy que é aquele que se celebra pelas festas que promove, que é convidado, que possui, que coloca seus bens disponíveis aos amigos, inclusive e principalmente ao colunista, como: carros, apartamentos no exterior, casas de veraneio, iates; enfim, o *playboy* é aquele que paga as contas. As mulheres, estas deveriam ser celebradas pelas roupas da alta costura, pelas joias que ostentavam, pelas residências que habitavam, pelas viagens realizadas e pela maneira com a qual recebiam seus convidados.

O *Café Society* segundo Charles Wright Mills baseia-se acima de tudo na publicidade. A ordem hierárquica na sociedade está sempre oscilando, seu equilíbrio é instável. Em meio a essa instabilidade, durante os cotejamentos feitos por Ibrahim Sued sobre o sobe e desce na hierarquia social, a personificação do equilíbrio e o ideal de pessoa

que congregava as melhores qualidades e os mais elevados valores por um período mais dilatado era verdadeiramente representado pelo casal Roberto Marinho e Lili Marinho.

O colunista tem que estar atento aquele que está em ascensão seja: na economia, na política ou no *high society* e também naquele que está em queda, não devendo demonstrar muita proximidade com este.

Nas colunas de Ibrahim Sued fica claro que existe um jogo de valores.

A figuração social é um comportamento individual onde competições por prestígio e *status* podem ser observados, mas havia muito do que ele falava que estava disperso entre nomes, situações e autoproclamações. As regularidades estavam sempre dirigidas às pessoas da boa sociedade e do bom governo. Com isso ele tornou-se um proclamador de valores e um auto proclamador de virtudes que filtrava por meio desses valores as notícias que eram construídas. Quando se referia à família Marinho o tom era sempre protocolar, entusiástico e capaz de oferecê-la como um modelo a ser seguido.

A formalidade nas décadas de 1950 até 1980 eram mais rígidas e a vida em sociedade exigia um comportamento mais formal das pessoas, deixando claras as diferenças sociais entre os membros da sociedade. Ibrahim Sued, nesse sentido, ditava normas à sociedade e em decorrência disso publicou livros de boas maneiras como *A nova etiqueta*.

Ibrahim Sued zelava pela etiqueta de seus colunáveis, mas também a impunha a si mesmo, dessa forma prendia seus colunáveis numa mesma teia que Elias chamou de coerção primordial.

Para Elias é possível deixar encobertas ou mesmo indefinidas as diferenças sociais, mas o papel de Sued como um ferrenho defensor dos bons modos, da etiqueta, do respeito às regras, da boa convivência fazia ver e crer que na sociedade dos bem-nascidos os modos de se portar, as roupas mais apropriadas de se usar, os gestos a se encenar e as palavras a se proferir, bem como os rituais a se cumprir não só se tornavam essenciais, como eram fundamentais. Nos escritos de Ibrahim Sued a etiqueta é o referencial.

Os leitores de Ibrahim Sued eram assíduos e preocupados em saber o que acontecia com aqueles que ganhavam destaque nas colunas que escrevia.

Para seu público leitor e para a opinião pública Ibrahim Sued se apresentava como uma pessoa que conquistou um lugar ao sol e passou a ser visto como um líder carismático porque refletia o seu brilho.

Foi homenageado pela escola de samba Grêmio Recreativo Esportivo e social Acadêmicos de Santa Cruz no ano de 1985 e virou letra de samba enredo. Essa

homenagem com o título Ibrahim; de leve eu chego lá! Talvez tenha indicado o início de seu declínio. Naquele ano a escola que o homenageava foi a última colocada.

Ele considerava ser um homem que formava opinião e, nesse sentido, contribuiu para a configuração de inúmeros aspectos da cultura brasileira. Nos anos 1970 e em 1993, outros reconhecimentos vieram: primeiro, em inédita homenagem dos alunos do curso de comunicação da Universidade de Brasília e, depois, no de jornalismo da Faculdade de Jornalismo da cidade do Rio de Janeiro, naquela ocasião foi escolhido como paraninfo e nessa teve outorgado o título de professor emérito.

No ano de 1995, em 1º de outubro, ele falecia com 71 anos de idade vitimado por um ataque cardíaco.

Mário César Conti, Elio Gaspari e Ricardo Boechat consideram que Ibrahim Sued não só os tenha influenciado, mas que ele criou uma escola de jornalismo na medida em que o importante era procurar a notícia no que ela tinha de revelador agora e no que ela poderia se desdobrar depois.

Sued dizia ser um imortal sem fardão e tinha consciência de que “sua caneta” era ferina. Além da imodesta consideração de que era o Guimarães Rosa do jornalismo social brasileiro, não escondia ter saído das pensões baratas de Copacabana para alcançar a comenda de Cavaleiro da Ordem da Legião de Honra da França, honraria a ele concedida pelo Presidente francês François Mitterrand obtida como reconhecimento internacional entre outras tantas a ele devotadas fora do Brasil.

Paradoxal e contraditoriamente, Ibrahim Sued também foi agraciado por Tancredo Neves, quando governador de Minas Gerais – 1983-1984 – com a Ordem do Mérito Naval recebendo a medalha Santos Dumont.

Ibrahim Sued construiu sua própria pessoa na medida em que substituiu a sua identidade originária por uma nova. Ibrahim Sued, ao chegar ao topo da sociedade, jamais se aproximou de sua família de origem. Mesmo quando lhe era conveniente exacerbar suas “origens milenares como descendente de fenícios”, acabou assumindo uma nova identidade de estabelecido e, segundo ele, começou uma nova linhagem: a dos De Sued.

O ofício do colunista é o retrato do labor daquele que conduziu, como líder, seus colunáveis em suas necessidades de se colocarem como membros de uma camada seleta da sociedade, como pertencentes a alguma das elites constitutivas do tecido social, dando-lhes a oportunidade de visibilidade, de ascensão social, de prestígio e de explicitação de algum nível de poder.

Ibrahim Sued liderou essa atividade com características de líder carismático, como benfeitor capaz de prodígios, como jornalista que podia construir o real por meio da fabricação das notícias que veiculava.

A educação de Ibrahim Sued não foi das mais esmeradas. Em sua juventude não apreciava escolas, não possuía uma cultura erudita, sequer falava algum idioma. Cometia grandes gafes e deixou inúmeras incorreções em seus textos. Almejou, e nunca escondeu, que muito batalhou para conseguir um cargo de funcionário público, pois, quem sabe assim, tivesse como se manter e levar uma vida equilibrada. Jactou-se de ter superado essa expectativa com muitos corpos de vantagem. Qualificou-se como uma pessoa de sucesso.

Ibrahim Sued possuía uma personalidade agressiva, dinâmica, não gostava de dever favores e preferia que os outros lhe devessem. Era orgulhoso, mesmo quando reverenciava seus benfeitores, patrões, colaboradores e colegas jornalistas.

Apesar de ter personalidade agressiva, Ibrahim Sued era calmo, educado, polido e para muitos um “cara de pau”, pois muitas vezes entrava em lugares onde não estava convidado carregado exclusivamente pelo que ele mesmo representava. Esteve ao lado de inúmeras personalidades nacionais e internacionais. Sua perspicácia era a sua inteligência e em muitas ocasiões soube dela tirar copioso proveito.

O interesse de Sued era manter-se em evidência, poder administrar a condição privilegiada alçada no jornalismo carioca, ou seja, de controlar, vigiar, planejar e manter o controle de sua dominação por meio da veiculação de notícias frescas, que se tornariam importantes para o desenrolar de acontecimentos posteriores. Dessa forma aumentava seu poder de influência.

A partir dessas reflexões buscou-se entender a cumplicidade existente entre os meios de comunicação e Ibrahim Sued, lugares a partir dos quais devotou total respeito e consideração a Roberto Marinho, pois muitas de suas informações e espaço na mídia eram conseguidos com o aval do jogo de poder no qual estava imerso o próprio Roberto Marinho e seu ideal de edificação do império das Organizações Globo de jornalismo.

Com o passar dos tempos o colunismo não perdeu seu brilho e tampouco o seu valor. A coluna social se transformou e os meios de expressão da chamada boa sociedade se sofisticaram, hoje se tem revistas especializadas em grande parte das cidades médias de todo o Brasil e estão ligadas a fenômenos sociais que não perderam sua importância, agora o importante é ser celebridade.

Pode-se assim dizer que Ibrahim Sued fez escola.

A imagem de Ibrahim Sued ficou imortalizada numa estátua de autoria de Marcos André Sales a ele dedicada em frente ao Hotel Copacabana Palace. Mas, apesar dessa escassa lembrança, a sua maior contribuição foi conferir à coluna social um novo estilo abordando a relação entre a coerção representada pela nova racionalidade da coluna e a imposição de novas formas de coerção por meio do que nela publicava e por meio da etiqueta que ele propalava.

Essas novas formas de comportamento veiculados como notícia por meio da crônica social e a transformação dessa atividade em colunismo social não só traziam uma visão edulcorada dos acontecimentos, acima de tudo realizavam, do ponto de vista dos meios de comunicação pelos quais se manifestou, uma nova forma de “agendamento midiático”. Como ele próprio dizia: “em sociedade tudo se sabe, mas nem tudo se conta”.

O presente trabalho trouxe evidências suficientes para se afirmar que a grande contribuição de Ibrahim Sued, por meio do colunismo social, no âmbito do campo do jornalismo se fez em virtude de ter compreendido muito bem, e certamente com clareza maior do que os demais, o que seria o “agendamento midiático”, ou seja, ele compreendeu o que deveria ser escalonar as notícias no calendário e como fazer para tirar o maior proveito dessa construção tempo-espaço da notícia.

Ibrahim Sued compreendeu, sobretudo, a importância de fazer circular a notícia entre “os caixas-alta” muito antes delas circularem diante do público. Ele compreendeu que construir a notícia do dia seguinte é muito mais importante do que reportar a notícia de ontem; e mesmo a de hoje. Compreendeu que isso só poderia acontecer na medida em que alcançar o *status* de carisma como colunista social em uma sociedade como a nossa, ou seja, uma sociedade que, recorrentemente, conserva valores tradicionais diante da inevitável e avassaladora modernização da vida. E isso estava totalmente adequado ao movimento da sociedade e ao modo pelo qual as permanências de estruturas de poder e de dominação se adaptaram ao processo modernizador que viver no Brasil representou durante sua vida profissional.

Sempre houve quem o criticasse. Foi, contudo, o seu estilo bem-humorado, leve e, entretanto, objetivo: o principal responsável por conferir um charme e um brilho que até então as colunas não tinham.

Dos anos 1950 para cá, as colunas sociais dos jornais e das revistas cresceram em número, tamanho e prestígio. Hoje em dia, colunistas são atrações que os veículos oferecem aos seus leitores. As mídias da atualidade não podem se dar ao luxo de não

terem ao menos um colunista social. Todos eles, queiram ou não, conscientemente ou não, são herdeiros de Ibrahim Sued.

REFERÊNCIAS(*)

- AGUIAR, Ronaldo Conti. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bonfim*. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 1999.
- ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.(*)
- ARANTES, Otília. (Org.). *Acadêmicos e modernos*. São Paulo: Edusc, 1998.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Metrópole e Cultura. O novo Modernismo Paulista. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 9, n. 2, 1997 p. 39-52.
- _____. Prismas da Memória: Imigração e Desenraizamento População e Sociedade. *População e Sociedade*, Porto, v. 4, p. 17-28, 1999.
- _____. *Metrópole e Cultura. São Paulo no meio século XX*. Bauru/SP: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2001.
- AUGÈ, Marc. *Hacia una Antropología de los mundo contemporâneos*. 3ª ed. Sevilla: Gedisa, 2006. (Colección El Mamífero parlante).
- BALANDIER, Georges. *Dinâmicas sociais: sentido e poder*. São Paulo: Difel, 1976.
- BARROS FILHO, Clóvis de. & MARTINO, Luís Mauro Sá. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.(*)
- BASTATINI, Tanus J. *O Líbano e os libaneses no Brasil*. Rio de Janeiro: Estabelecimento de Artes Gráficas, 1945.
- BECK, Ulrich. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- BENDIX, Reinhard. *Reflections on charismatic leadership*. In WRONG, Denis Hume. (Org.). *Makers of modern social Science: Max Weber*. New Jersey: Prentice-Hall, 1970. p. 166-182.(*)
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas A. *construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BERNHOEFT, Renato. Nos cenários dos executivos: o drama e a comédia. Artigo publicado no *O Estado de S. Paulo*, 16 de junho de 2005, página Ce 5.
- BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras. 2009.
- BOURDIEU, Pierre & CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, J.-C. & CHAMBOREDON, J.-C. *A profissão de sociólogo*. Petrópolis, Vozes, 2002.(*)
- BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Loïc. *Una invitación a la sociología reflexiva*. 2ª ed. Tradução Ariel Dillon. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1982. (*)
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução Sérgio Miceli [et al.]. Introdução Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1992.(*)
- _____. Pierre Bourdieu. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaina. (orgs.) *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. cap. 13. p. 183-191.(*)
- _____. *As regras da arte*. Tradução M. L. Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

(*) Referências de obras efetivamente citadas no corpo do texto.

- _____. *Economia das trocas lingüísticas*. Tradução Sérgio Miceli; São Paulo: EDUSP, 1998.
- _____. *Pierre Bourdieu: entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- _____. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- _____. *Esboço de auto-análise*. Tradução Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *O senso prático*. Tradução Maria Ferreira; - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.(*)
- _____. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2010.
- _____. *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: Eudeba, 2011.(*)
- _____. *Las estrategias de la reproducción social*. – 1ª.ed. - Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução: Mariza Corrêa - 11a. ed. - Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- _____. *Bosquejo de una teoría de la práctica*. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2012.
- _____. *Capital cultural, escuela y espacio social*. 2ª ed. Buenos Aires: Siglo Vientiuno, 2012.
- _____. *El sentido social del gusto. Elementos para una sociología de la cultura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.(*)
- _____. *La distinción: criterio y bases sociales del gusto*. 1ª ed. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012.(*)
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. 3ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2014.
- _____. *Sobre o estado: curso no Collège de France*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. *Espacios*, n. 2, Buenos Aires. s/d. (*)
- _____. *Sociología y cultura*. México: Grijalbo. s/d. (*)
- BRAGA**, Antonio Mendes da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um Padre, antropologia de um Santo*. Bauru (SP): EDUSC, 2008.
- BRYM**, Robert Lie J. [et al.]. *Sociologia: uma bússola para um novo mundo*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- CANCLINI**, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996
- _____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3 ed. Tradução Heloísa Pessa Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2000.
- CARDOSO DE MELLO**, João Manoel; **NOVAIS**, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: **SCHWARCZ**, Lilia (org.). *História da vida privada no Brasil. Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.
- CARVALHO**, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: um longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CHARTIER**, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. A visão do historiador modernista. In: **FERREIRA**, Marieta de M. & **AMADO**, Janaina. (Orgs.) *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. Cap. 17 - p. 215-218.(*)
- _____. Prefácio. Formação social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador. In: **ELIAS**, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 7-25.(*)

- _____. *À beira da falésia: a História entre incertezas e inquietudes*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.
- CISCATI, Márcia Regina. *Malandros na terra do trabalho: malandragem e boêmia na cidade de São Paulo (1930-1950)*. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2000.
- CONTI, Mário Sérgio. *Notícias do Planalto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- COSTA, Nelson. *Páginas cariocas*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Educação e Cultura da Guanabara. 1961.
- COULANGEON, Philippe. *Sociologia das práticas culturais*. Tradução Constancia Egrejas. São Paulo: Edições SESC, 2014.
- DAMATTA, Roberto. A Antropologia no quadro das ciências. In: _____. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1981. p.17-27.
- _____. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.
- _____. *Você tem Cultura?* Suplemento Cultural do Jornal da Embratel, 1981.
- _____. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1978.
- DIFONZO, Nicholas. *O poder dos boatos: como os rumores se espalham, ditam comportamentos, podem ser administrados e por que acreditamos neles*. Tradução Alessandra Mussi. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- DURKHEIM, Émile. *O socialismo: Definição e origens – a doutrina Saint-Simoniana*. São Paulo: Edipro, 2016.(*).
- D'INCAO, Maria Ângela. *Mudanças sociais na América Latina*. São Paulo: Difel, 1969.
- _____. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Difel, 1974.
- ELIAS, Norbert. & SCOTSON, John L.. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (*)
- ELIAS, Norbert. *Was ist Soziologie? Munich: Juventa Verlag - Grundfragen der Soziologie*, vol. I. 1970.(*).
- _____. *La dynamique de l'Occident*. Paris: Calmann Levy, 1975.(*).
- _____. *Ou'est-ce que la Sociologie?* Paris: Pandora, 1981.(*).
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução, Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.(*).
- _____. *O processo civilizador*. Tradução, Ruy Jungmann; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v.
- _____. *Mozart, sociologia de um gênio*. Organizado por Michael Schröter. Tradução Sergio Goes de Paula; revisão técnica Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro:Zahar, 1995.
- _____. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.(*).
- _____. *Escritos & ensaios; 1. Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- FAUSTO, Boris; GRIIN, Roberto; TRUZZI, Oswaldo & SAKURAI, Célia. (Orgs.). *Imigração e política: judeus, sírios-libaneses e japoneses em São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré/Fapesp, v.6, 1995.
- FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz & FERREIRA, Jairo. (Orgs.). *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Comunicação).
- FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil. Aspectos do Desenvolvimento da Sociedade brasileira*. 2 ed., São Paulo: Difel, 1974.
- FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaina. (Orgs.) *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.(*).
- FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 4ª ed. São Paulo: Global, 2008.
- GADINI, Luiz Sérgio. *Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.(*).
- GASPARI, Elio. *As ilusões armadas: 1. A Ditadura envergonhada*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

- _____. *As ilusões armadas*: 2. A Ditadura escancarada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- _____. *O sacerdote e o feitiço*: 3. A Ditadura derrotada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- _____. *O sacerdote e o feitiço*: 4. A Ditadura encurralada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- _____. *5. A Ditadura acabada* Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- GERTH, Hans Heinrich & MILLS, Charles Wright. (Orgs.). *Max Weber: ensaios de sociologia*. Tradução Waltensir Dutra. 5ª ed. - Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1982.(*)
- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 73 – 133.
- GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.(*)
- GOFFMAN, Erving. *A representação do EU na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio, 1881-1921*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- GUATTARI, Félix. & ROLNIK, Suely. *Micropolítica - cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.(*)
- GUTIÉRREZ, Alicia B. *Una interpretación de la teoría de la religión según Max Weber*. In: Pierre BOURDIEU. *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: EUDEBA, 1999. p. 43 - 63. (*)
- _____. *A modo de introducción: los conceptos centrales en la sociología de la cultura de Pierre Bourdieu*. In: BOURDIEU, Pierre. *El sentido social del gusto. Elementos para una sociología de la cultura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012. p. 9-18.(*)
- GRACIÁN, Baltasar. *A arte da prudência*. Disponível em http://lelivros.bid/book/baixar-livro-a-arte-da-prudencia-baltasar-gracian-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/#tab-additional_information Acesso em 06 Out. 2017.(*)
- GRIIN, Roberto. *Negócios e famílias: Armênios em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1992.
- HAJNAR, Claude Fahd. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.(*)
- HOBBSAWM, Eric. & RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução Celina Cardim Cavalcante. 10ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.(*)
- HOURLANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Tradução: Marcos Santarrita, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- IANNI, Octavio. (Org.). *Florestan Fernandes: Sociologia*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008. (Coleção Grandes Cientistas Sociais Nº 58).
- KNOWLTON, Clark. *Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi, 1961.
- LAGES, Nilson. *Linguagem jornalística*. 2 editora. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *Ideologia e técnica da notícia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LASK, Tomke. (Org.). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tradução John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp. 1990.
- _____. *História: novos problemas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LOPES, Sonia Maria de Castro Nogueira. Políticas de formação de professores nos anos 1950: problematizando os “anos doutorados” do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. *Caderno de História da Educação*. – v.12, nº.1 - jan./jun. 2013.(*)
- _____. Entre a história e a memória: os anos dourados dos cursos de formação de professores no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais->

[coautorais/eixo02/Sonia%20Maria%20de%20Castro%20Nogueira%20Lopes%20-%20Texto.pdf](#) Acesso em 15.10.2016.(*)

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro J. R. *O Capital da Notícia: Jornalismo como Produção social da segunda natureza*. Editora Ática 1992. Tese de Livre Docência apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação de Artes da Universidade de São Paulo. Setembro 1983.

_____. *Ser jornalista: A língua como barbárie e a notícia como mercadoria*. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINS, José de Souza. *Florestan: sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1994.

_____. *História do pensamento comunicacional: cenários e personagens*. São paulo: Paulus, 2003.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O demolidor de presidentes*. 2ª ed. São Paulo: Códex, 2002.

MENNEL, Stefen. Nota Introdutória. In: Norbert ELIAS, Norbert. & SCOTSON, John L.. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2000, p. 13.(*)

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

_____. *Imagens negociadas: retratos da elite brasileira (1920-40)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *A noite da madrinha: e outros ensaios sobre o éter nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MILLS, Charles Wright. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.(*)

_____. *A nova classe média (White Collar)*. Tradução Vera Borda; Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo – I neurose*. 9ª edição. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 1997. 2v.

MORSE, Richard M. “As cidades ‘periféricas’ como arenas culturais”. *Estudos Históricos 16*. Cultura e História Urbana, Rio de Janeiro: FGV, jul./dez. 1995.

NEIBURG, Frederico... [et al.]; WAIZBORT, Leopoldo. (Org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Editora USP, 2001.

NEIBURG, Frederico. Prefácio. In: ELIAS, Norbert. & SCOTSON, John L.. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2000.(*)

OLIVEIRA, Gerson Alves de. *Os Posseiros e a luta pela terra na região do Bico do Papagaio 1974-1985: modernização e tradição*. (Dissertação). UNESP:FFC:PPGCS: Marília (SP), 2010.

PARADA, Maurício B. A. *A fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: a elite carioca e as imagens da modernidade no Brasil nos anos 50*. (Dissertação Mestrado). PUC, Rio de Janeiro.

PEDROSA, Mário. Paulistas e cariocas. In: ARANTES, Otilia. (Org.). *Acadêmicos e modernos*. São Paulo: Edusc, 1998. p. 253-256.

QUEIROZ, Eça de. *A cidade e as serras*. Lisboa: Lello Editores, 1946.(*)

RINGER, Fritz. *A metodologia de Max Weber: unificação das ciências culturais e sociais*. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTAELLA, Lucia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Editora Experimento, 1996.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S. & COOK, S. W. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, EPU, 1978, 4 vols.

- SIMMEL, Georg. O espaço na vida social. *Estudos Avançados*. Vol. 27, Nº 79. São Paulo. 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300007> Acesso em 03 out. 2017.
- SMITH, Suzanne E. *Dancing in the street. Motown and the cultural politics of Detroit*. Harvard: University Press, 2003.
- SOUZA, José Inácio de Melo. *O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume/ FAPESP. 2003.(*)
- SOUZA, Lucas Marcelo Tomaz de. *Eu devia estar contente: trajetória de Raul Santos Seixas*. (Dissertação). UNESP:FFC:PPGCS: Marília (SP), 2011.
- SOUZA, Maria Adélia A. *A identidade da metrópole*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- TRAVANCAS, Isabel S. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.
- TRUZZI, Oswaldo. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré/ Fapesp; Brasília: CNPq, 1991. (Série Imigração). v. 2.
- _____. *Patrícios. Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.(*)
- VELHO, Otávio Guilherme; PALMEIRA, Moacir G. S. & BERTELLI, Antônio R. (orgs.). *Estrutura de classes e estratificação social*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- WEBER, Caroline. *Rainha da moda: como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- WEBER, Marianne. *Biografia de Max Weber*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- WEBER, Max, *Economia y sociedad: esbozo de una sociología comprensiva*. 2ª Ed. México: Fondo de Cultura Económico. 1997.(*)
- WRONG, Denis Hume. (Org.). *Makers of modern social science: Max Weber*. New Jersey: Prentice-Hall, 1970.(*)
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 8. ed. Portugal: Presença, 1995.(*)

FONTES

- ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando e ROCHA, Dora. (Orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ABREU, Alzira Alves de. Alberto Dines. Jornal do Brasil: uma reforma famosa. In ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando e ROCHA, Dora. (Orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 68-175.
- ANGEL, Hildegard. Gui-Gui 50 anos. *RG Vogue Brasil*. São Paulo: Nº 77. Out. 2008. p. 126-129.
- _____. Carmen Mayrink Veiga dá a grande virada de desapego zen em sua vida e leiloa tudo (ou quase tudo). Disponível em: <http://www.hildegardangel.com.br/carmen-mayrink-veiga-da-a-grande-virada-zen-de-desapego-em-sua-vida-e-leiloa-tudo-ou-quase/> Publicado em 17 nov. 2013. Acesso em 10.09.2016.
- ASTUTO, Bruno. Duas vidas em uma. *Vogue Brasil*. São Paulo: Nº 373. Set. 2009. p. 74-77.
- _____. Mulher coragem. *Vogue Brasil*. São Paulo: Nº 374. Out, 2009. p. 41-42.
- _____. A nossa Baronesa. *Vogue Brasil*. São Paulo: Nº 409. Set, 2012. p. 70-72 e p. 476.
- _____. O último amor de Ibrahim. *Vogue Brasil*. São Paulo: Nº 427. Mar. 2014. p. 56-59.
- AZULAY, Thomaz. Beleza que põe mesa. *Vogue Brasil*. São Paulo: Nº 426. Fev, 2014. p. 34-37.
- BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.
- _____. *Desvendando a face do público. 50 anos de imprensa do Rio pelo olhar do leitor*. FAPERJ: 2001.

- BERGAMO, Alexandre. *A experiência do status: roupa e moda na trama social*. São Paulo: UNESP, 2007.
- _____. Reportagem, memória e história do jornalismo brasileiro. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, Aug. 2011. p. 233-269. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000200001&lng=en&nrm=iso Acesso em 14 Jan. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132011000200001>.
- BOECHAT, Ricardo. *Copacabana Palace: um hotel e sua história*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1998.
- _____. *Jornal do Brasil*. 3/11/2001.
- CARTA, Alice. Carmen, O ícone. *Vogue Brasil*. São Paulo: Nº 305. s/d. 2003. p. 31-33.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: SENAC, 2001.
- CARVALHO, Marcelino de. *Guia de boas maneiras*. 21ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1991.
- CLUBE DO PAI RICO. Você conhece Jorge Guinle? Disponível em: <http://www.clubedopairico.com.br/voce-conhece-jorge-guinle/7735> Acesso em 09. Fev.2013.
- COUTINHO, Iluska. *Colunismo e poder: representação nas páginas de jornal*. Rio de Janeiro: Sotese 2005.
- COUTINHO, Wilson. O brilho fugaz da história. *Arte*. Rio de Janeiro: Nº 29, Ano 3. Nov, 1979. p. 20-24.
- FGV CPDOC. Sued, Ibrahim * Jornalista. *Diretas Já. Verbete*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sued-ibrahim> . Acesso em 15. Jan. 2018.
- D'ÁVILA, Carmen. *Boas maneiras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.
- DEJEAN, Joan. *O século do conforto: quando os parisienses descobriram o casual e criaram o lar moderno*. Tradução Catharina Epprecht. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DINES, Alberto. *Revista Imprensa*, ano VII, nº 74. Novembro 1993. *Loc. Cit.* RAMOS, Murilo Cesar. *Intrigas da corte: o jornalismo político das colunas sociais*. Rio de Janeiro: Corpo da Letra, 1994. p. 12.
- ECHEVERRIA, Regina. A nova vida da socialite carioca. *Revista Contigo*. São Paulo: Nº 1809. Mai. 2010. p. 149-153.
- EMERICH, David. *O beijo de Mangabeira: o jornalismo político das colunas de notas*. 1997. (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 1997.
- FREYRE, Gilberto. A crônica social. *Folha de São Paulo*. 02/09/1978. *Loc.Cit.* PAIVA, Raquel & SODRÉ, Muniz *Cidade dos artistas. Cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p. 24-25.
- GIUZIO, Isabella & RIBEIRO, Marina. Luxo é. *Vogue Brasil*. São Paulo: Nº 313. s/d. 2004. p. 35-46.
- GOMES, Elizangela. Jornalismo das colunas de notas: origem e desenvolvimento. *9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP* – Ouro Preto – Minas Gerais 30 de maio a 1º de junho. 2013, p s/n.
- G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz. Galeria do samba – Ibrahim, de leve eu chego lá. Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/passarela/academicosdesantacruz/ficha-1985.htm> Acesso em 16. Set. 2016.
- JOÃO FORTES ENGENHARIA [VV.AA.]. *Copacabana: história dos bairros; memória urbana*. Rio de Janeiro: Index, 1986.
- JORDAN, Andrzej Franciszek Spitzman. *O Rio que passou na minha vida*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006.
- JÚNIOR, Gilberto. Carmen Mayrink Veiga. *Elle*. São Paulo: Ano 22. Nº 4, Abr. 2010. p. 72-76.
- KALIL, Glória. *Alô chics*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.
- _____. *Chic[érrimo]: moda e etiqueta em novo regime*. 5ª ed. São Paulo: Códex, 2004.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Evandro Carlos de Andrade. *O Globo: independência na ordem*. In: ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando e ROCHA, Dora. (Orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 14 – 67.
- LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza*. 38ª ed. São Paulo: Siciliano, 1992.

- _____. *Danuza todo dia*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- _____. *As aparências enganam*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- LÉVY-STRAUSS, Claude. *El origen de las maneras de mesa*. 2ª ed. Tradução Juan Almela. México: Siglo Veintiuno, 1976. (*El mundo del hombre – Antropología y Lingüística*).
- LOYOLA BRANDÃO, Ignácio de. Jorginho Guinle, o único. *Vogue Brasil*. São Paulo: N° 310. s/d. 2004. p. 33-35.
- _____. Uma fada italiana. *Vogue Brasil*. São Paulo: N° 368. Abr. 2009. p. 62-65.
- _____. *Very British*. *Vogue Brasil*. São Paulo: N° 306. Nov. 2009. p. 43-44.
- LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília, UnB, 1996.
- LUZ, Madel Terezinha. O corpo da Cidade. In: Robert Moses PECHMAN (Org.). *Olhares sobre a Cidade*. Rio de Janeiro, UERJ, 1994. p. 186.
- MATARAZZO, Cláudia. *Etiqueta sem frescura*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005.
- MAXWELL, Elsa. *A arte de receber*. Prefácio de Ibrahim Sued. Rio de Janeiro: Record, 1964.
- MORAIS, Antonio Maria Araujo de. *Com vocês Antonio Maria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- MOURA, Rui. Entrevista com Mário Saladini. Disponível em: <http://www.velhosamigos.com.br/Foco/marciosaladini.html> Acesso em 15.Set.2016.
- MOTTA, Aydanó André. Perdeu, *playboy*. *RG Vogue Brasil*. São Paulo: N° 80. Fev. 2009. p. 74-79.
- MOTTA, Marly Silva da. *Saudades da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-75)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- NASSIF, Luís. *O cronista do Rio*. *La Insignia*. Brasil, 7 de setembro de 2006. p. 3-4. Disponível em http://www.lainsignia.org/2006/septiembre/cul_012.htm Acesso em: 04 abr. 2015.
- NICKOL, Maria do Carmo. *Mil regras ilustradas de boas maneiras*. Rio de Janeiro: TECNOPRINT, s/d.
- OLHOS DO SERTÃO. Com o beija-mão das elites brasileiras aos EUA, o Brasil perdeu as oportunidades do século XX. 14. Ago. 2011. Disponível em: <http://olhosdosertao.blogspot.com.br/2011/08/com-o-beija-mao-das-elites-brasileiras.html>. Acesso em 15. Jan. 2018.
- PAIVA, Raquel & SODRÉ, Muniz. *Cidade dos artistas. Cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- PACOLATO, Constanza. *Confidencial – segredos da moda, estilo e bem-viver*. São Paulo: Jaboticaba, 2009.
- PECHMAN, Robert Moses. (Org.). *Olhares sobre a Cidade*. Rio de Janeiro, UERJ, 1994.
- PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor de rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- PINTO, Marcos. Rio, 450 anos. *Brasileiros*. N° 91. Fev. 2015. p. 72-77.
- PORTO, Roberto. *Botafogo – 101 anos de histórias, mitos e superstições*. Rio de Janeiro: Revan. 2005.
- RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 2015.
- RAMOS, Murilo Cesar. *Intrigas da corte: o jornalismo político das colunas sociais*. Rio de Janeiro: Corpo da Letra, 1994.
- RANGEL, Maria Lúcia. Viver bem é a melhor vingança. *Vogue Brasil*. São Paulo: N° 344. Abr, 2007. p. 69-71 e p. 279
- RENAULT, Delso. *Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais (1850-1870)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- RESENDE, Beatriz. (Org.). [et.al]. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese de doutorado ECO/UFRJ, 2000.

RINCON, Gil. Sinopse 1985: Ibrahim - de leve eu chego lá (Gente fina é outra coisa). Disponível em <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/academicosdesantacruz/ficha-1985.htm> Acesso em 14.01.2013.

ROCHA, Lia Willemsens Neves da. *À mesa com elegância*. Rio de Janeiro: Salamandra, s/d.

SÁ, Celso Pereira de; OLIVEIRA, Denise Cristina de; PECLY WOLTER, Rafael M. C. & VETERE, Renata. A memória histórica dos Anos Dourados no Rio de Janeiro: Juscelino Kubitschek e a construção de Brasília. *Memorandum*, 21, out/ 2011. [Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP] p. 179-194.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: o ano que não deveria terminar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SÉRGIO, Renato. *A alma de uma cidade – lugares, fatos e personagens cariocas – reminiscências & lorotas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SILVA, Léa. *Em sociedade: etiqueta social através da História*. 7ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Lvraria Freitas Bastos, s/d.

SILVEIRA, Helena. *Paisagem e memória*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SILVEIRA, Joel. *Grã-finos em São Paulo: e outras notícias do Brasil – reportagens*. São Paulo: Ind. Gráfica Cruzeiro do Sul, 1946.

SIMIONI, Ana Paula C. *Di Cavalcanti ilustrador: a trajetória de um jovem artista gráfico na imprensa (1914-1922)*. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 2002

SOUZA, Rogério Martins de. *Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

_____. O cavalheiro e o canalha: Maneco Müller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial. Trabalho apresentado no **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007**. p. 2-3. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1268-1.pdf> Acesso em: 04 abr. 2015.

_____. Colunas sociais e ditadura militar: entre o mundo fictício da alta sociedade e os bastidores da política e da economia. **SBPJor Anais do 5º Encontro Nacional de pesquisadores em jornalismo**. Universidade Federal de Sergipe. 15 a 17 de novembro de 2007.

SUED, Ibrahim. *000 contra Moscou*. Rio de Janeiro: Bloch, 1966.

_____. *20 anos de caviar*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

_____. *O segredo do meu SU... SUCESSO*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Top Promoções e Publicidade, 1976.

_____. *Aprenda a receber: etiqueta*. Rio de Janeiro: Top Promoção e Publicidade, 1977.

_____. *A nova etiqueta*. Rio de Janeiro: Top Promoções e Publicidade. 1978.

_____. *30 Anos de Reportagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *Vida, sexo, etiqueta e culinária (do rico e do pobre)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SUED, Isabel. *Ibrahim Sued: em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

TEIXEIRA, Madalena. *A arte de receber: amigos e visitas*. Rio de Janeiro: TECNOPRINT, 2001.

TRAVANCAS, Isabel S. 50 anos do colunismo social de Ibrahim Sued. *Jornal da Rede Alcar*. Ano 1, Nº12 – 17 de setembro de 2001. Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redealcar12.htm#11 Acesso em 06/06/2010.

_____. A coluna de Ibrahim Sued – um gênero jornalístico. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2000. p. 2. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.pdf> Acesso em 06/06/2010.

TUCKERMAN, Nancy. *O livro completo de etiqueta de Amy Vanderbilt: inteiramente reescrito por Nancy Tuckerman e Nancy Dunnan*. Ilustração de Jackie Aher; comentários à edição brasileira de Carmen Myrinck Veiga. Tradução Marta Rodolfo Schmidt. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

VEIGA, Carmen Mayrink. *ABC de Carmen: estilo, culinária, receitas pessoais e arte de receber*. São Paulo: Globo, 1997.

VIEIRA, Márcia. O estilo do turco: coletânea de notas escritas por Ibrahim Sued recupera um personagem-chave da crônica carioca. Disponível em <http://www.oguialegal.com/ibrahimparte2.htm>. Acesso em 06/06/2010.

VILELA, Regina. *Quem tem medo da imprensa? Como e quando falar com jornalistas – Manual de Mídia Training*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2008.

ZOBARAN, Sergio e **CAMARA**, Leopoldo. *A segunda imprensa: guia para divulgadores e divulgados*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994

* * * * *